



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LÍNGUA E CULTURA**

THAIS DULTRA PEREIRA

**A LINGUAGEM DA PESCA EM COMUNIDADES BAIANAS:
UM ESTUDO DIALETAL EM SIRIBINHA E BOM JESUS DOS
PASSOS**

Salvador
2011

THAIS DULTRA PEREIRA

**A LINGUAGEM DA PESCA EM COMUNIDADES BAIANAS:
UM ESTUDO DIALETAL EM SIRIBINHA E BOM JESUS DOS
PASSOS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Bahia (UFBA), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, mestrado em Língua e Cultura, na linha de pesquisa Diversidade Linguística e ensino, como requisito parcial de avaliação para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Professora Doutora Jacyra Andrade Mota.

Salvador
2011

Sistema de Bibliotecas da UFBA

Pereira, Thais Dultra.

A linguagem da pesca em comunidades baianas: um estudo dialetal em Siribinha e Bom Jesus dos Passos / Thais Dultra Pereira. - 2011.

212 f. : il.

Inclui apêndices e anexo.

Orientadora: Profª. Drª. Jacyra Andrade Mota.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2011.

1. Língua portuguesa - Dialetos - Conde (BA). 2. Língua portuguesa - Dialetos - Bom Jesus dos Passos, Ilha (BA). 3. Língua portuguesa - Lexicografia. 4. Sociolinguística. 5. Linguagem e línguas. 6. Pesca. I. Mota, Jacyra Andrade. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 469.798142

CDU - 811.134.3'28(813.8)

A

Roseri, por ser toda amor e renúncia, sempre.

Valter, meu espelho intelectual.

Junior e Vitor, cúmplices.

*“Hoje o samba saiu
procurando você....”*

A Vinícius Viana, meu pensamento (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, amor da minha vida, pelo apoio incondicional e por acreditar em mim todos os dias.

A *little dad*, Juninho, Vitor e Jérssica, pela compreensão e, sobretudo, paciência.

A Xavier, pelo singular apoio neste e noutros momentos.

A dindinha, pelo carinho e amor e por, volta e meia, me ajudar sempre que pode.

A Ticiania, por me apresentar o vilarejo mais bonito que já conheci.

A Danúzia Gabriela, por me ajudar a fazer o abstract.

A Danielle Behrmann, pelo acolhimento em sua casa em Bom Jesus dos Passos.

A Sandra Prudencio, Renata Carvalho, Sílvia Gonçalves e Maria Cristina Figueiredo, professoras inesquecíveis da UNIME, pelo incentivo inicial aos estudos linguísticos.

A Rerisson Cavalcante, meu amigo e socorrista virtual, sempre prestativo, mesmo não sendo, com ele diz, um “dialetólogo”.

A professora Suzana Cardoso, pelos ensinamentos em Dialetologia e Sociolinguística, a quem tenho grande admiração.

Aos professores Dante Lucchesi, Américo Venâncio, Célia Telles, Alice Duhá Lose, Márcia Paraquett, Luciano Oliveira, Adelaide Oliveira e Sávio Ciqueira, pelas aulas durante o mestrado.

A professora Ilza Ribeiro, pela sensível ajuda, desde os tempos de especialização na UNIFACS, e apoio durante todo o mestrado.

A professora Edivalda Araújo, por me salvar com suas orientações durante o Estágio Supervisionado.

Aos entrevistados de Siribinha e Bom Jesus dos Passos, por terem sido mais que informantes: amigos.

A Hilmara, Ana Paula, Priscila, Ronaldo, Jurgen, Márcia Verônica, Cristiane e Maria do Carmo, amigos de jornada acadêmica, companheiros de congressos, atividades de classe e “extra-classe”.

Às amigas Flávia, Lule, Ítala, Deize, Lívia, Josy e Zelina, companheiras de todas as horas, estando aqui ou noutro lugar.

A Adriano, por me ligar todos os dias.

A Ramon, pelo agora.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Ao CNPq, pelo patrocínio, sem o qual não seria possível a realização deste trabalho.

A professora Jacyra Mota, minha querida orientadora, pela constante compreensão, paciência e boa vontade, além de ser, para mim, um exemplo de dedicação à Dialetologia e Sociolinguística. E, principalmente nos últimos ajustes, por ter, literalmente, segurado em minha mão.

À minha família de Cachoeira, pela acolhida no momento em que mais precisei de reclusão e renúncia.

Agradeço especialmente aos sábios conselhos espirituais de Veracy e os cuidados carinhosos de dona Maria Eulália.

Jamais terei como retribuir tamanho apoio e ajuda, particularmente a Dinha, que velou, acordada, minhas madrugadas, enquanto eu estudava.

A dona Vera, tão compreensão e carinho. Senhora de sábias palavras e bons incentivos.

A Letícia, por me emprestar sua sala de estudos e pelos momentos de descontração e risadas.

A André Luiz, sobretudo, e, “afora tudo, tudo mesmo”, pela companhia e paciência durante a recolha de dados em Siribinha.

Uma Palavra

*Palavra prima
Uma palavra só, a crua palavra
Que quer dizer
Tudo
Anterior ao entendimento, palavra*

*Palavra viva
Palavra com temperatura, palavra
Que se produz
Muda
Feita de luz mais que de vento, palavra*

*Palavra dócil
Palavra d'agua pra qualquer moldura
Que se acomoda em balde, em verso, em mágoa
Qualquer feição de se manter palavra*

*Palavra minha
Matéria, minha criatura, palavra
Que me conduz
Mudo
E que me escreve desatento, palavra*

*Talvez à noite
Quase-palavra que um de nós murmura
Que ela mistura as letras que eu invento
Outras pronúncias do prazer, palavra*

*Palavra boa
Não de fazer literatura, palavra
Mas de habitar
Fundo
O coração do pensamento, palavra.*

Chico Buarque de Hollanda

RESUMO

A presente dissertação de mestrado tem como objetivo apresentar um estudo dialetal sobre a linguagem dos pescadores das comunidades baianas de Siribinha, município de Conde, e Bom Jesus dos Passos, Salvador, em especial o léxico da pesca. São observadas características linguísticas relacionadas às atividades desenvolvidas nas respectivas regiões, a partir de um enfoque pluridimensional, uma vez que são consideradas as variáveis gênero e faixa etária. Para a realização deste estudo, foram seguidos alguns critérios metodológicos como: seleção de doze informantes em cada comunidade, divididos em três faixas etárias (18 a 26 anos, 30 a 45, e 50 em diante) de ambos os sexos; realização de inquéritos *in loco*, com a utilização de um questionário baseado na metodologia do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001), no questionário reduzido do Atlas Linguístico do Litoral Português (ALLP) (VITORINO, 1987), e nos diversos trabalhos sobre a linguagem da pesca. Após o levantamento das lexias encontradas, realizou-se a análise dos termos dicionarizados e não-dicionarizados. Por fim, no que se refere à apresentação e análise dos dados, inicialmente, foram realizadas consultas em dicionários e em documentos oficiais, de modo que as lexias pudessem ser observadas quanto à dicionarização. Em seguida, foram selecionadas, por campos semânticos, as lexias que permitissem o confronto entre as comunidades, de modo que fosse possível analisar os aspectos geo-sociolinguísticos. Como fundamentação teórica, utilizaram-se os conhecimentos da Dialectologia, Geografia Linguística, Sociolinguística, Lexicologia, Semântica e Etnolinguística. Estudos que permitam conhecer a realidade linguística brasileira são de grande relevância, porque permitem conhecer a língua e a cultura das comunidades estudadas. Dessa forma, espera-se que pesquisas dialetais possam contribuir para o conhecimento não só na área da linguística, mas também da sociologia, antropologia, geografia e psicologia social, entre outros.

Palavras-chave: Dialectologia. Sociolinguística. Linguagem. Léxico. Pesca.

ABSTRACT

This essay aims to present a dialectal study about the language of fishermen communities in Bahia: Siribinha, located in the Conde city and Bom Jesus dos Passos, in Salvador, especially the fishing vocabulary. Linguistics features related to the activities developed in those regions are observed, from a multidimensional approach, taking into consideration the gender and age. For this study, were followed some methodological criteria as: selection of twelve informants in each community, divided into three age groups (18 to 26 years, 30 to 45, and from 50 over) of both genders; surveys in locus, using a questionnaire based on the Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001) methodology, the questionnaire reduced the Atlas Linguístico do Litoral Português (ALLP) (VITORINO, 1987), and in so many researches on the fishing language. After analyzing the lexias found, it was the time to analyze the terms that are or are not included in dictionaries. Finally, with regard to presentation and analysis of data, studies on official documents and dictionaries were held, so that lexias could be analyzed for being incorporated into new dictionaries. Then, the lexias that could allow a confrontation among the communities researched were selected by considering semantic fields, in addition to the geosociolinguistic aspects. As a theoretical basis, used the knowledge of Dialectology, Geography, Linguistics, Sociolinguistics, Lexicology, Semantics and ethnolinguistic. Studies that allow getting to know Brazil linguistic reality are of great importance, so that the language and culture of the communities studied will be recognized. Thus, it is expected that dialect research can contribute to knowledge not only in the field of linguistics, but also sociology, anthropology, geography and social psychology, among others.

Key words: Dialectology. Sociolinguistics. Language. Lexicology. Fishing.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1	Número de informantes divididos por comunidades, gênero e faixa etária	64
Quadro 2	Áreas Semânticas	72
Figura 1	Mapa do município de Conde, Bahia	47
Figura 2	Mapa da Baía de Todos os Santos	56
Quadro 3	Fenômenos Geográficos: Aspectos Climatológicos	171
Quadro 4	Fenômenos Geográficos: Aspectos Costeiros	172
Quadro 5	Embarcações e Navegação	173
Quadro 6	Peixes – Estrutura	174
Quadro 7	Peixes – Espécies	176
Quadro 8	Mariscos	179
Quadro 9	A pesca – Designações para Atividades	180
Quadro 10	A pesca – Instrumentos e Acessórios	181
Quadro 11	Síntese das Lexias Dicionarizadas e Não-Dicionarizadas	181

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	13
1	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
1.1	DIALETOLOGIA	17
1.1.1	A Geografia Linguística	23
1.2	SOCIOLINGUÍSTICA	26
1.2.1	A Variável Social Sexo	28
1.2.2	A Variável Social Idade	29
1.3	ESTUDOS DO LÉXICO	31
1.3.1	Lexicologia	31
1.3.2	Lexicografia	34
1.3.3	Terminologia	35
1.3.4	Socioterminologia	36
1.3.5	Semântica	38
1.4	ETNOLINGUÍSTICA	41
2	A PESCA: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS COMUNIDADES	44
2.1	SIRIBINHA	45
2.2	ILHA DE BOM JESUS DOS PASSOS	54
3	ASPECTOS METODOLÓGICOS	62
3.1	OS INFORMANTES	63
3.1.1	Caracterização dos informantes	64
3.1.1.1	<i>Siribinha</i>	64
3.1.1.2	<i>Bom Jesus dos Passos</i>	67
3.2	OS INSTRUMENTOS DE INQUÉRITO	70
3.3	RECOLHA E TRANSCRIÇÃO DOS DADOS	74
4	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	76
4.1	OCORRÊNCIAS EM SIRIBINHA E BOM JESUS DOS PASSOS	77
4.1.1	Fenômenos Geográficos	77
4.1.1.1	<i>Aspectos Climatológicos</i>	77
4.1.1.2	<i>Aspectos costeiros</i>	78

4.1.2	Embarcações e Navegação	90
4.1.3	Peixes – Estrutura e Generalidades	98
4.1.3.1	<i>Peixes – Espécies</i>	108
4.1.4	Mariscos	138
4.1.5	A Pesca – Designações para as Atividades	153
4.1.5.1	<i>Instrumentos e Acessórios</i>	154
4.2	TRAÇOS GEO-SOCIOLINGUÍSTICOS	171
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	184
	REFERÊNCIAS	190
	APÊNDICE A – Léxico da pesca: o questionário	197
	APÊNDICE B – gravuras do questionário: peixes	203
	APÊNDICE C – Fotos de Siribinha	206
	APÊNDICE D – Fotos de Bom Jesus dos Passos	207
	ANEXO – Modelo de ficha dos informantes	208

INTRODUÇÃO

A pesquisa dialetal permite que se apontem características e tendências linguístico-culturais extremamente importantes para o registro e o resgate da identidade cultural de uma comunidade.

Espalhados por parte considerável do território baiano, muitos pescadores vivem, hoje, à beira-mar ou às margens de rios e lagoas, dependendo do número de seus integrantes, da capacidade piscatória das águas e de injunções de ordem econômico-social.

O integral conhecimento dessas comunidades, algumas em franco processo de descaracterização, outras em via de extinção, requer que se observem, detidamente, particularidades do ambiente natural e modificações antrópicas a ele impostas.

Para a compreensão dos estudos da linguagem faz-se necessário compreender o conceito de língua, já que através dela nos comunicamos e interagimos com o mundo. Além disso, a língua constitui o objeto de estudo da linguística e suas subáreas, como a Sociolinguística, a Dialectologia, a Psicologia da Linguagem, entre outras.

Segundo Ferreira e Cardoso (1994, p. 11) “uma língua é um sistema de sinais acústico-orais, que funciona na intercomunicação de uma coletividade”. Além disso, a língua é um fenômeno abstrato, já que não possui um “monobloco linguístico”, uma língua sem variação, homogênea, sendo, portanto, considerada um sistema, que apresentará diversificações nos diferentes atos de fala dos indivíduos. Para os sociolinguistas, a língua está diretamente relacionada à sociedade e, segundo Labov (2006), a finalidade básica da língua é a de servir como um meio de comunicação e, por isso mesmo, ela costuma ser interpretada como produto e expressão da cultura de que faz parte.

A língua possibilita a representação da cultura de um povo, sua história, seus valores, existe para englobar, transmitir e comunicar a cultura. Dessa forma, para se conhecer determinado grupo humano, ou para se conhecer o homem na sua totalidade, faz-se necessário, além de estudar a sua história, seus costumes ou seu ambiente doméstico, observar a forma como ele se comunica com o mundo e com a realidade à sua volta. Importante ressaltar que, através da fala, o indivíduo transmite não só características individuais, como o seu idioleto, mas também características linguísticas do grupo a que pertence, entre outras informações. Assim, percebe-se o quão valioso e importante é o estudo da língua e suas mais variadas formas de manifestações linguísticas.

A linguagem da pesca, por fornecer subsídios para diversos estudos culturais, históricos e sociais, consiste num vasto campo de estudo, pois oferece a possibilidade de

contraste entre as formas linguísticas mais inovadoras e as mais conservadoras, através do registro da fala estudado em tempo aparente, que permite a observação da estabilidade e/ou mudanças sociais dos indivíduos de uma determinada comunidade.

Observar os fenômenos da linguagem, estudar, analisar, principalmente a variação linguística, consiste em ações que podem fornecer informações que transpassam os limites da comunicação. É, sobretudo, a possibilidade de conhecer o modo de vida, a cultura, a história de um indivíduo, de uma comunidade, de um povo, de uma nação, uma vez que a língua é um instrumento.

O interesse pelos estudos dialetais surgiu ainda na graduação, com a oportunidade de participar, como voluntária, do II *Workshop* interno do Projeto ALiB, em 2005, onde estava presente o professor Rerisson Cavalcante, na época bolsista de iniciação científica, e que, pouco tempo depois, viria a ser professor de Dialectologia e Sociolinguística na UNIME.

Registra-se também, neste mesmo ano, a participação num minicurso com a professora Silvana Ribeiro, que discutiu a metodologia dos trabalhos dialetais no Brasil. Esses eventos levaram a leituras que imprimiram o desejo de desenvolver um trabalho que utilizasse como metodologia a pesquisa *in loco*.

Em 2006, após o contato inicial com Siribinha – provavelmente um dos vilarejos mais bonitos que existe – e após diversas idas e vindas, foi possível olhar de forma mais crítica a vida e a linguagem, em especial dos que trabalham com a pesca. Essas observações resultaram no trabalho monográfico “A linguagem dos pescadores da comunidade de Siribinha: análise diatópica do léxico da pesca” (DULTRA, 2007). Nesse, foram construídas dezenove cartas linguísticas, que ilustram as diferenças dialetais existentes no léxico da pesca, a partir da utilização do método cartográfico e do confronto dos dados, encontrados na pesquisa de campo em Siribinha, com os dados já registrados pelos trabalhos monográficos sobre as atividades pesqueiras da Baía de Camamu (SOUZA JUNIOR, 2005) e da praia de Buraquinho (MARQUES, 2006).

Em 2009, foram apresentados alguns destes resultados: no ABRALIN EM CENA, em Vitória, Espírito Santo, *A linguagem da pesca em Siribinha, Bahia*; e, no I Congresso Internacional de Linguística Histórica – ROSAE, *A Linguagem dos pescadores em três comunidades baianas: análise lexical do campo semântico “Acidentes Geográficos”*, ambos recortes do trabalho monográfico e consequente tema de estudo no mestrado.

Na presente dissertação, realizou-se um estudo dialetal, a partir da pesquisa de campo em duas comunidades baianas, Siribinha, município de Conde, e Bom Jesus dos Passos, Baía de Todos os Santos, Salvador, a fim de comparar a linguagem da pesca nessas comunidades

sob um enfoque pluridimensional, abordando três variáveis, a diatópica, diagenérica e diageracional.

Tais estudos justificam-se por ser a pesca uma atividade tradicional muito antiga e muito importante, principalmente no litoral baiano, não apenas por ser uma das principais fontes de renda e de sustento, mas também por ser uma fonte rica de saberes populares.

Baseada nos conhecimentos empíricos e passados de geração a geração, essa atividade mantém relevantes características linguísticas, o que possibilita a preservação dos traços de variação de uma língua e suas conseqüentes marcas culturais mais relevantes. Uma vez reconhecida a importância dessa atividade, percebe-se também a necessidade de se estudar a linguagem por ela utilizada, pois todas as variantes linguísticas, sejam elas diatópicas, diageracionais, diafásicas ou diastráticas podem e devem ser descritas, analisadas, estudadas, para que se desconstrua a ideia errônea de língua homogênea, ou de caos linguístico. A língua é heterogênea, social, e absolutamente organizada, podendo ser sistematizada a partir de estudos de cunho dialetal e sociolinguístico.

Os objetivos específicos foram: identificar as peculiaridades na linguagem da pesca das comunidades a serem pesquisadas; levantar e analisar os dados encontrados; verificar a influência de fatores extralinguísticos como sexo, idade, escolaridade, localidade, classe social e contexto histórico-cultural; analisar as lexias quanto à dicionarização; identificar as diferenças e semelhanças lexicais com o fim de traçar isoglossas.

Esta pesquisa baseia-se nos princípios teóricos da Dialetoлогия, Geografia Linguística, Sociolinguística, da Lexicologia e da Etnolinguística, uma vez que tais teorias embasam a maioria dos estudos que apontam explicações para a heterogeneidade linguística.

Diante da necessidade de se estudar a variação linguística nas suas mais diversas formas de manifestação, e após o levantamento das teorias que pudessem nortear a pesquisa sobre a linguagem da pesca, surgiram questionamentos acerca do uso de uma linguagem profissional, tais como:

- Há um léxico específico nas atividades de pesca realizada pelas comunidades selecionadas ou há, na verdade, uma linguagem comum aos membros dessas comunidades, não restritas somente à pesca?
- De que maneira os fatores extralinguísticos (sexo e faixa etária) estão refletidos na linguagem da pesca?
- É possível, nas comunidades a serem estudadas, encontrar vocábulos em vias de desaparecimento ou em processo de mudança linguística?

Dividido em cinco capítulos, este trabalho apresenta, além dessa introdução: os principais pressupostos teóricos que nortearam o estudo (capítulo 1); os perfis das comunidades e conceitos gerais sobre a pesca (capítulo 2); aspectos metodológicos que envolvem a pesquisa de campo e suas etapas (capítulo 3); análise dos dados a partir da apresentação das lexias por área semântica e quanto à dicionarização e a apresentação do confronto entre as comunidades sob o ponto de vista geo-sociolinguístico e sócio-cultural (capítulo 4); as considerações finais (capítulo 5); e, em anexo, o questionário e fotografias das regiões.

O estudo das variantes linguísticas é de extrema importância não só para os estudiosos da língua, mas a todos que se interessarem pela cultura de um povo, uma vez que é através da língua que aspectos relevantes de uma comunidade são mantidos e passados de geração a geração. É, portanto, um registro não só linguístico, mas também cultural e, sobretudo, histórico.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pesquisa dialetológica requer um bom aparato teórico, delimitação do *corpus*, do tema escolhido e o uso de uma metodologia adequada, entre outros fatores importantes e indispensáveis.

Para a realização desse trabalho, levaram-se em conta alguns ramos das ciências da linguagem, tais como:

- Dialetologia, disciplina linguística que investiga, principalmente, a variação espacial da língua, através de métodos como a Geografia Linguística, que consiste na delimitação de áreas semelhantes através da construção de cartas linguísticas e do traçado de isoglossas;
- Sociolinguística, ciência que estuda os aspectos sociais da língua, ou seja, a variação linguística em todos os seus níveis e seus reflexos na sociedade;
- Lexicologia, ciência que estuda cientificamente o léxico de uma língua, além de preocupar-se com os aspectos formais e semânticos das suas unidades lexicais;
- Etnolinguística, disciplina que trata do estudo da variedade e variação da linguagem, em relação com a civilização e a cultura.

Além disso, acrescentam-se leituras em obras técnicas sobre atividades de pesca no litoral baiano e brasileiro, bem como pesquisas em atlas linguísticos que embasam os estudos em regiões pesqueiras.

1.1 DIALETOLOGIA

A dialetologia, ao assumir os estudos de sistematização de uma língua, permite a aproximação a partir de duas perspectivas: pelo rastreamento e mapeamento espacial da variação de um traço qualquer da língua ou pela observação das peculiaridades linguísticas de um território para a delimitação de uma ou várias zonas dialetais. É através desta ciência que os estudos linguísticos buscam identificar, delinear e estabelecer os diferentes usos e formas de diversificação de uma língua, de acordo com a sua distribuição espacial e sociocultural.

Os estudos sobre variação linguística surgiram em finais do séc. XVIII e princípios do séc. XIX com as análises comparativas de cunho historicista, e seu objetivo inicial era estabelecer regras fonético-fonológicas que comprovassem a mudança ou a evolução

linguísticas. A hipótese norteadora dos trabalhos linguísticos centrava-se na preocupação do grau de parentesco histórico entre as línguas distanciadas no espaço e confrontadas em momentos diversos de sua história. Desse confronto chegou-se às línguas indoeuropeias, a partir de tentativas de reconstituição das formas da língua original, possível através da comparação com outras línguas e pela busca de possíveis semelhanças e/ou diferenças.

Um grupo de analistas, chamados de comparativistas oitocentistas – Bopp, Grimm, os Schlegel e Rask – realizou comparações entre itens lexicais determinados para estabelecer as diferenças entre as línguas e para que se pudesse determinar o grau de parentesco entre elas. Nesse contexto destacam-se Rasmus Rask e Jacob Grimm, formuladores da Lei de Grimm, que mostrava a evolução das línguas germânicas a partir das mudanças sofridas pelas consoantes, objetivando encontrar um traço comum com o indoeuropeu, através de um método chamado histórico-comparativo. Este método buscava reconstruir e explicar as mudanças sofridas por essa língua ao longo do tempo, conforme observam Marquilhas (1996) e Mattos e Silva (2008).

Porém, o enfoque desse estudo eram as línguas antigas, que, na sua maioria, já não eram mais faladas. Além disso, eram utilizados textos escritos para encontrar a origem de todas as línguas, a partir da reconstrução de línguas extintas. Este método, embora apresente falhas, proporcionou um grande *corpus* de documentação organizada e detalhada, e serviu como base para outros pesquisadores estabelecerem e comprovarem mudanças de som em outras línguas do mundo, e o mais importante: abriu caminho para uma segunda etapa – os estudos dos neogramáticos, que criticavam o método histórico-comparativo e trouxeram significativa contribuição ao nascimento da Dialectologia.

De acordo com Vidos (1996), a partir da intitulação da teoria da regularidade da mudança fonológica, que afirmava existirem leis fonéticas, e que não admitiam exceções, destacaram-se os estudos sobre as línguas vivas, faladas, principalmente porque os neogramáticos inspiraram o estudo da diversidade das línguas, que passou a ser o objeto da dialectologia. Para comprovar a sua teoria, passaram a estudar comunidades rurais, isoladas, buscando investigar as características fonéticas de cada lugar em determinada época. Dessa forma, a linguística passa a estudar a língua e os dialetos vivos, e a observar o aspecto humano da língua.

Com isso, os neogramáticos passam a estimular pesquisas de tudo que se relacionasse com o povo, dando margem aos estudos dialetais europeus e, conseqüentemente, à publicação dos primeiros atlas linguísticos. A partir da observação do funcionamento da língua, em pequenas comunidades, passa-se a considerar a divisão dialetal e o empréstimo dialetal como

complexos e flutuantes. Também as mudanças fonéticas foram reconhecidas como vulneráveis à delimitação geográfica e ao fator tempo, tornando os especialistas em dialetologia e geografia linguística os mais árdios críticos da doutrina neogramática da universalidade das leis fonéticas.

Nesse contexto de investigação, sistematização e descoberta linguísticas surge a dialetologia, ciência da linguagem inaugurada por dois grandes precursores: Georg Wenker e Jules Gilliéron.

George Wenker, em 1876, inicia uma vasta pesquisa voltada aos estudos fonéticos, a partir da aplicação de um questionário, enviado por correspondência, que deveria ser respondido pelos professores primários da Alemanha, que deveriam “traduzir” para seus respectivos dialetos as pequenas frases. Aplicados a 40.736 localidades, sem, porém, atentar para o controle sistemático de variáveis sociais, resultou em 44.251 respostas coletadas. Assim, em 1881, elaboram-se mapas a partir dos resultados obtidos, contrariando a concepção de mudança fonética, presumida pelos neogramáticos, que acreditavam que todas as palavras eram afetadas foneticamente do mesmo modo, como assinala Cardoso (2010).

Jules Gilliéron elaborou o *Atlas Linguístico da França* (ALF), obra monumental que se constitui como o marco dos estudos dialetológicos e que muito contribuiu para o progresso da ciência da linguagem. Em 1887, Edmond Edmont, seu principal colaborador, deu início à recolha de dados, percorrendo 550 localidades, durante quatro anos, aplicando um questionário de palavras isoladas e algumas frases, totalizando 1.900 questões ao final da pesquisa. Seus trabalhos objetivavam a concretização dos estudos dos patoás galego-romanos para que fosse possível conhecer seus aspectos lexicais, fonéticos, morfológicos e sintáticos. Diferente de Wenker, Gilliéron privilegiou a coleta de dados *in loco*, e acreditava que a realidade fonética só poderia ser fornecida por um leigo, uma vez que a fala não estaria “contaminada” pelo conhecimento, expectativa ou preconceitos. Dessa forma, os fatos linguísticos deveriam ser estudados a partir dos parâmetros espaciais, de acordo com a sua distribuição, e os pontos de inquérito precisariam ser determinados pela sua distância, segundo Cardoso (2010).

A construção de mapas linguísticos começou na França, em 1910, com o já mencionado *Atlas Linguístico da França* (ALF), de Gilliéron e Edmont, sendo o primeiro atlas linguístico fundador da geografia linguística, que abriu os horizontes para os demais atlas construídos em todo o mundo. Sua grande contribuição consistiu na exposição de estudos da língua viva, o que causou uma revolução nos estudos linguísticos, já que se ampliaram os horizontes, antes subordinados às análises literárias, escritas da língua.

O ALF, que inaugura a aplicação do método geolinguístico na sua plenitude, é um atlas nacional, que recobre todo um país, circunscrevendo-se a seus limites políticos. Idêntica preocupação, ainda que sem lograr o êxito que viria a alcançar Gilliéron com a sua obra, teve Wenker ao empreender a recolha de dados na Alemanha. Começa-se, assim, com a busca da realidade nacional, entendida como a descrição linguística de área que, geográfica e politicamente, se reveste de unidade. As fronteiras para um atlas dessa natureza são estritamente políticas, o que faz com que “a descrição dos dialetos pare, artificialmente, por aí, ainda que na maioria dos casos os dialetos ultrapassem tais limites” (CARDOSO, 2010, p. 22).

A importância da dialetologia consiste principalmente em demonstrar que é possível observar as diferenças nos falares de diversas regiões, já que cada uma possui características próprias. Esta disciplina permite também identificar e descrever as variações diatópicas, bem como os diferentes dialetos, a partir da busca pelas semelhanças e/ou diferenças que podem ser encontradas nas diversas comunidades a serem estudadas. Utilizando-se de métodos próprios, busca comprovar a unidade na heterogeneidade linguística e, além disso, descrever e desmistificar a língua, desfazendo preconceitos acerca dos diferentes modos de falar.

A dialetologia, inicialmente, apresentou um maior interesse pelos estudos em zonas rurais, por estarem mais distantes dos grandes centros urbanos, mantendo, muitas vezes, características linguísticas intactas ou com poucas perdas e/ou influência de outros dialetos, preservando traços históricos, culturais e sociais dessas comunidades. No que se referiu aos limites físico-geográficos, o maior ou menor grau de isolamento das comunidades influenciou na descontinuidade da estratificação, ou seja, quanto menos isoladas, maior seria a interferência de outras variantes sobre as já existentes. De acordo com Novoa, Martínez e González (2006), acreditava-se que pessoas de idade avançada, de pouco ou nenhuma formação acadêmica e de pouco ou nulo contato com o exterior seriam ideais. Considerava-se que o principal fator de delimitação dialetal eram os obstáculos físicos como o mar, as montanhas, os rios, e demais aspectos geográficos, uma vez que estes impunham certa dificuldade na comunicação entre as comunidades fronteiriças. Além disso, pensava-se que os fatores que permitiam a aproximação entre os dialetos eram o sistema escolar, os meios de comunicação e quaisquer meios que permitissem o conhecimento de uma variedade supra-dialetal.

Mas à dialetologia, que se preocupa principalmente com a variação diatópica, não cabe somente o interesse pelas zonas rurais, já que estuda também os dialetos da zona urbana. Segundo Chambers e Trudgill (1994), alguns dialetólogos começaram a reconhecer que se havia dado muita ênfase à dimensão espacial da variação linguística, excluindo a dimensão social e a mudança. Porém, estas atitudes começaram a ser questionadas, já que a variação social na língua é tão importante quanto a variação espacial. Além disso, os autores

reconhecem que todos os dialetos são tanto espaciais quanto sociais, uma vez que todos os falantes possuem tanto um entorno social quanto espacial.

Segundo Cardoso (2010), um dos primeiros estudos dialetais urbanos foi o *Linguistic Atlas of the United States and Canada* (LANE), publicado entre 1939 e 1943 por uma equipe coordenada por Hans Kurath. Este atlas apresenta, pela primeira vez na história da dialetologia, o controle etário, demonstrado já na sua metodologia, com a preocupação com o perfil dos informantes, que deveriam ser mais velhos e de meia idade, selecionados segundo critérios estabelecidos: em quase todas as localidades foram inquiridos um informante de classe mais baixa; em algumas, um de idade mediana e de escolaridade superior aos das localidades anteriores, e em 38 localidades interrogou-se um terceiro tipo, com nível superior.

No Brasil, um exemplo de estudo nessa área, segundo Cardoso (1994), é o Projeto de estudo da Norma Linguística Urbana Culta (NURC), que, dentre suas finalidades, objetivou concretizar um estudo conjunto a respeito da modalidade falada considerada culta em cinco capitais, e muito vem contribuindo para o conhecimento que se tem hoje dessas normas regionais no país.

A dialetologia é uma disciplina com uma larga tradição, com uma metodologia bem estabelecida e com uma vasta literatura. Sem dúvida, é inegável que esta disciplina tenha contribuído tanto para a linguística em geral, como para a sociolinguística. Para Cardoso (1994) caberia, prioritariamente, à sociolinguística, estudar as unidades sinstráticas e a diversidade diastrática, apesar de afirmar que não é pacífica a separação entre uma sociolinguística eminentemente diastrática e uma dialetologia somente diatópica.

Segundo Silva-Corvalán (1988, p.8)¹⁰

Sociolingüística e dialectología se han considerado hasta cierto punto sinónimas en cuanto a que ambas disciplinas estudian la lengua hablada, el uso lingüístico y establecen las relaciones que se dan entre ciertos rasgos lingüísticos y ciertos grupos de individuos. Así como a la sociolingüística, la dialectología ha reconocido desde siempre la existencia de la heterogeneidad lingüística.

O homem vive integrado à sociedade, obedecendo a uma hierarquia, seguindo uma organização própria e criando seus grupos. Cada grupo social, seja de faixa etária, profissional, entre outros, apresenta códigos de comportamento que os diferenciam entre si, porém permitem a identificação e o mútuo entendimento, estando o modo de falar ligado a esses

¹⁰ “Sociolinguística e dialetologia se tem considerado até certo ponto sinônimas uma vez que ambas as disciplinas estudam a língua falada, o uso lingüístico e estabelecem as relações que existem entre certos traços lingüísticos e certos grupos de indivíduos. Assim como a sociolingüística, a dialetologia reconheceu desde cedo a existência da heterogeneidade lingüística”. Tradução de Ferreira e Cardoso (1994, p. 19).

códigos. Assim tem-se a definição da variação diastrática, objeto de estudo da Sociolinguística, que busca fazer as relações entre as variáveis sociais e os fenômenos linguísticos.

Há que se reconhecer, no entanto, que não é simples a separação entre a dialetologia e a sociolinguística, uma vez que são ciências muito próximas, e conforme Cardoso (2010, p. 26),

[...] o enfoque diatópico e sociolinguístico se faz presente em ambas. Distinguem-se, no entanto, na forma de tratar os fenômenos e na perspectiva que imprimem à abordagem dos fatos linguísticos. A dialetologia, nada obstante considerar fatores sociais como elementos relevantes na coleta de dados, tem como base da sua criação a localização espacial dos fatos considerados, configurando-se, dessa forma, como eminentemente diatópica. A sociolinguística, ainda que estabeleça a intercomparação entre dados diferenciados do ponto de vista espacial, centra-se na correlação entre os fatos linguísticos e os fatores sociais, priorizando, dessa forma, as relações sociolinguísticas.

Ainda segundo Cardoso (2010), no Brasil, os estudos dialetais iniciam-se oficialmente com a contribuição do Visconde de Pedra Branca, Domingos Borges de Barros, ao *Atlas Ethnographique du Globe*, de Adrien Balbi, publicado em 1826. Trata-se de uma lista de palavras que apresenta um rol de oito nomes que mudam de significação, e outro de cinquenta nomes usados exclusivamente no Brasil. A partir daí, Ferreira e Cardoso (1994) atribuem à dialetologia no Brasil três etapas, complementando a periodização proposta por Nascentes, que estabelece apenas duas. Cardoso e Mota (2006) consideram ainda uma quarta etapa, iniciada com a retomada do projeto de elaboração do Atlas Linguístico do Brasil.

Na primeira, os trabalhos produzidos direcionam-se para o estudo do léxico e de suas especificidades no português do Brasil. São os dicionários, vocabulários e léxicos regionais. Deste período, que vai de 1826 a 1920, destaca-se *O idioma hodierno de Portugal comparado com o do Brasil*, trabalho do brasileiro José Jorge Paranhos da Silva (1879 *apud* CARDOSO, 1999, p. 235), por se tratar de um estudo mais amplo, que vai um pouco além do caráter lexicográfico. Há, nessa obra, uma considerável dedicatória: “Aos moços que, se tendo ido formar em Coimbra, dizem que querem outra vez ser considerados como nascidos no Brasil, ofereço esta comparação da nossa maneira de falar com a dos actuaes Portuguezes”.

A segunda fase, marcada pela publicação de *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral, se estende até 1952, e a partir daí começa-se a caminhar rumo a um sistemático desenvolvimento da geolinguística no Brasil, uma vez que se passa a buscar a observação de uma área determinada, com o objetivo de descrever os fenômenos que a caracterizam, incluindo, além de questões semântico-lexicais, fonético-fonológicas e morfossintáticas. Deste período

destacam-se, além da obra de Amaral, a de Antenor Nascentes, *O linguajar carioca em 1922* e *A língua do Nordeste*, de Mário Marroquim, publicada em 1934.

A terceira fase é marcada pelo Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, que define as finalidades da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, e firma como a principal delas a elaboração do atlas linguístico do Brasil. Nesta fase destacam-se as figuras pioneiras de Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi, uma vez que o empenho memorável destes pesquisadores deu um novo direcionamento para a Dialectologia brasileira: o início dos estudos de geografia linguística.

A quarta fase apontada por Cardoso e Mota (2006), marcada pela retomada do projeto Atlas Linguístico do Brasil, em 1996, complementa as três fases anteriores. Diversas atividades foram desenvolvidas pelos membros do Comitê Nacional do Projeto, nesse período, em universidades brasileiras. Realizaram-se inúmeras reuniões nacionais em diferentes universidades e *workshops* para discutir técnicas e métodos de trabalho de campo e a preparação de inquiridores, além do registro do aumento da publicação de atlas regionais e da produção de diversas teses, artigos e trabalhos monográficos. Outra característica importante dessa fase consiste na incorporação de princípios implementados pela Sociolinguística aos estudos dialetais, que levou ao abandono da visão monodimensional da chamada geolinguística tradicional, e a adoção de uma visão pluridimensional contemporânea aos métodos linguísticos, que inclui o interesse por outros tipos de variação, além da diatópica, como a diagenérica, diastrática, diageracional, entre outras.

1.1.1 A Geografia Linguística

É através da geografia linguística, método da dialectologia, que se pode, com precisão científica, documentar os fenômenos de variação dialetal. A partir desses estudos podem-se construir mapas, ou seja, atlas linguísticos, que permitem uma análise mais aprofundada e sistemática dos dados recolhidos pelos dialectólogos, pois imprimem gradativamente as diferenças e/ou semelhanças no estudo de pontos de inquérito, a partir de uma metodologia comum a todas as regiões estudadas.

A geografia linguística é um dos métodos dialectológicos que pressupõe o registro, em mapas especializados, de um grande número de formas linguísticas. Essas formas podem ser documentadas a partir da realização da pesquisa direta numa rede de pontos do território escolhido, o que permite o mapeamento da região no que se refere à variação linguística em

qualquer de seus planos: fonético, morfológico, sintático, semântico. Podem-se, ainda, incluir as questões etnográficas de cada região, constituindo os Mapas Etnográficos.

A dialetologia divide-se em dois momentos. Inicialmente, os estudos dialetais eram monodimensionais, e preocupavam-se somente com a variação diatópica. Muitos dos trabalhos iniciais não apresentavam a estratificação de informantes por faixa etária, escolaridade ou sexo, como o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB) que, apesar de utilizar dois informantes por localidade, não apresentou uma preocupação com que fossem, obrigatoriamente, de sexos diferentes ou que fizessem parte de uma determinada faixa etária pré-estabelecida.

Porém, pela considerável influência da sociolinguística, o método foi se aperfeiçoando, passando então a considerar também as demais variáveis sociais, que envolvem as diferenças diageracionais, de sexo, escolaridade e socioeconômicas. Dessa forma, a dialetologia passa a ter um enfoque pluridimensional, pois incorpora aos seus estudos interesses nos fenômenos sociais e suas influências na língua.

Um exemplo de um atlas dessa dimensão, segundo Cardoso (2010), é o *Atlas Linguístico Diatópico e Diastrático do Uruguai* (ADDU), coordenado por Adolfo Elizaincín e Harold Thun. Este atlas tem como principal objetivo captar as variedades linguísticas coexistentes no território uruguaio, observando-as através de uma pluralidade de dimensões interligadas entre si. Contém itens fonético-lexicais e gramaticais além de abordar alguns aspectos da pragmática e de questões etnográficas.

No Brasil, entre os inúmeros exemplos de atlas pluridimensionais, têm-se o *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS), que, segundo Ferreira e Cardoso (1994), foi o pioneiro em investigar cada uma das localidades seguindo rigorosamente a seleção de um informante masculino e um feminino, o que permitiu o controle da variável sexo, e o *Atlas Geo-Sociolinguístico do Pará* (ALISPA). Este atlas investigou informantes de 18 a 30 e 40 a 70 anos, considerando a variável escolaridade (nível de instrução até a 4ª série do primeiro grau) e a variável sexo, e também tem o mérito de ser o primeiro atlas sonoro do Brasil.

No que se refere à publicação de atlas brasileiros, Cardoso (2010) cita dez:

- *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB) – 1963
- *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (EALMG) – 1977
- *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB) – 1984
- *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS), vol. I – 1987
- *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPR) – 1994

- *Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS) – 2002
- *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (ALISPA) – 2004
- *Atlas Linguístico de Sergipe, vol. II* (ALS-II) – 2005
- *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul* (ALMS) – 2007
- *Atlas Linguístico do Ceará* (ALECE) – 2010

A autora registra também três teses de doutorado e uma dissertação de mestrado: o *Atlas Linguístico do Amazonas* (ALAM) de autoria de Cruz, defendido em 2004, o *Atlas Linguístico do Litoral Potiguar* (ALiLP) de autoria de Pereira, em 2007, o *Microaltas Fonético do Estado do Rio de Janeiro* (Micro AFERJ), de autoria de Almeida, defendido em 2008, e o *Atlas Fonético do Entorno da Baía de Guanabara* (AFeBG), de autoria de Lima, defendido em 2006.

Há, ainda, seis estados com atlas em andamento: *Atlas Linguístico do Estado de São Paulo* (ALESP), *Atlas geossociolinguístico do Pará* (ALiPA), *Atlas Linguístico de Mato Grosso* (ALMT), *Atlas Linguístico do Maranhão* (ALIMA), *Atlas Linguístico do Espírito Santo* (ALES) e *Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte* (ALiRN).

Em fase de reativação encontram-se o *Projeto Atlas Linguístico do Acre* (ALAC) e o *Projeto Atlas Linguístico do Rio de Janeiro*, e também o projeto em desenvolvimento para a realização de um atlas linguístico de âmbito nacional: o *Projeto ALiB*.

No Seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, de 1996, após a composição do Comitê Nacional responsável pela execução do *ALiB*, iniciaram-se as discussões para a redação do Projeto que hoje já está se concretizando, cujos objetivos podem ser assim sintetizados, de acordo com Aguilera:

- (i) Contribuir para a realização do Atlas Linguístico do Brasil; (ii) Fornecer elementos para a descrição da realidade linguística do Brasil no que tange à língua portuguesa; (iii) Contribuir para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil e para o aprimoramento do ensino/ aprendizagem (AGUILERA, 2006, p. 230).

O Projeto possui uma rede de pontos que engloba 250 localidades do Brasil, 1.110 informantes, quatro por localidade nas cidades do interior e oito, nas capitais, que devem ser falantes de língua portuguesa e representativos do falar local, sendo um homem e uma mulher, distribuídos em duas faixas etárias: de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos e com profissão definida e escolarizados, no máximo, até a 7ª série do Ensino Fundamental, em localidades do interior e, nas capitais, com nível universitário.

Busca também oferecer aos estudiosos da língua portuguesa suporte para melhorias no ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil, entre outros.

Desde 1996 o projeto vem cumprindo o cronograma traçado. Em 2001, iniciou-se a realização dos inquéritos definitivos, e em abril de 2010 já apresenta mais de 80% da rede de pontos documentada.

1.2 SOCIOLINGUÍSTICA

As teorias linguísticas, até o século XX, não estavam interessadas em analisar e sistematizar o universo da língua falada, como o modelo saussureano, que separa o funcionamento linguístico da relação entre os sujeitos falantes, no que diz respeito à estrutura da língua, ou a teoria gerativa, que toma a língua em sua imanência, e trata o fenômeno linguístico sem fazer correlações deste com o funcionamento social. Porém, surge um novo modelo teórico-metodológico, a Teoria da Variação, desenvolvido por Labov, como resposta a essas abordagens anteriores.

Os estudos de Labov, através das suas pesquisas de campo em comunidades negras dos EUA, constataram a possibilidade de fazer um estudo linguístico eminentemente social, afirmando ser, inclusive, redundante o termo “sociolinguística”. Além disso, Labov comprova a heterogeneidade coordenada da língua, ao contrário das correntes linguísticas descritivas, que afirmam ser a língua homogênea e, portanto, abstrata.

Os procedimentos da linguística descritiva se baseiam na concepção da língua como um conjunto estruturado de normas sociais. No passado, era natural considerar essas normas como invariantes, compartilhadas por todos os membros da comunidade de fala. No entanto, estudos mais detalhados do contexto social em que a língua é usada mostram que muitos elementos da estrutura linguística estão envolvidos em variação sistemática que reflete tanto a mudança temporal quanto os processos sociais extralinguísticos (LABOV, 2008, p. 140).

Um dos estudos detalhados a que Labov se refere foi o realizado por ele na ilha de Martha's Vineyard, na década de 60, comprovando que os falantes, consciente ou inconscientemente, ora impõem seus valores e se percebem enquanto membros participantes de uma comunidade, ora se retraem e são vistos como estigmatizados por outros falantes, e esses comportamentos poderão ser observados na língua. Passa-se, a partir daí, a analisar a variação linguística de forma ordenada e sistemática, esta podendo ocorrer no nível fonético/fonológico, morfossintático, discursivo ou semântico-lexical.

É através da análise sistemática da comunidade de fala linguística – entendida como um grupo de falantes que têm em comum um conjunto de atitudes sociais para com a língua – que é possível entender o desenvolvimento de uma mudança linguística, mudança essa que só é capaz de ser percebida a partir da observação da vida social da comunidade em que ela ocorre. Destarte, Labov (2008) determina como objeto de estudo da sociolinguística a estrutura e evolução da linguagem no âmbito do contexto social.

O método da teoria da variação permite o estabelecimento da influência que fatores linguísticos e extralinguísticos têm sobre uma determinada variável linguística. Pagotto (2004, p. 50-1) estipula para a variável linguística quatro características básicas: “(i) é um elemento do sistema linguístico; (ii) é controlada por uma única regra; (iii) comporta pelo menos duas formas variantes e (iv) suas formas variantes são passíveis de contagem.” Para a sociolinguística quantitativa, a definição de variável linguística é central porque torna viável a concepção do sistema linguístico como inerentemente heterogêneo, além da possibilidade de explicar a intersecção entre o sistema linguístico e a estrutura social da comunidade que dele faz uso, o que permite, finalmente, estudar os fenômenos da mudança linguística.

A heterogeneidade linguística não é aleatória, pois obedece a um conjunto de regras, passíveis de serem explicadas e sistematizadas. Os estudos sociolinguísticos têm como principais áreas de interesse a variação e a mudança, o surgimento e a extinção linguísticos, o multilinguismo, o contato entre línguas, entre outros. Importam, para esses estudos, as diferentes faixas etárias, as diferenças de escolaridade, de gênero, e as diferenças socioeconômicas que podem repercutir no comportamento linguístico de seus usuários. Além disso, conforme afirma Labov (2008), os dados linguísticos obtidos fornecem também um volume considerável de informações acerca de diversas variáveis, o que pode permitir, inclusive, estudos de medição de outras formas de comportamento social além do linguístico, como aspirações à ascensão social, mobilidade e segurança social, mudanças de estratificação e segregação social, entre outros.

Por se tratar de um estudo dialetológico em comunidades de pesca, e por fazer parte do perfil dos informantes selecionados os aspectos diageracionais e diagenéricos, o que caracteriza o presente estudo como pluridimensional, torna-se importante tecer algumas considerações sobre essas variantes.

1.2.1 A Variável Social Sexo

Uma característica marcante de diferenciação linguística entre os falantes, sem dúvida, é o sexo/gênero, podendo, inclusive, apontar para indícios de uma mudança linguística.

Para Labov (2006) os papéis sexuais são um poderoso fator diferenciador em quase todo caso de estratificação social estável e mudança em curso que se tenha estudado. Além disso, as diferenças entre os sexos devem ser vistas como um conjunto de resultado de fatores sociais onipresentes que se alteram mais lentamente que outras relações sociais, uma vez que, de acordo com a interação dos papéis sociais com a classe social, não há dúvida de que a rota pela qual esta categorização passa afeta a linguagem e está mediada pelos fatores sociais. Ou seja, qualquer explicação das diferenças linguísticas entre homens e mulheres deve ser relativizada em função do grupo social considerado.

Segundo Paiva (2007), as diferenças mais evidentes entre a fala de homens e mulheres se situam no plano lexical. E ainda, a análise da dimensão social da variação e da mudança linguística não pode ignorar que a maior ou menor ocorrência de certas variantes, principalmente daquelas que envolvem o binômio forma padrão/não-padrão e o processo de implementação de mudanças estejam associados ao gênero/sexo do falante e à forma de construção social dos papéis feminino e masculino.

A adequação a um modelo de prestígio é uma estratégia interpessoal cuja finalidade é a manutenção da autoestima nas mudanças sociais. Segundo Labov (2006), a forma de prestígio tende a predominar na fala feminina. Diversos estudos apontam para uma maior consciência feminina do *status* social das formas linguísticas. Porém, a análise de correlação entre gênero/sexo e a variação linguística tem de, necessariamente, fazer referência não só ao prestígio atribuído pela comunidade ou às variantes linguísticas como também à forma de organização social de uma comunidade de fala. Esse padrão pode ser revertido, no entanto, quando se consideram dados de comunidades de fala caracterizadas por outros valores culturais e outra forma de organização social.

Segundo Chambers e Trudgill (1994) alguns critérios que explicam a preferência das mulheres pela adequação às normas de prestígio implicam na falta de uma posição de destaque na sociedade, que faz com que as mulheres necessitem marcar seu *status* social mediante uma conduta específica. Além disso, as mulheres tendem, como consequência de menores oportunidades ocupacionais e de uma maior tendência a permanecer em um só lugar, a participar cada vez menos das redes sociais, ou a participar de forma menos coesiva. Estão, portanto, menos sujeitas à pressão intergrupala, diferentemente dos homens, sujeitos, nas

trocas sociais, a uma menor formalidade. E por último, a educação habitualmente leva as mulheres a desempenhar aquilo que é considerado como sua função social a partir de padrões de conduta socialmente aceitos. Somado a tudo isto, acrescenta-se a busca pela adequação a um modelo de prestígio como uma estratégia interpessoal que visa à manutenção da autoestima nas trocas sociais.

Para Labov (2006, p. 447), há um padrão de diferenciação associado aos papéis sexuais que não se baseia em nenhuma diferença fonética ou fisiológica entre homens e mulheres, o que o levou a estabelecer um quarto princípio: “na mudança linguística de baixo pra cima, as mulheres usam mais frequentemente formas mais inovadoras que os homens¹¹”. Este princípio permitiu o reconhecimento do paradoxo do papel sexual, que afirma que “as mulheres se ajustam mais estreitamente que os homens às normas sociolinguísticas que são prescritas abertamente, mas se ajustam menos que os homens quando não são^{12,13}”. No que diz respeito à variação e à mudança, quando se trata de implementar na língua uma forma socialmente prestigiada, as mulheres tendem a assumir a liderança da mudança. Ao contrário, no que se refere a uma forma socialmente desprestigiada, as mulheres assumem uma atitude conservadora, e os homens tomam a liderança do processo.

Dessa forma, estudos de caráter diagenéricos muito têm a contribuir para a sistematização e explicação da heterogeneidade linguística, e, ainda, para elucidar fatores que expliquem também a variação estável ou a mudança em curso.

1.2.2 A Variável Social Idade

A idade dos falantes, segundo Fernández (1998), é um dos fatores sociais que, com maior força e clareza, podem determinar os usos linguísticos de uma comunidade de fala. Pode-se dizer que, de certa forma, a idade condiciona a variação linguística mais intensamente que outros fatores não menos importantes, como o sexo/gênero ou a classe social. Em contraste com o fator classe social, a idade é um fator estável, visto que sua realidade não é alterada por mudanças socioeconômicas, de atitudes ou de organização.

A idade, conforme o tempo passa, vai determinando e modificando as características e hábitos sociais dos indivíduos, inclusive os de comunicação e os puramente linguísticos. Por isso, é possível distinguir na vida linguística de um indivíduo diferentes etapas, apesar de não

¹¹ “En el cambio lingüístico desde abajo, las mujeres usan frecuencias más altas de formas innovadoras que los hombres”

¹² “Las mujeres se ajustan más estrechamente que los hombres a las normas sociolingüísticas que se prescriben abiertamente, pero se ajustan menos que los hombres cuando no lo están”.

¹³ Os trechos citados em língua estrangeira foram traduzidos pela autora da dissertação.

existir acordo unânime sobre quais são e como podem caracterizar-se. Também pode ocorrer que a idade, enquanto fator social, varie em concomitância com ou se sobreponha a outros fatores, como o nível de instrução, principalmente. Em todo caso, tanto as diferenças advindas da idade como a relação que esta estabelece com outros fatores sociais oferece implicações sociolinguísticas diversas, segundo a cultura ou o tipo de comunidade estudada.

Segundo Fernández (1998), outra importante implicação referente à idade diz respeito à mudança linguística, uma vez que a sociolinguística tem constatado, a partir da observação do comportamento linguístico dos grupos etários de uma dada comunidade, como se produzem as mudanças linguísticas em curso. Essas mudanças, em especial as fonéticas, são um processo regular que pode ser observado através do olhar a gerações sucessivas. O desenvolvimento da mudança, observada em um momento determinado e por falantes de gerações distintas, oferece uma imagem dinâmica em tempo aparente que permite projetar como será essa mudança no futuro, conforme o transcurso do tempo real.

No que se refere à mudança linguística, o seu avanço ocorre a partir da iniciativa de certos elementos da sociedade. Através do desenvolvimento da dialetologia urbana, segundo Chambers e Trudgill (1994), foi possível determinar que grupos sociais estão à frente da inovação, ao se entrecruzarem as variáveis linguísticas com variáveis independentes, tais como idade, sexo, classe social, grupo étnico e região geográfica. Apesar de muitas dessas variáveis se combinarem para identificar o grupo inovador, muitas vezes uma delas se sobrepõe às outras, o que permite identificar os inovadores, como por exemplo, as mulheres e os jovens.

Contudo, para que uma inovação se baseie na idade, é essencial que se reflita um traço linguístico que esteja presente e com independência de fatores sociais como classe ou sexo em um determinado momento do tempo, e que suas realizações venham se reduzindo em toda a população de falantes mais jovens.

São os níveis mais superficiais da linguagem – o léxico, a fraseologia, o discurso – os que apontam mais claramente a determinação do fator idade sem que se examinem outras variáveis linguísticas, segundo Fernández (1998). Da mesma forma que há certas formas de vestir, gostos ou atitudes, tipos de lazer, entre outros, existem grupos linguísticos que podem ser considerados característicos de certos grupos etários, que acabam se convertendo em autênticos símbolos geracionais, e que vão se renovando conforme chegam as novas gerações.

1.3 ESTUDOS DO LÉXICO

Neste tópico são apresentadas as ciências do léxico, a partir dos pressupostos teóricos da Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Socioterminologia e Semântica.

1.3.1 Lexicologia

A Lexicologia é a ciência responsável pelos aspectos teóricos que fundamentam cientificamente o estudo do léxico. Analisa a palavra, a estrutura do léxico e a categoria gramatical, seus objetos de estudo, e faz fronteira com a semântica, uma vez que, ao estudar o léxico e a palavra, não há como desconsiderar o seu significado. Esta ciência está muito próxima da dialetologia, sociolinguística e etnolinguística, consideradas áreas interdisciplinares que abarcam estudos relacionados à língua e cultura.

A palavra, sob uma perspectiva semântica, é o objeto principal da Lexicologia e Lexicografia. Essas ciências, bastante antigas, sendo inclusive de maior tradição que a própria linguística, privilegiam o enfoque semântico da palavra, tendo-se o registro de estudos lexicográficos desde a Idade Média, principalmente no que se refere ao estudo da evolução etimológica das palavras. No final do século XIX e começo do século XX, surgem consideráveis trabalhos de lexicologia etimológica, que, ao ter as línguas românicas como objeto, oferecem resultados substanciais de abordagens semânticas da língua.

Segundo Ullmann (*apud* BIDERMAN, 2001a, p. 151) a palavra é uma “unidade semântica indecomponível”. Se existem unidades gramaticais significantes, menores do que a palavra, elas não têm significação autônoma. Dessa forma “a palavra é a unidade mínima do discurso”.

Diversos autores apontam para a dificuldade em se estudar uma língua, principalmente no que diz respeito ao conceito de palavra. Para Biderman (2001a, p. 97), essa dificuldade consiste no fato de o léxico de uma língua ser um sistema aberto, ao contrário dos demais domínios linguísticos, como a fonologia, a morfologia e a sintaxe. Além disso, considera que grandes obras lexicográficas de muitas línguas são apenas repertórios vocabulares de um determinado estado de língua, pois “um sistema aberto em expansão, como o léxico, não pode ser apreendido, nem descrito em sua totalidade”.

Muitos linguistas acreditavam que, devido ao grande obstáculo que se dispunha para a formulação de uma linguística teórica, a palavra deveria ser banida da língua, mas essa possibilidade foi descartada, pois sem ela não haveria as noções construídas em seu entorno, como a noção de frase, morfologia e sintaxe, que perderiam o sentido.

Segundo Biderman (2001a), é a hipótese Sapir-Whorf, mais especificamente a versão de Whorf, que, ao considerar as relações entre linguagem, pensamento e cultura um princípio da relatividade linguística, permitiu uma conceitualização de palavra, ou resolveu o problema da natureza da unidade léxica. Essa hipótese afirma que as estruturas semânticas de diferentes línguas são infinitas, o que se reflete na forma de pensar e agir do falante de cada língua. Dessa forma, linguagem, pensamento e cultura estão profundamente conectados, podendo-se concluir que cada língua possui uma visão de mundo distinta.

Parece que a hipótese de Whorf fornece a chave para a conceitualização de palavra. Se cada língua recorta a realidade diferentemente e molda essa realidade em categorias linguísticas e mentais que lhe são exclusivas, então o conceito de palavra não pode ter um valor absoluto (BIDERMAN, 2001a, p. 114-5).

Para Biderman (2001a), essa teoria é fundamental para a conceitualização de palavra porque através dela percebe-se que este conceito não pode ser universalizado, mas sim relativizado, uma vez que só é possível identificar a palavra no interior de cada língua. Entre linguistas, há três critérios decisivos para o conhecimento da unidade léxica: o fonológico, que vê a palavra como uma sequência fonológica que recorre sempre com o mesmo significado, embora seja sabido que nem sempre as fronteiras vocabulares coincidam com os limites de um grupo fônico; gramatical (morfo sintático), que inclui a observação da classe gramatical da palavra e da sua função exercida na sentença; e o semântico, uma vez que este é imprescindível para a definição da unidade léxica no discurso.

A definição de unidade léxica mais antiga, que convergem os três critérios e dissolve todos os problemas a ela relacionados é a de Meillet (*apud* RICOEUR, 2005, p. 174), ao afirmar que “a cada noção é vinculado um conjunto fônico, denominado palavra, que dá corpo a esta noção no pensamento do sujeito e evoca a mesma noção ou uma noção semelhante em seu interlocutor”.

Ao se estudar a linguagem profissional de uma comunidade é possível se estudar o léxico, ou seja, palavras escolhidas para transmitir-se e comunicar-se com o mundo. É sabido que a cultura de um povo se expressa, entre outras formas, pelo léxico ou pelas unidades terminológicas. Daí o interesse na descrição e análise da linguagem da pesca em comunidades baianas, pois há a possibilidade do registro e da documentação da diversidade lexical e geolinguística do português falado nessas regiões. Além disso, por estar subordinado às funções sociais de designação ou de nomeação da realidade, e sendo o principal objeto de estudo da lexicologia, o léxico fornece um vasto material para análise aos linguistas,

particularmente aos dialetólogos e sociolinguistas, uma vez que conserva uma estreita relação com a história cultural da humanidade.

O léxico de uma língua natural permite o registro do conhecimento universal. É através da nomeação da realidade que o indivíduo, a partir da reunião de objetos e coisas em grupos, seja pelas semelhanças, seja pelas diferenças, estrutura a realidade à sua volta. Pode-se considerar este processo de nomeação a primeira atividade científica do espírito humano, pois se percebe uma busca pelo conhecimento do universo. Foi esta iniciativa humana, embora intuitiva, que gerou o léxico das línguas.

É através do léxico que se pode observar o percurso social dos usuários de uma língua, pois este permite ao falante caracterizar e arquivar a realidade extralinguística e também o saber linguístico de determinada comunidade.

Ao se estudar a língua se estuda também a cultura de um grupo, e o seu universo lexical resume a sua maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas do conhecimento.

É possível a categorização do tempo e do espaço a partir do léxico, visto que as particularidades lexicológicas de uma língua mostram, através de ocorrências significativas, marcas variáveis espaço-temporais. Cada grupo cultural e conseqüentemente linguístico, segundo Silva, (2001, p. 177) “institui variantes combinatórias que recortam as significações de forma peculiar, instaura um repositório de possibilidades expressivas parassinonímicas e estabelece um campo lexical que registra as modalidades recorrentes da palavra”.

Os estudos lexicais permitem a avaliação do universo físico e cultural em que o indivíduo está inserido, uma vez que o vocabulário utilizado no processo comunicativo é extraído do seu léxico mental. A memória permite não apenas o armazenamento e a ordenação dos itens indispensáveis à formação de enunciados, como também controla o acervo que permite a recuperação desses mesmos enunciados. Além disso, é sabido que o conhecimento disponível ao indivíduo é resultado da transformação da sua realidade, “percebida em codificação linguística a ser rotulada em palavras-lexema, unidades abstratas armazenadas na memória semântica, aguardando nova decodificação com propósito comunicativo” (SILVA, 2001, p.120).

De acordo com Dubois (1978), um vocábulo aponta para a ocorrência de um lexema em discurso. Porém, o lexema refere-se às unidades virtuais do léxico, o que faz do vocábulo a atualização de um lexema particular no discurso; diferente da palavra, que consiste numa determinada unidade específica, emitida em referência ao léxico.

“Pequeno” é um lexema. Mas, por outro lado, a frase realizada “o pequeno príncipe mora no pequeno planeta” comporta sete palavras e duas vezes o vocábulo pequeno. Sob este ponto de vista, um lexema é uma unidade do léxico (estoque potencial do indivíduo ou da língua), enquanto o vocábulo e a palavra são unidades do vocabulário (unidades efetivamente empregadas num determinado ato da comunicação (DUBOIS, 1978, p. 614).

A ciência lexicológica esteve sempre presente na história do homem na forma de dicionários, glossários, listagens e nomenclaturas organizadas.

Atualmente, devido à proximidade da convivência entre grupos de vários estratos sociais e políticos, faz-se necessário o conhecimento da linguagem em seus diversos níveis de realização, de modo a favorecer o entendimento entre os falantes, através, principalmente, da adequação de usos, tendo como resultado a partilha de experiências diversificadas, ora favoráveis, ora desfavoráveis.

1.3.2 Lexicografia

A Lexicografia portuguesa é responsável pelas técnicas desenvolvidas na elaboração de dicionários e pela descrição das línguas a partir das obras lexicográficas, sendo a análise da significação das palavras seu objeto principal. Ciência antiga e tradicional, iniciou-se no princípio dos tempos modernos, porém, em primeira instância, caracterizou-se pela elaboração de glossários medievais, que consistiam em listas de palavras que auxiliavam o leitor a interpretar textos da antiguidade clássica e da Bíblia. Apenas nos séculos XVI e XVII pode-se registrar, de fato, o início da Lexicografia, com a elaboração dos primeiros dicionários monolíngues e bilíngues.

Segundo Murakawa (2001), a tradição lexicográfica apresenta três grandes obras, que constituem um marco fundamental para a lexicografia portuguesa. São o *Vocabulário Portuguez Latino*, do Pe. Rhapael Bluteau, publicado em 1712-1728, o *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antonio de Moraes Silva em 1789, e 150 anos mais tarde, em 1871, o *Thesouro da lingua portuguesa*, do Frei Domingos Vieira. Embora tenham sido produzidos em épocas diferentes, estas obras são representações de diversos momentos históricos e refletem a sociedade de seu tempo. Além disso, suas análises constituem-se em grande interesse sociolinguístico.

Sabe-se que a lexicografia é a ciência dos dicionários. Este descreve o vocabulário de determinada língua, através do registro e definição dos signos lexicais referentes aos conceitos elaborados e cristalizados na cultura. Consiste num objeto cultural importante para as sociedades, por ser uma das mais relevantes instituições da civilização moderna,

principalmente pelas suas funções normativas e nominativas. A constituição de um dicionário comporta basicamente as entradas lexicais ou lemas, que se dirigem tanto a um termo da língua como a um referente do universo extralinguístico. A macroestrutura do dicionário é composta pela sua lista de lemas, e a sua microestrutura, de verbetes.

1.3.3 Terminologia

Apesar de ter sido definida pela International Organization for Standardization (ISO) (SONNEVELD *apud* DIAS, 2000, p. 90) como “qualquer atividade relacionada com a sistematização e representação de conceitos ou apresentação de termos baseados em princípios e métodos estabelecidos” e ainda como “um conjunto de termos que constituem um sistema de conceitos de uma determinada área”, não há uma definição exata do que vem a ser a terminologia, por causa das diversas significações que o termo pode abarcar, já que pode ser vista tanto como objeto, isto é, a terminologia como um conjunto de termos de uma especialidade, ou como disciplina, matéria autônoma e auto-suficiente, considerada original, dotada de fundamentos próprios, apesar de conectada historicamente a outras disciplinas, ou ainda, uma “interdisciplina”, como afirma Cabré (*apud* DIAS, 2000, p. 90).

Ainda segundo Cabré (*apud* DIAS, 2000, p. 90) os motivos para essa diversidade de significações são: a perspectiva “poliédrica” da terminologia com relação a seus fundamentos, seus enfoques e suas aplicações práticas, além da conhecida polissemia do termo terminologia, que tanto pode ser usado para designar uma disciplina, uma prática ou o produto gerado por essa prática.

A Terminologia, para Biderman (2001b), tem como objeto de estudo o termo, a palavra especializada, os conceitos próprios de diferentes áreas de especialidade. Esta ciência ocupa-se de áreas específicas do conhecimento, e seus estudos estão respaldados numa teoria de referência, que nada mais é do que uma correlação com a estrutura geral do conhecimento e o código linguístico correspondente. Estabelece, assim, uma relação entre a estrutura conceptual e a estrutura léxica de uma língua.

Para Sager (*apud* SILVA, 2009), a Terminologia enquanto teoria é o conjunto de premissas, argumentos e conclusões necessários para explicar a relação entre conceitos e termos de especialidade. Na prática, é um conjunto de métodos e atividades que objetivam a coleta, descrição, processamento e apresentação dos termos. Enquanto produto, é o conjunto dos termos ou vocabulários de uma determinada especialidade. Logo, pode-se concluir que essas definições dadas à Terminologia, seja enquanto teoria, prática ou conjunto, levam à

constituição de uma ciência que tem como objetivo principal a ocupação e a descrição dos termos que apresentam uma certa especialidade na linguagem usada por uma determinada área do conhecimento humano.

Esta ciência, ao se utilizar da linguística, das ciências da comunicação, cognitivas, da informação e das especialidades particulares, passa a atuar principalmente nos campos inter e intradisciplinares, tendo como elementos centrais os conceitos e os termos, compreendendo o estudo científico dos conceitos e seus respectivos termos não apenas no seu funcionamento social, mas também nos que fazem parte de áreas da experiência humana.

Ao assumir funções de comunicação e de representação das línguas, além de objetivar um consenso entre as formas de controle da diversidade da comunicação, a Terminologia assume como tarefa a observação das unidades da língua, seja em seus aspectos naturais, seja na comunicação especializada, seja pela apresentação de conceitos e sistemas de conceitos através dos seus termos.

É relativamente fácil atribuir uma forma a um item lexical. No entanto, não é com a mesma facilidade que se especificam os limites do conceito ao qual ele se refere. De acordo com Cabré (*apud* BIDERMAN, 2001b, p.19), a “teoria geral da Terminologia baseia-se [...] na natureza do conceito, nas relações conceptuais, na relação termo-conceito e a atribuição de denominações aos conceitos que ocupam uma posição chave [nessa ciência]”.

Há, no entanto, uma diferença significativa entre a Terminologia e a Lexicografia, que distingue as duas ciências. Enquanto a primeira atua do conceito para o termo (processo onomasiológico), os lexicógrafos, voltados para a parte aplicada da Lexicografia, partem da denominação, ou seja, a entrada de dicionário, caracterizando-a funcional e semanticamente, indo, contrariamente, do termo para o conceito (processo semasiológico).

1.3.4 Socioterminologia

A Socioterminologia é a Terminologia voltada para o social, e tem como principal tarefa a sistematização das variantes terminológicas. Para esta ciência, uma variante consiste em cada uma das formas existentes para um termo, resultantes dos diferentes usos que uma comunidade, seja em sua diversidade social, linguística e geográfica faz desse termo.

Uma unidade terminológica pode assumir diferentes valores, a depender da função que uma variável apresenta em determinado contexto. Para a construção das teorias que comprovem a variação em Terminologia, Faulstich (2006) propõe uma releitura da definição de termo, para que seja possível uma melhor compreensão do porquê de um termo variar.

Para Faulstich (2006), termos são:

(i) signos que encontram sua funcionalidade nas linguagens de especialidade, de acordo com a dinâmica das línguas; (ii) entidades variantes, porque fazem parte de situações comunicativas distintas; (iii) itens do léxico especializado que passam por evoluções, por isso devem ser analisados no plano sincrônico e no plano diacrônico das línguas (FAULSTICH, 2006, p. 2).

Neste sentido, a autora focaliza o dado terminológico do ponto de vista da variação linguística, diferente da postura adotada na década de 30, que considerava a língua um bloco homogêneo, não permitindo lugar, na Terminologia clássica, para a variação terminológica e socioterminológica. Esta nova visão da Terminologia torna-se imprescindível para as pesquisas linguísticas que envolvem o léxico, pois, a partir da perspectiva socioterminológica, pode-se constatar o movimento do termo nas línguas de especialidade.

A expressão “socioterminologia” foi utilizada pela primeira vez por Boulanger (*apud* SILVA, 2009), em 1982, no Colóquio Internacional *Problèmes de la définition et la synonymie en terminologie*, e, nesse contexto, significava uma aproximação da Socioterminologia à Terminologia quanto ao estudo do uso linguístico.

Em 1991, este autor discute os objetivos da Terminologia, criticando principalmente seu caráter prescritivo, afirmando que a Socioterminologia teria a função de atenuar os exageros referentes a determinadas normas da Terminologia.

Ao situar os estudos da Socioterminologia no Brasil, Faulstich (2006) afirma que a diversidade da cultura brasileira aparece refletida na terminologia cotidiana, uma vez que a história da terminologia se confunde com a formação dessa sociedade. Há registros nos dicionários, por exemplo, de termos da fauna e da flora, como indicadores da terminologia do português brasileiro.

Ao permitir a integração entre os meios sociais na realização de pesquisas sob a perspectiva socioterminológica, esta disciplina acaba por mostrar que o trabalho terminológico pode incluir os aspectos sócio-profissionais, temporais ou geográficos, entre outros, o que contribui para diminuir a postura prescritivista e preconceituosa adotada comumente pelos estudos terminológicos.

Esta postura, ao atribuir um maior peso, de valor ideológico, a uma expressão (ou termo), já estabelecida no meio científico ou tecnológico, tida como de prestígio, faz com que essa expressão (ou termo) passe a ser considerada a preferida, a recomendada, com possibilidade de ser registrada nos dicionários terminológicos, o que resulta na exclusão e desvalorização da variante.

Não se pode, no entanto, confundir Socioterminologia com Sociolinguística. A primeira preocupa-se com a variação do termo nos diversos níveis e planos hierárquicos do discurso científico e técnico. Já a segunda estuda a variação social da língua em geral, no decorrer da sincronia, no sentido de apontar para possíveis variações e mudanças que nesta poderá ocorrer. Há que se considerar, porém, o uso do modelo sociolinguístico enquanto um valioso guia que permite o exame da funcionalidade terminológica, que tem como *corpus* a linguagem de especialidade.

1.3.5 Semântica

O sentido é um dado universal, imediato e fundamental na experiência cotidiana da linguagem e não se entende a demora em tratar a semântica como ciência, que faz do sentido o seu campo de estudos, embora se possa observar a diferença entre o sentido percebido como evidência e o concebido como objeto linguístico, pois entre eles há um espaço conceitual.

Data-se, com precisão histórica, o início das considerações de sentido enquanto ciência: Michel Breál (*apud* TAMBA-MECZ, 2006, p. 8), ao considerar o sentido, assim como as formas sonoras, um elemento específico linguístico, em 1883, no artigo “*As leis intelectuais da linguagem: fragmento de semântica*”, aponta a preocupação com a “intuição” como o surgimento de toda a semântica, ainda que de maneira pouco explorada, nessa época, afirmando que “o homem nada influencia no desenvolvimento da linguagem e que as palavras – forma e sentido –, levam a uma existência que lhes é própria”.

A partir dessa ideia de intuição pode-se definir a Semântica como uma disciplina linguística que tem como objeto de estudo a descrição das significações inerentes às línguas e sua organização teórica. A Semântica é, portanto, o estudo do significado. O indivíduo, de uma maneira geral, sempre se preocupou com a origem das línguas e com a relação entre as palavras e as coisas que elas significam, se há uma ligação natural entre os nomes e as coisas nomeadas ou se essa associação é mero resultado de convenção.

Há dois tipos de abordagens semânticas da língua: uma voltada para compreensão e a formulação das significações da palavra e da frase, e outra que busca as interpretações a partir dos dispositivos linguísticos de encadeamento, progressão e coerência, que permitem compreender as sequências dos enunciados. Para este estudo importa a primeira, mais próxima da significação do léxico, chamada de Semântica Estrutural.

Teoria do significado desenvolvida na Europa, a Semântica Estrutural fundamenta-se na fenomenologia de E. Husserl e Merleau-Ponty e na linguística de Ferdinand de Saussure e

Louis Hjelmslev. De acordo com Quintela (2005), esta teoria apresenta um caráter sincrônico, e opõe-se à Semântica Diacrônica de Michel Bréal, embora lhe reconheça o mérito de ter sido o fundador da ciência. Dos vários nomes que podem ser citados como precursores da Semântica Estrutural, destaca-se, principalmente, J. Trier, que criou a Teoria dos Campos Semânticos, focados no significado apenas no nível da palavra.

J. Trier, a partir da sua teoria dos campos, passa a tornar conhecidos no meio acadêmico os termos campo lexical e campo semântico, tidos como sinônimos nos EUA e na Europa na década de 20. Segundo Leher (*apud* OLIVEIRA, 2008), campo lexical refere-se a grupos de palavras estreitamente ligadas entre si pelo significado, geralmente agrupadas a partir de um termo genérico.

Para J. Trier (*apud* OLIVEIRA, 2008, p.64), o léxico das línguas naturais é visto como um sistema organizado em subsistemas, e as palavras estão relacionadas umas com as outras, podendo ser agrupadas por campos conceituais. Assim, conceitua os campos como sendo “partes de um todo e se assemelham a palavras no sentido de combinarem para formarem uma unidade maior, e se assemelham ao vocabulário no sentido de se reduzirem a unidades menores”.

Assim, em um campo léxico, cada palavra adquire sua determinação conceitual a partir da estrutura do todo, e o seu significado depende do significado de suas vizinhas conceituais. Cada item lexical é compreendido a partir da existência mental do campo, dos conjuntos articulados, em que cada elemento mínimo pode estar relacionado com o todo, embora não de maneira imediata, devido à existência de uma escala de sistemas superpostos.

Na década de sessenta, sobretudo a partir das obras de Bernard Pottier e Algirdas Julien Greimas, surgiu a Semântica Estrutural como ciência, com postulados e metodologia próprios. Para tanto, emprestaram da linguística os conceitos das dicotomias, sobretudo expressão/conteúdo, e o modelo fonológico, desenvolvido pelo Círculo Linguístico de Praga, estipulando um paralelismo entre formas de expressão e formas de conteúdo (tendo no seu traço mínimo). Pottier, no entanto, se volta mais propriamente para os estudos gramaticais, focado nos limites da frase, já Greimas prioriza o texto em sua maior abrangência, abarcando uma área de pesquisa mais ampla: a semiótica. Ainda inacabada, a Semântica Estrutural realiza esforços no sentido de estipular universais semânticos, passo indispensável para seu maior êxito.

De acordo com Coseriu (*apud* OLIVEIRA, 2008), Reisig, autor da obra *Vorlesungen über lateinische Sprachwissenschaft*, em 1839, é o primeiro estudioso a afirmar e justificar a autonomia da semântica lexical, voltada para o estudo do significado das palavras. A

importância dessa obra se deve principalmente à sua proposta de teoria semântica: a Semasiologia, disciplina de caráter historicista, que, segundo Reisig, buscava analisar as modificações sofridas pelos significados das palavras no decorrer do tempo. O termo “semasiologia”, inclusive, antecede o termo “semântica”, vindo a se consolidar a partir dos estudos de Bréal, que propõe a teoria da mudança semântica, pretendendo esclarecer a motivação e os tipos de mudanças semânticas.

As formas linguísticas são símbolos e valem pelo que significam. É a constante referência mental de uma forma a determinado significado que a eleva a elemento de uma língua. Não se pode estabelecer relação entre o semantema (ou lexema ou morfema lexical – unidade léxica, que compõe o léxico) cão e o um tipo de animal doméstico, exceto pelo uso que se faz desse semantema para referir-se a esse animal. Dessa forma, cada língua fragmenta o mundo objetivo à sua maneira, a depender da sua visão do mundo.

O estudo dos semantemas é difícil, pois são em número infinito e sua significação fluida, sujeita às variações sincrônica, sintópica, etc. A polissemia faz da significação dos semantemas um conglomerado de elementos e não um elemento único. Quanto à significação interna dos morfemas, ela se distribui nas categorias gramaticais que enquadram um dado semantema numa dada categoria, seja de gênero, número, etc., para maior economia da linguagem.

A lexia, segundo Pottier (*apud* ELIA, S.D.), é a denominação geral dada a qualquer unidade lexemática. Esta consiste na palavra, também chamada de lexia simples. As lexias simples combinam-se com outras lexias também simples para formar novas unidades lexemáticas: a lexia composta, definida como resultado de uma integração semântica, e a lexia complexa, entendida como uma sequência de palavras em via de lexicalização, em diversos níveis.

Nas alterações sofridas nas relações entre as palavras estão as chamadas figuras de retórica clássica, em especial a metáfora e a metonímia: a metáfora, por ser uma fonte de mudanças semânticas, já que o significado original de determinada palavra, inicialmente aplicado a apenas um referente, se estende a outros referentes, como *arraia*, por exemplo, que designa um tipo de peixe de formato achatado, e passou a se referir também a um tipo de *pipa* de formato semelhante; a metonímia, substituição de um nome por outro que compartilhe características com o nome substituído, também é considerada importante pela sua capacidade de também causar mudanças semânticas.

1.4 ETNOLINGUÍSTICA

Dentro de toda sociedade, as primeiras influências que o homem sente vêm do gesto e da palavra. Por meio da palavra estuda-se a cultura, ou estuda-se a mensagem linguística em seu contexto cultural. A análise objetiva da linguagem de uma sociedade, entendendo-se aqui a linguagem como capacidade de expressão linguística, implica observar o conteúdo dentro do contexto original dos usuários.

Ao se estudar uma linguagem profissional como a da pesca, faz-se necessário refletir sobre as questões etnolinguísticas, uma vez que se trata de uma linguagem específica, utilizada não somente pelos pescadores, mas também pelos moradores das regiões, que participam da atividade, muitas vezes realizada no ambiente familiar.

A linguagem, enquanto estrutura macrolinguística, não pode ser estudada a partir de um modelo teórico que não contemple, igualmente, os pontos de vistas diferentes dos campos social, cultural, psicológico, antropológico, entre outros. Dificilmente será possível que uma teoria geral ou um modelo teórico único seja elaborado. Há, no entanto, ramos da macrolinguística que são interdisciplinares, no sentido de abarcarem o uso de técnicas e conceitos teóricos semelhantes, como no caso da sociolinguística, ao estudar a linguagem e a sua relação com a sociedade, e da etnolinguística, ao estudar a linguagem e a sua relação com cultura.

De acordo com Lyons (2009), o conceito de cultura ligado à Etnolinguística aproxima-se do sentido que é usado na antropologia, e deve pressupor a sociedade, e esta depende da cultura. Nas definições mais amplas de sociolinguística e etnolinguística, os dois ramos da macrolinguística acabam por se sobrepor, já que ambos têm como finalidade orientadora da teoria e da pesquisa objetivos primordialmente linguísticos.

Segundo Coseriu (*apud* LIMA, 2006), a Etnolinguística é uma disciplina linguística, portanto nem etnológica, nem etnográfica, que trata do estudo da variedade e variação da linguagem, bem como da sua relação com a civilização e a cultura. Trata, assim, das relações entre língua e cultura na sociedade a que pertencem os falantes de um determinado grupo sociocultural. Numa perspectiva sincrônica, a Etnolinguística firmou-se como decorrência da necessidade de se entenderem as variantes e invariantes extralinguísticas como sexo, faixa etária, gênero, estilo e, principalmente, as invariantes culturais, bem como os níveis de linguagem que permeiam os pensamentos e o modo de ser e de viver das comunidades.

Percebe-se, portanto, a importância da linguagem enquanto um conjunto de práticas culturais, a antropologia linguística com a responsabilidade interdisciplinar, a sociolinguística com o estudo da relação língua-sociedade e a etnolinguística, da relação língua-cultura.

Os estudos etnolinguísticos têm se preocupado com as funções da comunicação, ou seja, questões que envolvem a história sociocultural das comunidades de fala, suas origens, os meios de comunicação utilizados, a relação da linguagem com a visão de mundo e a organização social, as desigualdades sociais e linguísticas, entre outras preocupações que impliquem direta ou indiretamente na comunicação dos falantes.

Embora a Etnolinguística seja uma disciplina ampla e de difícil conceituação, principalmente por seu caráter recente, ela engloba tanto os aspectos culturais como os aspectos antropológicos de uma língua. De acordo com Guizzeti (*apud* VELARDE 1991, p. 39), o objeto da Etnolinguística é constituído, prioritariamente, pelas “relações entre as estruturas idiomáticas e os povos que se expressam de acordo com seus padrões”¹⁴.

Esta nova disciplina, considerada interdisciplinar, estuda as etnias. Velarde (1991), a partir da visão antropológica, entende a etnia como grupo humano onde a coesão social une os membros entre si, baseados principalmente na unidade das formas de viver, da vocação histórica e da concepção de mundo, além de ser a etnia o conjunto de indivíduos que compartilham a mesma cultura.

Para Lyons (2009), o conceito mais aceito de cultura, para fins de estudos da linguagem, é o conhecimento que é adquirido socialmente: é o conhecimento que uma pessoa adquire por ser membro de determinada sociedade. Neste sentido, a cultura estabelece, para cada pessoa, um contexto do comportamento cognitivo e afetivo que permite interpretar a realidade. Seu contexto, no entanto, deve ser entendido como algo dinâmico e não como algo monolítico e estático.

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura.

Cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender essa dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema.

¹⁴ “Las relaciones entre las estructuras idiomáticas y los pueblos que se expresan según sus pautas”. (cf. nota nº 4).

A construção da identidade tem sido discutida em várias áreas do conhecimento. A filosofia, a psicanálise, a antropologia, a linguística, entre outras, têm se ocupado deste tema numa tentativa de investigar e descobrir como se desenvolve o senso de identidade.

Segundo Rajagopalan (1998, p. 41), “a identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela”. Entretanto, sabemos que uma língua não existe no vácuo. Ela não é um meio neutro de comunicação, e deve ser entendida com referência ao seu significado social. Se a língua não é neutra, e está repleta de significações que refletem o meio social onde é falada, é justo dizer que a língua e a cultura têm um papel crucial na formação da identidade do indivíduo.

Definir identidade é, provavelmente, tão difícil quanto definir cultura. Entretanto, é possível afirmar que qualquer ser humano possui uma identidade no sentido que este ser é alguém. A identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social: seja a uma classe sexual, a uma classe de idade, a uma classe social, a uma nação, etc. A identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente.

Deve-se considerar que a identidade se constrói e se reconstrói constantemente no interior das trocas sociais. Esta concepção dinâmica se opõe àquela que vê a identidade como um atributo original e permanente que não poderia evoluir.

Tais conceitos apresentam-se como uma forma de entendimento para as mais diversas formas de comunicação, bem como a sua relevância para os estudos linguísticos, uma vez que a identidade não é uma essência, não é fixa, tampouco é homogênea. Está, na verdade, em constante construção, resultando num efeito, num processo de produção, numa relação, num ato performativo.

2 A PESCA: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS COMUNIDADES

As regiões litorâneas e costeiras do Brasil, em especial, apresentam uma multiplicidade de ecossistemas extremamente produtivos sob o ponto de vista de recursos naturais renováveis. Destes recursos, em particular os pesqueiros asseguram a sobrevivência de populações humanas importantes.

A pesca artesanal é responsável por um elevado nível de emprego nas comunidades litorâneas nos setores da captura, beneficiamento e comercialização do pescado. A pesca também é importante na manutenção da grande diversidade cultural, vinculada às atividades desenvolvidas pelos pequenos pescadores, coletores de caranguejos e extrativistas espalhados pelo litoral, rios, lagos e represas do Brasil.

Esta modalidade é definida pela realização da atividade de pesca por pescadores autônomos, sozinhos ou em parcerias, através da participação direta da captura do pescado, usando instrumentos produzidos artesanalmente ou de fácil manuseio. A remuneração é feita pelo sistema de “partes”, sendo o produto destinado ao mercado. Da pesca retiram a maior parte de sua renda, ainda que sazonalmente possam exercer atividades complementares.

Pescadores artesanais são aqueles que, na captura e desembarque de toda classe de espécies pesqueiras, trabalham sozinhos e/ou utilizam mão-de-obra familiar, na exploração de ambientes ecológicos localizados próximos à costa, uma vez que a embarcação e aparelhagem utilizadas para a realização da pesca não permite o ingresso em águas mais profundas. Os pescadores mantêm contato direto com o ambiente natural e, assim, possuem um conhecimento vasto acerca da classificação, história natural, comportamento, biologia e utilização dos recursos naturais da região onde vivem.

A atividade pesqueira artesanal é amplamente desenvolvida por diferentes gerações, nas duas comunidades estudadas. Em Siribinha, embora muito habitantes já disponham de outro tipo de renda, como pequenos comércios ou empregos sazonais decorrentes do turismo, a pesca ainda é a principal fonte de remuneração. O mesmo se pode afirmar de Bom Jesus dos Passos, que, apesar da proximidade com os municípios de Madre de Deus, Candeias e São Francisco do Conde, onde estão localizadas algumas das principais indústrias da Região Metropolitana de Salvador, para onde se deslocam muitos moradores em busca de trabalho, a pesca ainda funciona como principal fonte de sustento.

Seguindo os critérios metodológicos, foram escolhidas duas comunidades pesqueiras que satisfizessem as necessidades deste estudo. Dentre as principais exigências, destacam-se a

constatação de semelhanças geográficas, geológicas e ambientais, realização de atividade de pesca artesanal, por informantes de ambos os sexos e o grau de dificuldade de acesso.

2.1 SIRIBINHA

Na Região Norte do Estado da Bahia, onde está inserido o município de Conde e o povoado de Siribinha, as atividades de pesca do tipo artesanal sobressaem-se pelo fornecimento significativo de recursos pesqueiros, baseados em duas atividades distintas: a pesca e a mariscagem (coleta de mariscos).

De acordo com a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (2009), o Conde faz parte da Região Econômica do Litoral Norte, da Região Administrativa de Alagoinhas e da Microrregião Homogênea de Entre Rios. Também se insere na região denominada Costa dos Coqueiros pela Bahiaturisa. Faz limites ao Norte com Jandaíra, a Oeste com Rio Real, ao Sul com Esplanada e a Leste com Oceano Atlântico.

De acordo com dados do IBGE (2009), sua população está estimada em 23.166 habitantes, e a área da unidade territorial, em 951 quilômetros quadrados. Atualmente, fazem parte do município as comunidades de Sítio do Conde e Vila do Conde, e os vilarejos de Barra do Itariri, Poças e Siribinha.

O município está situado na Linha Verde a 208 km ao norte de Salvador, teve origem em 1621, com a chegada dos jesuítas, que receberam por sesmarias e por concessão de Garcia D'Ávila, terras na região, as quais lhes foram definitivamente doadas, em testamento, no ano de 1650. Verificou-se então, a aproximação de indígenas de tribos vizinhas, já domesticados, que passaram a viver sob a orientação dos padres. No governo de Mem de Sá, os padres jesuítas, chefiados por Luís da Grã, chegaram em missão de catequese, ministrando os ensinamentos da doutrina cristã e “pacificando” os índios, principalmente os Tupinambás. Atraídos pela exuberante fertilidade das terras, fixaram-se na região diversos colonos portugueses que, utilizando o elemento negro, se dedicaram às culturas da cana-de-açúcar e do fumo e à criação de gado, edificando em vários pontos engenhos de açúcar, tendo sido auxiliados pelos índios.

A aldeia dos índios tupinambás, mais tarde, com a colonização, foi transformada em povoado, recebendo a denominação de Itapicuru de Baixo. Em 1702, foi o povoado elevado à categoria de freguesia com a denominação de Nossa Senhora do Monte de Itapicuru da Praia. Em 17 de dezembro de 1806, foi, a requerimento do povo, elevada à categoria de vila pelo Ouvidor Navarro, com a denominação de Vila do Conde, sede do município de igual nome,

nessa mesma data criado, em cumprimento das ordens do Conde dos Arcos de cujo título lhe veio a denominação. Ainda em 1806, foi criada a Vila de Nossa Senhora do Conde do Itapicuru da Praia, e, em 1912, a sede do município foi transferida para o arraial de Esplanada. Somente em 1935, o povoado de Conde foi elevado à condição de cidade, através de um Decreto de Lei Estadual. Houve a inclusão dos termos “Nova do Conde” ao nome da Vila. Com o passar do tempo, adotou-se, por tradição oral e redução de palavras, apenas o termo “Conde”. Elevado novamente à categoria município com a denominação de Conde, pelo decreto estadual nº 9662, de 10 de agosto de 1935, desmembrando-o de Esplanada, com sede no antigo distrito de Conde, tendo sido constituído do distrito sede, reinstalado em 30 de agosto de 1935. Em divisão territorial, em 1960, o município é constituído do distrito sede, assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.

O desenvolvimento de algumas atividades econômicas, sobretudo a turística a partir da implantação da Linha Verde, gerou um crescimento urbano desordenado. As principais atividades econômicas do município são o cultivo do coco, a agricultura familiar, a pesca e a pecuária extensiva. O turismo surgiu como mais uma vertente na economia diversificada local.

O município do Conde possui o maior manguezal da Área de Proteção Ambiental (APA) (no rio Itapicuru), um imenso conjunto de áreas úmidas comumente chamado de “pantanal do Litoral Norte da Bahia” e restingas. De acordo com a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (1998), comporta ainda um sambaqui, sítio arqueológico na localidade de Rio das Ostras, que vem sendo estudado por equipes da Universidade Federal da Bahia.

A Bacia Hidrográfica do rio Itapicuru é a mais importante e extensa do Litoral Norte da Bahia. Encontra-se totalmente inserida no estado da Bahia, sendo que 24 municípios estão totalmente, e 31 parcialmente inseridos na sua área. Sua foz está localizada no povoado pesqueiro de Siribinha. O rio Itapicuru apresenta um extenso manguezal, onde se pescam peixes, crustáceos e moluscos.

Siribinha é um dos principais povoados pesqueiros do Conde, situado a 13 km ao Norte do município, composto por cerca de 400 habitantes, que vivem basicamente da pesca e também do turismo que vem crescendo na região. O povoado é assentado à margem do rio, onde habitam os pescadores e suas famílias, além de alguns donos de pousadas, a maioria pertencentes aos próprios nativos. Não há asfalto ou paralelepípedos, apenas estrada de chão, areia e barro. A região possui um extenso manguezal que vai do rio Itapicuru até a foz. Do outro lado do rio se tem acesso ao Cajueirinho e ao Cavalo Russo, braços do rio, cercados de dunas e vegetações costeiras. No mangue encontram-se as diversas espécies de crustáceos e

mariscos que, juntamente com as atividades pesqueiras e turísticas, fornecem o sustento da região.



Figura 1: mapa do município de Conde, Bahia.

Com a construção da Linha Verde e principalmente da estrada de rodagem (ambas em 1992) foi possível um maior acesso a Poças e Siribinha, já que antes só se conseguia chegar a essas comunidades pelo rio, o que causou um significativo isolamento dessas regiões, permitindo a preservação de algumas características das atividades desenvolvidas nos vilarejos, como a pesca artesanal e o turismo local, além de conservar peculiaridades linguísticas, principalmente da atividade pesqueira. Essas construções prepararam a região não só para a chegada de veranistas e visitantes de municípios próximos, mas também para o turismo internacional. Além disso, a chegada da televisão, ainda em 1992, trouxe para os moradores de Siribinha novas informações que influenciaram nos seus costumes e comportamentos.

Por ser a região considerada Área de Proteção Ambiental, são proibidas novas construções ou grandes reformas em toda a extensão litorânea, o que preserva ainda mais as belezas naturais e os traços culturais de Siribinha. Além disso, os pescadores estão se organizando para criar uma reserva extrativista marinha, para impedir que barcos maiores prejudiquem a pesca no local, já que a pesca realizada por embarcações maiores de outras comunidades mata uma grande quantidade de peixes pequenos, diminuindo consideravelmente a quantidade do pescado.

O trabalho de pesca é realizado pelos homens e mulheres, em pequenos barcos artesanais construídos pelos próprios pescadores, que costumam pescar ao longo do rio, até a “boca da barra”, utilizando como instrumentos tarrafa, rede ou covo, entre outros. Pescam também na praia, principalmente no verão, onde costumam trabalhar em dupla, jogando a

rede pela madrugada e voltando à tardinha para buscar, de acordo com o movimento das marés. Em tempos de inverno, porém, só os pescadores mais velhos e mais experientes se aventuram no mar, pois, como não há elementos rochosos que amenizem a força do vento das águas nessa época, e o tamanho e a estrutura dos barcos não permitem uma maior segurança, a atividade de pesca no mar acaba sendo muito difícil, só sendo possível a lida no rio.

Os barcos, confeccionados pelos próprios pescadores, são deslocados para o mar, ou atracados após a pesca, através de um “giro”, em que um dos pescadores senta numa ponta, enquanto o outro, na outra ponta, gira o barco, para cima ou para baixo. Em seguida, o outro pescador, em revezamento, faz o movimento contrário. Costumam ficar dispostos na praia, sem que seja necessário serem amarrados ou presos. No rio, alguns são amarrados em varas ou estacas de madeira, que eles chamam mais frequentemente de “amarração”. No inverno, dificilmente se pesca no mar, por causa do vento forte e da força da maré, sendo o rio o principal local para a pesca.

A pesca entre as mulheres é comum no rio e foz, não havendo, praticamente, marisqueiras que se aventurem no mar, apesar de terem sido encontradas duas informantes que disseram já terem se aventurado, embora não seja uma atividade comum nem faça parte de suas rotinas. Elas contam que é preciso ter muita coragem, além de saber nadar para enfrentar o mar aberto. A elas cabe o trabalho de mariscagem no rio e mangue, que oferece desde caranguejos e aratus a mariscos de conchas, além de siris e camarões. Costumam atravessar o rio em grupos de seis a oito pessoas, em barcos a remo, ou nas lanchas a motor, em busca de mangues para mariscarem aratus.

Os principais tipos de mariscos característicos na região, mencionados pelos informantes, além do aratu, caranguejo e siri, é a **almofada**, marisco pequeno, menor que o aratu, que apresenta pintinhas brancas na sua superfície. Não é comestível, e, assim como o gajé, serve de isca para a captura do aratu, caranguejo e siri.

Em Siribinha, os informantes distinguiram o siri que vive no rio do siri que vive no mar. Os primeiros se escondem na lama do mangue, as **camas**; são chamados de **siri do mangue**. Os do mar apresentam o casco pintado e amarelado, chamados apenas de **siri**, conforme descrições dadas pela maioria dos informantes:

*O siri do mar... tem os pintadinho, e já outros maiores no... lá fora. (chama como?) Siri mesmo, normal. (qual a diferença do siri do rio pro do mar?) Porque o do mar ele é amarelinho e... todo pintadinho o casco, e o do rio não. (INF. F1-S)
O do mar é pintadinho, branquinho, cheio de pintinha assim... (INF. F4-S)*

No mar tem outro que ele é... todo pintadinho. Não tem nome não. É siri mermo. (INF. M1-S)

Outra característica do siri do mangue é o lugar onde se escondem ou dormem, chamado de **cama** pela maioria dos informantes, não dicionarizada com o esse mesmo sentido.

*O siri do mangue ele fica mais em **cama**, e aparece mais quando essa água tá suja. Porque assim... tem a lama, aí ele, no buraco, no lugar que você pisou aí fica um buraco, aí ele vai lá e fica, faz uma **cama**... tipo uma casinha pra ele... e fica lá, e às veze, quando a gente vai pescar aratu consegue pegar, porque eles não tem buraco fundo... ele fica num buraco... raso. E os outros não, os outros fica mais no rio. (INF. F1-S)*

*Esse aí é... siri-do-mangue. (...) A gente costuma falá que eles tão de **cama**. O buraco dele não é tao fundo. Ele cava aquele buraco, ou então ele já pega um buraco veio, alguém chegô ali e tirou um caranguejo dum buraco, aí o buraco fica lá, fica sem... sem... nenhum outro caranguejo tá usano. Aí ele pega aquele buraco que tá cavado, chega ali, entra, e fica ali, descansando. Aí chama siri de **cama**... aí... cê vai lá, a maré seca aí ele tá lá dentro. Aí tira. (INF. M2-S)*

No que se refere ao material usado para tecer as redes, alguns informantes, mais velhos, mencionaram o **ticum**, variante fonética de **tucum**, que é uma espécie de cipó usado antigamente para tecer as redes de pesca.

*(antigamente, a rede) fazia de **tucum**. Não (fiava) mas minha mãe fiava muntcho. Aí fiava aquele **tucum**, já pra outros pessoal, aí mandava minha mãe fiá, pra fazer aquela linha. Aí tecia a tarrafa. Eles pagavam pra ela tecer, né? Fiar aquela linha. Hoje em dia, eu acho que nem conhece mais. (INF. F5-S)*

Não há uma denominação para quem decide o lugar onde se vai pescar, tanto entre os pescadores como entre as marisqueiras. Registram-se descrições ou respostas genéricas, principalmente entre as marisqueiras, que não forneceram forma lexical.

Pra quem pesca no mar... é o lugar que eles escolhe pra pescar, eles solta o... o ferro... e começa a soltar a rede. (INF. F1-S)

A gente não sabe que tem (pescado ou marisco). Quando chega lá, a gente vai aventurá. Nem sempre acha. Se tivé de aproveitá, aproveita o máximo naquele dia, que quando for no outro dia, não tem. (INF. F2-S)

Que bota no lugá certo, e às vez num bota no lugá certo. (...) às vez tem muito peixe... uma que chama sororoca, aí fica pulando, aí eles: 'tem mutia sororoca! Nós vamo botá naquele lugá que elas tá pulando'... 'Eta! Eu acertei no lugá bom!'. (INF. F6-S)

Não se obteve uma resposta única que fornecesse uma lexia ou uma expressão para quem fica na proa, e sim descrições, principalmente entre as marisqueiras:

Os dois. Pra quem pesca na embarcação de nós, marisqueiras, todo mundo, cada um decide onde é que vai ficar. (INF. F1-S)

Quem joga a tarrafa vai no bico, mas... muitas veze muda, viu?(INF. F2-S)

O melhor, que vai na trás diz que é o melhor que vai, né? Quem vai atrás é quem controla o barco. (INF. F3-S)

Quando a gente vai pescá... é quem quisé. (INF. F4-S)

Quem decide é o mais velho, é quem governa. (INF. F5-S)

Quem vai na proa. É... quando é que vai botá a pescaria. (INF. F6-S)

Em comunidades pesqueiras, é comum a devoção aos santos que protegem as marés e os pescadores, além de rituais festivos, como em Siribinha, que é um lugar bastante religioso, tendo fiéis tanto católicos, em sua maioria, quanto protestantes. Em janeiro acontece a festa de Bom Jesus dos Navegantes, em homenagem a Nossa Senhora dos Navegantes, realizada na igreja católica, que fica no centro do povoado.

O crescimento do turismo tem agradado a muitos, embora haja muitas reclamações dos moradores e pescadores. Alguns acreditam que as condições de vida tenham melhorado desde a construção da Linha Verde e da estrada de rodagem, causando repercussão direta nas atividades turísticas, antes rarefeitas. Muitas casas foram vendidas e transformadas em pousadas, outras, passaram a ser usadas como casas de veraneio. Isso trouxe emprego para muitos moradores, como carpintaria, jardinagem, serviços domésticos e caseiros de muitos imóveis, além de serviços nos bares e cozinhas das pousadas. O crescimento do número das casas de praia ensejou a oferta de emprego doméstico para as esposas e filhas dos moradores, e, durante a baixa estação, quando as casas ficavam fechadas, possibilitou o surgimento de outra ocupação, a do caseiro que é remunerado para cuidar do imóvel durante a ausência dos proprietários.

Porém, o movimento mais intenso ocorre no verão, e, no restante do ano, há um ritmo bastante diminuído, o que leva a população a uma oscilação de condições de sobrevivência. É muito comum a mudança de preços dos imóveis, das diárias nas pousadas e das refeições nos bares, além do preço do pescado. Além disso, a especulação imobiliária leva muitos moradores a venderem suas casas e seus terrenos, geralmente por não conseguirem mais se manter economicamente no povoado.

De dezembro a fevereiro a população sofre um aumento considerável, causado pela chegada dos veranistas e turistas, causando um alto impacto na realidade local, seja econômico, pois acarreta maior renda para os pescadores, marisqueiras e donos de bares e pousadas, seja ecológico, pois acaba exercendo uma pressão considerável sobre os sistemas socioambientais do vilarejo e do município. No inverno, principalmente entre os meses de maio e setembro, além da dificuldade de captura do pescado, há uma diminuição nas vendas.

Nessa época, muitos pescadores tentam vender seus mariscos na feira do Conde, aos sábados, a preços muito abaixo do que oferecem no verão. Muitas vezes, acabam por realizar troca de mercadorias com outros pescadores ou feirantes que vêm de regiões próximas para vender seus produtos, como carne, temperos, frutas e verduras.

No manguezal localizado em Siribinha pesca-se principalmente o aratu (de covo e de assovio) e o caranguejo (de braceamento), mas a zona de maior exploração e comercialização de produtos do manguezal é Poças. Também se pesca o gaiamun, principalmente na época de lua cheia. Em toda a região denomina-se o gaiamun de caranguejo, o qual é preferencialmente pescado por crianças. O caranguejo-uçá, ou o caranguejo do mangue (*U. cordatus*) é denominado caranguejo-sal.

Na localidade não há uma tradição de pesca no manguezal, sendo que, atualmente, pescam-se mais o siri e o aratu para fazer o “quebrado” (catado). Não há a pesca representativa de ostra, amoreia nem chumbinho (*A. brasiliiana*). A retirada do caranguejo também é rara e relatada como atividade do “pessoal de Poças”. O aratu não é normalmente pescado com o covo, e sim com a “técnica do assovio”, que consiste em atrair o marisco com ruídos produzidos, tais como assovios, cantigas ou batidas nas latas e nos galhos:

Leva vara... e é uma isca amarrada na vara... e quando chega lá sobe no coisa aí... fica cantando, batendo, aí depois para... aí eles vem. Joga a isca, amarrada na linha, aí eles pegam. Joga dentro dos vaso (INF. F4-S).

Pescá o aratu... ali leva uma vara, leva uma lata... bate, assim, assuveia... aí chama... começa a chamá eles, aí a gente pega e vai botando na vasilha (INF. F6-S).

Grande parte da população nativa é composta por pescadores artesanais, e a pesca mais representativa é a de peixe. Com os problemas para a compra de paus de jangada, os pescadores passaram a usar catraias e barquinhos feitos com três tábuas semelhantes a canoas. A pesca foi direcionada mais para o rio do que para o mar, e com a utilização principalmente de redes de espera. A catraia não é ideal para o mar de Siribinha porque enche de água e o pescador tem que voltar logo à terra.

No rio, pesca-se principalmente com a tarrafa e rede de espera. O peixe normalmente é vendido na feira do Conde ou a intermediários que chegam de outras localidades, sendo a venda para o intermediário sempre realizada a preços mais baixos.

Os principais problemas para a pesca no local são: conflitos com os barcos de Poças e outros locais por cortarem as redes durante a navegação para Poças; redução do estoque de pescado e dependência de intermediários; limitação da atividade pesqueira praticamente à pesca com a utilização de redes de espera.

Com relação à área semântica “Aspectos hidrográficos“, as questões sobre “um monte de terra que aparece no rio” e “o encontro do rio com o mar” só foram respondidas pelos informantes de Siribinha. Para a primeira, a resposta foi **coroa**. Para a segunda, as respostas foram **boca da barra**, **virá (virar) da barra** e **foz**, sendo **boca da barra** a forma mais frequente.

Barra foi utilizada por apenas um informante.

Virá da barra... encontrá o rio com o mar. A boca da barra (INF. F6-S).

Foz ocorreu com menor frequência entre os informantes.

Foz. Aqui chama de boca da barra (INF. M2-S).

A vegetação, devido às diferenças geográficas e botânicas das comunidades, não permitiu a comparação entre as comunidades. Para a vegetação próxima ao mar ocorreram as formas lexicais **salsa/ sarça**, **capim**, **capim-da-praia**, **gajiru** e **feijão-da-praia**.

Uma prantação que tem tipo uma corda? Salsa (INF. M6-S).

Gajiru... ele é assim, ói, redondinho, assim, roxo... os fruto que é redondinho, assim... (INF. F3-S).

Gajiru, que é uma pranta que nasce assim perto nas praia... (INF. F4-S).

Gajiru é uns pésão que pega dá umas frutinha assim, que a gente chupa (INF. F6-S).

Cauda é uma planta comum em Siribinha, conforme explica um dos pescadores:

Cauda é aquele que tem aqueles espeto. Que essa semana tava tão bonitinho... eu fui andá mais minha irmã, tinha um bocado lá longe... (INF. F6-S)

Para a vegetação próxima ao rio, aplicada apenas em Siribinha, as respostas relacionadas ao mangue e às suas espécies encontradas na região foram: **mangue vermelho**, **mangue-manso**, **mangue-de-botão**, **mangue-doce**, **mangue-de-siriba** e **siribeira**.

Vermeio. Esse daí mero é o mangue vermeio. Que bota essas raiz assim é o mangue vermeio (INF. F5-S).

Mangue vermelho, que é o que bota os cachimbo (INF. M3-S).

Esse aqui é o... esse é o vermelho. É é aquele que é cheio de raiz (INF. F1-S).

É o mangue mermo que chama Siriba. Que é diferente dos outos pé de mangue. A diferença é que ele é comprido... (INF. F5-S).

Siribeira. É outro tipo de planta. Ela não embasta assim, que nem o mangue (INF. M4-S).

Tem o mangue manso, tem a Siriba e o mangue vermelho. A Siriba é comprida, a folha (INF. M6-S).

Mangue-de-botão que é uma sementezinha bem pequena. (INF. M3-S)

*O mangue manso ele é comprido assim, ele é cinzento. (as folhas) São cinzentas. (...)
O mangue manso... é cinzento. (INF. F3-S)*

Mangue manso, que não tem semente nenhuma (INF. M3-S).

No que se refere a lendas da região, os informantes descreveram uma figura supersticiosa, que vive no mangue ou no rio, chamada de **caipora**.

Segundo os dicionários, **caipora** significa *entidade fantástica da mitologia tupi, muito difundida na crença popular, talvez derivada da crença no curupira, do qual seria uma variante, e que é associada às matas e florestas e aos animais de caça, dele se dizendo que aterroriza as pessoas e é capaz de trazer má sorte e mesmo causar a morte*. Esta acepção não apresenta o mesmo sentido utilizado pelos informantes, que acreditam ser esta entidade uma espécie de espírito que zomba ou brinca com os pescadores, se disfarça de alguém conhecido ou simplesmente chama o indivíduo pelo nome, fazendo-o perder-se no meio do mangue ou enquanto rema nas águas do rio.

Nenhum pescador ou marisqueira afirmou ver alguma entidade, embora possa ouvir pessoas conhecidas chamarem seus nomes. O indivíduo, na verdade, perde a noção do tempo e de espaço, tendo a impressão de estar perdido por horas, mas pode levar apenas alguns minutos sem saber onde está, ou ainda estar muito perto de outras pessoas e acreditar estar sozinho. Para se livrar do efeito da **caipora**, é necessário que se desvire uma peça de roupa, para que o encantamento desapareça.

*Eu me lembro assim, que... o pessoal fala que... às vezes quando tava pescando no mangue aí... às veze, de repente tava num lugar e pensava que você tava seguindo pum lugar... lugar certo e... não tava e... as pessoa começava a chamar pra sair de den'do mangue e, de hoje que você anda, anda, anda... e... nada de você conseguir sair. É... dizia que era a **caipora** que enganava... (risos). Dizia que a **caipora** enganava, e que é... virar as roupas às avessa... aí conseguia chegar no lugar que queria... aí desvirava (INF. F1-S).*

Veza gente se perdeu... a gente foi pescá lá no Góes... aí quando a gente chegou lá nós pescou, pescou, pescou, aí quando... nós chegemo... longe, aí, ...um bora vortá, ... aí nós foi vortá. Aí quem disse que a gente vortou?cheguemo num lugá assim pareceno um porto, e tinha uma... uns cóvo, assim... que o povo deixa lá dend'do mangue. Aí nós caminhou, caminhou, caminhou,... achando que nós tava caminhano pá den'do rio, aí nós tava caminhano pa den'do mangue, mais. E a outa tava... era três. Duas tava errada, e uma tava certa. A que tava certa chegava ... (risos) chegava a chorá pra gente num ir... (risos) e a gente entrano pá den'do mange, e ela não é pra lá não, mas só que a gente não se confiava mais, achava que ela tava... que quem tava mentindo era ela, e ela dizendo que a gente é que tava mentindo... e a gente andemo, andemo, andemo que cansemo. Quando a gente viu mermo que tava trapaçada (risos) ... aí era longe, aí um bora vortá... vortemo. Aí lá

*vem nós. Aí quando chegou longe, aí pronto, paremo. Aí a outra começou querendo chorá também, a que tava certa já queria chorá... aí eu, já me dava vontade de dá uns grito... aí, não, não... vamo gritá não. Bora tirá a roupa. Aí... que tem isso, quando a pessoa se perde, a gente tira a roupa. Aí tirou a roupa... só tiremo a brusa... tiremo a brusa, aí botemo pelos avesso. Quando nós caminhemo, num tava nem vinte ba ... é... vinte metro do lugar que a gente tava (risos)... nós chega tava cansada de tanto andá percurando esse caminho... de tanta pisada da gente por cima do caminho mermo, e sem apressá aonde era. Inté quando a gente chego no rio, que peguemo o barco, ainda tava assim, o... jeito ainda tava assim diferente o rio... tava um jeito de estranho... nós cheguemo em casa nesse dia de tarde... bem de, tarde mermo. (...) o povo fica falano que é a **caipora**... que a **caipora** enganô (INF. F4-S).*

Os pescadores não mencionaram o porquê do surgimento da **caipora**, se para distraí-los com alguma intenção de proteger os mangues, ou apenas para zombar dos visitantes.

2.2 A ILHA DE BOM JESUS DOS PASSOS

A Baía de Todos os Santos, por seu valor histórico, tem considerável importância para a história da criação de Salvador, ainda em épocas de descobrimento.

Primeiro contato dos descobridores portugueses com as terras da atual cidade do Salvador ocorreu quando da viagem da nau que levou ao Reino a boa nova do descobrimento (...) A 1º de novembro de 1501, encontrou uma baía ampla, cheia de ilhas e muitos habitantes, à qual, sob inspiração da própria data, dera o nome de “Baía de Todos os Santos” (IBGE, 2009)¹⁵.

E assim seguiu com certo prestígio e importância, em vista da sua localidade e visibilidade do Oceano Atlântico. Mais tarde, o soberano português resolveu criar um Governo Geral com jurisdição sobre todo o território. Coube a instalação do Governo da colônia a Tomé de Sousa, que deixou Lisboa a 1º de fevereiro de 1549, com pessoas de serviço, degredados e colonos missionários, artífices, funcionários e soldados. No Regimento que entregara a Tomé de Sousa, dizia D. João III:

A Baía de Todos os Santos é o lugar mais conveniente da costa do Brasil para se poder fazer a dita povoação e assento, assim pela disposição do ponto e rios que nela entram, como pela bondade e abundância e a saúde da terra e por outros respeito, hei por meu serviço que na dita baía se faça a dita povoação e assento. (IBGE, 2009)¹⁶.

A Baía de Todos os Santos possui uma costa com enseadas, e apresenta significativas baixadas litorâneas desenvolvidas no seu entorno. De acordo com Diegues (*apud* CAMPOS, 2007), os principais ecossistemas da região são manguezais, complexos insulares, rios, baías,

¹⁵ Trecho extraído do site IBGE cidades: histórico de Salvador, Bahia (ver referências).

¹⁶ *Ibidem* 1.

restingas e remanescentes de Mata Atlântica. É considerada como a segunda maior baía costeira do país, e sua diversidade de ecossistemas e condições geológicas e geofísicas são favoráveis ao desenvolvimento das pescarias de pequena escala ou artesanais. Possui uma rara beleza e potencial turístico, com uma costa apresentando grande diversidade de ecossistemas, extensas áreas de manguezais, ricas fauna e flora, recifes de corais, praias de areias com águas calmas e rasas. Quase cem ilhas de diferentes tamanhos são encontradas na Baía de Todos os Santos, a maioria concentrada em sua parte norte.

Com área de 1.052 km² e cerca de 184 km de extensão costeira, a Baía de Todos os Santos tem grande importância econômica e histórica e inclui grande parte da Região Metropolitana de Salvador (RMS), com grande concentração demográfica e industrial, comportando o Centro Industrial de Aratu, o Complexo Petroquímico de Camaçari, unidades da Petrobrás e um complexo portuário. Comporta internamente três outras baías, sendo uma delas a baía de Aratu, situada na parte nordeste, com acesso através do canal de Cotegipe, o qual, apesar de possuir uma barra bastante estreita, é relativamente profundo, permitindo a passagem de navios de grande escala.

Situada na Baía de Todos os Santos, pertencente ao município de Salvador, a ilha de Bom Jesus dos Passos destaca-se principalmente por sua forte religiosidade e por suas atividades pesqueiras. Em meio a manguezais e floresta densa, entre as ilhas de Madre de Deus e dos Frades, apresenta um cenário exuberante tendo, ao fundo, a Igreja de Bom Jesus dos Passos. O mar, azul e de águas calmas, é ideal para pesca e para a prática de esportes náuticos.

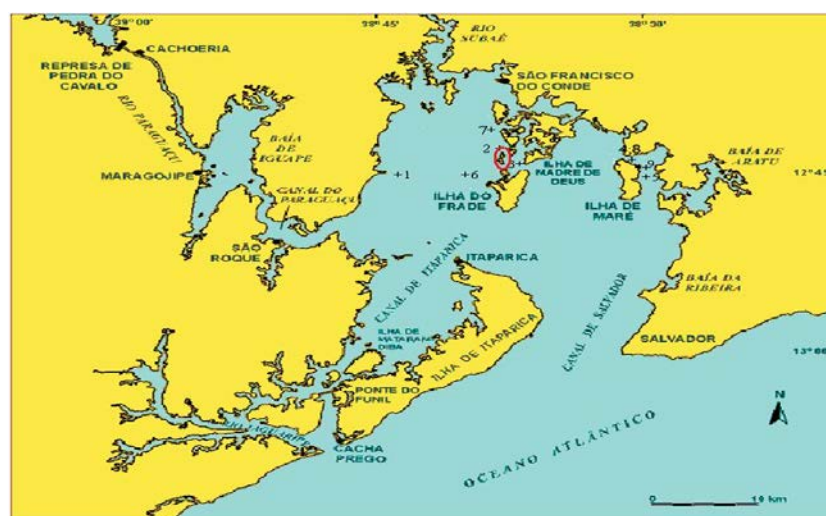


Figura 2: Mapa da Baía de Todos os Santos

Sendo uma das menores e mais populosas entre as ilhas da Baía de Todos os Santos, a sua população, originalmente formada por descendentes de portugueses, hoje vive da pequena agricultura familiar, da pesca (peixes e mariscos) e muitos, devido à proximidade, vão trabalhar nas cidades de Madre de Deus e de Candeias.

A ilha de Bom Jesus dos Passos tem considerável importância para a história da criação de Salvador, ainda em épocas de descobrimento, devido ao seu valor histórico.

Bom Jesus dos Passos era chamada de “Pataíba Assu”, como descreve uma moradora da região, A.¹⁷: “*Pataíba Assu. É, palmeira grande. É, tem uma na frente da igreja, né? Que eu plantei*”.

De acordo com relatos de A., a ilha foi habitada por índios tupinambás, e foi também alvo de ataques de holandeses em 1624, tendo muitos desses lá se estabelecido (cf. conversas entre inquiridora e moradora de Bom Jesus dos Passos).

Bom Jesus foi praticamente descoberto junto com o Brasil... porque nós estamos pertinho de Salvador, e... era uma ilha, pequena, habitada pelos índios tupinambás. Daí, apareceram os portugueses que ficaram catequizando... veio muito padre, jesuítas, pra'qui. (...) Também sofremos a invasão holandesa, em 1624, os holandeses se apoderaram daqui. Então, antigamente, as pessoas aqui eram olhos azuis, ou verdes... e... eram pessoas de pele bem fina, branca. Tem muita descendência deles ainda, dos portugueses, e alguns escravos que eles também trouxeram. Depois, deve ter infiltrado muita gente, pra lavoura, porque Bom Jesus era uma fazenda. Não era uma ilha, como é hoje, nem há cinquenta anos atrás. Tinha poucas pessoas morando. Se vivia muito da pesca, porque a ilha era pesca.

Posteriormente, a ilha pertenceu a duas irmãs, Rosa Maria dos Santos Passos e Margarida Teles, que dividiram a posse da ilha em duas partes. Dona Rosa ampliou uma capela que já existia, e por não ter se casado nem ter tido filhos, deixou suas terras para a igreja, ficando a outra metade pertencente hoje à União. Passou a se chamar Bom Jesus dos Santos Passos em devoção ao santo de mesmo nome, e, em homenagem à dona Maria Rosa dos Santos Passos, pela sua dedicação à igreja e à ilha.

(A ilha chamava-se) São João do Rego, que era donatário, e colocou o nome dele aqui. Depois o tempo passou, eu não sei se ele não teve condições de prosperar, então, no final, ficou Ilha de Bom Jesus dos Santos Passos, porque a proprietária que pegou, tinha devoção com Senhor dos Passos. Eram duas proprietárias: a metade da ilha pertencia a dona Rosa Maria dos Santos Passos, e a outra, era chamada Margarida Teles. (...) A parte de lá, da colônia, era a parte de dona Margarida, e a parte maior era de dona Rosa, que ficou aqui, quando já tinha uma capela pequeninha. Ela aumentou a capela, e a nossa devoção a Bom Jesus dos Passos é até hoje. Nós devemos devoção a ele. Isso no ano de 1761. (...) Depois, ela... saiu ou morreu, aí ninguém sabe o final das duas. Sabe-se que ela doou a

¹⁷ A. tem 68 anos e é nativa da ilha de Bom Jesus dos Passos. Através de conversas informais com antigos moradores e de pesquisas nos livros da igreja, ela e seu irmão, I., também nativo, vêm reunindo informações históricas e culturais da ilha e pretendem, futuramente, escrever um livro sobre a região.

parte dela pra igreja, que ela ainda é dona, se você quiser fazer uma casa aqui você tem que pagar o laudêmio à irmandade. E a outra parte, dona Margarida, que era a irmã dela, que ficava lá com Padre Antonio, não doou a ninguém. Deixou aí. O domínio da União é o dono agora da parte lá do fundo (cf. relato da moradora A.).

A ilha, porém, já sofreu, durante muito tempo, a falta de água e luz. Mesmo com paisagens paradisíacas, um dia de sol nem sempre representava alegria para moradores e turistas, atraídos pela beleza do mar local. A falta de chuva era um problema, pois não era possível encher os reservatórios improvisados pelos nativos, o que deixava a comunidade em situação precária. Hoje a situação melhorou, devido a obras de saneamento básico e instalações de redes elétricas.

A atividade de pesca desenvolvida em Bom Jesus dos Passos é artesanal, realizada por homens e mulheres, e consiste numa importante fonte de alimentação e capital, seja como uma alternativa de emprego ou complementação de renda. É uma atividade que envolve grande parcela da população, principalmente a de baixa renda. No entanto, devido à complexidade da realidade pesqueira e da comunidade local, não se sabe quantos pescadores e marisqueiras a exercem. Há, na colônia de pesca Z-03, mais de 400 pescadores registrados, embora haja, pelo menos, um número bem maior exercendo a atividade sem o registro.

A pesca é realizada principalmente pelos homens, que utilizam embarcações e diversos apetrechos de pesca para a captura de peixes, lagostas e camarões. A mariscagem é exercida principalmente pelas mulheres e crianças, nas praias, coroas e manguezais, para a extração de moluscos e crustáceos. É realizado também o mergulho, praticado para a captura de moluscos, lagostas ou para a caça de peixes.

Estas modalidades de pesca são passadas de geração a geração, amplamente difundidas não apenas na ilha de Bom Jesus dos Passos, mas em toda a Baía de Todos os Santos, uma vez que a profissão passa de pai para filho e de mãe para filha, seja no manejo diário das famílias, seja no grupo de vizinhança da pesca artesanal ou de pequena escala.

A população pesqueira atua nas águas da região ou em comunidades vizinhas. Os pescadores costumam se deslocar para outros municípios da Baía de Todos os Santos, a depender do tipo de instrumento utilizado e da capacidade de deslocamento da embarcação, podendo, inclusive, ocorrer sobreposição das áreas de pesca entre os pescadores de diferentes comunidades situadas nos arredores da ilha.

Os pescadores e marisqueiras de Bom Jesus dos Passos demonstraram largo conhecimento do ambiente e das condições ambientais, além de deterem conhecimento do impacto da pesca no ecossistema, percebendo seu papel como agentes modificadores. Consideram que a diminuição dos pescados esteja relacionada à poluição das águas, causada

pelos esgotos e dejetos despejados pelas indústrias instaladas na região, e pela pesca com explosivos.

A pesca, principal atividade econômica da ilha, é realizada por homens, nas águas da baía, em dupla ou em trio, em pequenos barcos motorizados, as **catraias**.

A gente pesca assim... fica duas pessoa na popa, no lugá que governa... pra arriá a groseira... A gente deixa no motor, in na.. a gente vai... arreia no motor. Aí vai todos dois iscano, e largano a groseira. Iscano, e largano, iscano e largano. Na hora que termina assim, a gente pega arreia a poita, até amanhecê, a gente vai, dorme, na hora que amanhece a gente vai, puxa. Pelo meno só uma pessoa só que puxa. E outro remano. (Isso de groseira. E com as redes?) Com a rede até uma pessoa mermo vai. Arreia... até uma pessoa mermo arreia uma groseira. Ou! A rede!... (INF. F2-B).

As mulheres pescam diversos mariscos como **salambitinga**, **papa-fumo** e **sambá** nas **coroas** dos mangues que ficam próximas à ilha, e siris, com **facho** de lanterna. Geralmente, pegam carona nos barcos dos homens, em pequenos grupos de seis a oito marisqueiras até as coroas.

Outras características inerentes à pesca em Bom Jesus dos passos, mencionada pelos informantes, dizem respeito a modalidades de pesca como **fachear**, **cravar de sol**, e instrumentos como **boia**, **groseira**, **bicheiro**, **linha grossa**, **lixeiro** e **denço**.

Fachear é um tipo de pesca realizada com o uso de lanterna ou candeieiro em noites de escuro, geralmente para pescar siris. Está relacionado com o sentido genérico de **facho** que, de acordo com os dicionários, consiste *em tudo o que emite luz, clarão; luzeiro, farol, lanterna, etc.*

(o siri) Pega de noite, fachando, de noite... com um repixéu... de noite eles (os siris) ficam abestalhado... (INF. F3-B)

Cravar de sol consiste em lançar a rede à tarde, a depender do movimento das marés, deixar a rede no mar, e retornar para suspendê-la quando o sol estiver se pondo:

*Porque tudo é Rede de fundo, também, que arreia de dia. Deixa lá, no mar, vem pra casa, aí, tem pessoas que faz aqui cravar de sol, né? A gente chama **cravado de sol**. **Cravado de sol** a gente arreia a rede perto do sol cravar, de tardezinha. Deixa um tempinho, depois puxa (INF. F3-B).*

***Boia** a gente... uma **boia** assim, cheia de nylon, e um anzol, e uma chumbada. Aí a gente arreia o bocado. Também, nesse nylon só tem um anzol só. A gente isca, joga, depois joga a chumbada. A gente vai correndo assim, pra vê qual que tá com isca, qual que não tá (INF. M2-B).*

Groseira é um instrumento de pesca composto por uma corda maior, com várias cordas menores, e em cada uma delas um anzol na ponta. Segundo os dicionários, consiste num *aparelho de pesca no qual se empregam até 200 anzóis*. Soares *et al* (2009) incluem a

groseira na categoria das linhas. Sinônimo de *espinhel*, constitui-se de uma linha mestra, de 50 a 100 metros de comprimento, com várias linhas com um ou mais anzóis cada, totalizando entre 100 e 200 anzóis, usado na captura de bagre, cação, corvina, paru e principalmente arraias, entre outros tipos de peixes.

Groseira. É um instrumento de duas em duas braça até o anzol. Mil e quinhento, mil, dois mil, quanto queira. (INF. M3-B)

Groseira é um... bocado de anzó... um cordão cheio de anzol. Cada uma duas braça é um cordão que amarra. Aí panha mirim, arrasta com a redinha, rede maia miúda, a gente chega ali e pega. (mirim é a isca?) É, é a isca. Pra pegar o peixe. (E quais são os peixes que vocês mais pegam na groseira aqui?) A gente pega mais arraia. Eu vi de gente aqui pega duzentos, trezentos quilo de arraia. Só ne um dia. (INF. M2-B)

Bicheiro, de acordo com os informantes, é um instrumento de pesca que consiste num pedaço de pau ou vara com um anzol na ponta. Soares *et al* (2009) mencionam a **bicheira**, um tipo de petrecho manual, assim como colher, enxadinha, faca, forquilha, facão, peixeira, foice, estilete, varão, físgas, etc., que permitem a escavação da lama ou areia para a coleta manual de moluscos, todos instrumentos utilizados na mariscagem da pesca tradicional, também conhecida como currupichel.

Linha grossa, segundo os informantes de Bom Jesus dos Passos, é um instrumento de pesca que consiste numa corda fina e um anzol grande. Soares *et al* (2009) apresentam a definição genérica de **linha**, que engloba todas as pescarias, de fundo ou superfície, efetuadas manualmente com linhas de náilon monofilamento de comprimento variável, de acordo com a profundidade e as espécies a serem capturadas. Acrescentam que foram registradas as linhas de mão, que são utilizadas de duas a três delas, por pescador, e as linhas de espera, (com um ou mais anzóis, presa a uma cabaça ou a um pedaço de isopor, sendo que cada pescador pode dispor de várias destas linhas de espera e soltá-las em uma área de pesca).

Linha grossa. Que é diferente da groseira. A linha grossa é apenas um nylon... é bastante nylon numa boia, aí bota uma isca, um anzol só, e deixa lá. Aí chama linha grossa. Aí arreia e deixa o tempo determinado. Pra que o peixe se ferre. Se ferre sozinho (INF. F4-B).

Lixeiro, segundo os informantes, é uma espécie de rede de pesca usada para pescar peixes maiores. **Lixeira**, descrita por Soares *et al* (2009), é uma rede de espera fixa, de malha maior (120 a 140 mm), para peixes grandes, geralmente arraias. Não está dicionarizada com o mesmo sentido utilizado pelos informantes.

Dengo é uma modalidade de pesca descrita como sendo “[...] *dois anzóis e a chumbada. Tem o **dengo** grosso, que é pra peixe maior...* (INF. F6-B)”. Não possui dicionarização com o mesmo sentido utilizado pelos informantes.

Entre os tipos de mariscos descritos pelos os informantes há o **siri predador**, que recebeu essa denominação por ser uma espécie que chegou à região preso ao casco dos barcos da Petrobras, de carapaça dura e carne doce, imprópria para comer. Alimenta-se principalmente dos outros siris da região, e tem causado a diminuição das outras espécies.

Em Bom Jesus dos Passos, as respostas referentes à vegetação consistem nas diversas descrições de **mangue**, relacionadas aos tipos específicos existentes na região. As principais respostas fornecidas pelos informantes foram **mangue branco**, **mangue manso**, **mangue amarelo**, **mangue de botão**, **mangue vermelho** e **saraíba**.

E o mangue branco é chamado de saraíba... (INF. M1-B).

Saraíba são pés grandes... tem uns... tira uma casca dele pra tingir redes, mas hoje em dia nem se faz mais... porque o nylon hoje em dia acabou, né? Isso era quando era... cordão. Que se fazia isso. Aí se fazia que era pra... não perder a rede cedo. Pra conservar. Fervia aquela casca... (INF. M6-B).

Alguns informantes, porém, consideraram a **saraíba** o mesmo que **mangue branco**:

Tem a saraíba, que o pessoal chama de mangue branco. (...) a saraíba, ela é o que o pessoal sobe pra ficá pegando aratu. Que tem as folha pequenininha (INF. F4-B).

Tem mangue vermelho... tem mangue... esse aqui que é mais trançado... (INF. F3-B).

O mangue vermelho, ele dá aquela raiz assim, ó, que tintura a.. é... rede de... antigamente, né? Tinturava rede de arrasto, pra pegar camarão. (...) O mangue vermelho, quando ele amadurece as folha, fica amarelinha... parecendo gema de ovo (INF. F4-B).

Tem o mangue vermelho e aquele que dá as varinhas... (INF. F6-B).

Há diversos relatos sobre a devastação de mangues nos arredores da ilha, que vêm ocorrendo há algum tempo, mas que já é sentida pela população, principalmente pelas marisqueiras, que observam a diminuição considerável do caranguejo e do aratu:

Cortaram a metade dos mangue lá embaixo. Não... tão acabando com o mangue, bote isso na sua pesquisa. Tem um empresário que ... (...) tá acabando com o manguezal. Mangue de anos e anos tão sumindo. Hoje já não tem mais mangue. Até na ilha próxima aqui agora tão construindo um viveiro (de camarão) que já devastou a metade do mangue, pra construir esse viveiro. (...) De uns três quatro anos pra cá. Mas agora que a gente começou a sentir essa diferença. Agora que a gente começou a sentir falta. Caranguejo quando a gente andava e pegava meio tonel, agora a gente vai e pega um balde (INF. F1-B).

Uma informante, inclusive, aponta para os prejuízos futuros dessas ações devastadoras ao meio ambiente, atribuídas à construção de um cais numa das ilhas, comprado por uma grande empresa:

Aqui já deu, não dá mais não. S. tá acabando com tudo por daqui. S. é um homem que é o dono daqui dessas ilhas todas, né? Que tá cortando a metade dos mangue... (...) Tá, minha filha, tá acabando com os mangue. A gente não vai sentir muito não, mas os futuros... pescadores da ilha, vai sentir muito, porque o mangue, o peixe, se alimenta dentro do mangue. Mangue cheio, maré cheia... então eles vem de lá de fora, cê vê que aqui a gente quando vai fazer um arrasto se encontra uns peixinho, carapebinha, um bocado de peixe, até robalo cê encontra na lama... tudo que vem pra qui. Destrói os mangue, é a fonte de alimentação deles, a gente vai ter o que mais?! (...) Ele tá fazendo cais na ilha toda, minha filha!... nesse cais ele tá destruindo os manguezal! Cais é uma proteção pra ilha, né? Então ele tá fazendo uma proteção, que justamente na proteção, na passagem, o que tem de mangue vai se cortando. É privado já. Toda ilha que chama Ilha dos Frades tá toda comprada por S. Só tem o povoado de Paramana e um povoado pequeno na Ponta (de Nossa Senhora). O resto tudo é dele. Aqui dentro tem mais outra ilha que chama a ilha dos Coqueiro e... Tapipuca, que também é deles. (INF. F6-B).

Tais reflexões demonstram preocupações tanto com a situação econômica, que fatalmente afetará a atividade pesqueira, como com as questões ambientais, e trará consequências inevitáveis para a comunidade.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O método adotado para a caracterização da fala dos pescadores e marisqueiras seguiu basicamente os princípios da Geolinguística, método da Dialectologia, e consiste em aplicar um questionário a sujeitos de um determinado espaço geográfico, numa rede de pontos, por ponto, que representem o falar dos moradores. Posteriormente, estes dados são trabalhados, gerando tabelas, gráficos, quadros e cartogramas, o que levou a uma detalhada caracterização das comunidades, não só sob o ponto de vista linguístico, mas também sócio-cultural e histórico, principalmente no que se refere à atividade profissional da pesca.

Este estudo adaptou-se a esse método, uma vez que se optou pela realização da pesquisa de campo para a coleta de dados sobre o tema escolhido – a linguagem da pesca – em duas comunidades, Siribinha e Bom Jesus dos Passos, seguindo-se a consulta de trabalhos que tratam do tema.

A pesquisa de campo foi realizada através da aplicação dos inquéritos experimentais, para testagem do questionário e dos instrumentos de coleta de dados, e dos inquéritos definitivos. Em Siribinha, não houve a necessidade de visitas prévias, uma vez que o pesquisador já conhecia a comunidade, quando da realização de uma pesquisa semelhante, resultado do trabalho monográfico de conclusão de curso (DULTRA, 2007). Porém, em Bom Jesus dos Passos, foi preciso realizar um reconhecimento da região, para que se pudessem melhor verificar as semelhanças geográficas, geológicas e ambientais relacionadas à atividade pesqueira que permitisse a comparação entre as comunidades, bem como a melhor adaptação do questionário.

No que concerne ao estudo do léxico da pesca, foram consultadas algumas obras relacionadas à atividade e que fornecem características das comunidades, como o trabalho monográfico “A linguagem dos pescadores da comunidade de Siribinha: análise diatópica do léxico da pesca”, (DULTRA, 2007) e “A cultura pesqueira do Litoral Norte da Bahia: etnoictiologia, desenvolvimento e sustentabilidade” (COSTA NETO, 2001), que forneceram informações sobre Siribinha, e “Baía de Todos os Santos: aspectos oceanográficos” (HATJE; ANDRADE, 2009), e contém dados relevantes sobre a ilha de Bom Jesus dos Passos.

Pela dificuldade de encontrar suporte teórico que fornecesse maiores informações sobre a ilha de Bom Jesus dos Passos, principalmente históricas, houve a necessidade, durante a pesquisa de campo, de uma maior investigação nesse sentido, o que levou a documentadora a gravar conversas informais não apenas com pescadores e marisqueiras, mas também com outros moradores da ilha que não se constituíram em informantes como o Sr. I., artista

plástico, e Dona. A., professora, que vêm coletando informações e tentando fazer registros históricos e culturais, através de entrevistas com moradores mais antigos e pesquisas na igreja local, a fim de documentar as principais informações sócio-culturais e resquícios da história de formação da comunidade.

A escolha das localidades justifica-se pelo fato de ambas desenvolverem atividades pesqueiras artesanais, por homens e mulheres, sendo essas o principal sustento dessas regiões. Outro fator importante consiste na localização: Bom Jesus dos Passos, localizada na Baía de Todos os Santos, está situada na região central do Estado da Bahia, próxima à capital, Salvador, enquanto que Siribinha fica na Linha Verde, ao Norte, sendo a antepenúltima praia do Estado, próxima à Sergipe. Esta distância significativa da capital do Estado – cerca de 180 km pela Ba-099 (Linha Verde) e 208 km pela Ba-235 –, permitiu o confronto da variação diatópica, através da comparação dados linguísticos, e também socioculturais das localidades.

3.1 OS INFORMANTES

De acordo com a prática comum em trabalhos de Dialectologia, os informantes deveriam seguir alguns critérios que preenchessem os pré-requisitos da pesquisa, como:

- **Naturalidade:** terem nascido nas respectivas regiões ou nela viverem desde os cinco anos de idade, não terem passado mais de um terço da vida fora da comunidade, e, caso tenham vivido em outra região, que não fossem os primeiros ou os mais recentes anos de vida, além de serem filhos de nativos das localidades pesquisadas. O fato de se haver selecionado apenas pescadores e marisqueiras, no entanto, não possibilitou que se seguisse rigorosamente esse pré-requisito, tendo sido necessário incluir informantes não nativos, assim como filhos de pais não naturais das localidades. Dos 24 informantes, apenas oito, em Bom Jesus dos Passos, e nove, em Siribinha, se enquadram no perfil ideal em trabalhos geolinguísticos;
- **Nível de instrução:** a maioria dos informantes apresenta baixa ou nula escolaridade, embora alguns tenham concluído o ensino médio. Em Bom Jesus dos Passos, todos os pescadores possuem nível fundamental I. Entre as marisqueiras, três possuem nível médio, uma delas com formação em magistério. Em Siribinha, dois pescadores possuem ensino médio, e três, nível fundamental I, e apenas um estudou até a 5ª série do ensino fundamental II. Das mulheres, uma possui magistério, e uma, estudou até a 5ª série. O restante não possui escolarização.

- **Gênero:** a seleção considerou essa variável, pela existência de homens e mulheres que exerçam profissões ligadas à atividade pesqueira nas comunidades.
- **Faixa etária:** foram selecionados doze informantes em cada comunidade, totalizando 24, divididos em três faixas etárias (18 a 26 anos, 30 a 45, e 50 em diante) de ambos os sexos (ver quadro 1).

FAIXA ETÁRIA	SIRIBINHA				BOM JESUS DOS PASSOS				TOTAL
	MASCULINO		FEMININO		MASCULINO		FEMININO		
18 – 26	M1-S	M2-S	F1-S	F2-S	M1-B	M2-B	F1-B	F2-B	8
30 – 45	M3-S	M4-S	F3-S	F4-S	M3-B	M4-B	F3-B	F4-B	8
50 em diante	M5-S	M6-S	F5-S	F6-S	M5-B	M6-B	F5-B	F6-B	8
TOTAL	12				12				24

QUADRO 1: Número de informantes das comunidades, divididos por gênero e faixa etária.

3.1.1 Caracterização dos informantes

Dada a natureza etnolinguística deste estudo, faz-se necessário delinear um breve perfil dos informantes quanto à função social que desempenham no ambiente em que vivem e a relação que estabelecem nas comunidades. Além disso, é importante apontar informações sobre as circunstâncias das entrevistas, nível de entrosamento entre o informante a documentadora, e demais impressões relevantes.

Segue, abaixo, a descrição desses perfis, distribuídos por gênero e localidade. Optou-se por omitir os seus nomes, como é norma em trabalhos dessa natureza, para que fosse mantida a privacidade dos informantes.

3.1.1.1 *Siribinha*

Homens

M1-S tem 24 anos, natural de Siribinha, filho de pescador e marisqueira, também nativos, de quem herdou a profissão. É casado, e sua esposa também é marisqueira e natural de Siribinha. Além de trabalhar com a pesca, realiza trabalhos de travessia de turistas para a “boca da barra”. Considera a pesca um meio de vida, embora deseje que seu filho, ainda bebê, tenha mais oportunidades que ele e a esposa tiveram. Estudou até a 5ª série do ensino fundamental. Demonstrou, durante a entrevista, vasto conhecimento sobre a pesca, auxiliando,

inclusive, sua esposa, que também foi informante da pesquisa, em muitas questões.

M2-S tem 25 anos, casado, natural de Siribinha, e seus pais são naturais do Conde. Seu pai é pescador aposentado, e atualmente é dono da única peixaria que há na região. Sua esposa também nasceu em Siribinha, e é dona de casa. Possui ensino médio, e, apesar de gostar da profissão, espera uma oportunidade de desenvolver uma atividade com remuneração fixa. Já morou um ano em São Paulo, onde trabalhou como porteiro, mas preferiu voltar para Siribinha, principalmente por possuir casa própria e por acreditar ser a pesca uma atividade mais vantajosa, apesar das dificuldades. A entrevista transcorreu sem maiores dificuldades, tendo o informante respondido à maioria das perguntas com bastante desenvoltura e conhecimento da atividade de pesca.

M3-S tem 37 anos, é casado e natural de Siribinha, assim como seus pais e sua esposa, que é marisqueira. Filho de pescadores, aprendeu a profissão com o pai, sua “dupla” na pescaria. Além da pesca, trabalha como guia informal, realizando passeios de barco do rio Itapicuru até a “boca da barra”. Possui ensino médio. Afirmou ter muito orgulho da sua profissão e da vida em Siribinha, apesar das dificuldades, principalmente no inverno.

M4-S tem 45 anos. É viúvo, filho de pescadores, natural do Conde, como seus pais. Foi morar em Siribinha ainda criança, com oito anos. Sua esposa, marisqueira, era natural do Cobol, pequeno povoado próximo de Siribinha. Estudou até a 4ª série do ensino fundamental. Além de pescador, sua principal atividade, é também pedreiro. Durante a entrevista, o informante demonstrou vasto conhecimento sobre a pesca, respondendo com segurança a maioria das perguntas. Para ele, a vida na comunidade é bastante tranquila, e sente-se realizado por ter conseguido criar seus filhos e manter-se com esta profissão, embora acredite que seus filhos devam estudar e buscar uma atividade que possibilite remuneração fixa.

M5-S tem 52 anos, é casado, natural de Siribinha, pescador, aposentado por invalidez, e hoje possui uma peixaria. Seus pais, pescadores, já falecidos, também eram nativos, assim como sua esposa. Estudou até a 4ª série do ensino fundamental. Afirmou ter muito orgulho da profissão que herdou dos pais, e admite pescar por lazer, sempre que pode. Começou a pescar menino, com 12 anos, e aos 38 teve uma espécie de esgotamento físico:

Acho que porque eu comecei pescá com 12 anos de idade, né? Esse mar... jangada e ... me esforçando no remo, né? Agora tá bom que é esse barquinho mas,... antigamente era com jangada. Jangada era seis pau, pau de jangada mermo... seis pau... cravejado, no osso, né? Dois pescador contra vento, contra mar, e chegá no lugá da rede, né? Aí com 38 ano, tive esgotamento.

Demonstrou muito conhecimento sobre as diversas espécies de peixes e mariscos,

afirmando ter experiência inclusive com pesca em alto mar. Descreveu petrechos de pesca de outras regiões.

Mulheres

F1-S, 26 anos, é divorciada, natural do Cobol, assim como seu pai, lavrador. Sua mãe é marisqueira, natural de Sergipe, de quem herdou a profissão. Estudou até a 5ª série do ensino fundamental. Deseja voltar a estudar, mas como Siribinha só possui uma escola, que vai até a 4ª série, precisaria ir para o Sítio do Conde ou Conde. Porém, o município não oferece transporte noturno para o deslocamento dos estudantes. Além disso, não tem com quem deixar as crianças, ainda muito pequenas. Além da pesca, trabalha também como ajudante, durante o verão, numa pousada e numa barraca de praia da região. A informante afirmou ser marisqueira por ser a sua única opção, e busca ter um emprego “de carteira assinada”, que lhe garanta o sustento dela e dos seus quatro filhos.

F2-S tem 26 anos, é filha de pescadores, casada e natural de Siribinha, assim como seus pais e esposo, que também é pescador e nativo da região. Possui formação em magistério e já lecionou na escola local, porém não foi selecionada no último processo seletivo da prefeitura. Afirmou gostar da vida em Siribinha, e de mariscar com a mãe e colegas de profissão, mas deseja voltar a dar aulas. Tímida e bastante retraída, esta informante custou a ficar à vontade. Sua mãe e seu marido, presentes durante a entrevista, ajudaram-na a responder algumas questões.

F3-S tem 42 anos, é divorciada, natural de Sergipe e tem três filhas. Veio para o Cobol ainda criança, com o padrasto, lavrador, e a mãe, dona de casa, para tomarem conta de uma fazenda. Acabaram por aprender a atividade da pesca, ensinando-a aos filhos. A informante é bastante extrovertida e simpática, e respondeu às perguntas com bastante desenvoltura e muito boa vontade. Considera a pesca uma atividade divertida, além de ser a forma de sustento dos filhos e netos. Diz que “se distrai” com as colegas enquanto cata o aratu nos galhos dos mangues. Acredita que a vida em Siribinha poderia ser melhor, principalmente no inverno, porém, afirma não haver outro lugar melhor para viver. Tem muito orgulho da sua profissão. Diz também ter sido a única marisqueira que já pescou no mar, com os amigos, porém, apenas pela aventura.

F4-S tem 42 anos, divorciada, natural de Siribinha, assim como seus pais, pescadores. É analfabeta. Costuma mariscar em grupo, com as amigas, principalmente com a informante F3-S. Para ela, a atividade de pesca, assim como a vida na comunidade, é muito boa, e não se

imagina vivendo em outro lugar. No inverno, reconhece que é mais difícil sair para mariscar o aratu e o maçunim, por causa das chuvas e cheias do rio, mas admite que sempre há o que comer e que “fome, em Siribinha, ninguém passa”. Às vezes, no verão, trabalha com ajudante nas pousadas. A entrevista com esta informante foi bastante tranquila e descontraída.

F5-S tem 57 anos, é casada, natural de Jandaíra, Sergipe, de onde veio com dez anos. Seus pais, pescadores, são de Jandaíra, e seu esposo, também pescador, é de Siribinha. É analfabeta, sabe apenas escrever o nome. O trabalho de mariscagem é motivo de muito orgulho, principalmente por ter herdado da mãe e da avó, e de ter sido a forma de sustento de sua família há muitas gerações. Reconhece que a vida em Siribinha hoje apresenta melhoras, principalmente após a construção da Linha Verde e da estrada de rodagem, pela facilidade de acesso de Siribinha a outras comunidades, como Poças e Sítio do Conde. Porém, reconhece que houve conseqüentemente o aumento de turistas e impactos ambientais resultantes da construção de pousadas e casas de veraneio. Afirma que o pescado tem diminuído consideravelmente por causa dos barcos de pesca de alto mar, vindos de Poças, e da pesca com explosivos. Forneceu informações relevantes sobre pesca e sobre a vida na comunidade em geral.

F6-S tem 64 anos, é viúva, natural de Siribinha, assim como seus pais, que eram pescadores, e seu esposo, também pescador. Atualmente está aposentada, e já não pesca há alguns anos, por problemas de saúde. Considera a pesca uma profissão muito digna e honrada, principalmente por ter lhe permitido sustentar e criar seus filhos e netos. A entrevista transcorreu sem maiores dificuldades, tendo a informante adotado uma postura solícita e descontraída durante todo o tempo.

3.1.1.2 *Bom Jesus dos Passos*

Homens

M1-B tem 21 anos, é natural de Bom Jesus dos Passos, solteiro, filho de pescador e marisqueira, tendo herdado a tradição da pesca do seu pai, também nativo e seu companheiro de atividade. Costuma pescar com o irmão, de 25 anos. Sua mãe é marisqueira, nascida em Madre de Deus. Estudou até a 5ª série do ensino fundamental. Começou a pescar criança, acompanhando o pai, na pesca de groseira, ou a mãe, na mariscagem nas coroas. Embora goste da vida na ilha e não pretenda morar em outro lugar, deseja buscar outra atividade, pois acredita que, por ser jovem, pode encontrar um emprego formal, que lhe ofereça uma maior segurança financeira, pois, para ele, a pesca consiste numa profissão incerta: “*não vou ficá só*

direto na pesca que... hoje dá, amanhã não dá. Um dia dá, outro dia não dá... se você não ir, você não vai comê. Não tem como comê. Tem que ir”.

M2-B, de 21 anos, é casado, natural de Madre de Deus, de onde veio ainda bebê, e sua esposa é de Conceição do Passé. Estudou até a 4ª série do ensino fundamental. Seu pai é pescador e sua mãe, marisqueira, ambos nascidos em Bom Jesus dos Passos. Trabalha também como pedreiro, e acredita ser a pesca uma atividade com uma rotina exaustiva, sem horário fixo para dormir ou acordar. Apesar das dificuldades, gosta de sua vida na ilha.

M3-B tem 35 anos, é solteiro, natural de Salvador. Seu pai, pescador, é natural de Bom Jesus dos Passos, e sua mãe, marisqueira, de Santo Amaro. Estudou até a 5ª série do ensino fundamental. Este informante apresentou um perfil extremamente tímido e retraído, e não foi possível obter maiores informações sobre a sua vida pessoal. Apesar disso, classificou a pesca como uma atividade profissional “cruel”, e declarou ser a pesca de groseira a sua preferida.

M4-B, de 30 anos, é solteiro, natural de Salvador. Sua mãe é marisqueira, também de Salvador, e seu pai, que nasceu em Santo Amaro, trabalha como caseiro. Chegou à ilha com catorze anos, e aprendeu a pescar com o padrasto, que é nativo de Bom Jesus dos Passos, com quem exerce a atividade. Além de pescador, é também pedreiro. Demonstrou bastante conhecimento sobre o universo pesqueiro, descrevendo com riqueza de detalhes cada tipo de rede e a pesca associada a ela, inclusive a variedade de peixes da região. Por outro lado, não conhecia tão bem os mariscos e o mariscar. Costuma mergulhar para pegar peguari, considerado, por ele, uma atividade de diversão.

M5-B tem 53 anos, é casado, natural de São Francisco do Conde, de onde veio criança. Seus pais, também naturais de São Francisco do Conde, eram lavradores. Sua esposa é de Bom Jesus dos Passos, e trabalha como garçoneiro. Afirmou ter muito orgulho da profissão, e já ser registrado na colônia de pescadores Z-13 há quase 30 anos. Estudou até a 5ª série do ensino fundamental. Muito solícito, demonstrou conhecer com propriedade a atividade de pesca, inclusive em outras regiões, como o Conde, por exemplo. Pareceu bastante satisfeito com a vida na ilha, considerada por ele um lugar calmo, seguro, “bom de se viver”.

M6-B tem 65 anos, é casado, aposentado, nativo de Bom Jesus dos Passos. Seu pai era carpinteiro e sua mãe, comerciante, ambos “filhos da ilha”. Sua esposa, nativa, é marisqueira aposentada. Já trabalhou na prefeitura de Madre de Deus, como supervisor. Estudou até a 4ª série do ensino fundamental. Atualmente pratica a pesca como atividade de lazer, e demonstrou muito orgulho da sua antiga profissão.

Mulheres

F1-B tem 25 anos, casada, natural de Bom Jesus dos Passos, assim como seu marido, pescador e marinheiro, e sua mãe, marisqueira, com quem costuma mariscar. Seu pai é autônomo, de Salvador. Possui nível médio, já trabalhou como caixa de supermercado, e espera voltar a trabalhar “de carteira assinada”, por considerar mais seguro financeiramente. Demonstrou bom conhecimento sobre as espécies existentes na região e sobre os instrumentos de pesca em geral. Considera o mariscar uma atividade divertida, por ser realizada em grupo, com as companheiras, apesar reconhecer a sua instabilidade financeira: *“Todo dia (a pesca, o mariscar) é emocionante, porque a gente vai pra... pra dar risada... (risos) O ambiente é emocionante...”*.

F2-B tem 20 anos, solteira, natural de Santo Amaro. Sua mãe, também marisqueira, nasceu em Bom Jesus dos Passos, e seu pai, pescador e funcionário da Transpretro (cooperativa que presta serviços à Petrobras), nasceu na Ilha de Maré. Está cursando a 6ª série do ensino fundamental. Demonstrou ter um bom conhecimento do universo pesqueiro, porém, teve dificuldade em reconhecer algumas espécies de peixes.

F3-B tem 45 anos, é filha de pescadores, casada, nasceu em Bom Jesus dos Passos, assim como seu pai, que é pescador. Sua mãe, marisqueira, e seu marido, pescador e carpinteiro, são naturais de Ponta de Nossa Senhora. Cursou até o 1º ano do ensino médio e já trabalhou numa lavanderia. Considera a pesca uma profissão interessante, apesar de cansativa e difícil por causa do sol forte, que tem lhe causado problemas de pele. Acredita ser a pescaria um trabalho de vantagens e desvantagens, pois, embora não falte alimento, já que o mar é “rico” e sempre há o que comer, por outro lado, é uma “aventura”, sem garantia de remuneração. Por isso, preferia que os filhos, que também pescam, tivessem trabalhos formais, ainda que ganhassem salário mínimo.

F4-B tem 45 anos, é solteira, natural de Bom Jesus dos Passos, assim como seus pais. Seu pai trabalhava com serviços gerais e sua mãe é marisqueira, já aposentada. Estudou magistério e chegou a lecionar, mas, atualmente, vive apenas da pesca, sendo para ela uma atividade que, há muitas gerações, é exercida por sua família. Em diversos momentos emocionou-se ao falar dos seus antepassados, em especial da avó e da bisavó, por terem vivido primordialmente da pesca e criado os filhos com dignidade. Apesar das dificuldades, considera a sua vida na ilha satisfatória, principalmente no que diz respeito à qualidade de vida, por acreditar que as pessoas que ali vivem são mais saudáveis.

F5-S tem 59 anos, divorciada, é natural de Bom Jesus dos Passos, assim como sua mãe,

que também é marisqueira, mas também trabalhou como porteira. Já seu pai nasceu na ilha de Itaparica, e trabalhou numa empresa de cal. Coursou até a 3ª série do ensino fundamental. Para ela, o trabalho de mariscar é uma forma de sustento, mas também de diversão. Considera a vida na ilha, de um modo geral, tranquila, apesar de, no inverno, ser mais difícil mariscar nas coroas, para as mulheres, ou a pesca na Baía, para os homens.

F6-B tem 67 anos, é casada, natural de Bom Jesus dos Passos, assim como os seus pais. Seu pai era carpinteiro, e sua mãe, marisqueira, de quem herdou a profissão. Seu marido é natural de Mata de São João, e é policial militar. Coursou até a 4ª série do ensino fundamental. Já trabalhou como funcionária pública na Prefeitura de Salvador e como comerciante, porém hoje, aposentada, costuma pescar, e considera esta atividade uma terapia, atribuindo-a a diversas melhorias no seu estado de saúde, principalmente no que diz respeito a questões de ordem psicológica. Apesar de ter mariscado durante muitos anos, atualmente prefere pescar peixes, de barco, pela baía, com seu marido, e afirma, com muito orgulho, ser a única pescadora na ilha com este registro na colônia Z-13. Esta informante transformou a entrevista numa descontraída aula sobre o universo da pesca, e de fato, não exagerou quando disse que “sabia tudo de mar”.

3.2 OS INSTRUMENTOS DE INQUÉRITO

Conforme ressaltam Aguilera e Figueiredo (2001), os estudos lexicais com base na língua oral necessitam do uso de um questionário bem estruturado, principalmente pela necessidade de obtenção de resultados uniformes, que só podem ser conseguidos através de um instrumento de coleta de dados elaborado de acordo com as necessidades da pesquisa, de modo que não deixe dúvidas quanto aos nomes dos referentes a serem investigados. Por isso, é preciso bastante cuidado e critérios na elaboração deste material, pois dele resultaram os dados, objeto de análise, e que implicarão em êxito à pesquisa dialetal.

Guy (2007, p. 19-20) acredita ser imprescindível à pesquisa da estrutura linguística e social a coleta de grande quantidade de dados de muitos indivíduos, embora seja preciso a preocupação com questões relacionadas a controle de qualidade, confiabilidade, manuseio, apresentação de dados, interpretação e interferência, o que leva à caracterização dos estudos dialetais, quer sejam geográficos ou sociais, como quantitativos. Vê-se que, cada vez mais, a Dialectologia vem fazendo uso da metodologia quantitativa, principalmente no que se refere ao “uso de tabelas e gráficos para a interpretação de dados, medidas estatísticas, resumir os dados e fazer inferências sobre eles, testes de significância e confiabilidade e técnicas

analíticas quantitativas”.

Portanto, para garantir a esses estudos de caráter dialetal resultados satisfatórios, é imprescindível o cuidado com a análise quantitativa, que, passa por três principais fases: i) coleta de dados; ii) redução e apresentação dos dados e iii) interpretação e explicação de dados. Daí a importância de, segundo Guy (2007, p. 23), selecionar um eficaz instrumento de recolha de dados como o questionário, que oferece uma gama de amostras, o mais quanto for possível, uma vez que, em estudos quantitativos, “mais é quase sempre melhor”.

A partir do conhecimento do mundo extralinguístico relacionado à pesca artesanal, foi elaborado um conjunto de perguntas relacionadas a esta atividade, correspondentes aos diversos aspectos que a envolvem, com o objetivo de obter o maior número de lexias, nas duas comunidades. Chegou-se, assim, ao questionário, que tomou como base a metodologia do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) (cf. Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001), por apresentar questões indiretas de caráter onomasiológico; o questionário reduzido do Atlas Linguístico do Litoral Português (ALLP) (VITORINO, 1987), e questionários de diversos trabalhos sobre a linguagem da pesca (DULTRA, 2007; SOUZA JUNIOR, 2005; MARQUES, 2006).

Baldinger (*apud* BIDERMAN, 2001a) considera tanto a onomasiologia, representante das designações, como a semasiologia, que atende à significação, modelos de análises proveitosos para a estruturação do significado, e ainda, dois tipos de enfoque do fenômeno léxico-semântico, opostos e complementares. Àquela cabe aos estudos lexicológicos, e a esta, aos lexicográficos, uma vez que

[...] a Onomasiologia visualiza os problemas sob o ângulo de quem *fala*, daquele que deve escolher entre meios de expressão. A semasiologia focaliza os problemas sob o ângulo de quem *ouve*, do interlocutor que deve determinar a significação da palavra que ele entende dentre as significações possíveis. (BALDINGER *apud* BIDERMAN, 2001, p. 200) (grifos da autora).

As questões onomasiológicas, portanto, acabam por ser priorizadas como método do questionário, por apresentar os semas ou unidades mínimas de significação para chegar às unidades lexicais que nomeiam os objetos, atividades e fenômenos naturais.

Após algumas adaptações e principalmente após a aplicação dos inquéritos experimentais, a fim de obter uma melhor readequação aos propósitos da pesquisa e corrigir as distorções que puderam ser detectadas, o questionário constou de 96 questões, divididas em cinco áreas semânticas (cf.), além de quatro questões que compõem os temas para discurso

semidirigido, que permitiram narrações ou descrições com o objetivo de captar, em momentos da fala mais livre e despreocupada, o maior número de dados lexicais possível.

ÁREAS SEMÂNTICAS		NÚMERO DE QUESTÕES
1	Fenômenos geográficos	
	Aspectos Climatológicos	2
	Aspectos Hidrográficos	5
	Aspectos Costeiros	7
	Vegetação	2
2	Embarcações e Navegação	9
3	Peixes	
	Estrutura e Generalidades	18
	Espécies	23
4	Mariscos	14
5	A pesca	
	Designações para as Atividades	2
	Instrumentos e Acessórios	12
TOTAL		96

QUADRO 2: Áreas semânticas

A parte referente aos temas para discurso semidirigido mostrou-se bastante eficaz, pois, além de descontrair os informantes ultrapassa a investigação do léxico, permitindo que maiores informações acerca do universo sócio-histórico e cultural sejam obtidas. Muitos, ainda assim, não se sentem à vontade, e acabam por limitar suas respostas ao primeiro questionário, atitudes que foram, todavia, respeitadas.

Os principais temas abordados e que funcionaram com maior eficácia foram: a descrição da atividade de captura do aratu, caranguejo ou siri; os detalhes dos diversos métodos de pesca, que incluem a construção de embarcações, o tecer das redes e a escolha dos instrumentos; o relato de um acontecimento importante na vida pessoal ou na comunidade; e o conhecimento de algum tipo de lenda ou mito na região. Em Siribinha, particularmente com as mulheres, este último foi bastante eficaz.

Algumas questões careceram de revisão, adaptação e/ou tiveram que ser eliminadas ou aplicadas a apenas uma das localidades, devido, geralmente, ao não entendimento da pergunta, às diferenças geológicas e geográficas ou ainda por problemas de elaboração. Muitas dessas questões são descritas mais à frente, quando da análise linguística e cultural de cada região.

A área semântica “fenômenos geográficos” passou por algumas adaptações. A subárea “aspectos hidrográficos”, referentes às questões sobre os rios, contempla apenas Siribinha e, por isso, não possibilitou o confronto entre as duas comunidades.

Na subárea “aspectos costeiros”, a pergunta *a terra úmida que fica entre o rio e o mar* foi considerada inadequada, pois a maioria dos informantes apenas a respondia quando se acrescentavam outros dados, como “as pessoas pisam e sujam os pés”, ou “algumas pessoas passam no corpo, na pele”, o que acabava por descaracterizar a questão. Foi, portanto, eliminada.

As áreas semânticas “peixes – espécies”, e “mariscos” não seguiram o método onomasiológico. Assim, seguindo a metodologia utilizada por Vitorino (1987), utilizaram-se ilustrações, fotos ou desenhos, retirados principalmente de Szpilman (2000), para que os informantes descrevessem os nomes das espécies, e mencionassem, ainda, os mais comuns nas respectivas regiões. Vale ressaltar que nem sempre as imagens apresentadas para determinado peixe ou marisco permitia a identificação da espécie, muitas vezes levando o informante à menção de outras, ora semelhantes, ora próximas do seu conhecimento, o que inviabilizou o confronto de muitas variantes linguísticas, mas forneceu, por outro lado, um grande número de lexias referentes às espécies características das localidades, o que possibilitou a descrição de traços sócio-culturais e econômicos da atividade piscatória.

Outra questão eliminada foi a do peixe **manjuba**, incluída no questionário, por causa do valor comercial do peixe, e por ser este um dos que fazem parte de todo o litoral brasileiro, porém, não permitiu respostas satisfatórias, já que a maioria dos informantes não reconheceu a espécie ou mencionou outro nome. Essa denominação foi considerada sinônima de **sardinha** por Szpilman (2000).

Muitas questões como *a maré é sempre da mesma maneira*, ou *há tamanhos diferentes de barcos*, foram consideradas introdutórias, pois, embora não forneçam diretamente uma resposta, abriram caminhos para que o informante descrevesse o universo da pesca de uma maneira geral, levando-o a fornecer respostas espontâneas e que atendiam às perguntas do questionário, sem que houvesse a necessidade de inquiri-lo.

Algumas perguntas não registraram variação, como escama, caranguejo, aratu, gaiamum, tarrafa, etc.

3.3 RECOLHA E TRANSCRIÇÃO DOS DADOS

A pesquisa de campo iniciou-se com a visita a Bom Jesus dos Passos, em agosto de 2009. Desta visita resultou uma seleção prévia dos informantes e a elaboração de uma versão parcial do questionário. Em janeiro de 2010, na primeira quinzena, foi aplicado o questionário piloto, em Siribinha, e, neste mesmo período, após alguns ajustes, especialmente na área semântica “peixes”, foi aplicado o questionário definitivo. Em Bom Jesus dos Passos, o questionário foi aplicado na primeira quinzena de março e finalizado em abril de 2010.

Nas duas comunidades, as entrevistas ocorreram nos locais de moradia dos pescadores e marisqueiras, sem maiores dificuldades, embora tenha sido mais difícil, em ambas, encontrar informantes do sexo feminino na primeira faixa etária (18 a 26 anos), especialmente em Bom Jesus dos Passos, uma vez que os mais jovens estão procurando outras profissões. Os informantes, de uma maneira geral, responderam ao questionário de maneira solícita e cordial, com muito boa vontade e paciência, e estavam sempre dispostos a ajudar, principalmente os acima de 50 anos, que sempre tinham algum detalhe ou informação a acrescentar, ora sobre a pesca, ora sobre a vida nas localidades.

Os instrumentos de recolha consistiram em gravador digital e máquina fotográfica, além das fichas dos informantes e das localidades. O preenchimento das fichas ocorreu antes da entrevista, e ao final, lhes eram solicitadas autorizações para a gravação dos inquéritos. Após as entrevistas, as fichas dos informantes eram completadas, principalmente para conclusão do registro do perfil psicológico e do grau de colaboração de cada uma delas.

As gravações tiveram duração de, em média, uma hora cada sessão, totalizando mais de vinte horas de áudio. Ocorreram geralmente nos horários em que os pescadores estavam descansando, e as marisqueiras, catando os aratus, nas varandas, em Siribinha. Em Bom Jesus dos Passos, a maioria das entrevistas foi realizada nas casas dos informantes ou na colônia de pescadores.

O levantamento dos dados foi feito a partir da análise e seleção das lexias obtidas com a aplicação do questionário e gravação das entrevistas que compõem o *corpus*, e que apresentam informações consideráveis e significativas fornecidas pelos informantes. Na execução de tal tarefa, foi feita a transcrição parcial de cada entrevista, selecionando os trechos com ocorrência das formas lexicais que caracterizam o mapeamento do léxico da pesca nas regiões. Foram transcritos ainda relatos de alguma atividade e os discursos semidirigidos, quando ocorreram. Em seguida foram construídas tabelas para a melhor

visualização desses dados, principalmente quanto à área semântica, número de ocorrência de cada lexia, faixa etária e gênero dos informantes para facilitar a análise da variação lexical.

Os dados foram transcritos grafematicamente, embora se tenha buscado mostrar o mais fielmente possível os traços linguísticos característicos da oralidade dos pescadores e marisqueiras, principalmente no que diz respeito à variação lexical. Dessa forma, esses registros priorizaram algumas normas e sinais do sistema ortográfico, tais como:

- Formas consagradas pelo uso comum – *né, pra, tá*;
- Respeito da variação morfossintática quanto à realização do falante – *porque fica várias parte como se fosse uma escada; tem os pintadinho*;
- Explicação da inquiridora entre parênteses – (risos, gestos, etc.);
- Pausas e hesitações entre parênteses – (...);
- Ênfase ou destaque na fala do informante registrada em maiúscula – *É uma poitada BOA*.
- Respeito à variação fonética quanto às lexias nasalizadas – *mntcho* (muito), *redemunho* (redemoinho), *mançunim* (maçunim), *caramurum* (caramuru), etc.

Por fim, no que se refere à apresentação e análise dos dados, inicialmente, foram realizadas consultas em dicionários e em documentos oficiais, de modo que as lexias pudessem ser observadas quanto à dicionarização. Em seguida, foram selecionadas, por áreas semânticas, as lexias que permitissem o confronto entre as comunidades, de modo que fosse possível analisar, além dos aspectos geo-sociolinguísticos, também os aspectos sócio-culturais e econômicos das regiões estudadas.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo são apresentados os dados, seguidos de sua análise, observando os traços linguísticos e culturais das comunidades pesquisadas, tomando como base, além do conteúdo obtido, dicionários e dados oficiais, conforme referências no final do trabalho.

O percurso da análise foi realizado a partir das cinco áreas semânticas utilizadas no questionário do léxico da pesca: fenômenos geográficos, que engloba quatro subáreas – aspectos climatológicos, aspectos hidrográficos, vegetação e aspectos costeiros; embarcações e navegação; peixes (estrutura e generalidades, espécies); mariscos; a pesca (designações para atividades, e instrumentos e acessórios).

Inicialmente, as formas lexicais são descritas de acordo com a sua ocorrência e o seu significado. Em seguida, comparam-se as ocorrências nas comunidades e observam-se as semelhanças e/ou diferenças, e ainda, as particularidades de cada uma. São ainda acrescentados comentários dos informantes, quando houver a necessidade de explorar não apenas a lexia, mas o contexto em que está inserida.

Foram consultados os dicionários Ferreira (2004), Houaiss (2001), Aulete (1970), Moraes Silva (1948) e Nomura (1984), objetivando a constatação de lexias dicionarizadas e não-dicionarizadas e obras referentes ao tema.

Para facilitar o entendimento da análise, foram tomados alguns parâmetros, considerados a seguir:

- a) algumas formas lexicais fazem parte de mais de uma área semântica, aparecendo mais de uma vez no decorrer do trabalho;
- b) as formas lexicais aparecem em negrito apenas quando forem foco de estudo, ou quando tiverem sido mencionadas pelos informantes;
- c) as definições dos dicionários aparecem em itálico;
- d) acrescentam-se citações contendo trechos da fala dos informantes, quando essas contribuírem ao entendimento do vocábulo.

4.1. OCORRÊNCIAS EM SIRIBINHA E BOM JESUS DOS PASSOS

A descrição das formas lexicais é feita a partir das suas áreas semânticas, seguida da análise nos dicionários e principais obras sobre o tema. Primeiro, apresentam-se as lexias utilizadas como resposta – as de maior frequência e os casos de ocorrência única, se houver. Em seguida, avalia-se quanto à sua dicionarização, que, em alguns casos, pode ser acompanhada de transcrições dos comentários dos informantes.

4.1.1 Fenômenos Geográficos

Embora esta área semântica seja composta por quatro subáreas, optou-se, neste momento, por apresentar apenas duas delas: os aspectos climatológicos e os aspectos costeiros. As outras subáreas – aspectos hidrográficos e vegetação – estão dispostas na análise cultural, uma vez que, por conta das diferenças geológicas, climáticas e ambientais das localidades, não foi possível a comparação linguística dos dados fornecidos pelos informantes.

4.1.1.1 Aspectos Climatológicos

Redemunho

Para **redemoinho**, quase a totalidade dos informantes respondeu **redemuinho**. Apenas um informante de Siribinha respondeu **repuxo**, diferenciando o fenômeno no rio e no mar.

Redemunho, nos dicionários, é mencionado como variante fonética de **redemoinho**, e sinônimo de **remoinho**, que significa *andar à roda em círculos ou espirais*. Houaiss (2001) especifica ser um *turbilhão de água que se forma no mar ou no rio, devido a cruzamento de correntes contrárias de águas; voragem, sorvedouro*, sendo essa a acepção mais próxima do conceito proposto pelos informantes.

Registrou-se **redemunho** em alguns dos atlas publicados, como no *Atlas Linguístico do Ceará* (ALECE) e *Atlas Linguístico do Amazonas* (ALAM).

O ALECE, coordenado por José Fontenele Bessa, apresenta três volumes: I – introdução, descrição dos procedimentos metodológicos e critérios de seleção de localidades e informantes, II – apresentação das 108 cartas lexicais e das 132 cartas fonéticas, e III – glossário, com 908 itens. Nele, se diferenciam os falares de homens e mulheres, escolarizados e não-escolarizados, e cada lexia aparece num conjunto de quatro cartas (uma lexical e uma fonética para cada um dos dois níveis de instrução), abrangendo 67 localidades.

No ALECE, **redemunho** é registrado como *redemoinho de vento*, em duas cartas lexicais: 056.L023-P019-INF.1, referentes à pergunta 19 do questionário, informantes escolarizados, na qual se registrou a lexia nos 10 dos 69 pontos demarcados pelo atlas; e 056.L024-P.019-INF. Ø, referente aos informantes não escolarizados, em 13 pontos.

O ALAM, de autoria de Maria Luiza de Carvalho Cruz, defendido em 2004, apresenta, de forma sistemática, o controle das variáveis gênero e faixa etária. Registra, em 107 cartas fonéticas e 150 cartas semântico-lexicais, os falares de nove municípios representativos das nove microrregiões do Estado do Amazonas, tendo entrevistado 54 informantes, 06 em cada município.

No ALAM, **redemoinho** (de água) corresponde à carta 02, referente à pergunta 03 do Questionário Semântico-Lexical (QSL), com registro em 7 pontos, com 15 ocorrências.

Repuxo, nos dicionários, significa *puxar com violência, puxar para trás*, o que implica num sentido genérico, diferente do utilizado pelos informantes, ou pelo menos, incompleto.

Redemuinho. Só tem mais no rio. No mar é repuxo (INF. M3-S).

Neblina

Para **neblina**, a maioria respondeu **neblina** e **librina**, além de **neve** e muito **baciado**.

Neblina, de acordo com os dicionários, significa *névoa densa e baixa; bruma; cerração; nevoeiro*. Muitos informantes mencionaram que esse fenômeno, apesar de não ser comum, ocorre no mar ou no rio, sendo que em Siribinha é mais frequente no rio.

Foi verificada a presença de **neblina** em atlas linguísticos já publicados dos estados brasileiros, como no *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS), *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul* (ALMS), *Atlas Linguístico do Ceará* (ALECE) e *Atlas Linguístico do Amazonas* (ALAM).

O APFB, de autoria de Nelson Rossi, e coautoria de Dinah Isensee e Carlota Ferreira, foi publicado entre 1960 e 1963. Recobre todo o estado da Bahia, com uma rede de 50 localidades, além de incluir mais 15 localidades do estado de Sergipe. Inquiriram-se 100 informantes, divididos por sexo. É constituído de 209 cartas.

O ALS, de autoria de Carlota Ferreira, Jacyrá Mota, Judith Freitas, Nadja Andrade, Suzana Cardoso, Vera Rolemberg e Nelson Rossi, foi publicado em 1973. No que diz respeito à rede de pontos, a seleção seguiu para Sergipe o mesmo princípio adotado pelo APFB, abarcando um total de 15 pontos. Constam nas cartas a apresentação de informações

diagenéricas e estatísticas. Foram inquiridos 30 informantes, divididos em três grandes grupos, etários, que permitiram o controle da variável idade. Em cada ponto de rede, foi inquirido, sistematicamente, um homem e uma mulher, o que possibilitou o controle da variável social gênero.

No APFB e no ALS registraram-se, nas cartas, 12 (BA) e 12 (SE), **nevoeiro**, as ocorrências da forma lexical **neblina** (excluindo-se aqui as suas variantes fonéticas como **librina**, **liblina**, **lubrina**, etc.), em 14 pontos das localidades de inquérito.

O ALMS, organizado por Dercir Pedro de Oliveira, possui 32 pontos de inquérito, no quais se inquiriram quatro informantes por localidade, considerando as variáveis sexo e escolaridade (até a 4ª série do ensino fundamental I).

No ALMS, na carta **nevoeiro/ cerração/ neblina**, correspondente ao QSL 0032.a, a lexia **neblina** e suas variantes fonéticas registram-se em quase a totalidade de pontos, com 44 ocorrências.

No ALAM, **neblina** foi registrada na carta 13, do QSL 052, correspondente a **nevoeiro**, em 3 pontos, com 5 ocorrências.

Neve, apesar de não estar dicionarizada com o mesmo valor semântico do utilizado pelos informantes, pode ser associada à **névoa**, que quer dizer *vapor atmosférico menos denso que a cerração, nevoeira*, e ser sinônimo de **neblina**.

Neve. A gente conhece como neve (INF. M4-S).

Cuba e Isquerdo (2009) mencionam **neve** como designação de *orvalho e cerração*, registrada no *Atlas Linguístico da mesorregião Sudeste de Mato Grosso*, e comparam os dados deste com os de outros atlas linguísticos brasileiros das regiões Nordeste, Sudeste, Sudoeste e Sul do Brasil:

Carta 4 – orvalho – do *Esboço do Atlas Linguístico de Minas Gerais* – EALMG (RIBEIRO; ZÁGARI, 1977); cartas 24 – cerração – e 26 – orvalho – do *Atlas Linguístico da Paraíba* – ALPB (ARAGÃO; MENEZES, 1984) e cartas 32 – orvalho – e 33 – cerração – do *Atlas Linguístico do Paraná* – ALPR (AGUILERA, 1994) e as cartas 0032.a – nevoeiro/cerração/neblina – e 0050.a – orvalho – do *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul* – ALMS (OLIVEIRA, 2007) (CUBA; ISQUERDO, 2009, p. 147-148).

Nesses atlas, tanto **neve** como **neblina**, no que se refere à fumaça que cobre tudo de manhã, também pertencente à área semântica fenômenos atmosféricos, no *Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso* (ALMESEMT) (CUBA, 2009), apresentam o mesmo sentido do utilizado pelos informantes.

Baciado deve estar relacionado a **embaciado**, encontrado nos dicionários com o significado de *sem brilho, baço, bacento, embaçado*, o que denota um sentido genérico, e tem o mesmo sentido usado pelos pescadores e marisqueiras. Além disso, é uma resposta descritiva do fenômeno.

Porque... acarma tudo, aí fica aquele ... parecendo que teve fumaça, né? Muito baciado... é!... (INF. F6-S)

4.1.1.2 Aspectos Costeiros

Maré cheia

Para a maré que está crescendo, os informantes de ambas as comunidades forneceram as seguintes formas lexicais: **carreira de enchente**, **enchente da maré**, **maré alta**, **maré de lançamento**, **maré de quebra**, **maré grande**, **maré cheia** e **preamar**.

Enchente da maré, segundo os dicionários, consiste na *fase da maré entre a baixa-mar e a preamar seguinte*, ou seja, *o ponto mais alto de uma maré quanto ao seu nível de água, para o seu conseqüentemente esvaziamento*.

Nas respostas **carreira de enchente** e **enchente** podem ser inferidas analogias ou semelhanças com a aceção anterior, dicionarizada.

A **maré de lançamento**, segundo os informantes das duas localidades, significa o crescimento da maré:

*Porque tem marés boas de pescaria e tem marés ruins, né? Aqui pra nós mermo é a maré maré grande, **maré de lançamento**. (como é a maré de lançamento?) é a maré grande, **de lançamento**. Quer dizer, é de **lançamento** mermo* (INF. M6- B).

Maré alta e **maré cheia**, de acordo com os dicionários, dizem respeito à *altura máxima que as águas do mar atingem durante o fenômeno da maré, a partir da qual começa a sua vazante; preamar*. Nesse sentido, é sinônimo de **preamar** e **maré de quebra**, apesar de esta última não estar dicionarizada, embora, segundo os informantes, consista no término da maré alta e início da maré baixa.

Maré grande, apesar de não estar dicionarizada, também pode ser considerada como sinônimo de **maré alta**, devido ao valor semântico aproximado de grande e alta.

Maré seca/ baixa

Para a maré que está ficando vazia (baixando), obtiveram-se como respostas as formas lexicais **maré seca, maré baixa, maré morta e vazante/tá vazando**.

Maré seca e **maré morta** não estão dicionarizadas, mas podem ser consideradas sinônimas de **maré baixa**, que, segundo os dicionários, significa *estado de parada em que fica a maré, depois de seu último período de vazante, até começar a encher; maré baixa*.

Maré morta é descrita como uma maré que seca, com pouco volume de água em relação às outras marés.

Morta cê num bota no mangue. Só fica só no rebentão. Num enta pa den'do mangue. Só nas lagada mermo que enta (INF. F4-S).

A **maré morta** é quando seca toda. Não alaga nada (INF F5-S).

Maré morta. A **maré morta** ela fica seca... não dá peixe, não dá nada... (...) **Tá... morta...** (INF. F6-S).

Quando é nova, a maré é pequena. (chama maré pequena?) é, **maré morta**. (...) a maré tá ... séc... vazando (INF. M5-S).

Seca... **maré morta**. Totalmente vazia (INF. M1-S).

A maré fica uma maré assim... **maré morta**, não dá pra... não dá pescaria. (...) Não, pesca... de pescá, pesca. Agora, não se panha a quantidade desejada, né? (pega pouco, né?) Pega pouco. Até pra pegá o marisco é... ruim (INF. F4-B).

Vazante foi encontrada nos dicionários como **vazante da maré**, e consiste no movimento de descida das águas do mar, após a preamar; refluxo da maré; maré descendente; a menor altura que atingem as águas do mar na vazante da maré.

Vazante foi registrada no ALMS, na carta 0013.a, em sete dos 32 pontos de inquérito.

Céu sem lua

Para o céu quando está sem lua, ocorreram **noite de escuro, escuro, tá escuro e no truvo**.

Noite de escuro não está dicionarizada, mas, segundo os informantes das duas comunidades, significa as noites em que não há lua, ou se está em lua nova.

Na **noite de escuro** não é ruim pra quem marisca à noite, né? Pra quem vai fachiar, quem pega siri, com aquele refletor... (INF.F1-B).

Tá no escuro. Quando o céu tá sem lua, aí é a maré de escuro. É **noite de escuro** (INF.F5-B).

Escuro está dicionarizada com um valor semântico genérico, e consiste em *falta de luz; pouco claro; sombrio, tenebroso*.

No truvo, variante fonética de **no turvo**, foi mencionada por apenas uma informante, e tem o mesmo sentido de **turvo**, dicionarizada com valor genérico de *a que falta claridade; escuro; obscuro*.

Tá sem lua, no truvo, né? Porque quando tá de lua ela tá crara, ela tá alumiando. E quando ela tá sem lua, ela não aparece (INF. F6-S).

Maré em noite sem lua

Para a maré quando o céu está sem lua, tem-se **maré de escuro** e **maré morta**.

Maré de escuro, segundo os informantes, diz respeito a toda e qualquer maré em noites de lua nova.

Maré de escuro. Na maré de escuro os peixe aparece... (INF. M4-S).

Rapaz, quando tá sem lua é maré de escuro (INF. M4-B).

Porque a maré apesar de ser grande é maré de escuro (INF. F3-B).

Também tem maré de escuro, que é sem a lua, que fica maré grande (INF. F5-B).

Maré com céu claro

Para a maré quando o céu está claro, foram registradas como respostas: **maré grande**, **maré de lua**, a **maré tá toda alta** e **maré crescendo**. Todas consistem na consideração de que, em noite de lua cheia, as marés estão cheias, embora **maré de lua**, segundo os dicionários, seja sinônimo de *maré de sizígia*, e signifique *maré de grande amplitude, que se segue ao dia de lua cheia ou de lua nova*. Segundo esta acepção, marés que apresentem grande volume de água não ocorrem apenas nas fases de lua cheia, podendo ocorrer em luas novas.

Coroa/ banco de areia

Para o monte de terra que aparece no mar quando a maré está baixa, foram fornecidas as respostas **coroa**, **banco de areia**, **cabeça de areia**, **duna**, **combro**, **camaleão** e **costelinha de vaca**. **Coroa** foi a resposta mais frequente, em ambas as comunidades.

Coroa, segundo Ferreira (2004), é *cume, cimo, alto, e ainda baixio, persistente ou temporário, produzido por aluviões, nos estuários e no baixo curso dos rios e lagoas; croinha*.

Coroa, né? No caso... quando elas tem aquelas lajezinha dura? Ela é coroa!... tem umas que... É: coroa é quando tá no meio do mar, né? E... quando tá assim perto é laje, chama de laje. Entendeu? Se tivé arrudiado de água a gente chama de coroa. No caso, no meio do mar. Aqui não é areia, praticamente. Esse banco de terra aqui não é areia, é uma laje. Então, é uma coroa (INF. M4-B).

Coroas. Tem lugares que é banco de areia, que é tipo um coroa, mas é de cascalho, é pedra mermo, não é? Porque tem lugares que as mulheres marisca sambá, essas coisa. Aí é coroa (INF. M6-B).

Tanto Houaiss (2001) como Aulete (1970) consideram **coroa** sinônimo de *banco de areia*.

Banco de areia, segundo Houaiss (2001), quer dizer *acumulação de aluviões e seixos no leito dos rios e na beira dos litorais onde predominam as areias; banco, baixio, cabeça, coroa, croa, croinha*. Já Aulete (1970) afirma ser uma *elevação arenosa no fundo de rio ou do mar*.

Fica aqueles *banquinho... seco de areia. Costelinha de vaca* (INF. M6-S).

Banco de areia, quando é de cascalho. (E quando é de pedra?) Quando é de pedra é coroa (INF. F1-B).

Banco de areia. Quando é areia. E quando não é, é coroa (INF. F6-B).

Cabeça de areia não está dicionarizada, mas apresenta um sentido próximo ao de banco de areia, uma vez que **cabeça**, segundo Ferreira (2004) e Houaiss (2001), quer dizer, na Bahia, *coroa submersa formada de pedras calcárias*.

Outra observação importante consiste na diferença geológica entre as coroas de Siribinha e de Bom Jesus dos Passos. Em Siribinha, essas são formadas apenas de areia, diferente de Bom Jesus, onde a maioria das **coroas** é de pedras ou lajes calcárias. Ambas as acepções **banco de areia** e **cabeça de areia** têm sentidos semelhantes nas comunidades.

Cabeça de areia, cabeça de cascalho. A coroa é de laje (INF. M5-B).

Combro encontra-se nos dicionários como variante de *cômoro*. Ferreira (2004) diz que **cômoro** *consiste na alteração de combro, com síncope e desdobramento da bilabial nasal em bilabial plosiva*. **Cômoro** significa *elevação de terreno não muito alta; outeiro, combro*, e ainda, sinônimo de **duna**.

Uma informante de Siribinha mencionou **tombo: os tombo** (no mar) (INF. F3-S) e, embora nenhum dos dicionários tenha apresentado o significado com o mesmo sentido da pergunta, pode ser que haja alguma relação fonética com a forma lexical **combro** (INF. F1-S),

uma vez que as duas informantes, F3 e F1, são mãe e filha, e compartilham do mesmo universo cultural e lexical:

*Chama... **combro**, porque fica... várias... várias parte como se fosse uma escada... **combro** da... aí a gente chama **combro** da costa, porque fica aque... bem alto, e à veze ainda fica... quebrando... esse, pronto, agora mermo na maré de abril é sempre quando vai acontecê isso, porque fica esses **combro** e... quebrando, quebrando, quebrando... derruba várias barracas aí na frente (INF. F1-S).*

*No mar não tem não porque... o mar é areia, né? Quando a maré tá grande, ela vem até cá nos **combro**. E quando tá morta ela fica lá, baixinha. Só tem aquele buraco, aquele redemoinho (INF. F-6-S).*

Camaleão, de acordo com os dicionários, significa *elevação deixada entre os sulcos feitos, em terreno molhado, pelas rodas dos veículos ou pelas patas dos animais, pequenas lombas em meio a terras planas*. No Houaiss (2001), é mencionada como originada etimologicamente de *camalhão*. Este quer dizer *trecho de terra mais elevado, entre dois regos, que se utiliza para sementeira*. Estas acepções apresentam um conceito genérico e aproximado de **coroa/ banco de areia** e, de acordo com o sentido apresentado pela informante, pode-se considerar sinônimo.

*Aqueles montinho de terra quando o vento dá aí fica aqueles montinho, né? É... **camaleão**, acho que é **camaleão**.... (no mar). Sim... fica assim... cheio de artos e baixos. (...) na praia é... o que eu tô falando é lugá que o vento dá aí fica assim cheio de artos e baixo, agora aonde a maré bota e que vem chegando pra baixo e que fica nas pontinha, aí eu num sei não o que é (INF. F4-S).*

Costelinha de vaca, de acordo com os dicionários, consiste na *irregularidade feita de estreitas ondulações em estrada de terra, que provoca solavancos nos veículos; costela; catabi*. Este conceito não condiz com o apresentado pelo informante de Siribinha, que também forneceu a forma lexical **banco de areia**.

Água do rio com água do mar

Para a água do rio quando está misturada com a água do mar, ou a água do mar misturada com água doce, obtiveram-se como respostas **água salgada, água doce e salgada, água lodada, salobra e barrenta**.

Encontram-se registradas no ALECE, referentes à pergunta 18 do questionário, informantes escolarizados, na carta 045. L19-P.18, INF. 1, as formas **barrenta**, em 3 pontos; **salgada**, em 42 pontos; **saloba**, em 37 pontos e **salobra**, em 2 pontos.

Também na carta 046. L020-P018, INF. Ø, referente aos não escolarizados, há o registro das formas **barrenta**, em 7 pontos; **salgada**, em 52; **saloba**, 33; **salobra**, 1; e **toldada**, em 2, das 69 localidades.

Um informante utilizou quase todas as formas lexicais para descrever o fenômeno, como se fizessem parte de fases, descrevendo cada uma delas:

*Rio cheio, quando chove, no inverno que... a água fica **misturada**. É sal. Agora quando vem lá de cima, é **doce**. Quando chove, no inverno, a água fica... **barrenta**... aí quando encontra uma com a outra a gente chama de **água misturada**. No rio é sal também. Sem chover, não tem água doce. Só **salgada** (INF. 6-S).*

Água salgada foi encontrada nos dicionários com o sentido genérico, e deve ser considerada como resposta descritiva. Acredita-se também que esta pode ter ocorrido devido à percepção do informante, uma vez que a água do rio, considerada doce, ao se misturar com a água do mar, salgada, deixa de ser doce, predominando mais a mistura salgada.

*Toda **salgada**. Aqui ela é toda **salgada** (INF. F3-S).*

Água doce e salgada também pode ser considerada como descrição do fenômeno.

*Tá **barrenta**. Por causa do rio, que tá enchendo. Aí fica a água misturada, salgada e doce (INF. F5-S).*

Lodada não foi encontrada nos dicionários, mas pode estar associada à forma **lodo**, ou **lodoso**, que significa *cheio de lodo, sujo, enxovalhado, emporcalhado*, uma vez que a água do mar, ao ser misturada, com água do rio, não é considerada limpa, pois o rio traz impurezas, restos de plantas e sujeiras para a água do mar. Estas sujeiras também podem ser trazidas pelas chuvas que, ao realizarem uma espécie de varredura na região, acabam por arrastar o que encontram para o mar.

***Lodada**. Aqui dá o nome de **lodada**. Porque ela lodou, é a mistura do sal com o doce. Aí, lodou (INF. M5-S).*

Salobra ou **saloba** está dicionarizada na forma masculina **salobro**, e quer dizer *água de salinidade inferior à das águas oceânicas e que contém em dissolução alguns sais ou substâncias que a fazem desagradável*.

*Toda **salgada**. Aqui ela é toda **salgada**. (...) **Saloba**, bem **salobona** (INF. F3-S).*

*É água salgada. A água fica meia **saloba**, nesse local (INF. M1-S).*

A gente chama de água doce mermo. **Saloba**. (E a água de poço?) aqui a gente chama água de beber, água **saloba**... quando tá com o gosto não muito bom de tomá, a gente diz que a água tá **saloba** (INF. M1-B).

Água **saloba**. É água de chuva, que faz... porque pode ficar **saloba**, mas aqui a gente não sabe nem se fica **saloba**. Porque a chuva não dá pra gente prová e vê se fica **saloba**. Porque sempre é salgada aqui. Porque pra encontro de uma água com a outra, de rio, ela tem que de ficá, não salgada, como essa nossa, né? Se a água é muito forte. Mas aqui nós não temos não (INF. M6-B).

Barrenta está dicionarizada na forma masculina **barrento** e, de acordo com os dicionários, quer dizer *que contém barro; barroso*. Embora não haja barro nas regiões pesquisadas, em Siribinha, quando o rio e o mar se encontram, reviram a areia do fundo, alterando a cor da água. Além disso, a água do rio, por causa da alta quantidade de ferro, é escura. Em Bom Jesus dos Passos, quando chove, a água do mar se mistura também com a água da chuva, revirando também a água ou a lama que fica no fundo. Daí os informantes descreverem a mistura da água doce com a água salgada com um sentido de sujeira ou de mistura.

*Fica um pouco **barrenta**... mas fica salgada...* (INF F4-S).

*Tá **barrenta**. Por causa do rio, que tá enchendo. Aí fica a água misturada, salgada e doce* (INF. F5-S).

Movimento da água do rio

Para o movimento da água do rio, inquirida apenas em Siribinha, obtiveram-se as respostas **mareta**, **mar**, **mariola** e **banzeiro**.

Mareta, segundo os dicionários pesquisados, diz respeito às *pequenas ondas, ou ondas de rio*. Porém os informantes de Siribinha, ao descreverem as maretas de rio, afirmaram se tratar de ondas pequenas, porém fortes, características das cheias dos rios que, inclusive, são responsáveis pela maioria dos afogamentos.

***Mareta**. (...) Aqui, no rio, é **mareta**. No mar é ondas* (INF. F1-S).

***Mareta**. Mas é grande, também. É menor do que a do mar* (INF. F3-B).

*São **mar** (no rio). **Mareta**. Elas diz que quando tá levantando aquelas **mareta** mais forte, elas tem medo de ir pros aratu. No rio...* (INF. M1-S).

*Tá de **mar**, no rio. A gente chama que tem muita... **mareta**, no rio* (INF. F5-S).

No APFB e ALS **mareta** está registrada nas cartas 16 (BA) e 17 (SE), com o sentido de onda fraca, em quase todas as localidades.

Mar é apresentado por Ferreira (2004) e Houaiss (2001) como *agitação das águas marítimas causadas por ventos ou tempestades*. Este sentido pode ser estendido para as águas dos rios, principalmente os que desembocam no mar, como acontece com o rio Itapicuru, em Siribinha.

*Mareta, né? (no rio). No rio dá nome de **mar**. Quando tá mais forte (INF. M5-S).*

*Aquelas ondinha? A gente dá o nome de **mar**. quando venta muito, aí fica fazendo aquelas ondinha (INF. M6-S).*

No ALS a forma lexical **mar**, com o sentido de **onda**, registra-se na carta 17 (SE), em 5 pontos. No APFB, na carta 13 (BA), com ocorrência no ponto 47, significa **margem de rio**.

Mariola, variante de **marola**, não foi encontrada nos dicionários com a mesma acepção utilizada pelos informantes, mas, de acordo com eles, se trata de ondas mais fracas, em períodos das secas dos rios e conseqüente maré baixa. **Marola** significa *ondulação na superfície do mar; onda pequena*.

*Mareta. As **mariola**, a gente chama mareta. (qual a diferença de mariola pra mareta?) **mariola** é diferente, é mais fraca. A mareta mesmo é quando tá um pouco mais forte (INF. M3-S).*

Marola, no APFB, carta 16 (BA), está registrada com o sentido de **onda**.

Banzeiro, de acordo com os dicionários, consiste numa *sucessão de ondas provocadas pela passagem da pororoca ou de uma embarcação a vapor, no rio*. É considerada também sinônimo de *mar de levadia*, e ainda *mar que se agita vagarosamente, formando pequenas ondas*. Esta forma lexical foi utilizada apenas para descrever o movimento das ondas do rio, em Siribinha.

Movimento da água do mar

Para o movimento da água do mar os informantes forneceram **mareta**, **Sião das águas**, **mar**, **mar cavado**, **onda** e **suaeira**.

Mareta, apesar de ter sido mais usada pelos informantes de Siribinha para descrever o movimento das águas do rio, também foi empregada para designar as águas do mar.

Sião das águas foi fornecida pelo informante M5-S como descrição do movimento das águas do mar na maré baixa, e não foi encontrada nos dicionários.

Sião pode ser variante fonética de **silhão**, que significa, segundo os dicionários, *sela grande, com estribo apenas em um dos lados e um arção semicircular apropriado para*

senhoras cavalgarem de saia. O formato arredondado, de forma ondulada, pode estar associada à acepção utilizada pelo informante.

Porém, há ainda outra interpretação. De acordo com estudos bíblicos, o termo Sião é usado com quatro significados: i) com referência a um monte; ii) representando a cidade de Jerusalém; iii) referindo-se ao povo judeu, seus anseios e aspirações quando no exílio, pela libertação nacional e soberania; e iv) como expressão daquela realidade espiritual eterna que Deus tem buscado desde o princípio, sendo este, para os cristãos, o significado mais importante. Quando se fala em Sião, o judeu se reporta instantaneamente à cidade de Jerusalém, ao monte da santidade, isto é, do templo, ao santuário do Eterno na Terra Santa, na Terra de Israel. Relembra, entre os seus antepassados, o pai do seu povo, o patriarca Abrão e o sacrifício do seu filho Isaque.

De todos esses conceitos pode-se supor que o informante considere o movimento das águas do mar como **Sião das águas** por acreditar ser o mar um elemento sagrado, rodeado de mistérios e segredos, já que Jerusalém tem essa representação metafórica, uma vez que a palavra **Sião** é mencionada pela primeira vez na Bíblia em Samuel 5:7: “Porém Davi tomou a fortaleza de Sião; esta é a Cidade de Davi”.

(E esse movimento da água no mar?) *É de acordo o vento... **mareta** também.* (mas tem outro nome?) ***Sião, Sião das águas**, quando é menor.* (E quando fica mais forte?) *As ondas. A **mareta** é ainda menor* (INF. M5-S).

Mar, descrito anteriormente, também foi utilizado como resposta para descrever o movimento da água do mar.

*No mar a gente chama mar mesmo... **ondas**. São **ondas*** (INF. M1-S).

Mar cavado também não foi encontrada nos dicionários, mas pode ser considerada como descrição.

*A gente dá o nome de **mar cavado**. Quando tá batendo muito vento* (INF. M5-S).

Onda, de acordo com os dicionários, consiste numa *porção de água do mar, lago ou rio, que se eleva; vaga; a água do mar; oceano, mar.* Esta foi a forma lexical mais fornecida pelos informantes, principalmente os de Bom Jesus dos Passos.

*Porque... com a maré grande, a maré fica forte... Mesmo que o mar. Aquelas **onda** assim, bem forte* (INF. F3-B).

*Não pode entrá porque fica cada **onda** muito alta, né? Aí eles tem medo, de Morrê... (INF. F6-S)*

*No mar a gente chama mar mesmo... **ondas**. São **ondas** (INF. M1-S).*

Suaiera, não encontrada nos dicionários, foi descrita pelos informantes de Bom Jesus dos Passos como mar de vento calmo, ondas suaves. Já **soalheira** significa *a hora de calor mais intenso (ao sol); calor, soalha*. Houaiss (2001) acrescenta como sinônimos *calma* e *calmaria*, de onde se pode inferir que **suaeira** seja variante fônica de **soalheira**, e os informantes tenham utilizado essa forma como alusão à calmaria das ondas quando não há vento.

*No mar é onda. Quando não tem vento, que o mar tá liso, a gente chama de **suaiera**. Não tem vento (INF. M1-B).*

*Quando às vezes, o vento bate, faz aquele movimento, assim, na água? rapaz... não sei não... a gente chama... quando eu to pescano mermo que... tá esse, nesse balanço aí a gente diz que o vento tá fresco. (mas a água não tá parada. Se der um vento forte, a água não fica parada...) Não fica. Quando ela tá... lisa, assim, parada, mesmo no mar grande, que a água tá assim lisa, a gente diz que tá... **suaera**. (suaeira?) é. Maré **Suaeira**. (Sem nenhum movimento?) Sem nenhum movimento, nenhum ventinho (INF. M4-B).*

***Suaeira**. É tudo calmo (INF. M5-B).*

Lugar onde nasce o rio

Apesar de o fenômeno não fazer parte de nenhuma das comunidades pesquisadas, incluiu-se no questionário a questão “o lugar onde nasce o rio”, pelo fato de Siribinha ser banhada por um rio, e para avaliar o conhecimento dos pescadores. Embora não haja rio em Bom Jesus dos Passos, alguns informantes também responderam. As respostas foram **cabeceira do rio e nascente**.

Cabeceira do rio é mencionada nos dicionários apenas sob a forma **cabeceira**, que é *o lugar onde nasce um rio ou riacho*, e sinônimo de *nascente*.

***Cabeceira de rio**... acho que é **cabeceira de rio**. (...) Que a gente não sabe aonde o rio começa. A gente só trata como **cabeceira de rio**. Aí tá subindo, tá subindo pra... **cabeceira do rio**, agora, aonde... eu não, nunca fui! (risos) agora, eu vejo o povo falá, né? Agora, aonde o rio começa eu só vejo falá (INF. F4-S).*

Nascente é *o lugar onde nasce o curso da água*. Foi fornecido pela maioria dos informantes que responderam a pergunta.

4.1.2 Embarcações e Navegação

Lugar onde se guarda o barco

Para o lugar onde se guarda o barco, ou prende o barco na praia, as respostas fornecidas pelos informantes foram **cais**, **porto** e **amarração**.

Cais, de acordo com os dicionários, quer dizer *elevação de terra, ou aterro (natural ou artificial), à margem de rio, lago ou mar, revestido e reforçado com parede vertical de pedras ou de outro material para melhor conter as águas e usado para permitir e facilitar o embarque e o desembarque de cargas e passageiros*. Houaiss (2001) acrescenta que o **cais** serve para atracarem embarcações.

Este conceito não é o mesmo usado pelos informantes de Siribinha, que afirmam ser o **cais** o local de atracação das embarcações, tanto no rio como no mar. Quanto a Bom Jesus dos Passos, a maioria dos informantes faz essa distinção, pois há dois locais específicos para desembarque de carga e passageiros, um na ponte, próximo à igreja, outro próximo à colônia de pescadores.

Chama cais... (aqui em Siribinha tem?) Aqui não. Só em Poças (INF. F1-S).

(em Poças) Chama de cais, né? (em Siribinha) não tem (INF. M2-S).

Cais é o lugá de passageiro, né? De transportar os pessoal pra... Madre de Deus, de Madre de Deus pra cá... Só passageiro... e qualquer tipo de material que você for comprar, quando for fazê a travessia (INF. M4-B).

Deixa lá mermo, arreia a âncora... deixa aí na água... perto da ponte. (os passageiros) atraca na ponte ou no cais. Chama de morão. Diz que Suarez vai fazer um aí (um lugar para aportar os barcos) (INF. M5-B).

Porto significa, segundo os dicionários, *trecho de mar, rio ou lago, próximo à terra, que tem profundidade suficiente e é protegido por baía ou enseada, onde as embarcações podem fundear e ter acesso fácil à margem, podendo também ser usado para desembarque de passageiros*. Esta forma lexical é mais comumente usada pelos usuários de Siribinha como local para atracação de embarcações. Em Siribinha, embora não haja um porto específico, há a referência ao porto de uma comunidade próxima, Poças, de onde saem grandes barcos para realizar pesca em alto mar. Em Bom Jesus dos Passos também não há um porto específico, mas os informantes distinguem **cais de porto** a partir da definição mencionada na pergunta anterior.

Deixa aí mermo na berada da praia. (e se for no rio?) Deixa nos porto (INF. F4-S).

*Deixa ali mermo, na coroa. (E em Poças?) Deixa no **porto**, lá das Poça. Tem lá uma ponte, tem uma ponte ali. (Aqui em Siribinha, no rio, chama porto, também?) Chama. É o **porto da coroa**, que eles chegam e deixa. (na praia tem porto?) não. Quarquer lugá eles bota (INF. F6-S).*

*A gente coloca ele pra cima. Num local onde o mar num bote, pra não tirá de volta, no mar. (...) No rio é diferente, porque no rio não tem a mesma força que o mar tem, no rio, assim, a gente, no caso, a gente chegá e tivé cum preguiça de colocá ele pra cima pode colocá o remo e amarrá o barco ali mesmo. Amarrá nesses pauzinho. Não, na praia não é o **porto**. Aí não pode ser considerado um **porto**. Ne Poças tem, ... só no rio, que tem (INF. M1-S).*

*Se fosse no rio, era no **porto**, mas como é na praia, (deixa em) qualquer lugar. (INF. M4-S)*

*No rio tem os **portos**. Na praia, o porto é onde chegá. Encalhou, foi pra cima. Agora, no rio, cada qual tem seu **porto** (INF. M5-S).*

*Na amarração. Os menores, de pesca, ficam no **porto** mesmo. De cada pescador (INF. F1-B).*

*A gente deixa aí no **porto**, bota na amarração e deixa aí no porto mesmo. (INF. F2-B)*

Amarração, segundo os dicionários quer dizer *ato ou efeito de amarrar embarcação; amarra, amarradura*, corroborando o sentido usado pelos informantes:

*A gente... se tivé cheio de água, a gente pega ele desgota, bota lá na **amarração**, até a hora de a gente... ô saí pra pegá a isca ou pescá. (Amarração é o lugar onde vocês guardam o barco?) É (INF. M2-B).*

*Arreia a ancora lá, bota na **amarração** (INF. M4-B).*

*Bota na **amarração**. Tira o que tiver pra vender. (...) É **amarração**, que chama (INF. M6-B).*

*Na **amarração**. Os menores, de pesca, ficam no porto mesmo. De cada pescador (INF. F1-B).*

***Amarração**. Chama **amarração**, né? Deixa na **amarração**. Ninguém tem **amarração**... é um tubozinho, uma madeira assim que bota e... bota cadeado, mas às vez nego panha... sem pedl... mas deixa na **amarração** (INF. F4-B).*

Proa

Para a frente do barco, ocorreram as respostas **bico** e **proa**, nas duas comunidades, e **popa**, apenas em Bom Jesus dos Passos. **Bico** foi a lexia mais frequente em Siribinha, embora muitos informantes tenham, alternadamente, utilizado também **proa**.

***Proa**. O pessoal aqui chama de **bico** (INF. M1-S).*

Proa foi a lexia de maior ocorrência em Bom Jesus dos Passos, apesar de, assim como em Siribinha, ter ocorrido também a forma lexical **bico**.

A Proa. Aqui é a proa. Tem a proa e a popa. (...) Eu tô cansada de pescá no bico da canoa, que aqui a gente chama bico da canoa... (INF. M5-B).

Segundo os dicionários consultados, **bico** é *um ângulo ou curva pronunciada que se delinea numa superfície ou nela se recorta; ponta*. Esta acepção pode ser considerada de sentido comum, e condiz, portanto, genericamente com a utilização dos informantes.

Proa é *a parte anterior da embarcação; a frente de qualquer coisa*. Em Siribinha, esta foi a resposta de menor frequência, com apenas duas ocorrências registradas.

Quem vai na proa é a corda, com a âncora (INF. F5-B).

Popa, de acordo com os dicionários, é *a parte posterior da embarcação*, e consiste numa significação diferente da utilizada pelos informantes.

Popa

Para como se chama o fundo do barco, as respostas foram apenas **popa** em Siribinha e **popa** e **proa** em Bom Jesus dos Passos.

Popa, neste sentido, condiz com a acepção empregada pelos pescadores e marisqueiras da região. O mesmo, todavia, não se pode dizer de **proa**.

A popa. Aqui é onde o de trás rema (INF. F6-S).

Pessoa que fica na frente da embarcação

Para a pessoa que fica na frente da embarcação, ocorreu a resposta **proeiro** em ambas as comunidades, não havendo registro de variação em Bom Jesus dos Passos, embora alguns informantes não tenham fornecido uma única resposta, mas sim, descrições. Em Siribinha, os informantes utilizaram, além de **proeiro**, a forma lexical **biqueiro**.

Proeiro, de acordo com os dicionários, quer dizer *marinheiro que vigia, trabalha ou rema à proa; marinheiro de proa de pequena embarcação*.

Quem vai na proa? Aí é o proeiro. Aí é o proeiro, né, que chamam (INF. F4-B).

Biqueiro é derivado de **bico**, e foi encontrado nos dicionários na forma feminina **biqueira**, que significa *remate que se ajusta à ponta de alguma coisa; ponteira*. Esta acepção não condiz com o sentido empregado pelos informantes.

Biqueiro, ou proeiro (INF. M2-S).

Pessoa que fica no fundo da embarcação

Para a pessoa que fica no fundo da embarcação, as respostas foram **popeiro**, **barqueiro e proeiro**, em Siribinha, e **marinheiro, popeiro e governador**, em Bom Jesus dos Passos. **Popeiro** foi a resposta comum às comunidades, e a de maior frequência. **Barqueiro e proeiro**, em Siribinha, são casos de única ocorrência, assim como **governador**, em Bom Jesus dos Passos.

Popeiro, de acordo com os dicionários quer dizer *piloto de canoa fluvial que a maneja sentado na popa, e ainda, indivíduo popeiro; quem vai na popa*.

Na popa tem... é o popeiro... (...) agora, na frente, não tem (INF. F4-S).

Aí é quem domina a embarcação. (...) O popeiro (INF. M2-S).

Popeiro ou... marinheiro. Quem governa a embarcação (INF. M1-B).

Barqueiro, segundo os dicionários, quer dizer *indivíduo que governa um barco*. Percebe-se que esta definição não especifica em que lugar se exerce a atividade, o que consiste num sentido genérico, e não condiz com a acepção usada pela maioria dos pescadores e marisqueiras.

Barqueiro. É o que rema aqui atrás (INF. F6-S).

Marinheiro, de acordo com os dicionários, quer dizer *homem do mar*. É um sentido genérico, e não tem especificamente a mesma significação adotada pelos pescadores e marisqueiras das regiões.

Popeiro ou... marinheiro. Quem governa a embarcação (INF. M1-B).

No fundo se chama marinheiro. É, quem governa (INF. M2-B).

Governador, de acordo com os dicionários significa *aquele que governa*, o que também implica num sentido genérico e vago, uma vez que se pode governar qualquer coisa, desde veículos a cidades, estados, países, etc.

*Quem vai na popa é o **governador** (INF. M4-B).*

Quem vai no governo, na proa (INF. F3-B).

Tipos de embarcação

Para as perguntas referentes aos tipos de embarcação, os informantes forneceram respostas descritivas, sendo consideradas informações de caráter cultural.

Registraram-se, assim, para a embarcação de madeira que é movida por remo, as formas lexicais **jangada**, **canoa**, **barco/ barquinho**, **traia** e **lança**, em Siribinha, e **catraia**, **barco** e **canoa** em Bom Jesus dos Passos. A forma mais frequente em Siribinha foi **barco**, e em Bom Jesus dos Passos, **canoa**.

Jangada, de acordo com os dicionários, consiste numa *embarcação típica, usada para pescaria, com linha constituída de seis paus roliços de jangadeira, unidos por três ou quatro cavilhas de madeira dura, que atravessam os quatro paus do centro, sendo os dois de fora mais grossos, encavilhados nos que lhes ficam imediatamente juntos, de modo a situarem-se em plano ligeiramente superior ao deles.*

Esta acepção, porém, não corresponde ao sentido usado pelos informantes, nem há embarcações desse tipo nas comunidades, embora um informante de Siribinha tenha descrito a **jangada** como embarcação usada antes das canoas, feita de madeira, como as que são usadas na região atualmente:

*Eu com 38 anos, mais ou menos, tive esgotamento. Acho que porque eu comecei pescá com 12 anos de idade, né? Esse mar... **jangada** e ... me esforçando no remo, né? Agora tá bom que é esse barquinho mas,... antigamente era com **jangada**. **Jangada** era seis pau, pau de **jangada** mermo... seis pau... cravejado, no osso, né? Dois pescador contra vento, contra mar, e chegá no lugá da rede, né? (INF. M5-S).*

Canoa consiste numa *embarcação leve de pequeno porte, feita de uma só casca de árvore com armação de cipó na proa e na popa, movida a remo ou a vela.* Porém, nas comunidades não há canoas construídas de troncos ou cascos de árvores, e sim de madeira que os pescadores compram cortadas, aos metros.

*Chama de **canoa** e de barco. A **canoa** é mais comprida. A **canoa** só pesca no rio (INF. F5-S).*

*Um ou outro que é de remo aqui... Acho que barco de remo mermo pra pescaria não tem nenhum. Só tem **canoa** mermo que nego arria por aqui, pescam siri, pescam um peixinho aqui pela beira da praia... (INF. M6-B).*

*Aqui praticamente não tem mais barco a remo. Tem **canoa**. Mas todos é a motor (INF. F6-B).*

Barco consiste numa *embarcação pequena, sem coberta*, e denota conceito genérico para definir qualquer embarcação.

Barco, de madeira mesmo (INF. F1-S).

Barco... (...) é o mermo barco... porque... tem gente que faz grande, tem gente que faz pequeno... agora se fô de... de... de... dessas de fibra... é que o povo fala que é lancha... essas coisa, mas, esses daí que a gente usa aqui, assim como esse é... barco (INF. 4-S).

Catraia corresponde à *embarcação miúda robusta, de duas proas, usada para serviço nos portos, praticagem e pesca*. **Traia**, portanto, é redução de **catraia**.

Catraia. É de madeira. Tem tanto de madeira com ode fibra, que os pessoal tá pescano cum a de fibra também, que surgiu uma de fibra (INF. M2-B).

Nesses barquinho... que o pessoal costuma chamar de traia, também, a gente pesca de dupla (INF. M2-S).

Tem tipo assim (o barco), mas é de fibra. Barco, catraia. O de pesca é catraia (INF. M4-B).

Lancha, segundo os dicionários, corresponde à *embarcação a vela, a remo ou a motor, para navegação costeira, para transporte ou para outro serviço dentro dos portos*. Em Siribinha, tanto a **lancha a motor** como a **remo** são usadas apenas para transporte de passageiros, turistas em passeios pelo rio Itapicuru ou estudantes e moradores que atravessam o rio para lavar roupa, ir à escola ou pescar aratu. Em Bom Jesus dos Passos, é o veículo a motor mais usado pelos pescadores e marisqueiras atualmente, embora ainda haja barcos a remo.

Para a embarcação movida a motor, foram registradas as formas **barco a motor**, **lancha**, **lancha a motor**, **jangada a motor**, **barco de pesca**, **barco de pescador**, **mexicano**, **motor de centro** e **barco grande** em Siribinha, e **barco a motor**, **barco motorizado**, **barco de fibra** e **canoa a motor**, em Bom Jesus dos Passos.

Os informantes, ao responderem a pergunta, acabaram por especificar o tipo de embarcação, acrescentando informações como **barco a motor**, **barco de pesca**, **barco de pescador**, **motor de centro** e **barco de fibra**.

Ali é motor de centro, esses grande. Tem as jangadinha, que é motor de centro também (INF. M2-S).

Ou senão a gente pesca de barco a motor, que a gente paga, pra levar (INF. F5-B).

Lancha pode ser movida a remo ou a motor, e, assim como de referência a barco, o acréscimo de informações às respostas dos informantes pode ser considerado como especificação.

*A motor... a gente chama de **lancha** (INF. M3-S).*

Barco de pesca, barco de pescador e barco grande são considerados sinônimos e descrições de embarcações maiores, usadas para pesca em alto mar.

*(barco) **de pescador**... que vai lá... pro centro do mar. Eles são grande. Os pequeno num vai (INF. F-6S).*

Mexicano, nos dicionários consultados, consiste num *indivíduo do, ou pertencente ou relativo ao México (América do Norte)*. O informante o descreve como um barco de pesca ou no **mar de fora**, que é uma forma lexical utilizada pelos informantes de Siribinha para definir a pesca em alto mar. Nenhuma dessas formas está dicionarizada com o mesmo sentido empregado pelos pescadores.

***Barco de pesca.** Tem o **mexicano**, que pesca bem no mar de fora. Aqui na Siribinha não tem não. Eles rasga as rede dos pessoal... eles pega e leva. Eles pesca num tipo dum arrastão. Quando pesca, rasta tudo (INF. F5-S).*

Lugar ideal para pesca

Para o lugar considerado ideal, bom para a pesca, os informantes responderam **pesqueiro**, em Siribinha, e **poitada**, apenas em Bom Jesus.

Pesqueiro, segundo os dicionários consultados, pode ter dois significados. O primeiro, quer dizer *lugar que serve para comedouro, viveiro ou abrigo para peixes; ramos de plantas lançadas ao mar para atrair e juntar peixes, e lugar onde se pesca*.

Para os informantes também possui os dois significados, e corresponde tanto ao lugar ideal para a pesca como de ramos de plantas lançados ao mar com o fim de atrair peixes.

*Entra em combinação. Quem domina a embarcação é quem vai na popa, mas pra escolhê o **pesqueiro**... o que conhecer melhor. (...) O **pesqueiro** é o lugar que a gente costuma dizer que o peixe fica mais concentrado naquela área ali. (INF. M2-S)*

*Aqui a gente conhece o **pesqueiro**, que dá mais peixe... por exemplo, a gente coloca a rede lá, aí, quando não tá dando nada a gente aí, se muda pra outro. Porque ali naquela passagem não tá passando peixe. Sabe porque você tá arribando a rede e num tá pegando nada. Tem vez que a gente sarta mil metro de rede aí não pega nada (INF. M6-S).*

Mas também pode significar *ramadas lançadas ao mar com o fim de atrair e juntar peixes*.

*Têm muitos que bota galhos, pra pescar de linha. Aí chama... **pesqueiro**. Você chega no meio do mar, qualquer lugar aí aberto, você arranja galhos, próprios, tem muitos tipos de galhos próprios, você amarra uma poita, uma pedra, grande, arreia, ele fica lá que não sai do lugar. Aí ele faz as marcas. Mas aí você só vai pescar depois de trinta dias. Que é pro peixe acostumar a ficar ali (INF. M6-S).*

*Ali é **pesqueiro**. O pessoal faz, né? Corta às vezes às árvore, marca uma posição... é tipo criou um lugar pros peixe ficar. Um ambiente. Porque começa a criar limo, os peixe começa a se alimentar e fica ali mermo. Agora, você tem que marcar e tem que saber aonde você marcou. Amarra s pedra com corda nos tronco e joga. (INF. F1-B)*

Um informante de Bom Jesus dos Passos, porém, utilizou a forma **fazer pesqueiro**.

***Fazer pesqueiro**. Mas a capitania não deixa não, diz que é bomba. Mas é pra juntar peixe (INF. M5-B).*

Poitada não foi encontrada em Ferreira (2004), ou em Houaiss (2001), mas foi considerada por Aulete (1970) e por Morais Silva (1948) sinônimo de **poita**, que significa *pedra ou peso usado como âncora para fundear ou fazer parar*. Entretanto, os informantes não usaram **poitada** com o mesmo sentido do empregado pelos dicionários. Pode-se inferir que **poitada** seja uma extensão do significado de **poita**, uma vez que, inicialmente, se usava um peso para marcar o lugar ideal para a pesca. Porém, percebe-se que maioria dos informantes associa a **poitada** não apenas a esta marcação, mas a todo e qualquer lugar onde possa realizar uma boa pescaria.

*É esse lugá que eu falo, é uma **poitada** que tem. A gente chama **poitada**. (...) antes de a gente ir pescar a gente já sabe a **poitada** que a gente vai. (vocês vão procurando uma poitada?) Não, a gente vai pra **poitada** que a gente vai pescá. Por exemplo, a gente vai pescá ali, aí a gente vai, começa a arriá a groseira. Chama **poitada**. (Então a poitada pode ser boa ou ruim?) É. É sorte, tem que ter sorte, pra pegar o peixe (INF. M2-B).*

***Poitada**. É um lugar bom de pesca. Quando a gente mata o peixe mermo que... chega em terra com o barco abastecido de peixe, aí os outros pescadores falam... “pô, onde foi essa **poitada** aí?” quem sabe só é o cabeça que pescou. Cada um tem sua tem sua marcação (INF. M4-B).*

*Pra pescaria tem um nome, que é **poitada**. Mas pra marisco não tem (INF. F1-B).*

*Chama **poitada**. É uma **poitada** BOA. (E as mulheres também tem uma boa poitada?) Tem gente que pesca, tem muita mulher que pesca. (E pra marisco também tem poitada?) Não, pra marisco tem que ir na coroa boa, na coroa certa, uma coroa que tenha sambá (INF. F4-B).*

Viveiro/pesqueiro

Já para o lugar onde se reúnem peixes, em virtude do lanço de plantas aí jogadas, os informantes responderam **pesqueiro**, em ambas as comunidades, **viveiro** e **igodo**, em Siribinha, e **poitada de ramo** em Bom Jesus dos Passos, tendo sido **pesqueiro** a forma mais recorrente nesta comunidade.

Viveiro, segundo os dicionários, quer dizer *lugar onde se criam e se reproduzem animais; escavação natural ou artificial, ou depósito, cheio de água, onde se criam peixes ou plantas aquáticas; aquário; o último compartimento do curral de pesca, para onde refluem os peixes*. Estas acepções, embora se aproximem do sentido utilizado pelos informantes, não é exatamente o mesmo por eles empregado.

Igodo, apesar de não ter sido encontrada, foi considerada variante fonética de **engodo**, que significa *isca ou ceva com que se apanham peixes, aves, etc.*

Chama... tipo uma selva, que é pá juntá assim pá pegá os peixe... que eles bota assim pá pegá cuvuco... parece com o cóvo. Zigoto, igoto... (INF. F3-S).

Poitada de ramo, embora não tenha sido mencionada nos dicionários, pode ser uma extensão de sentido de **poitada**, ou seja, um local onde os pescadores lançam os ramos de plantas, atraem os peixes e consideram-no também um bom ponto de pesca.

Ali é o ramo, que a gente bota o ramo, né? É, fala os ramo. (E esse lugar onde bota o ramo, chama como?) Ali chama poitada com ramo, poitada de ramo. Porque aí é um atrativo pra os peixe ficá ali (INF. F4-B).

4.1.3 Peixes (estrutura e generalidades)

Conjunto de peixes

Para um conjunto de peixes, foram registradas as seguintes respostas: **cardume**, **manta**, **monte** e **rebanho**, sendo a mais frequente, com ocorrência nas duas comunidades, **cardume**. Outra consideração importante sobre **cardume** consiste no fato de ter sido a única resposta dada por quase todos os informantes de Bom Jesus dos Passos, excetuando-se apenas uma informante, que não respondeu. **Manta** ocorreu entre a maioria dos informantes de Siribinha, que geralmente respondiam as duas formas, **cardume** e **manta**. **Monte** e **rebanho** ocorreram apenas uma vez, cada uma.

De acordo com os dicionários consultados, **cardume** significa *grande quantidade de peixes em bando*.

Manta quer dizer *cardume, bando*, embora Houaiss (2001) tenha especificado a lexia como *cardume, especialmente de xaréus, serras e voadores*. Alguns informantes descreveram ambas as formas lexicais como sinônimas, outros, apenas, responderam **manta**.

A gente chama manta. Manta de peixe. Cardume de peixe, também (INF. M3-S).

Manta. É as manta. Quando pega muito... caiu aquelas manta de peixe. Manta de peixe na rede (INF. F3-S).

As pessoas costuma chamar de manta. Diz “ói, ali tem uma manta, de peixe”.
(INF. M2-S)

Monte possui significado genérico de *porção, quantidade de quaisquer coisas amontoadas*, inclusive de peixes, conforme afirma uma marisqueira:

Um monte... chama um monte de peixe (INF. F6-S).

A forma lexical **rebanho** quer dizer *porção de animais como carneiros, cabras, etc., guardados por pastor*, e não possui a mesma acepção utilizada pelos informantes, embora se refira ao conjunto genérico de animais, o que pode incluir peixes.

Segue, abaixo, o trecho da transcrição do informante de Siribinha que, apesar de mencionar **cardume**, acrescenta **rebanho** e **manta** como variantes:

Cardume. O pessoal mais velho não é o linguajar de hoje, é diferente. Os mais velho chama... manta. Outros chama rebanho... mas a gente sabe que rebanho é de ovelha, né? Cardume, é isso mermo (INF. M5-S).

Borbulha

Para as bolhinhas de ar em cima da água, sinal de que há muitos peixes no fundo, a resposta mais frequente foi **borbulha**, com ocorrência nas duas comunidades. Registraram-se também **verdete**, mencionada por apenas um informante de Siribinha, e a forma lexical **fervendo**, considerada como descrição do fenômeno, e utilizada por duas informantes, apenas em Siribinha.

Borbulha, que significa *bolha de vapor ou gás que se desenvolve na superfície de um líquido quando ele é agitado ou entra em ebulição*, denota um sentido genérico, e abrange as respostas descritivas **borbulhando** e **boinha de água**, como pode ser observado abaixo:

Tá borbulhando. Aqui tem muito peixe (INF. F5-S).

É... sobe aquelas boinha de água, né? (INF. F6-S)

Fervendo é considerada descrição, pois, de acordo com o significado do verbo **ferver**, nos dicionários, *movimentar-se, agitar-se continuamente, lembrando um líquido em ebulição*, e ainda *espumar*, possui também um sentido genérico que pode ter sido empregado para responder a pergunta.

*Não, quando olha sempre ali, como se tivesse **frevendo**... aí diz que tem uma manta de peixe (INF. F1-S).*

*A gente conhece mais quando dá sardinha... que a gente vê assim, vendo a manta assim, ói... a gente já conhece... é... fica **freveno** assim, ói... um bucado... eles que fica assim... (INF. F3-S)*

Verdete significa *tinta de azebre; cardenilho*. **Azebre**, sinônimo de **azinhavre**, que consiste numa *camada verde de carbonato de cobre que se forma nos objetos de cobre expostos ao ar e à umidade; azebre, zinabre*. Aparentemente, **verdete** não condiz com o sentido de **borbulha de peixe**, mas, é possível que haja alguma relação com a coloração dessas borbulhas ou espumas que ficam na superfície da água e o processo químico à que se refere a lexia **azinhavre**.

*A gente chama **verdete**. Aí fica quereno comê... os peixe vêm, as tainha vem comê aquelas espuminha que vem na água... (INF. M3-S)*

Escama, -r

Para o que cobre a maioria dos peixes, os informantes forneceram como resposta apenas **escama**, que significa, segundo os dicionários consultados, *cada uma das estruturas lameliformes que recobrem o corpo ou parte do corpo de diversos animais, e que nos peixes é de constituição óssea e nos répteis, aves e mamíferos, é de constituição córnea*, e não apresentou variação.

Quanto ao processo de retirada das escamas, os informantes responderam as formas verbais **escamar**, mais recorrente nas duas comunidades, e **tratar**, com apenas três ocorrências: um pescador e uma marisqueira, em Siribinha, e um pescador em Bom Jesus dos Passos.

Houve ainda a forma **tirar a escama**, com duas ocorrências, cada uma em uma comunidade.

Escamar, dicionarizada, significa *tirar as escamas, descamar*. Este sentido abrange a resposta fornecida pelos informantes.

Tratar apresenta um conceito genérico de *preparar (carne, peixe, etc., ou determinado peso) para o cozimento, geralmente limpando, e/ou cortando e temperando*, que satisfaz a pergunta.

Peixe sem escama

Para o peixe que não tem escama, registraram-se as respostas **peixe de couro** e **peixe de pele**. Em Siribinha, só ocorreu **peixe de couro**, forma lexical com ocorrência nas duas comunidades, embora em Bom Jesus dos Passos **peixe de pele** tenha sido a mais recorrente.

Peixe de couro, de acordo com os dicionários consultados, significa *designação comum a determinados peixes teleósteos, siluriformes, que possuem o corpo desprovido de escamas ou revestido de placas ósseas. São representados pelos bagres e cascudos, dentre outros*. Tem a mesma significação apresentada pelos pescadores e marisqueiras.

Peixe de pele não foi encontrada nos dicionários, embora **pele** signifique *membrana mais ou menos espessa que reveste o corpo do homem e dos animais vertebrados*. Ferreira (2004) considera **pele** sinônimo de **couro**, logo, esta acepção genérica inclui o sentido utilizado pelos informantes, o que a torna uma especificação do tipo de peixe, que varia de acordo com a sua membrana corpórea.

Para peixes, como por exemplo, o cação, que não têm escamas, os informantes mencionaram **couro** e **lixa** como respostas, embora **couro** tenha sido mais recorrente em Siribinha, com onze ocorrências, e **lixa**, em Bom Jesus dos Passos, com oito.

Lixa, de acordo com os dicionários, é a denominação *comum aos peixes do gênero Esqualo, de pele áspera e rugosa, como o cação, e a pele desse peixe, usada como lixa*. É ainda sinônimo de *cação-lixa*. A maioria dos informantes distinguiu **couro** como sendo a pele dos bagres em geral, e **lixa** como sendo comum às arraias, embora alguns tenham considerado **couro** e **lixa** a mesma coisa.

Abaixo, transcrição de informantes de Siribinha que fazem essa distinção:

Tem... o couro, grosso. Ou tira com a faca, que nem o cação, ou então, às veze... esquento a água e tira... a lixa. (...) arraias tem que tirá o couro, com a faca, não tem... tem lixa, mas essa lixa não sai com água quente. Aí tem que ser com a faca. E o cação não. Não precisa tirá, o couro, quem não quer, e morna uma água e tira a lixa com água quente (INF. F1-S).

Cação, ele tem lixa. Peixe de couro, ele só tem o couro mesmo. Aquele limo por cima. E o peixe... cação não, cação tem uma lixa. Ele é de couro, mas tem uma lixa (INF. F4-S).

A lixa é um, o couro é outro. O cação é um couro de lixa, né? aquela lixa, areia, né? (INF. M5-S).

Ocorreu, entretanto, de informantes de Bom Jesus dos Passos mencionar apenas **lixa**:

Tem a pele. O cação tem um tipo de uma pele como se fosse uma lixa. Tem que tirá, aferventá, porque ele vem parecido uma areia (INF. F4-B).

O cação tem lixa. A arraia tem lixa (INF. F6-B).

Couro está dicionarizada com o sentido genérico de *tecido epitelial espesso e resistente de certos animais*, e, embora componha a forma lexical **peixe de couro**, não apresenta sinonímia com **lixa** ou com quaisquer espécies ou partes dos peixes.

Segue abaixo as respostas de informantes de Bom Jesus dos Passos para a forma lexical **couro**:

Depende do cação. Tem cação que tem couro, têm outros que não. A gente chama cação de lixa (INF. M2-B).

Tem cação de pele e cação de escama. E tem de couro também, né? (INF. M4-B).

Tem couro. O cação a gente tem que despelá ele. Pá tirá aquelas pelanca dele (INF. F2-B).

Umbigo

Para o orifício que está localizado na parte inferior do peixe, obtiveram-se como respostas **umbigo**, **cu do peixe**, **bunda**, **fundinho** e **cagador**. Todas as formas estão dicionarizadas com um sentido genérico. A forma mais comum foi **umbigo**, com ocorrência nas duas comunidades, embora tenha sido registrada apenas uma vez em Bom Jesus dos Passos.

Umbigo significa *cicatriz no meio do ventre, originada pelo corte do cordão umbilical*, e não corresponde ao sentido utilizado pelos informantes.

Imbigo. Aonde eles faz as fezes (INF. M2-B).

As formas lexicais **fundinho**, **cu do peixe**, **cagador** e **bunda do peixe** dizem respeito ao *orifício situado na extremidade terminal do intestino, pelo qual se expelem os excrementos*, embora **cagador** só apareça dicionarizada no Aulete (1970) com o mesmo sentido.

Cu do peixe foi mencionada também por informantes em Siribinha:

A gente chama o cu do peixe. Tem aquele cuzinho... a gente corta e tira (INF. F3-S).

O orifício dele. (risos). O cu do peixe (INF. M2-S).

Cagador. Fundinho do peixe. Tira o cu do peixe... mas eu acho que é uma palavra meia pesada, né? (INF. M5-S).

Ocorreram também descrições, como:

O lugá que ele... solta as feze. Não chama de nada não (INF. M1-B).

Chama onde ele faz xixi (INF. F6-S).

Espinha

A pergunta referente a espinha não apresentou variação nas respostas, tendo como ocorrência a forma lexical **espinha**, nas duas comunidades, por todos os informantes.

Espinha, de acordo com os dicionários consultados, significa *osso do peixe*.

Tipos de peixe quanto à qualidade

Sobre questões relacionadas à qualidade dos peixes, pode ser constatado que os pescadores e marisqueiras consideram alguns peixes e mariscos menos saudáveis que outros. Os **peixes brancos, de escama** ou **de fundo** são designações às espécies mais salutares. Já os **peixes de couro** ou **de pele** são os que causam inflamação em ferimentos, podendo retardar a melhora de pacientes enfermos. São, portanto, considerados **reimosos, carregados** ou **venenosos**, segundo os informantes das comunidades pesquisadas.

Para a aquela qualidade de peixe que é melhor para as pessoas que sofrem do estômago ou são doentes, a resposta mais frequente foi **peixe de escama**, com ocorrência nas duas comunidades. Outros registros foram **peixe de fundo**, mencionada pela maioria dos informantes de Bom Jesus dos Passos, **peixe branco**, com uma única ocorrência, em Siribinha, e **descarregado** ou **não são carregado**, consideradas expressões descritivas, nas duas comunidades.

Peixe de escama e **peixe de fundo** não estão dicionarizadas, mas são descritas de forma diferente pelos informantes das duas comunidades. Em Siribinha, acredita-se que os **peixes de escama** são mais saudáveis por serem os que possuem a carne branca. Já em Bom Jesus, os **peixes de escama** também podem ser considerados saudáveis, porém, os **peixes de fundo** (peixes que nadam no fundo do mar e vivem dentro de pedras ou na lama, areia, como descrevem informantes), não costumam ser reimosos, e são mais recomendáveis para aqueles que estão doentes, uma vez que há **peixes de escama** que podem nadar na superfície.

*Aí são aqueles peixe que... não são carregado. (...) Os de escama geralmente são aqueles que tem a carne mais... limpa. Não faz mal nenhum. O pessoal pede **peixe***

de escama, mesmo. O de escama tem a carne... branca, e o de couro tem a carne preta. Meio escura (INF. M1-S).

*Ói, a gente diz que **peixe de escama** é **peixe de fundo**, mas nem todo **peixe de escama** é **peixe de fundo**. **Peixe de fundo** é bom pra quem tá operado... Todo **peixe de fundo** não é reimoso. Como o caldo do carapicum, é peixe de escama, mas é reimoso (INF. F3-B).*

***Peixe de fundo**. Pra quem faz cirurgia, pra quem faz... tem que comer **peixe de fundo**. É... o sambulho, a carapeba, o pampo, cabeçudo... (INF. M4-B).*

Dizia que os peixes de cima d'água fazem mal (INF. F6-B).

*Aqui na ilha, a gente tinha justamente esse resguardo. Mas eu trabalhei em nutrição dez anos. Lá na nutrição não tem isso não. Lá a gente come qualquer coisa. Até fato! Já aqui, a gente aqui na ilha, quando tá parida, tá com uma ferida, tá operado, as pessoas procura dar **peixe de fundo**. Vermelho, robalo, paru... (INF. F6-B).*

Peixe branco, para Houaiss (2001), significa *peixe teleósteo, caraciforme, da família dos curimatídeos (*Psectrogaster rhomboides*), encontrado nos rios do Nordeste brasileiro, de boca pequena e lábios grossos; beru, branquinha, branquinho, coró, coró-brancopara. Aulete (1970) o descreve como *entre os pescadores, robalo pequeno*. Observa-se que, apesar de estar dicionarizada, não apresenta o mesmo o sentido utilizado pelos informantes, pois, segundo eles, **peixe branco** diz respeito à coloração da carne, uma vez que peixes mais oleosos, geralmente os de couro ou pele, possuem a carne mais escura, associadas a espécies mais reimosas. É também considerado sinônimo de **peixe de escama** pela informante:*

Peixe branco... peixe branco que a gente... chama é... peixe de escama... (INF. F4-S)

Carregado significa *que se carregou, que tem ou recebeu carga*. Pode-se observar o emprego de um sentido genérico, associado pelos informantes a alimentos mais ou menos saudáveis. É também sinônimo de **reimoso** nos dicionários Ferreira (2004) e Aulete (1970), que quer dizer *que tem reima, que prejudica o sangue*.

*Rapaz, o que a gente conhece assim é... vermelho... peixe de fundo, assim... cabeçudo... eu ouvi dizer que é porque é peixe de fundo, que é melhor... (...) Todo peixe de escama não é **carregado** (INF. M2-B).*

*Geralmente é o peixe que tem escama. Menos **reimoso**. Quero um peixe que não seja **carregado**. Pode ser também (INF. M2-S).*

*Peixe de escama (mais saudável). É o que não é **carregado**, né? Não é **reimoso** (INF. M3-S).*

Para aquela qualidade de peixe que faz mal, as respostas mais frequentes foram **peixe de couro**, em Siribinha, e **peixe de pele**, em Bom Jesus dos Passos, sem nenhuma ocorrência em Siribinha. **Venoso**, **reimoso** e **carregado** foram também registradas, embora com

menor ocorrência, como descrições. Em Bom Jesus dos Passos, apenas um informante mencionou **peixe de couro**.

Todo peixe de couro é mais reimoso (INF. M5-S).

Peixe de couro. (...) porque diz que o peixe branco é... descarregado, e o peixe de couro é carregado (INF. F4-S).

Peixe carregado, é couro... todos peixe que tem couro é carregado (INF. F5-S).

Peixe de pele. Aqui nego só chama pele. Esses peixe não é bom pra quem tá com uma ferida, que tá com qualquer coisa. Peixe reimoso (INF. M6-B).

Nadadeira

Para **nadadeira**, as respostas mais frequentes foram **nadadeira** e **barbatana**. Outros registros foram **aba**, **asa**, **vela** e **esporão**. Nas comunidades, os informantes, em geral, consideram uma única forma lexical para designar as partes do corpo do peixe que servem para nadar, independente da sua localização.

Em Siribinha, duas informantes, porém, usaram **esporão** quando esta parte está em cima do peixe, e um informante usou **aba**. Em Bom Jesus dos Passos dois responderam **aba** e **vela** para diferenciar o nadador de cima do peixe, enquanto uma informante utilizou-se de **asa** para definir o nadador dos lados, e **esporão** para os de cima e de baixo.

Barbatana foi a resposta mais comum em Bom Jesus, principalmente entre os homens, uma vez que apenas um informante respondeu **nadadeira**, embora as mulheres, em concomitância com **barbatana**, tenham respondido **nadadeira** de maneira mais frequente.

Nadadeira e **barbatana**, de acordo com os Houaiss (2001) e Aulete (1970), são sinônimas, e significam *dobra cutânea e órgão membranoso dos peixes, sustentada por raios paralelos e por esqueleto ósseo ou cartilaginoso; badana, barbatana, pina*. Aulete acrescenta ainda que *pode ser, de acordo com suas características ou posição, adiposa, anal, caudal, dorsal, peitoral, pélvica e ventral*. Já Ferreira (2004) considera **nadadeira** um órgão locomotor dos peixes, e **barbatana**, uma dobra na pele, o que implica num sentido mais geral, podendo ser utilizado para denominar toda parte do peixe com essa característica.

Aba, **asa** e **vela** possuem sentido genérico nos dicionários pesquisados.

Esporão significa *saliência córnea do tarso de alguns machos galináceos, e formação saliente, que pode ocorrer a partir de osso*. Portanto, não está dicionarizada com o mesmo sentido usado pelos informantes, o de parte do corpo do peixe utilizado para locomoção.

Rabo/ cauda

Para aquilo com que os peixes nadam e que se tem que cortar atrás, a resposta mais frequente foi **rabo**. Outras respostas foram **cauda** e **pata/ patinha**. Em Siribinha, embora **rabo** tenha sido mais frequente e a única entre as mulheres, dois informantes responderam **cauda**. Apenas uma informante respondeu **pata/ patinha**. Em Bom Jesus dos Passos, **rabo** também foi mais frequente, mas, em geral, os informantes deram como respostas tanto **rabo** como **cauda**.

Rabo, segundo os dicionários, consiste no *prolongamento da coluna vertebral de certos mamíferos*, sinônimo de **cauda**, ou seja, um sentido genérico, que pode ser associado à parte traseira do peixe.

Pata/ patinha, segundo os dicionários, não está dicionarizada com o mesmo sentido do utilizado pelos informantes, embora **pé** e **pata** sejam formas lexicais que significam a parte de animal usado para locomoção ou apoio do corpo.

Aqui é o rabo. Chama as patinha dele, chama as pata (INF. F6-S).

Guelra

Para a **guelra**, os informantes responderam com maior frequência **guerra** (guelra). Houve o registro também da forma lexical **queixada**, em Siribinha, mencionada apenas por uma informante. Em Bom Jesus dos Passos, todos os informantes responderam apenas **guerra**, não apresentando variação.

Guelra, de acordo com os dicionários, é sinônimo de **brânquia**, e quer dizer *estrutura do órgão respiratório da maioria dos animais aquáticos, formado por fileiras de filamentos vascularizados, sustentados por arcos branquiais*.

Queixada, *significa mandíbula, ou queixo grande, proeminente*, e não está dicionarizada com a acepção fornecida pelos informantes, ou seja, parte que deve ser retirada da cabeça do peixe.

Ova

Para o que há nas fêmeas dos mariscos, meio avermelhado, e que se come, ocorreu como resposta mais frequente **ova**, tendo sido também registrada **tufa**, apenas em Siribinha.

Ova, de acordo com os dicionários, quer dizer *ovário dos peixes, ou conjunto de ovos de um peixe*.

Tufa não foi encontrada nos dicionários com o mesmo sentido utilizado pelos informantes. O verbo **tufar** pode ser considerado uma forma lexical de sentido genérico, uma vez que significa *aumentar o volume de; inchar, inflar*, e os mariscos apresentam no abdome uma protuberância interpretada pelos informantes de Siribinha como **tufa**.

*Peixe que não está fresco*¹⁸

Para um peixe que já não está fresco, a resposta mais frequente foi **moído**. Registram-se também **(tá) estragado, ruim, passado e podre**. Em Bom Jesus, os informantes preferiram estas últimas formas.

Tá passado. A gente aqui na ilha chama muito de moído (INF. F6-B).

Moído, de acordo com os dicionários, *diz-se de carne ou peixe que está começando a apodrecer*.

O APFB e o ALS apresentam as cartas 43 (BA) e 44 (SE), **moída**, forma lexical com o sentido de *Adj. estragada, a princípios de decomposição, referente a carne; quando está esfarelada*, registrada em 13 pontos do APFB e 8 pontos do ALS.

Passado se aproxima deste sentido, pois, embora com um sentido genérico, significa *alimento em processo de apodrecimento ou podre*.

Já **podre e estragado**, além de apresentarem um sentido geral, não condizem com o mesmo sentido fornecido pelos informantes, pois um peixe **moído**, de acordo com alguns deles, não está totalmente perdido, ainda podendo ser aproveitado, cozido, salgado, embora não possa mais ser congelado.

Moído. A carne não tá nem podre, nem boa. Tá mole (INF. F4-B).

É, às veiz. Às veiz salga... que às veiz já vem com a guerra branca, aí já num presta pra vendê. Aí a gente salga. Aí quando ele salga, aí ele guenta mais. (...) porque o sangue já saiu da guerra... aí a carne tá boa mas num pega gelo, mutcho.
(INF. F4-S)

Tem às vez aquele peixe que você não serve pra colocar na freeze. Porque ele já tá... ele não passou ainda totalmente do... do... ponto. Não tá podre, ele. Só que não pode congelá porque se for colocá na... na... no freeze ele ... vai demorá ainda aquele tempo pra pegá o gelo aí vai ficá podre. Aí é melhor salgá, pra colocá no sol
(INF. M1-S).

¹⁸ O termo “fresco” é utilizado em oposição a “que não está estragado”, de acordo com Ferreira (2004).

Peixe salgado

Para peixe que foi salgado, os informantes apresentaram duas respostas: **peixe salgado** e **peixe seco**, sendo que a mais frequente foi **peixe seco**. Em Siribinha, apenas três informantes mencionaram **peixe salgado**. Em Bom Jesus dos Passos, apenas duas.

Peixe salgado não foi encontrada nos dicionários, mas **salgado** quer dizer *conservado ou temperado em sal*, o que denota um sentido genérico para qualquer tipo de alimento, não apenas peixe.

Tá secando... Secando pra comer. Peixe salgado (INF. M5-S).

Peixe seco. (...) Ah, não vende salgado não... ou bota na geladeira, pra vender escamado, ou senão... vende quando chega da pesca (INF. F5-B).

Peixe seco também não foi encontrado nos dicionários, embora **seco** signifique *alimentos aos quais, mediante determinados processos, se extraiu a umidade, para melhor conservação*, considerada de sentido genérico.

Quanto àquela água muito salgada que sai do peixe, a única resposta registrada foi **salmoura**, não apresentando variação. O significado fornecido pelos dicionários – *sal úmido ou a própria umidade que escorre do peixe ou da carne que se salgou* – condiz com o sentido utilizado pelos informantes.

4.1.3.1 Peixes (espécies)¹⁹

Nesta área semântica, muitas respostas fornecidas não puderam ser comparadas linguisticamente, por conta das diferenças geográficas, geológicas e físicas, e implica também na inexistência de várias espécies, o que não impediu uma comparação e análise de caráter cultural entre as comunidades estudadas no que se refere à atividade pesqueira.

O **cação-martelo** (*Sphyrna zygaena*) (gravura 1) obteve como resposta mais frequente **cação-martelo**, seguida de **tubarão-martelo**, **cação-chapéu** e **cação-de-rodela**. **Cação-chapéu** ocorreu apenas em Siribinha. Já **cação-de-rodela** foi registrada apenas em Bom Jesus dos Passos. Alguns informantes, em ambas as comunidades, mencionaram apenas **cação**.

Cação-martelo e **tubarão-martelo** são sinônimos nos dicionários pesquisados e significam *peixe elasmobrânquio, pleurotremado, esfirnídeo (Sphyrna zygaena), dos mares tropicais e subtropicais, de dorso cinzento, e cuja parte inferior varia do amarelado ao*

¹⁹ Algumas espécies são descritas a partir de seus nomes científicos, sempre que possível, quando mencionados principalmente por Soares *et al* (2009) e Nomura (1984), por se tratar de referências específicas sobre a pesca.

branco. De acordo com Nomura (1984), os nomes científicos são *Sphyrna lewini*, *Sphyrna media*, *Sphyrna mokarran* e *Sphyrna tiburo*.

Cação-chapéu não foi encontrada nos dicionários, e **cação-de-rodela**, segundo Nomura (1984), tem o nome científico *Sphyrna tiburo*, e é sinônimo de **cação-martelo**.

A gravura que serviu para a identificação do **cação** obteve como resposta principal **cação**, forma lexical mais recorrente entre os informantes de ambas as comunidades. Por ser uma designação comum, não há um nome científico específico para este peixe, apenas o registro da família, *alopiidae*. No entanto, foram mencionadas outras formas, como **caçonete**, comum entre as duas comunidades. Em Siribinha, porém, os informantes responderam ainda **lauê**, **cação cabeça-lisa**, **cação rabo-seco** e **caçãozinho**. Já em Bom Jesus, **cação-mirim**, **tubarão pequeno** e **fogueteiro**.

Cação, de acordo com os dicionários consultados, é uma *designação comum a todos os peixes elasmobrânquios com fendas branquiais laterais e corpo de forma alongada, de tamanho médio ou pequeno, e cuja carne, embora de má qualidade, é consumida pelo povo*. Segundo Houaiss (2001), é também o mesmo que **tubarão**.

Para Nomura (1984), **Cação** ou **tubarão** são nomes genéricos aplicados aos peixes marinhos dos gêneros *Odontaspis*, *Carcharodon*, *Scyliorhinus*, *Galeorhinus*, *Prionace*, *Mustelus*, *Scoliodon*, *Galeocerdo*, *Squatina* e *Sphyrna*. Acredita-se que exista cerca de 350 espécies de cações (ou tubarões), a maioria sem nomes vulgares. Alguns nomes científicos são *Carcharhinus acronotus*, *Carcharhinus remotus*, da família *Carcharhinidae*.

Cação. Caçãozinho. É pequeno, mas ele cresce. É irmão daquele (tubarão-martelo) (INF. F6-S).

Cação. É filho. Todo cação cresce (INF. F6-B).

Cação. Esse daqui é os pequeno. O grandão já chama tubarão (INF. M5-B).

Caçonete não foi encontrado em Ferreira (2004). Já Houaiss (2001) o define como *pequeno cação*, o mesmo que **surubi** (*Pseudoplatystoma coruscans*), e ainda como um regionalismo (BA) *tubarão da família dos carcarrinídeos (Carcharhinus acronotus), comum na costa tropical e em águas temperadas, com até 2 m de comprimento, dorso liso, focinho moderadamente longo e arredondado; é vivíparo, com saco placentário, sinônimo de cortagaroupa*. Além disso, afirma que sua carne é consumida fresca ou seca e salgada. Nomura (1984) considera-o também sinônimo de surubim velho.

Soares *et al* (2009) o consideram sinônimo de **cação**, assim como os informantes.

Cação. Que chama caçonete (INF. F.4-B).

Caçonete. É o cação, só que é pequeno (INF. M6-B).

Lauê está registrada em Ferreira (2004) e Morais Silva (1948) como **laué**, sinônimo de cação, portanto, uma variante fônica de **lauê**.

Cação. Caçãozinho. Esses pequeno a gente chama aqui de lauê (INF. M2-S).

Cação rabo-seco também não foi encontrado nos dicionários, embora Ferreira (2004) apresente a forma lexical **rabo-seco** como sinônimo de **pescada-branca**, e Houaiss (2001) considere **rabo-seco** sinônimo da **pescada-combucu** ou *Cynoscion virescens*. Nenhum dos dois atende à utilização da lexia fornecida pelos informantes.

Cação normal. Rabo seco (INF. F5-S).

Cação rabo-seco... acho que é o peixe que mais tem. O que dá mais aqui na região é o rabo-seco... e o chapéu (INF. M5-S).

Tanto o **cação-mirim** como o **cação cabeça-lisa** não foram encontrados nos dicionários consultados.

Cação-mirim. Todos crescem. Vira tubarão (INF. M3-B).

Foguetinho, embora não tenha sido encontrada com a mesma acepção utilizada pelos informantes, é mencionado por Nomura (1984) como **foguete**, uma espécie de peixe, sinônimo de **espada-foguete**. **Foguetinho** é definida por Ferreira (2004) como *ave passeriforme, motacilídea (Anthus hellmayri brasilianus)*. Por Houaiss (2001), como um regionalismo brasileiro, o mesmo que **caminheiro** (ornitologia) (*Anthus hellmayri e Anthus lutescens*). Já por Aulete (1970) como *designação vulgar de uma libélula*.

O informante, porém, o descreve como sinônimo de **caçonete**:

A gente chama de foguetinho que é o caçonetezinho (INF. M4-B).

Arraia

Arraia ou **raia** (gravura 2) obteve como resposta ora diferentes espécies deste peixe, ora formas lexicais variantes.

De acordo com os dicionários, **arraia** é uma denominação geral, e consiste num peixe do gênero-tipo dos *rajídeos*, *elasmobrânquios*, *hipotremados*, *de corpo achatado*, *boca e fendas branquiais situadas na face ventral*, *nadadeiras peitorais muito desenvolvidas*, em

forma de asas. Há raias marinhas e de água doce. Repousam sempre no fundo, e nadam de maneira graciosa. A cauda é longa, afilada, provida de um, dois ou mais ferrões peçonhentos, dotados de farpas recurvadas, o que dificulta a sua retirada da carne onde penetram. Costuma ser, portanto, uma designação comum, utilizada para nomear genericamente os peixes dessa espécie.

Em Bom Jesus dos Passos, a forma lexical mais comum é **pintado**, encontrada apenas nesta comunidade. Apenas um informante respondeu **pintada**. Outras respostas foram **arraia-de-duas-cabeça**, **arraia-cabrinha**, **arraia-coroa**, **arraia-manteiga**, **arraia-de-lama**, **arraia-de-pedra**, **arraia-branca**, **cabritinha** e **arraia**. **Arraia-cabrinha**, **cabritinha** e **arraia-de-duas-cabeças** são a mesma espécie, e, portanto variantes, de acordo com a descrição do informante:

*Tem uma que chama **cabritinha**, que finge ter duas cabeça, né? (INF. M6-B).*

Pela descrição, **arraia-gigante** também é variante de **arraia-cabrinha**, **cabritinha** e **arraia-de-duas-cabeças**:

*Tem aquela de duas cabeças, né? Que chamam **gigante**. Aqui na ilha dá pequena (INF. F6-B).*

Arraia-branca e **arraia-comum** também podem ser consideradas variantes, uma vez que os informantes, ao observarem a ilustração, identificaram-na como sendo a mesma espécie.

Arraia-coroa, **arraia-de-lama** e **arraia-de-pedra** estão associadas ao local de origem desses peixes, mais especificamente onde costumam ficar ou ser fígados: enterrados na lama, nas pedras ou nas coroas. **Arraia** é a forma geral, usada para designar qualquer espécie desse peixe.

Arraia-manteiga é outra espécie.

As espécies em comum nas duas comunidades foram **arraia-de-duas-cabeças**, **arraia**, **arraia-manteiga**, **arraia-comum**, **pintada**, **arraia-mijona** e **arraia-branca**. Dessas, a forma que representa variação lexical é **pintada**, variante de **arraia-pintada**, **arraia-lisa-pintada** e **pintado**.

Arraia-pintada ou **raia-pintada** é sinônimo de **pintada** em Ferreira (2004), que significa *peixe elasmobrânquio, hipotremado, miliobatídeo (Aetobatus narinari), dos mares equatoriais, de coloração olivácea pintada de branco no dorso e clara no abdome, cauda três a quatro vezes mais longa que o corpo, com ferrão na base*. No Aulete (1970) e no Houaiss

(2001), não há referências a **pintada**, apenas a **arraia-pintada**, que é considerada no primeiro como sinônimo de arraia-arara, e no segundo, de raia-chita. **Pintado**, de acordo Ferreira (2004) e Houaiss (2001), é outro peixe, o surubim-pintado (*Pseudoplatystoma corruscans*). Já no Aulete (1970) é um bagre da família dos pimelodídeos (*Pseudoplatystoma coruscans*) encontrado em grandes rios do Brasil, de até 3,30m de comprimento, coloração parda com manchas negras até nas nadadeiras e ventre esbranquiçado.

Arraia-manteiga, de acordo com Houaiss (2001), é a espécie *Pteroplatea naclura*, também chamada *borboleta*. Para Aulete (1970), a espécie *Gymnura altavela* e *G. micrura*, e, para Ferreira (2004), *Gymnura maclura*. De acordo com Soares *et al* (2009), as duas espécies de **raia-manteiga** mais comuns no Brasil são *Gymnura micrura* e *Gymnura atavela*. São encontradas em águas tropicais e temperadas quentes. Habitam fundos arenosos e lamosos de águas rasas, inclusive estuários e desembocadura de rios.

Arraia-mijona, de acordo com Ferreira (2004), é uma *arraia provida de um cordão de bandeirolas*. Já em Houaiss (2001) e Aulete (1970) não está dicionarizada com a mesma acepção de peixe, e sim de papagaio ou pipa.

Arraia-de-pedra, **arraia-coroa**, e **arraia-branca** foram encontradas apenas no Aulete (1970). **Arraia-de-pedra** significa a variedade *Dasyatis hastata*. **Arraia-coroa** é sinônimo de *arraia-prego* (*Dasyatis hastata*) e sinônimo de **arraia-branca**, que é a espécie *Raja agassizi*. **Arraia-branca**, de acordo com Soares *et al* (2009), pertence à família Dasyatidae, e é sinônima da **arraia-amarela**.

Arraia-de-duas-cabeças, **arraia-lisa**, **arraia-cabrinha**, **arraia-de-lama**, **arraia-tintureira**, **arraia-gigante** e **arraia-comum** não foram encontradas nos dicionários pesquisados.

Ubarana

Para **ubarana** (gravura 3) resposta mais frequente foi **ubarana** e suas variações fonéticas **aubarana** e **barana**. Outra forma registrada foi **engasga-gato**, apenas em Bom Jesus dos Passos. Em Siribinha, a forma apresentou apenas variação fonética.

Ubarana foi encontrada nos dicionários como variação fonética de **obarana**, que significa *peixe elopiforme, elopídeo, de corpo esguio, escamas finas, cabeça pequena e pontiaguda, cor olivácea e guelras prateadas, cauda fortemente bifurcada*. Este peixe, segundo os informantes, tem pouco ou nenhum valor comercial, devido à grande quantidade de espinhas, o que pode ser uma possível explicação para a forma lexical **engasga-gato**, não

dicionarizada com o sentido de **ubarana**. Outra característica é a sua presença em águas costeiras do Atlântico e Pacífico tropicais, em estuários, lagoas salobras e manguezais, de acordo com Houaiss (2001). Soares *et al* (2009) atribui à **obarana** o nome científico *Elops saurus*, da família Elopidae.

Moreia

A **moreia** (gravura 4) obteve como respostas **mututuca**, **cramuru** e **moreia**. **Mututuca** foi mencionada apenas em Siribinha, enquanto **caramuru** e **moreia**, em ambas as comunidades. Em Siribinha, alguns informantes mencionaram ainda as espécies **mututuca pintada** e **mututuca pinima**, ambas não dicionarizadas, embora a forma lexical **pinima** tenha sido encontrada em Ferreira (2004), porém sem o mesmo sentido utilizado pelo informante.

Moreia, de acordo com os dicionários, é sinônimo de *enguia*, que é uma *designação comum às várias espécies de peixes ápodes, serpentiiformes, na maior parte marinhos*. De acordo com Ferreira (2004), *enguia* é sinônimo também de **caramuru**.

Mututuca é uma espécie de **moreia**, a **moreia-pintada**, que, de acordo com Ferreira (2004), consiste num *peixe actinoptério, ápode, murenídeo (Lycodontis ocellatus), da costa brasileira, de coloração amarelada com pintas escuras. É uma espécie muito agressiva e tem os hábitos da moreia*. Houaiss (2001) apenas considera a **mututuca** sinônimo de **moreia-pintada** (*Gymnothorax moringa*) e **moreia** (*Gymnothorax funebris* e *Gymnothorax ocellatus*). De acordo com os informantes, é um peixe muito agressivo e com muitas espinhas, de pouco ou nenhum valor comercial. Não está dicionarizada no Aulete (1970). Soares *et al* (2009) consideram **mututuca** e **moreia** sinônimos. Para Nomura (1984) **mututuca** tem o nome científico *Gymnothorax ocellatus*, família *Muraenidae*, e consiste numa espécie marinha comum no nordeste, muito agressiva. Seus sinônimos são **moreia-pintada**, **moreia-amarela**, **mutuca**.

Alguns informantes de Siribinha mencionaram um peixe denominado **amoreia**, descrito como um tipo de peixe pequeno, usado geralmente como isca.

De acordo com os dicionários, a **amoreia (amoréia)** é variante fônica de **amoréia (amoréia)**, e consta como sinônimo de *amboré*. Este consiste num peixe *teleósteo, perciforme, gobiídeo (Bathygobius soporator), do Atlântico. Nadadeira ventral numa só peça, dotada de uma espécie de ventosa central, com que se prende às pedras. Pequeno, sem valor econômico, tem sobre o corpo uma mucilagem, o que lhe valeu, em certas regiões, o nome popular de*

babosa. Vive entre pedras, alimentando-se de crustáceos e outros invertebrados marinhos, e tem ampla distribuição geográfica.

Aparentemente, esta descrição condiz com a utilização empregada pelos informantes.

Amoreia é um peixe assim, pretinho (INF. F1-S).

Observa-se que **moreia (moréia)** e **amoreia (amoréia)** são variantes fonéticas, apesar de nomearem espécies diferentes de peixes.

Sardinha

A **sardinha** (gravura 5) foi identificada pela maioria dos informantes como **sardinha**, sendo essa a resposta mais frequente. Alguns informantes forneceram a forma lexical **camburupim**, encontrada nos dicionários como **camurupim**, peixe que apresenta características semelhantes à **sardinha**, pois ambos são actinoptérgios.

O **camurupim** é um *elopiforme, elopídeo (Tarpon atlanticus), da costa norte do Brasil, possui coloração prateada, escamas grandes, brilhantes e com um segmento prateado. Segundo Ferreira (2004), chega a 2m de comprimento e costuma penetrar no estuário dos grandes rios, seguindo as marés. A sardinha é um peixe que vive aos cardumes e é utilizado largamente, fresco ou industrializado, na alimentação humana.*

Manjuba

A gravura 6, referente ao peixe *Anchoiella brevirostris*, ou **manjuba**, sinônimo de **anchova**, de acordo com os dicionários, não foi decodificada corretamente pelos informantes, e obteve como respostas nomes de espécies que parecem não corresponder à ilustração: **barbudo** e **sardinha**. Apenas um informante de Siribinha respondeu **anchova**. Em Bom Jesus dos Passos, nenhum dos informantes reconheceu este peixe, não fornecendo resposta.

Em Siribinha, a resposta mais comum foi **barbudo**, que, de acordo com os dicionários, consiste num peixe de espécie diferente da **anchova**, o *Polydactilus virginicus*.

Bagre

O bagre (gravura 7) foi reconhecido mais frequentemente como **bagre**, embora os informantes de Siribinha tenham mencionado diferentes espécies por eles conhecidas, como **urutu**, **bagre-do-mangue** e **bagre-griacu**. Os de Bom Jesus dos Passos mencionaram apenas **bagre**.

Segundo os dicionários, **bagre** é uma denominação genérica para a espécie dos peixes *teleósteos*, *siluriformes*, *taquissurídeos* e *pimelodídeos*, em geral de corpo mole, pele totalmente nua, barbilhões desenvolvidos. São marinhos e de água doce, vivem no fundo e se alimentam de toda espécie de substâncias.

Urutu, nos dicionários, não possui a mesma acepção de peixe, mas **bagre-urutu**, de acordo com Ferreira (2004) e Aulete (1970) é um peixe *teleósteo*, *siluriforme*, *taquissurídeo* (*Tachysurus grandicassis*), do nordeste do Brasil. Possui dorso pardo, ventre claro, com manchas esparsas, e dentes palatinos viliformes. É também sinônimo de **bagre-branco**. Já Houaiss (2001) o considera uma espécie diferente, sinônimo de *bagre-cabeçudo* (*Notarius grandicassis*) da família dos ariídeos (*Genidens genidens*), da costa leste da América do Sul, sendo um dos bagres mais comuns e abundantes do litoral brasileiro. Sinônimo também de *bagre-de-manta*, *bagre-guri*, *bagre-leilão*, *bagre-mandi*, *bagre-mandim*, *bagre-veludo*, e *bagrinho*. Para Nomura (1984), o **bagre-urutu** tem nome científico *Genidens genidens* – *Ariidae* – Encontrado desde a Paraíba até o Rio Grande do Sul.

As outras espécies, **bagre-do-mangue** e **bagre-griaçu**, não foram encontradas nos dicionários.

Voador

O peixe **voador** (gravura 8) obteve como principal resposta **voador**, bem como sua variante fonética, **avoador**. Outros registros foram **peixe-cabra**, **avoador-de-escama**, **avoador-de-couro**, **avoador-de-pele** e **avoador-de-casco**. Com exceção de **peixe-cabra**, com ocorrência em Siribinha, todas as outras espécies foram mencionadas apenas em Bom Jesus dos Passos. Este peixe não é muito valorizado por causa da grande quantidade de espinhas e por não ter muita carne, além de ter um aspecto desagradável, segundo alguns informantes.

Chama peixe-cabra. Dá o nome de avoador. Ninguém pesca ele não. Quando pega na rede, é de atrevido. É pequeno, a cabeça cheia de espeto (INF. M5-S).

Voador, de acordo com os dicionários, refere-se ao peixe *teleósteo*, *escleropáreo*, *dactilopterídeo* (*Dactylopterus volitans*), do Atlântico e Mediterrâneo, de coloração pardo-escura maculada de preto. Nada aos bandos, à procura do alimento, constituído por crustáceos e pequenos peixes. Costuma realizar vôos planados de até 100m de extensão. Para Soares *et al* (2009), **voador** e **cabrinha** são sinônimos, e o seu nome científico é *Prionotus punctatus*.

As outras espécies, **avoador-de-escama**, **avoador-de-couro**, **avoador-de-pele** e **avoador-de-casco**, não foram encontradas nos dicionários.

Peixe-cabra, de acordo com Ferreira (2004), refere-se a outra espécie de peixes, os *actinoptérios*, *triglídeos*, especialmente *Prionotus caprella*, do Atlântico, de dorso esverdeado, abdome branco, corpo com pontos ferrugíneos, nadadeira dorsal grande e alta, e a peitoral com três acúleos. **Peixe-cabra**, mencionada por dois informantes de Siribinha, não está dicionarizada, embora conste a forma **cabrinha**, no Aulete (1970) e no Houaiss (2001), como um *peixe costeiro* (*Prionotus punctatus*) de dorso marrom-acinzentado e cinza-azulado com manchas escuras e ventre mais claro, com cerca de 50 cm de comprimento, muito comum no litoral brasileiro, e sinônimo de **voador**. Considera-se, portanto, **peixe-cabra** variação lexical de **voador**.

Peixe-agulha

O **peixe agulha** (gravura 9) obteve como respostas mais frequentes **agulha**, **agulhão** e **agulhinha**. Outros registros foram **cascudinho**, **peixe-agulha** e **agulha-branca**. Faz-se necessário registrar o aumentativo e diminutivo de **agulha**, uma vez que, de acordo com os dicionários, nem sempre correspondem a peixes da mesma espécie, embora muitos dos informantes os tenham tratado da mesma forma. Em Siribinha, a forma mais frequente foi **agulhão**. **Cascudinho** foi mencionada por dois informantes. **Agulha-branca** foi utilizada como resposta por apenas uma, em Bom Jesus dos Passos.

Agulha, de acordo com Ferreira (2004), consiste na designação comum a *algumas espécies de peixe escômbridas, semelhante ao atum e às cavalas*. Houaiss (2001) e Aulete (1970) o consideram sinônimo de **agulhão**, grande peixe *teleósteo* (1,5m de comprimento) da família dos *belonídeos* (*Tylosurus acus*), dos mares tropicais. Ferreira (2004) considera **agulhão** de uma espécie diferente: peixe *sinentógnato*, *belonídeo* (*Strongylura raphidoma*), de corpo ovóide, maior que o peixe-agulha, de nadadeira dorsal com 22 a 23 raios e anal com 20 a 21, e que ocorre da Flórida ao litoral baiano.

Para Soares *et al* (2009), **agulha** e **agulhinha** são a mesma espécie, portanto, variantes lexicais, de nome científico *Strongylura marina*. Há, no entanto, uma **agulha** de nome científico diferente, a quem os autores atribuem o nome científico *Hemiramphus brasilienses*, sinônimo de **agulha branca**.

Agulhinha é sinônimo de **peixe-agulha** para Houaiss (2001) e Aulete (1970).

Peixe-agulha, para Aulete (1970) é a designação comum a vários peixes marinhos do gênero *Strongylura*, da família dos *belonídeos*, de corpo muito alongado e com focinho em forma de bico. Para Ferreira (2004) e Houaiss (2001) é um peixe *actinoptérigo*, *sinentógnato*, *belonídeo* (*Strongylura timucu*), distribuído da Flórida às costas do Brasil. Tem corpo alongado, e sua cabeça abrange 1/3 do comprimento total e termina em boca *rostriforme*, com a qual procura alimentos no fundo do mar.

Agulha branca, nos dicionários, consiste na espécie *Hyporhamphus unifasciatus* e é sinônimo de **peixe-agulha**.

Cascudinho não possui a mesma aceção de **agulha** nos dicionários consultados, uma vez que se trata de um *peixe teleósteo*, *siluriforme*, *loricariídeo* (*Paraeioraphis duseni*), de coloração plúmbea, cabeça fortemente arredondada na frente e com barbas laterais, e cerca de 0,10m de comprimento. Pode-se inferir que esta espécie seja também chamada de **agulha** e **agulhinha** ou vice-versa, pelo seu tamanho, pois ambos medem de 4 a 30 cm de comprimento.

Robalo

O **robalo** (gravura 10) foi reconhecido com frequência como **robalo**, seguido de suas diversas espécies, de acordo com a ocorrência nas comunidades. Em Siribinha, as mais comuns são **robalo**, **robalo-branco**, **robalo-flecha**, **robalo-espasmado**, **robalo-de-sovela** e **robalo**. Em Bom Jesus dos Passos, **robalo**, **robalo-flecha**, **robalo-barriga-mole** e **robalo-branco**. Este peixe é um dos mais valorizados comercialmente, nas duas comunidades, considerado peixe “de primeira”, segundo os informantes. Por isso, é o preferido entre os pescadores.

Robalo, de acordo com os dicionários, é um *peixe da família dos centropomídeos*, gênero *Centropomus*, cujas espécies são diferenciadas pelo número de escamas da linha lateral e o de espinhos na nadadeira anal, atinge águas salobras e rios, com cerca de 60 cm de comprimento, dorso esverdeado, flancos e ventre prateados e muito comum no Nordeste do Brasil. Alguns sinônimos são **camurim-açu**, **camuripeba**, **robalo**, **robalo-bicudo**, **robalo-branco**, **robalo-de-galha**, **robalo-estoque**, **robalo-flecha**, **rolão** e **camurim-sovela**.

Robalo-barriga-mole, **robalo-espasmado**, **robalo-de-sovela** e **robalo** não estão dicionarizados, embora os dicionários tenham considerado a espécie **camurim-sovela** como sinônima de **robalo**.

Mero

Para o peixe **mero** (gravura 11), a resposta mais frequente foi a forma lexical **mero**. Outras respostas foram **canapum** e **peixe-gato**, apenas em Siribinha, por um único informante. De acordo com Szpilman (2000), trata-se de um peixe grande, que mede de um a três metros, e pesa de 60 a 450 kg. Encontra-se em estágio crítico de ameaça de extinção, com alto risco, e suas diversas espécies estão na Lista da Fauna Ameaçada de Extinção.

Diversos informantes mencionaram que não podem pescá-lo, pois correm risco de serem presos. Acreditam, em sua maioria, que a sua extinção se deve ao desrespeito à época do defeso, em que os peixes estão desovando, e também ao comportamento passivo desta espécie que, embora muito grande, não é agressiva.

Mero, de acordo com os dicionários consultados, é um *peixe teleósteo, perciforme, considerado o maior serranídeo do Brasil. Vive em lugares rochosos, sendo pescado com linha de fundo, e alimenta-se de outros peixes. A carne é de primeira qualidade. É sinônimo de mero-preto, canapu, canapuguaçu, mapará, garoupa-gato, canapu*, entre outros.

Canapum foi encontrada nos dicionários Houaiss (2001) e Ferreira (2004) na forma **canapu**, e considerada sinônimo de **mero**. Já Aulete (1970) não apresentou a forma lexical com a mesma aceção utilizada pelos informantes.

Peixe-gato, segundo Ferreira (2004) e Houaiss (2001), é sinônimo de **garoupa-gato**, e é um *peixe serranídeo*, menor que o **mero**, porém, de hábitos semelhantes, o *Alphestes afer*. Na entrada **mero**, Ferreira (2004) foi o único a considerar **peixe-gato** seu sinônimo, embora no verbete **peixe-gato** não haja o registro da forma **mero**. Já Aulete (1970) considera-o sinônimo de **peixe-porco**, uma espécie diferente do **mero**, do gênero *Ballistis*, o *Monocanthus hispidus*.

Badejo

A gravura referente ao **badejo** (gravura 12) não obteve muitas respostas, pois a ilustração referente ao peixe não foi reconhecida pela maioria dos informantes. Foi assim identificado apenas por dois informantes de Siribinha. Nenhuma marisqueira de Siribinha, e nenhum dos informantes de Bom Jesus reconheceram este peixe.

O **badejo** é considerado pelos dicionários um *peixe serranídeo*, assim como o **mero** e a **garoupa**, e tem características semelhantes, como *viver em pequenos ou nenhum cardume, serem muito apreciados na caça submarina, além de viverem nas águas costeiras tropicais, geralmente sobre fundos rochosos ou arenosos*. Tem como sinônimos *garoupa-senhor-de-engenho, garoupa-gato, acará-bandeira e xarelete*.

Xaréu

As gravuras referentes às espécies de **xaréus** diferentes foram **xaréu** (gravura 13), **xaréu-branco** (*Caranx hippos*) (gravura 13.a), e **xaréu-preto** (*Caranx lugubris*) (gravura 13.b). Embora pareça mais dificultoso analisar duas espécies do mesmo peixe, as diferentes ilustrações possibilitaram a identificação, uma vez que muitos informantes reconheceram apenas um tipo de **xaréu** e não o outro, o que poderia não ter ocorrido caso houvesse apenas uma gravura. Dessa forma, ambas as ilustrações obtiveram como resposta a forma lexical **xáreu**, de designação genérica, bem como as denominações para as outras espécies.

Xáreu (*Caranx hippos*), de acordo com os dicionários, é uma espécie da família dos carangídeos. *Gênero Caranx, do Atlântico, são espécies geralmente migradoras, muito comuns no Nordeste do Brasil, com cerca de 1 m de comprimento, coloração marrom-escura a negra e o primeiro espinho da nadadeira dorsal geralmente sob a pele. São sinônimos: ferreiro, xaréu-preto e xaréu-branco, entre outros.*

O **xaréu-branco** (*Caranx hippos*) obteve como resposta mais frequente **xaréu**, tendo sido registradas **peixe-galo, graçaim, pampo, aracanguira e galo-prada**, em Siribinha. Em Bom Jesus dos Passos a mais frequente foi **cabeçudo**, além dos registros de **galo-bandeira, cabeçudo-branco, xumberga, pampo, xaréu, pampo-da-espinha-mole, e cabeçudo-amarelo**. A forma lexical **xaréu-branco** não foi mencionada por nenhum dos informantes.

Szpilman (2000) aponta alguns dos seus nomes vulgares, como **cabeçudo** (BA), **guaracema** (CE), **xaréu-roncador** (PE), entre outros. Descreve também outros carangídeos, entre eles o **xerelete, xaréu, guarajuba, guaivira, peixe-galo, e pampo**. Todos com características muito parecidas com as do **xaréu**, inclusive físicas, daí os informantes das comunidades terem usado muitas dessas formas lexicais para denominação das diversas espécies do **xaréu**.

Soares *et al* (2009) considera o **cabeçudo** sinônimo de **xaréu, guaricema, chumberga e guaraiúba**, todos de nome científico *Carans latus*.

Peixe-galo, de acordo com os dicionários, é um peixe *carangídeo, de dorso azulado e abdome prateado, facilmente reconhecível por ter a frente quase vertical, semelhante a uma relha de arado. Seu aspecto geral é o do aracanguira. Tem como sinônimos galo-bandeira, galo-de-penacho, alfaquim, capão, testudo, entre outros.*

Para Nomura (1984) o **peixe-gato** tem como nome científico *Trichomycterus reinhardti*, da família *Trichomycteridae*, peixe de couro dos Rios Itabira e São Francisco,

sinônimo de **badejo** no Espírito Santo. Esta forma lexical foi mencionada pelo informante M2-S, de Siribinha, e a informante F3-B, de Bom Jesus dos Passos.

Graçaim foi encontrado apenas em Aulete (1970), e consiste numa variedade do **cabeçudo**. No Houaiss (2001) e em Szpliman (2000) foi encontrado **graçainha** (*Caranx crysos*), considerado o mesmo que **xarelete**. Para Nomura (1984), tem como nome científico *Caranx chrysos*, família Carangidae. Principais sinônimos: *chumberga* (jovem-BA), *guarajuba* (PE), *xixarro-pintado* (PE). Também sinônimo de *xaréu* no CE e RS. Em Siribinha, **graçaim** foi mencionado por dois informantes, e em Bom Jesus dos Passos, apenas por um.

Pampo, segundo os dicionários, é um peixe *carangídeo* (*Trachinotus carolinus*), de dorso azul-cinéreo, abdome prateado e nadadeira anal com dois acúleos. Nada isolado, e sua carne é muito apreciada, e sua carne é considerada de excelente qualidade.

Aracanguira, segundo Ferreira (2004), é um peixe *carangídeo* (*Blepharis crinitus*), de coloração do dorso verde-azulada, abdome prateado e os raios das nadadeiras longos, escuros. Aproxima-se, no aspecto, do **peixe-galo**, não tendo, porém, como este, a fronte inclinada. Houaiss (2001) o considera o mesmo que **xaréu-branco** (*Alectis ciliaris*) e **peixe-galo** (*Selene vomer*). Já Aulete (1970) considera-o um peixe *carangídeo* (*Alectis ciliaris*), encontrado nos mares tropicais do mundo todo, sinônimos de **galo-do-alto**, **galo-rabudo**, **xaréu-branco**, entre outros.

Nomura (1984) afirma ser o **aracanguira** (*Alectis ciliaris*) um *carangídeo* conhecido sob essa aceção na Bahia e Pernambuco. Possui dorso verde-azulado e ventre prateado, parecido com o **peixe-galo**, de nome científico *Alectis crinitus*, também *carangídeo*. **Aracanguira** foi utilizada por um informante em Siribinha, apenas.

Galo-prada não foi encontrado nos dicionários nem em Szpilman (2000), mas descrito foi por um informante de Siribinha:

Galo... galo-prada. O melhor... porque esse daqui a carne é mais clara (INF. F5-S).

Há, no entanto, uma diferença entre as comunidades. Enquanto os informantes de Siribinha utilizaram a forma genérica **xaréu** para as espécies dos *carangídeos*, os de Bom Jesus dos Passos, embora também tenham utilizado a mesma forma, fizeram uso também de **cabeçudo**, que, para os pescadores e marisqueiras desta comunidade, consiste na espécie menor, enquanto filhote, não passando de meio metro, enquanto que **xaréu** é a espécie já crescida.

Xaréu. Passou de seis quilos, é xaréu, porque ele vem do cabeçudo (INF. M2-B).

Cabeçudo. *Quando ele passa de três quilo já não é cabeçudo, já é xaréu.*
(INF. M4-B)

Cabeçudo-branco. *Mais vendido é esse aqui. Quando cresce vira xaréu.*
(INF. M5-B)

Cabeçudo. *Quando tá pequeno. Quando tá grande a gente chama de xaréu.*
(INF. F6-B)

Cabeçudo, de acordo com Ferreira (2004), é o mesmo que **xaréu-branco**. Para Nomura (1984) e Houaiss (2001), é um peixe da família dos carangídeos (*Hemicaranx amblythynchus*), *comum em águas salobras, com cerca de 45 cm de comprimento*, o mesmo que **xaréu**. No Aulete (1970 não ocorre com o sentido de peixe carangídeo, sinônimo de **xaréu**, como descrevem os informantes.

Galo-bandeira, para Ferreira (2004) e Houaiss (2001), é o mesmo que **peixe-galo**. Para Szpilman (2000), é um dos nomes vulgares do *galo-de-penacho* (*Selene vomer*), e tem características e comportamentos semelhantes aos do **xaréu**. Foi mencionada apenas em Bom Jesus. Soares *et al* (2009) consideram o **galo-bandeira** sinônimo do **peixe-galo**, ou *Selene-setapinnis*.

Cabeçudo-branco não foi encontrado nos dicionários, mas pode ser considerada uma variante de **xaréu-branco**, uma vez que **xaréu**, para os informantes de Bom Jesus dos Passos, é variante de **cabeçudo**, como menciona uma das marisqueiras:

Cabeçudo-branco. *Ou xaréu, quando ele tá maior* (INF. F1-B).

Xumberga, de acordo com os dicionários consultados é filhote de **xarelete**. Para Szpilman (2000), é um dos nomes vulgares do **xarelete**, na Bahia, porém em pequeno porte. Foi mencionada apenas por um pescador de Bom Jesus dos Passos. Para Soares *et al* (2009), é sinônimo do **cabeçudo**.

Pampo-da-espinha-mole foi mencionado por Houaiss (2001), como o mesmo que **pampo-galhudo**, de nome científico *Trachinotus goodei*, *e ocorre dos Estados Unidos até a Argentina, sendo abundante no Nordeste e comum no Sudeste brasileiro. Com até 50 cm de comprimento, corpo alto, dorso escuro, sua carne é apreciada e consumida por pescadores amadores e artesanais*. Para Nomura (1984), **pampo-da-espinha-mole** tem nome científico *Trachinotus goodei*, da família Carangidae, uma espécie marinha abundante no verão, no Espírito Santo e Nordeste.

Cabeçudo-amarelo não foi encontrado nos dicionários, mas foi mencionado por três informantes de Bom Jesus dos Passos.

Cabeçudo amarelo. Que vai a xaréu... (INF. M6-B)

O **xaréu-preto** (*Caranx lugubris*), em Siribinha, também obteve como resposta mais frequente **xaréu**, seguida de **graçaim**, e **galo-prada**, considerada pelos informantes como a mesma espécie da ilustração para **xaréu-branco**. Em Bom Jesus dos Passos, **cabeçudo**, principalmente entre as informantes, foi a mais recorrente, seguida de **graçaim**, **xaréu**, **pampo** e **cabeçudo-amarelo**. Assim como **xaréu-branco**, **xaréu-preto** não foi mencionada por nenhum dos informantes.

Passou de seis quilos, é xaréu, porque ele vem do cabeçudo (INF. M2-B).

Guaricema

Para **guaricema** (*Caranx latus*) (gravura 14), os informantes utilizaram quase que as mesmas respostas fornecidas para **xaréu** e suas espécies, o que é compreensível, uma vez que este peixe é semelhante ao **xaréu**, e também da família dos carangídeos. As formas lexicais diferentes foram **guaiúba**, e **guaricema**, seguidas de **gançaim**, **graçaim**, **xaréu**, **cabeçudo** e **cabeçudo-branco**, sendo a **guaricema** mais frequente em Siribinha, e **cabeçudo**, em Bom Jesus.

Guaricema, de acordo com Ferreira (2004) Houaiss (2001) e Nomura (1984) é o mesmo que **xaréu**. Houaiss (2001) acrescenta que, no Rio de Janeiro, é o mesmo que **xarelete** (*Caranx crysos*, *C. latus*). Para Aulete (1970) é mesmo que **guaraçuma**, definido como *peixe carangídeo de mar* (*Trachurus trachurus*), também denominado **guaricema** e **guricema**. Para Soares *et al* (2009), é sinônimo do **cabeçudo**. Em Siribinha, dois pescadores e duas marisqueiras responderam **guaricema**.

Abaixo, trecho da transcrição de uma das marisqueiras:

Peixe de mar... deve ser de mar de fora, né? Celso compra sempre... eu pergunto a ele, que peixe parecem um xaréu, aí ele diz, é guaricema (INF. F4-S).

Guaiúba foi encontrada apenas no dicionário Houaiss, como sendo da família dos *lutjanídeos* (*Ocyurus chrysurus*), e não dos carangídeos, portanto, de outra espécie. Suas características são: *peixe encontrado no Atlântico, com até 70 cm de comprimento, dorso pardo, ventre rosado e uma faixa longitudinal amarelo-ouro com manchas irregulares acima e estrias abaixo*. Espécie muito consumida no Nordeste do Brasil, sinônimo de *caúba*, *ciobamulata*, *guajuba*, *mulata*, *rabo-aberto*, *saúba*. Em Ferreira (2004) foi encontrada a forma **guajuba**, sinônimo de *guaiúba*, um *peixe do mar, cujo nome comum ainda não está bem*

correlacionado com o nome científico. No Aulete (1970) não foi encontrada a espécie **guaiúba**, embora o autor mencione **gaujuba** como *certo peixe marinho*. Szpilman (2000), ao descrever os nomes vulgares da **guaricema**, inclui a forma **guaraiúba**, utilizada na Bahia. **Guaiúba** foi a forma lexical fornecida por um único informante, com ocorrência apenas em Siribinha.

Gançaim não pode ser considerada variante fonética de **graçaim**, pois, durante a entrevista, o informante fez questão de diferenciar as suas respostas: **graçaim**, para **xaréu-preto** (pergunta anterior), e **gançaim** para **guaricema**. **Gançaim**, no entanto, não foi mencionada nos dicionários, nem por Szpilman (2000).

Quanto às outras formas, houve uma ocorrência de **cabeçudo-branco**, em Siribinha, duas de **xaréu**, também em Siribinha, e cinco de **cabeçudo** em Bom Jesus dos Passos, já explicadas na pergunta anterior.

Olho-de-boi

Para **olho-de-boi**, ou *Seriola dumerili* (gravura 15), constatou-se que os informantes não estavam muito familiarizados, pois a maioria não reconheceu esse peixe. Em Siribinha, apenas dois deles o identificaram como **bom-nome** e **olhete**. Entre as marisqueiras, apenas uma arriscou a resposta, **guarajuba**. Em Bom Jesus dos Passos, um informante respondeu **sororoca**, e uma informante respondeu **cavala**.

Bom-nome foi mencionado apenas por Nomura (1984) como sinônimo de *pirá* no Rio de Janeiro e Espírito Santo.

Olhete significa peixe *teleósteo, perciforme, carangídeo (Seriola carolinensis)*, do Atlântico, desde as Antilhas até o Rio de Janeiro, de dorso oliváceo e abdome branco, e cujo comprimento não ultrapassa 1 metro. Houaiss (2001) e Aulete (1970) o consideram o mesmo que **olho-de-boi**. A única diferença mencionada por Szpilman (2000) a respeito do **olhete** se refere à sua ocorrência no Nordeste, Sudeste e parte do Sul, no Brasil.

Olho-de-boi, de acordo com os dicionários, é um peixe *carangídeo (Seriola lalandi)*, do Atlântico, das Antilhas ao Uruguai, de dorso violáceo ou azul-metálico e abdome branco. Alimenta-se de pequenos peixes e frequenta lugares pedregosos. Mede até 2 metros de comprimentos, e pesa até 50kg. Tem como sinônimos *arabaiana, urubaiana, olhete, pitangola, tapiranga e tapireçá*. De acordo com Szpilman (2000), ocorrem do Norte ao Sudeste no Brasil.

As outras formas mencionadas, **guarajuba**, **cavala** e **sororoca** não atendem à pergunta. Embora **guarajuba** seja da família dos carangídeos e sinônimo de **guaricema**, não se pode considerar como sinônimo ou da mesma espécie que o **olho-de-boi**. **Cavala** e **sororoca** são da família dos escombrídeos, portanto, de espécies diferentes. Acredita-se que os informantes os tenham mencionado na tentativa de apontar alguma espécie que se assemelhasse à ilustração.

Vermelho

Para a gravura referente ao **vermelho** (*Lutjanus aya*) (gravura 16), a única resposta, nas duas comunidades, foi o **vermelho**, não apresentando variação. Porém, além desta, referente ao **vermelho**, foi utilizada outra ilustração, a do **vermelho-rabo-aberto** (*Ocyurus chrysurus*) (gravura 16.a), para a qual os informantes mencionaram formas lexicais diferentes, embora **rabo-aberto** tenha sido a mais frequente. Entre elas, foram mencionadas **oriocó**, **guaiúba** e **vermelha**, apenas em Siribinha, e **canarinho** e **dentão**, apenas em Bom Jesus dos Passos.

Vermelho, segundo os dicionários, é uma designação comum a várias espécies dos lutjanídeos, especialmente o peixe actinoptérigo, perciforme (*Lutjanus aya*), de coloração vermelha tendente ao róseo, mais clara no abdome, mancha negra no meio do corpo e na parte anterior. Ocorre em toda a costa do Brasil comum no Ceará e Rio Grande do Norte, de grande valor comercial no Nordeste do Brasil. Atinge até 1m de comprimento, e sua carne é boa. Tem como sinônimo **dentão**.

Outra característica apontada pelas informantes de Siribinha é o local onde pode ser encontrado o **vermelho** que, segundo eles, só é pescado em alto mar, ou no *mar de fora*, como eles chamam:

Vermelho. Dá no mar, pega no mar de fora (INF. F5-S).

Já os pescadores de Siribinha afirmam ser o **vermelho** um *peixe de pedra*, embora também seja de alto mar:

Vermelho. É um peixe de pedra também, dá em alto mar (INF. M2-S).

Rabo-aberto, de acordo com os dicionários, consiste num peixe actinoptérigo, perciforme, lutjanídeo (*Ocyurus chrysurus*), distribuído da Flórida ao Rio de Janeiro, dorso violáceo-esverdeado, abdome róseo, uma faixa amarelo-dourada do focinho até o pedúnculo,

e todas as nadadeiras amarelo-douradas. Tem a nadadeira caudal escamosa, bifurcada e aberta, o que lhe valeu o nome popular. Houaiss (2001) acrescenta ainda ser o **rabo-aberto** o mesmo que **guaiúba**.

Rabo-aberto. Dá pouco, nas pedra. É da família do vermelho (INF. M1-B).

Oriocó, mencionada apenas por um informante em Siribinha, não foi encontrada nos dicionários. Porém, **ariocó**, segundo Ferreira (2004), quer dizer o mesmo que *vermelho-henrique*, que é um peixe actinoptérgio, perciforme, lutjanídeo (*Lutjanus synagris*), da costa atlântica. Para Houaiss (2001), é sinônimo de *vermelho-henrique* e *cioba*. Aulete (1970) o define apenas como *nome de um peixe da família dos lucianídeos*.

Soares *et al* (2009) mencionam o **ariocó** como sinônimo do **vermelho** ou *Lutjanus sinagris*. A partir dos nomes científicos das três lexias – *Lutjanus aya*, *Ocyurus chrysurus* e *Lutjanus sinagris* – vê-se que denotam espécies diferentes de **vermelho**, e não são variantes lexicais.

Para Nomura (1984), **areocó** (variante fonética de **ariocó**) é sinônimo de **vermelho-ariocó**.

Aí é um... oriocó. No mar. É peixe de pedra. É semelhante ao vermelho, ele. Ele também dá... ele também... passa como vermelho, nas venda. Entendeu? O pessoal aproveita aquelas pessoa que num conhece muito de peixe, e que ele parece com o vermelho, um pouco... aí diz: “é um vermelho”. Aí passa. Tem vermelho que não é TÃO vermelho... (INF. M2-S).

Vermelha não foi mencionada nos dicionários, tampouco por Szpilman (2000), mas os informantes de Siribinha distinguem essa espécie de **vermelho** por ocorrer apenas no rio, em comparação ao do mar.

Vermelho não... vermelho é no mar, vermelha que é do rio. A vermelha num cresce muito não. É pequenininho. A vermelha é mais preta, um pouco (INF. B4-S).

Aí é vermelha. É vermelha das verde (INF. F6-S).

Canarinho foi encontrado apenas no Houaiss (2001) como sinônimo de **roncador**, peixe teleósteo perciforme da família dos hemulídeos (*Conodon nobilis*), encontrado no Atlântico ocidental, do Texas ao Sul do Brasil. Possui cerca de 30 cm de comprimento, é amarelado com oito faixas transversais escuras, apresenta dentes faríngeos, ligados à bexiga natatória, e emite roncamentos quando capturado. Alguns sinônimos são **canarinho**, **coró**, **coroque**, **ferreiro**, **maria-luísia** e **pargo-branco**.

*Tem um peixe que dá umas parência com ele que chama **canarinho** (INF. M2-B).*

Dentão, de acordo com Ferreira (2004), é a designação comum a várias espécies dos *lutjanídeos*, especialmente o peixe *actinoptérigo*, *perciforme*, *Lutjanus aya*, de coloração vermelha tendente ao róseo, mais clara no abdome, mancha negra no meio do corpo e na parte anterior. Atinge até 1m de comprimento, e sua carne é boa. Ocorre em toda a costa do Brasil. Seus principais sinônimos são *acaraia*, *acarapitanga*, *acarapuã*, *caranha*, *carapitanga*, *caraputanga*, *cherno-vermelho*, *dentão*, *vermelho-verdadeiro*. Para Houaiss (2001), é o mesmo que **vermelho** (*Lutjanus purpureus*, *L. vivanus*). Para Aulete (1970), é um peixe *pristipomátida* (*Dentax vulgaris*). Soares *et al* (2009) atribuem ao **dentão** o nome científico *lutjanus jocu*, diferente dos dicionários consultados. Nomura (1984) considera o **dentão** uma espécie marinha de nome científico *Lutjanus vivanus*, família *Lutjanidae*, que ocorre da Carolina do Norte ao Rio de Janeiro. Em Fernando de Noronha, é sinônimo de **pescada-cambucu**.

Dentão. Como o vermelho. Merma coisa (INF. M5-B).

Carapeba

Para o **carapeba** foram utilizadas duas ilustrações, para que não houvesse a possibilidade de o informante não reconhecer uma das espécies. A primeira imagem corresponde ao **carapeba** (gravura 17), *Diapterus rhombeus*. A segunda, **carapicu/ carapicum** (gravura 17.a), ou *Eucinostomus gula*.

A primeira, **carapeba**, obteve respostas diferentes nas duas comunidades. Em Siribinha, a resposta mais comum foi **carapeba**, tendo sido registradas também **tinga**, **sauara**, **peixe-pena**, **cioba** e **cara-suja**. Em Bom Jesus dos Passos, **carapeba** só ocorreu entre as mulheres. Os homens identificaram a espécie como **carapicum**. Houve ainda, entre os informantes de Bom Jesus do Passos, a forma lexical **chopa**, considerada como caso de ocorrência única.

Carapeba, de acordo com Ferreira (2004), é um peixe da família dos *gerrídeos*, (*Moharra rhombea*), de corpo ovalado, maxilar rostriforme, boca pequena desprovida de dente, e com apenas dois raios ósseos na nadadeira anal de comprimento de até 0,30 m. De acordo com Bailly (2010), *Moharra rombea* é um peixe que aceita como nomenclatura o *Diapterus rhombeus*, como sugere Houaiss (2001), que apresenta a **carapeba** também sendo da família dos *gerreídeos*, porém, mencionando o nome científico *Diapterus rhombeus*. Acrescenta ainda ser a espécie criada em viveiros pernambucanos e encontrada nos mercados

de Salvador e Rio de Janeiro. Alguns dos seus sinônimos são *acarapeba*, *acarapeva*, *carapeva*. Considera ainda o mesmo que **carapicu** (*Eucinostomus gula* e *E. melanopterus*). Aulete (1970) acrescenta às características acima, a entrada de outro nome científico, *Eugerres brasilianus*, da mesma família do *Diapterus rhombeus* e do **carapicu** (*Eucinostomus gula* e *E. melanopterus*), tendo como principais sinônimos **acarapitinga**, **acaratinga**, **carapeba-listrada** e **caratinga**. Para Nomura (1984) **acará-peba** tem nome científico *Cichlasoma severum*, família *Cichlidae*, espécie ornamental originária do Amazonas e das Guianas. O nome vulgar é tupi e significa *peixe-chato*. Seu sinônimo é *acará-preto*.

O que já se pode considerar é que **carapeba** e **carapicum**, embora sejam da mesma família (Gerreidae), não são o mesmo tipo de peixe, e sim, espécies diferentes. Porém, *Diapterus rhombeus* e *Moharra rombea* podem sim, ser consideradas a mesma espécie, uma vez que estes nomes foram usados em Ferreira (2004) e Bailly (2010) para designar **carapeba**.

Peixe-pena, de acordo com os dicionários, corresponde ao peixe da família dos *esparídeos* (*Callamus penna*), *de corpo comprido e ovóide, com um pequeno osso sobre o qual se move o segundo acúleo da nadadeira anal. Tem a forma de uma pena de escrever, e ocorre do S. da Flórida ao S. do Brasil*. Houaiss (2001) acrescenta ainda ser o **peixe-pena** (*C. calamus*) encontrado das Bermudas e da Flórida ao Nordeste do Brasil, com até 40 cm de comprimento, corpo prateado com manchinhas azuis e face azulada com manchas amarelas, podendo ser também chamado de **pena**. Aulete (1970) não apresenta nem **peixe-pena** nem **pena** com a mesma acepção utilizada pelos informantes das comunidades.

Szpilman (2000) descreve o **peixe-pena** como uma espécie da família Sparidae, do gênero *Callamus*, assim como os dicionários, porém, aponta dois peixes deste gênero como outra espécie do **pargo**, que possui coloração avermelhada. São o *Callamus Penna* (já descrito anteriormente) e o *Callamus pennatula*, que, embora não pertençam nem à mesma família ou gênero, visualmente se parecem muito com a ilustração utilizada para apresentar o **carapeba** aos informantes: ambos apresentam “corpo prateado com reflexos amarelados no dorso e azulados no flanco” (SZPILMAN, 2000, p. 201). Esta forma lexical foi utilizada por apenas um informante, em Siribinha.

Carapicum, de acordo com os dicionários mencionados, na forma **carapicu**, consiste num peixe da família dos *gerrídeos* (*Eucinostomus gula*), *do Atlântico, desde a América do Norte à Bahia, de coloração prateada, dorso esverdeado, comprimento de até 0,14m e pequeno valor comercial*. Tem como sinônimos **carapicupeba**, **acarapicu**, **carapicu-branco**. O Houaiss (2001) acrescenta ser a acepção **carapicu** um regionalismo do Brasil para designar peixes da espécie *Eucinostomus*, tendo como sinônimos **acarapicu**, **carapau**, **carapeba**. Aulete (1970)

considera-o ainda como sinônimo de **carapeba**, **carapicu-pena** e **escrivão**. Para Nomura (1984) **carapicu** é sinônimo de **acará-picu**. Esta forma lexical foi a mais recorrente entre os informantes de Bom Jesus dos Passos, embora não tenha sido mencionada por nenhuma das mulheres desta comunidade.

Caranha, de acordo com os dicionários, diz respeito ao *peixe da família dos lutjanídeo (Lutjanus griseus), do Atlântico, de coloração que vai do róseo-escuro ao vermelho, sendo escura a margem das nadadeiras ímpares*. De acordo com Ferreira (2004), o nome é comum a outros *lutjanídeos*, e tem como sinônimos **carainha**, **caranha**, **caranha-do-mangue**, **caranhota**. Há ainda menção à aceção **cioba**. Houaiss (2001) considera-o, quanto ao regionalismo do Brasil, o mesmo que **vermelho**.

Parece ser tipo uma caranha, alguma coisa assim (INF. F1-S).

Tinga, **sauara** e **cara-suja** não estão dicionarizadas. Szpilman (2000) menciona **caratinga**, uma espécie da família *gerreidae*, o *Eugerres brasilianus*. A lexia **tinga** pode ser considerada redução de **caratinga**. Os dicionários consideram ainda **acarapitinga** e **caratinga** sinônimos de **carapicu**. Nomura (1984) apresenta para **caratinga** o nome científico *Diapterus brasilianus*, família *Gerreidade*, espécie marinha que ocorre das Antilhas ao Sul do Brasil, tem como sinônimos **acará-tinga** e **carapeba-listrada**.

Sauara. Aqui não é uma carapeba. É uma sauara. É do rio (INF. M4-S).

Tinga. Parente da carapeba. A tinga, ela não cresce tanto... ela é semelhante à carapeba. Costuma comer mais frita. Ele é gostoso. A carapeba tem uma listra preta, e a tinga não tem (INF. M2-S).

Chopa, de acordo com Ferreira (2004) e Houaiss (2001), é o mesmo que **choupa** e **caicanha**, peixe *pomadasídeo (Genyatremus luteus), do Atlântico, desde as Antilhas até São Paulo, de coloração azulada no dorso, argênteo-amarelada no abdome, nadadeira dorsal espinhosa, escura, com acúleos prateados, sendo as outras amareladas, com manchas escuras no centro das escamas, formando estrias longitudinais*. Além disso, Houaiss (2001) considera a sua carne como de baixa qualidade. Seus principais sinônimos são **carcanha**, **sanhoá**, **saguá**, **choupa**.

Carapicum

A segunda ilustração, referente à **carapicum**, ou *Eucinostomus gula*, obteve como resposta mais frequente **carapicum**, seguida de **carapeba**, nas duas comunidades. Foi registrada, também, a forma lexical **giruna** como única ocorrência em Siribinha.

Giruna não foi encontrada nos dicionários. Porém, o informante explica a diferença entre os peixes:

Giruna. O que parece com ele sabe qual é? Parece mais um carapicum. Mas é giruna. A giruna parece o carapicum (qual a diferença do carapicum para a giruna?). A giruna ela cresce mais. Vai pra meio quilo... O carapicum vai pra duzentos gramas. (mesma espécie?) Mesma espécie, é. É merma coisa que tá vendo.
(INF. M5-S)

Destes peixes, o que se pode comentar é que a ilustração utilizada para descrição do **carapeba/ carapicum** que gerou menos variação foi a segunda, ou seja, a da espécie *Eucinostomus gula*, uma vez que, nas duas comunidades, a resposta **carapicum** foi mais recorrente. Por outro lado, esta ilustração possibilitou que os informantes de Bom Jesus dos Passos descrevessem a **carapeba** como diferente do **carapicum**, pois alguns afirmaram ser este último uma versão menor em relação à **carapeba**, como pode ser observado a seguir:

Carapicum. Carapeba de listra é quando ele cresce demais (INF. M4-B).

Carapicum. O que cresce é carapeba (INF. F4-B).

Embora o informante não tenha reconhecido a **carapeba** na ilustração anterior, para a qual respondeu **chopa**, reconhece o **carapicum** na segunda ilustração, descrevendo a **carapeba** e diferenciando as duas espécies.

Carapicum. Carapeba é o que cresce mais (INF. M1-B).

Uma informante de Bom Jesus dos Passos, ao descrever a **carapeba**, na primeira ilustração, estabelece uma diferença com o **carapicum**, embora não tenha reconhecido o peixe na segunda ilustração:

Carapeba. Carapicum é menor (INF. F1-B).

Pescada

Para os diversos tipos de **pescada** também foram utilizadas ilustrações diferentes, para que não houvesse a possibilidade de não serem fornecidas formas lexicais. Foram realizadas,

em separado, as análises das ilustrações: **pescadinha** (*Isopisthus parvipinnis*) (gravura 18), **pescada branca** (*Cynoscion leiarchus*) (gravura 18.a), e **pescada amarela** (*Cynoscion acoupa*) (gravura 18.b). Todas as espécies do gênero *Cynoscion* são bastante apreciadas e consideradas de grande valor comercial, ou “peixes de primeira”, como descrevem os pescadores e marisqueiras.

Para **pescadinha**, (*Isopisthus parvipinnis*), as respostas mais frequentes em Siribinha foram **pescada** e **pescada amarela**, cada uma com seis ocorrências. Foi registrada ainda **pescadinha**, única ocorrência. Em Bom Jesus, **pescada amarela** foi a mais frequente, mencionada por seis mulheres e três homens. Houve também o registro de **pescada branca**, **pescada selvagem** e **pescada**.

Pescadinha, espécie correspondente à ilustração, de acordo com os dicionários diz respeito à designação comum a *peixes actinopterygios, perciformes, cienídeos, gênero Cynoscion, semelhantes às pescadas, de distribuição cosmopolita em mares temperados e muito comuns na costa brasileira, onde a espécie C. leiarchus é pescada com arrastão e tem grande importância comercial*. Tem como sinônimo brasileiro **pescada-branca**. Houaiss (2001) acrescenta algumas características como *coloração prateada com dorso cinzento, nadadeiras claras com mancha escura na base do peitoral*, e sinônimos **dentuça, papaterrinha, pescada**. Afirma ser o mesmo que **pescada-branca e pescada-cambucu**.

Pescada amarela. Chama de **pescadinha**, porque ela não cresce muito (INF. M1-S).

Pescada, de acordo com os dicionários, também consiste na designação comum aos peixes do gênero *Cynoscion*, embora Ferreira (2004) acrescente ser especialmente a *C. steindachneri*. Para Houaiss (2001), é o mesmo que **pescadinha**.

Pescada branca, de acordo com os dicionários, consiste num peixe *cienídeo (Cynoscion virescens), do Atlântico, das Guianas ao Rio Grande do Sul, de coloração prateada, fosca, dorso oliváceo e ventre branco. Comprimento: até 90 cm. Frequenta água doce, e alimenta-se de peixes e crustáceos*. Tem como principais sinônimos **pescada-cambuci, pescada-cambucu e pescadinha**.

Pescada amarela de acordo com Houaiss (2001) e Aulete (1970) consiste na espécie *Cynoscion acoupa, encontrada do Panamá até a Argentina, com até 1,30 m de comprimento, de corpo alongado, prateado no dorso, amarelado no ventre e nadadeiras claras*. Um de seus sinônimos é **cambucu**. Para Houaiss (2001), é considerada o mesmo que *pescada-dentão*.

Para **pescada-branca**, a resposta mais frequente foi **pescada branca** nas duas comunidades. Em Siribinha, foram registradas ainda **pescada dentusca** e **pescada**, e **pescada amarela** e **corvina** em Bom Jesus dos Passos.

Para **pescada-amarela**, registrou-se como resposta mais frequente **pescada selvagem** em ambas, embora, em Siribinha, tenham sido registradas também **pescada branca**, **jambuiu**, **pescada combucu** e **pescada**. Em Bom Jesus dos Passos, ocorreu também **pescada**. Vale ressaltar que esta espécie, nesta última comunidade, foi reconhecida apenas por quatro informantes. Destes, apenas uma mulher.

Pescada selvagem e **pescada jambuíú** não foram encontradas nos dicionários. A **pescada dentusca**, mencionada por Nomura (1984) como sinônimo de **pescada amarela**, pode fazer referência à característica da **pescada branca**, nos dicionários, apontada como sinônimo de **pescada-de-dente** e a **pescada cambucu**. Szpilman (2000, p. 204) acrescenta ainda que tanto a **pescada branca** como a **pescadinha** possuem “boca grande e oblíqua, com um par de dentes caniniformes na ponta da maxila superior”.

Pescada combucu não foi encontrada nos dicionários, embora a forma **cambucu** tenha sido mencionada. Para Ferreira (2004), é o mesmo que **pescada branca**. Houaiss (2001) diz ser redução de **pescada-cambucu** (*Cynoscion virescens*, *Macrodon ancylodon*). Aulete (1970) apresenta **cambucu** como o nome de vários peixes da família dos *pimelodídeos*, como o *surubim* (*Pseudoplatystoma coruscans*) e o *surubim-rajado*, ou *bagre-rajado* (*Pseudoplatystoma fasciatus*), portanto, pertencentes à outra família, diferente da família da **pescada**.

Corvina

A gravura referente à **corvina** obteve diversas respostas, geralmente tipos de **pescada** (**pescada amarela**, **pescada combucu** e **pescada boca-larga**), que podem ter sido fornecidas devido às semelhanças entre as espécies, uma vez que são da mesma família. Outro registro diferente destes foi **papa-areia**. **Corvina** foi mencionada por apenas cinco informantes.

Corvina, de acordo com os dicionários, é um peixe da família dos *cienídeos*, gênero *Micropogon*. Pode-se observar que, embora seja da mesma família da **pescada**, trata-se de outra espécie, a *M. opercularis*. Soares *et al* (2009) e Nomura (1984) acrescentam o nome científico *Micropogonias furnieri*.

Embora **papa-areia** não tenha sido mencionada nos dicionários com o mesmo sentido utilizado pelos pescadores, pode ser sinônimo da **pescadinha**, que, de acordo com os

dicionários, também possui como sinônimo **papa-terrinha**. Segundo Nomura (1984), **papaterra** tem nome científico *Pseudocurimata albula*, família *Curimatidae*, espécie encontrada em Lagoa Santa, Minas Gerais, e sinônimo de xaréu em Pernambuco.

Tainha

Para **tainha** (gravura 20), a resposta mais frequente foi **tainha**. Porém, há que se fazer algumas considerações, pois, tanto em Siribinha como em Bom Jesus dos Passos os informantes descreveram esta espécie em três diferentes fases ou tamanhos, e, para cada uma delas, deram nomes variados. A espécie, enquanto pequena, ou filhote, chama-se **azeiteira** ou **saúna**; a intermediária, ou mediana, mais comum nas regiões, **tainha**; e quando no seu tamanho adulto, **curimã**. Alguns pescadores explicaram, inclusive, que se tratava de espécies diferentes de **tainha**.

De acordo com Soares *et al* (2009), as **tainhas** são peixes costeiros abundantes em águas estuarinas, que formam grandes cardumes, tendo sido registradas quatro espécies na Baía de Todos os Santos: **chaverta** (*Mugil Liza*), **curimã** (*Mugil curema*) e **saúna** (*Mugil otrichodon*), sendo as duas últimas mencionadas pelos pescadores de Bom Jesus dos Passos.

Curimã. Mas se parece com tainha. Tem a azeiteira, tem a olho preto e olho de fogo. Tem a pateçu que só dá no rio doce (INF. M5-S).

Tainha, de acordo com os dicionários, é uma designação comum a várias espécies de peixes *teleósteos*, *perciformes*, *mugilídeos*, gênero *Mugil*, do Atlântico. *Têm as nadadeiras dorsal e anal desprovidas de escamas e o corpo com listras longitudinais escuras*. Todos consideram **tainha** sinônimo de **curimã**, não fazendo distinção quanto ao tamanho, ao contrário do que dizem os informantes.

Com referência à **tainha**, dizem eles:

Tainha. Tem umas que dá grande que é curimã (INF. F1-B).

Tainha. Tem tainha olho-preto. Tem curimã, quando ela já é bem maior... tem a menor, que a gente chama de saúna... (INF. F3-B).

Tainha. Tem a curimã, né? quando elas tão grande demais chama curimã. (INF. F4-B)

Quanto à **curimã**:

Curimã. Uma tainhazinha. É... Porque a tainha num cresce, e a curimã... é porque quando a gente pega uma tainha pequena, ou uma curimã pequena que seja a gente

*já conhece pela cabeça, né? (Se ela vai crescer muito). É, se ela vai ser uma **curimã**. E a tainha vê que ele num vai crescê. É azeiteira (INF. F4-S).*

***Curimã**. Que a gente chama tainha, chama **curimã**. A tainha é a pequena, a **curimã** já é grande. Que é essa daí (INF. F5-S).*

***Curimã**... tainha. Mas o nome dela é **curimãzinha**, que tá pequena, ainda vai crescê (INF. F6-S).*

Saúna, de acordo com Ferreira (2004), é uma *designação comum a dois peixes teleósteos mugilídeos (Querimana curvidens, Q. brevirostris), da costa brasileira. Diferem da tainha por terem as nadadeiras dorsal e anal cobertas de escamas e por não terem estrias escuras ao longo do corpo*. Houaiss (2001) considera o mesmo que **tainha**. Aulete (1970) foi o único dicionário que considerou a **saúna** uma espécie de **tainha** pequena da Bahia, também chamada **azeiteira**.

Segundo os informantes:

*Tainha. Quando ela tá pequena assim chama de **saúna**. (Tem uma tainha que cresce bastante...) É a curimã. A curimã é a curimã mermo. Não vem de tainha não. (INF. M2-B)*

*Tainha. **Saúna** é a que cresce, e curimã é a menor (INF. F2-B).*

*Tainha. Quando ela tá menorzinha é **saúna**. Quando ela tá como essa é tainha mesmo. Agora quando ela cresce é curimã (INF. M4-B).*

*Tainha. A que não cresce chama **saúna**. As curimã são grande (INF. F5-B).*

*Tainha. **Saúna** a gente chama a tainha pequena, tem a tainha e tem a curimã. São grandonas (INF. F6-B).*

Azeiteira, embora não tenha sido mencionada nos dicionários Ferreira (2004) e Houaiss (2001) com o mesmo sentido utilizado pelos informantes, foi considerada sinônimo de **saúna** por Aulete (1970).

*Tainha. Menor é **azeiteira**, cresce já vira... curimã... (INF. F1-S)*

Peixe-espada

O **peixe-espada** (*Trichiurus lepturus*) (gravura 21) registrou como lexia mais frequente **catana**, em Siribinha. Foram registradas ainda as formas lexicais **espada/ peixe-espada e cinturão**. **Sulamba** foi a forma mais frequente em Bom Jesus dos Passos, embora tenham ocorrido também **imbira/bira, mulamba, e peixe-espada**.

Peixe-espada ou **espada** foi a única forma encontrada nos dicionários com a mesma acepção da utilizada pelos informantes. É um peixe da família *trichiuridae*, (*Trichiurus*

lepturus), do Atlântico. Apresenta coloração prateada, corpo comprimido, longo, pontiagudo, terminado em apêndice filiforme. Sua nadadeira dorsal estende-se da cabeça à extremidade posterior do corpo, com 130 raios, e nadadeira caudal ausente. Frequenta o fundo do mar, onde se alimenta de outros peixes. Muito encontrado no comércio e utilizado na pesca esportiva.

Catana corresponde ao peixe **sapopema**, ou **peixe-borboleta**, sinônimo do **peixe-voador**. Da família dos *caracídeos* (*Gasteropelecus laevis*), do Pará, de coloração prateada, transparente. Possui nadadeiras peitorais muito desenvolvidas, cabeça pequena, abdome caído e arredondado inferiormente. Percebe-se que esta descrição atende a outra família e espécie de peixe, diferente do **peixe-espada**.

Catana. Pra Salvador já é espada. Mas é a mesma coisa (INF. M1-S).

Imbira/bira e **cinturão** foram encontrados nos dicionários com outro sentido. Já **sulamba** não foi mencionada em nenhum deles.

Sulamba. O pessoal chama de bira. Rapaz, esse peixe sumiu! Nunca mais apareceu... sumiu mermo! Nunca mais eu vi! (INF. M3-B)

Sulamba. Peixe espada. Dá tudo no mermo (INF. F1-B).

Cavala

Para **cavala** (gravura 22), ou *Scomberomorus cavalla*, e **sororoca**, ou *Scomberomorus brasiliensis*, os informantes mencionaram as duas lexias em ambas as comunidades. Alguns deles utilizaram as duas formas lexicais para descrever o peixe apresentado pela ilustração, porém, muitos apresentaram diferenças entre eles. Em Bom Jesus dos Passos, houve uma ocorrência da forma lexical **solteira**, para a mesma ilustração.

Cavala, de acordo com Ferreira (2004), é a designação comum a várias espécies de *carangídeos* do gênero *Caranx*, como, por exemplo, a *Caranx hippos*. Para Houaiss (2001), é o *Scomberomorus cavalla*, encontrado na costa da América e da África, com cerca de 1,5 m de comprimento, dorso azul escuro e ventre prateado; *cavala-perna-de-moça*, *cavala-preta*, *cavala-sardinheira*, *cavala-verdadeira*. Espécie de grande valor comercial. Aulete (1970) considera-o como *denominação comum aos peixes, marinhos, do gên. Scomberomorus, da família dos escombrídeos, encontrados no Atlântico e muito apreciados pela carne*.

Para Soares *et al* (2009), **cavala** (*Scomberomorus cavalla*) é sinônimo de *cavalinha*.

Sororoca, de acordo com os dicionários, é um peixe actinopterígio, *perciforme*, *tunídeo* (*Scomberomorus maculatus*), *do Atlântico, de dorso azulado, abdome prateado, e três séries de manchas longitudinais douradas sobre os flancos, e mede até 70 cm de comprimento. Nada em pequenos cardumes, e é pescado com rede, espinhel e corrico, e alimenta-se de peixes.* Soares *et al* (2009) considera a **sororoca** uma espécie da família Scombridae, de nome científico *Scomberomorus brasiliensis*.

Nenhum dos dicionários pesquisados menciona **cavala** como sinônimo de **sororoca** ou **solteira**, embora para **sororoca**, na acepção apresentada, conste como sinônimo **cavala-pintada**.

Segundo Szpilman (2000), **cavala**, *Scomberomorus cavalla* é a espécie conhecida como **cavala-verdadeira**, da família dos escombrídeos, e é uma espécie diferente da **sororoca**, que na verdade estaria mais próxima da **cavala-pintada**. Para Szpilman (2000), **Sororoca**, ou *Scomberomorus brasiliensis* é quase idêntica à **cavala-pintada**, ou *Scomberomorus maculatus*, apesar de afirmar que só recentemente distinguiram-se as duas espécies pelo número de vértebras na coluna ou espinha dorsal. Enquanto *S. brasiliensis* possui de 47 a 49, *S. maculatus* possui de 50 a 53.

Solteira, de acordo com Ferreira (2004) e Houaiss (2001), é um *peixe caracídeo, anastomatíneo* (*Leoporellus vittatus*), *da região cisandina, com uma faixa escura nos lados do corpo, dividida pela linha lateral, pintas negras na cabeça, e faixas nas nadadeiras caudal e dorsal.* Seus principais sinônimos são **xarelete** e **guaivira**.

Aulete (1970) apresenta outro tipo de peixe para designar a **sororoca**. Trata-se do *peixe marinho carangídeo Scombroides occidentalis*, mais próximo da **cavala** ou **sororoca**, por ser da mesma família, a escombridade, diferente dos dicionários anteriores, que apresentam um peixe de família e gêneros diferentes dos da cavala, gênero caracídeo e família anastomatidae.

Em Siribinha, embora **sororoca** tenha sido a forma mais recorrente, os informantes afirmaram que a **cavala** consiste na espécie adulta, enquanto **sororoca** seria o filhote.

Tem a cavala que é o mesmo peixe, só que é maior (INF. F1-S).

Quando ela tá pequena é sororoca. Quando tá grande é cavala.(INF. M6-S).

Alguns informantes, porém, descreveram como espécies diferentes, em vez de idades diferentes.

É. Cavala, a gente chama cavala. Que a cavala cresce muito, né? Até 12, 13 quilo. E a sororoca é pequena. No rio não dá não, só dá no mar. É de couro (INF. F5-S).

Sororoca ou cavala. A sororoca não cresce muito, e a cavala cresce (INF. M1-S).

Já em Bom Jesus dos Passos, ocorreu, além das formas **cavala e sororoca**, a forma **solteira**, mencionada por apenas uma informante.

Cavala, que a gente chama solteira. (e quando ela tá menor?) É cavala, cavalinha... cavalinha do mar (INF. F4.B).

Assim como em Siribinha, muitos informantes de Bom Jesus diferenciaram **sororoca** e **cavala** de acordo com a idade.

Cavala já é grande. Essa daqui é sororoca (INF. F6-B).

Sororoca quando ela tá pequena, de um quilo e meio, dois quilo, a gente chama de sororoca. Quando ela passa pa dez, quinze quilo é cavala (INF. M1-B).

Sororoca. Quando ele cresce, chama de cavala.(INF. M4-B).

Baiacu

Para a identificação do **baiacu**, foram utilizadas duas ilustrações: **baiacu** (gravura 23), ou *Lagocephalus laevigatus*, e **baiacu-espinho** (gravura 23.a), ou *Diodon histrix*. **Baiacu**, designação comum aos peixes da família *diodontídeos*, gênero de características peculiares e espécies variadas, registrou, nas duas comunidades, várias respostas, embora **baiacu** tenha sido a mais recorrente em ambas. Outra forma em comum mencionada foi **baiacu-de-espinho**.

Os informantes de Siribinha responderam **baiacu-xáreu**, **baiacu-camisa-de-meia**, **baiacu-pintado**, **baiacu-espeto** e **baiacu-bimba**. E apenas em Bom Jesus dos Passos ocorreram as formas lexicais **baiacu-bolsa**, **baiacu-de-mangue**, **baiacu-branco**, **baiacu-dondom** e **baiacu-feiticeiro**.

Baiacu, segundo os dicionários consultados, consiste na *designação popular aos peixes teleósteos, plectógnatos, que têm corpo revestido de escamas, espinhos ósseos ou placas ósseas, e vivem no mar ou em água doce. Podem inflar a barriga quando fora da água, ou para boiar e fugir à perseguição dos inimigos: alimentam-se de moluscos, crustáceos e algas, e sua carne é considerada venenosa se não for tratada com cuidados adequados*. Aulete (1970) acrescenta a classificação *tetraodontiforme*. Seu principal sinônimo é *sapo-do-mar*.

Baiacu-de-espinho para os dicionários consultados é uma *designação comum aos peixes teleósteos, plectógnatos, diodontídeos, cujo corpo é revestido de espinhos ósseos, sendo os dentes unidos em duas placas*. Houaiss (2001) acrescenta duas denominações

científicas, com algumas diferenças nas suas características. A primeira é o *Chilomycterus spinosus*, que *mede até 40 cm de comprimento, possui corpo coberto por espinhos, verde-amarelado no dorso e amarelo no ventre, maxilares com duas placas inteiriças*. Possui como sinônimos as formas **baiacu-espinho** e **baiacu-bolsa**. O segundo, o *Chilomycterus antillarum*, *é encontrado da Flórida até a Bahia, mede até 25 cm de comprimento, corpo com espinhos fixos, marrom-amarelado com manchas de tons claros ou escuros, mancha negra na base da nadadeira dorsal e acima da peitoral*. O Aulete afirma ser uma espécie de **baiacu** e acrescenta o seu nome científico, o *Chylomycterus spinosus*, L.

Baiacu de espinho. Dá mais no mar, esse daqui... nenhum deles não come não. Tem o baiacu-xaréu, que é grande... que cresce... (dá na região) tem muita gente que come, só que.... o perigo é o fêr. O bater, pra num pocá o fêr. Mermo cozinhando, não mata o veneno (INF. F.5-S).

O **baiacu-pintado** não foi apresentado pelo dicionário Ferreira (2004) nem por Aulete (1970). Em contrapartida, no Houaiss (2001), consiste no *mesmo que baiacu-pinima (Spheroides spengleri) e baiacumirim (Spheroides testudineus)*.

O **baiacu dondom**, para Ferreira (2004), é um *peixe teleósteo, plectógnato, tetradontídeo (Lagocephalus laevigatus)*. *Tem até 60cm de comprimento; a pele, aparentemente lisa, é áspera como lixa*. Para Houaiss (2001), é o mesmo que *baiacu-ará*, de nome científico *Lagocephalus laevigatus*. Nomura (1984) o considera sinônimo de *baiacu-arara*.

Tem o baiacu dondom. Que ele é grande... (INF. F6-B).

Baiacu-bolsa é definido por Houaiss (2001) como o mesmo que **baiacu-de-espinho** (*Chilomycterus spinosus*) e **baiacu-de-espinho-pintado** (*Diodon hystrix*). Aulete (1970) o define como *espécie de baiacu coberto de espinhos, que incha ao ser tocado*.

Um informante de Bom Jesus dos Passos considerou o **baicu-bolsa** sinônimo do **baiacu-de-espinho**:

Baiacu espinho. Outros chama baiacu bolsa... mas isso aí é só pra cortar anzol. (INF. M6-B)

Baiacu-de-mangue foi encontrado apenas no Aulete (1970) de maneira bastante vaga como uma *variedade de baiacu*.

Os demais, **baiacu-feiticeiro**, **baiacu-xaréu**, **baiacu camisa-de-meia** e **baiacu-espeto** não foram encontrados nos dicionários pesquisados. A forma lexical **baiacu-espeto** pode ser

considerada variante de **baiacu-espinho**, pois **espinho** quer dizer *cada um dos pelos pontiagudos que revestem o corpo de certos animais*, e **espeto** tem o sentido de *espetar, furar, atravessar com algo pontiagudo e áspero*.

*Esse daqui é mais de mar, é **baiacu espeto** (INF. F1-S).*

***Baiacu de espeto**. É... pocá o fér cê morre... (INF. F.6-S).*

***Baiacu**, do mar. Cheio de ponta mesmo. Aí fura. Aí é **espeto** (INF. M2-S).*

Outra descrição de **baiacu** não dicionarizada foi o **baiacu-bimba**. **Baiacu-guimba**, **entretanto**, para Aulete (1970) é o mesmo que *baiacu-ará*.

*Baiacu. Esse daqui é o... **bimba**. Aqui tem baiacu xaréu, tem o de espinho... tem o baiacu xaréu, que se come (INF. M1-S).*

4.1.4 Mariscos

Camarão

Camarão foi a pergunta introdutória para que os informantes descrevessem as diversas espécies existentes em suas comunidades. Dessa forma, inicialmente, não se percebeu variação, visto que todos reconheceram a figura que lhes fora apresentada. Mas, a partir dela, os informantes começavam a descrever as espécies e seus modos de captura, e quais eram mais comuns no rio e no mar.

Os camarões do mar mencionados por ambas as comunidades foram: **camarão pistola**, **camarão vermelho** e **camarão branco**. Em Siribinha, os informantes responderam ainda **camarão-sete-barba**, **camarão rosa** e **camarão amarelo**. Já em Bom Jesus dos Passos, **camarão rajado** e **camarão cinza**.

De acordo com Ferreira (2004), **camarão** significa *animal artrópode, crustáceo, decápode, peneídeo, macruro, com 10 patas. Sua evolução consta de cinco fases. Várias espécies são conhecidas, todas de importância comercial*.

Apenas Houaiss (2001) apresenta a forma lexical **Camarão-pistola** como o mesmo que camarão-de-estalo, que é uma *designação comum aos pequenos camarões marinhos, da família dos alfeídeos, encontrados geralmente entre pedras ou em buracos, com um dos quelópodes muito desenvolvido, que ao, se fechar, produz um som de estalo e sinônimo de camarão-pistola*.

Camarão-pistola. A diferença é porque... o camarão pistola, ele é grandão.
(INF. F6-S)

Camarão-vermelho foi encontrado apenas no Houaiss (2001), e quer dizer *camarão marinho, da família dos peneídeos (Penaeus aztecus), encontrado da América Central ao Sudeste do Brasil (até o RJ), de coloração castanha com a extremidade das patas abdominais azuladas.*

Camarão-branco, para Ferreira (2004), é o mesmo que *camarão-verdadeiro, animal crustáceo, decápode, macruro, peneídeo (Penaeus schimitti), braço com a extremidade livre do rostro de comprimento mediano, cefalotórax sem sulcos longitudinais, a crista pós-rostral e o sexto segmento abdominal sem sulcos dorsolaterais.* Tem como sinônimo **camarão-branco**. Houaiss (2001) difere de Ferreira (2004), por acrescentar que o **camarão-branco** é também o mesmo que **camarão-rosa**, além de mencionar seus respectivos nomes científicos (*Penaeus schimitti, Penaeus setiferus e Penaeus brasiliensis*). Aulete (1970) o considera o mesmo que *camarão-legítimo*, que significa *espécie de camarão (Penaeus setiferus)*. Também lhe chamam **camarão-branco** e *camarão-do-lixo*. Para Soares *et al* (2009), o **camarão branco** possui nome científico *Litopaeneus schimitti*.

Camarão sete-barba não foi mencionado por Ferreira (2004), mas foi encontrada a forma **sete-barbas**, descrita vagamente como uma *espécie de camarão*. Houaiss (2001) o define como *camarão marinho da fam. dos peneídeos (Xiphopenaeus kroyeri), encontrado dos E.U.A. ao Sul do Brasil, com cerca de 8 cm de comprimento e rostro com a ponta curvada para cima; camarão-de-areia, camarão-ferro, camarão-sete-barba*. Para Soares *et al* (2009), é o mesmo que *camarão-pequeno*, de nome científico *Xiphopenaeus kroyeri*.

Camarão-rosa, de acordo com Ferreira (2004) e Houaiss (2001), é uma designação comum às espécies de *crustáceos decápodos, macruros, peneídeos, cujo cefalotórax tem sulcos longitudinais laterais, crista pós-rostral e o sexto segmento abdominal provido de sulcos dorsolaterais. São três as espécies conhecidas: Penaeus brasiliensis, de cor vermelha, superiormente*. Outra forma de definição apresentada por Ferreira (2004) é *crustáceo decápode, macruro, palemonídeo (Leander potitinga), de água doce, com até 6cm de comprimento, rostro com nove dentes em cima e seis embaixo*. Aulete (1970) o descreve apenas como uma *espécie de camarão* e acrescenta o seu nome científico, *Penaeus brasiliensis*. De acordo com Soares *et al* (2009), seu nome científico é *Farfantepenaeus subtilis*.

Tem o rosa também... tem um... assim, esse rosa, que eu tô falando, ele é todo rosado, quando o pessoal pega. E tem uns que sempre pega de rede, o pessoal sempre pega de rede... o camarão-rosa (INF. F1-S).

As formas lexicais **camarão-amarelo**, **camarão-rajado** e **camarão-cinza** não foram encontradas nos dicionários consultados.

Os camarões de rio mencionados foram **pitu**, comum nas duas comunidades, e **camarão-de-água-doce**, **braçola**, **aratanha** e **pititinga** apenas em Siribinha. É importante ressaltar que em Bom Jesus dos Passos não há rio, daí o conhecimento de apenas uma espécie.

Pitu, de acordo com Ferreira (2004) e Houaiss (2001), é *a designação comum às espécies de camarões palemonídeos, especialmente Macrobrachium carcinus, de água doce, de coloração esbranquiçada*. É sinônimo de **camarão-d'água-doce**. Houaiss (2001) acrescenta ainda que *chega a medir 48cm, destacando-se as pinças, muito desenvolvidas, que, juntamente com outras partes, têm carne saborosa*. Aulete (1970) o define como uma *denominação comum a diversos camarões de água doce, pertencentes à família dos palemonídeos, atiídeos e sergestídeos*.

O da água doce tem diferença, porque o pitu tem a casca mais grossa (INF. F 1-S).

Camarão-de-água-doce, de acordo com os dicionários consultados, é o mesmo que **pitu**.

Aratanha, segundo Ferreira (2004) e Aulete (1970), é um *pequeno camarão de água doce*. Houaiss (2001) acrescenta ser *pequeno camarão que apresenta as pinças dianteiras tortas e aduncas*. Embora os dicionários não apresentem maiores descrições ou nome científico deste camarão, a acepção condiz com a utilizada pelos informantes.

Braçola e **pititinga** não estão dicionarizadas nas acepções usadas pelos informantes.

Braçola, de acordo com os dicionários, significa um termo da marinha – *chapa vertical colocada no contorno de uma escotilha, elevada acima do convés, para impedir que água ou objetos caiam nas cobertas abaixo*.

Pititinga, nos dicionários consultados, é sinônimo de **manjuba** e **enchova**, que consiste na *designação comum a várias espécies de peixes teleósteos, elupeiiformes*.

Porém, Ferreira (2004), ao descrever o **camarão-rosa**, menciona um nome científico, *Leander potitinga*, que pode estar associado à **pititinga**, designação utilizada pelos informantes de Siribinha, muito próximas foneticamente. Outras características acrescentadas por Ferreira (2004) também levam a crer que se refira à mesma espécie de camarão, tais como

viverem na água doce, com até 6 cm de comprimento, rostro com nove dentes em cima e seis embaixo.

Tem a pititinga, que é um camarãozinho que dá aqui também... (INF. M4-S).

Pititinga. Quando ele tá pequenininho (INF. M6-S).

Só, tem o pitu e... o camarão... antes de indicar o pitu que é o menor que é o camarão mesmo, e a... pititinga... é o... filhotinho... só no Sítio... o pessoal mariscando de jereré, é que consegue pegar muito (INF. F1-S).

Caranguejo

Caranguejo e **caranguejo sal** foram as formas lexicais comuns utilizadas como resposta para a descrição do marisco de nome científico *Ucides cordatus*, descritos a partir de ilustração, sendo a primeira forma a mais recorrente.

Caranguejo consiste numa designação comum às espécies de crustáceos decápodes, braquiúros, de pernas terminadas em unhas pontudas. São todos caranguejos, salvo aqueles cujas últimas pernas terminam em nadadeiras. Terrestres ou aquáticos, marinhos ou de água doce, vivem, na maioria, em tocas, que eles mesmos escavam, alimentam-se de toda sorte de detritos orgânicos, e são utilizados na alimentação humana. Seus sinônimos são *auçá*, *guaiá*, *uacá*. Houaiss (2001) afirma ainda terem a *carapaça larga, primeiras pernas em forma de fortes quelópodes e abdome flexionado por baixo do corpo*.

Caranguejo sal, apesar de não constar nos dicionários consultados, pode ser considerada variante fônica de **caranguejo uacá**, ou apenas **uacá**, dicionarizada como espécie de crustáceo decápode, braquiúro, gecarcinídeo (*Ucides cordatus*), semelhante ao guaiamu, porém menor, de coloração verde-azulada no dorso, e pernas avermelhadas, muito peludas. Vive nos mangues. Seus sinônimos são **caranguejo-verdadeiro** e **uacúna**. Aulete (1970), porém, apresenta outro nome científico para **uacá**, o *Oedipleura cordata*.

Pernas maiores do caranguejo

Para as pernas maiores do caranguejo, os informantes responderam **pata**, **boca grande**, **boca**, **mão** e **puã**.

Pata, de acordo com os dicionários, tem sentido genérico de *pé de animal*.

Boca grande e **boca** são mencionadas nos dicionários também com um valor genérico, de, nos animais superiores, ou, nos inferiores, abertura por onde entra o alimento.

A **bocona, grande** dele, e a **menozinha**. (...) *Aí chama... os dedinho, as mãozinha* (INF. F6-S).

A gente chama de **boca**, mas o nome mermo é... *puã* (INF. M1-S).

Mão também possui um sentido genérico de *segmento terminal de cada membro superior, que se segue ao punho, dotado de grande mobilidade e apurada sensibilidade, e que se destina, sobretudo, à preensão e ao exercício do tato*. Tem como sinônimo **patola**. Houaiss (2001) acrescenta ser *qualquer coisa que sugira a forma de mão ou que tenha funções semelhantes às da mão*.

Puã, de acordo com Ferreira (2004), quer dizer a *pata do siri*, e vem do tupi como sendo o mesmo que *dedo polegar*. Houaiss (2001) acrescenta a descrição etimológica apresentada por Nascentes, como sendo do “*tupi po'ã 'dedo polegar'; as patas deste siri foram comparadas a dedos, sendo as pinças, os polegares*”. Além disso, considera o mesmo que **siripuã**.

Puã. Chama **boca**, também... (INF. M3-S)

Aratu

Aratu, ou *Aratus pisoni* é uma espécie de marisco que não apresentou variação, tendo sido utilizada como resposta por todos os informantes de ambas as comunidades. De acordo com os dicionários, consiste num caranguejo do gênero de *artrópodes, crustáceos, malacostráceos, decápodes, braquiúros, grapsídeos*. Ou ainda, *qualquer espécie desse gênero, como, p. ex., a Aratus pisoni de carapaça trapezoidal e coloração acinzentada. Ocorre nos mangues, porém não mora em buracos, preferindo viver em arbustos*. Tem como sinônimos *aratu-marinheiro, aratu-da-pedra, aratupinima, aratupeba*.

Caranguejo gaiamum

Caranguejo gaiamum ou **gaiamum** são as formas lexicais utilizadas pelos informantes de ambas as comunidades para descrever o marisco de nome científico *Cardisoma guanhumi*. Não foram registradas variações.

A variante **gaiamum** não é registrada nos dicionários pesquisados. Em contrapartida, todos mencionam **guaiamu** ou **goiamum**, consideradas variantes fonéticas.

Gaiamum significa *crustáceo decápode, braquiúro, gecarcinídeo (Cardisoma guanhumi), de coloração azul, cuja pinça maior pode atingir até 30cm, e cuja carapaça mede até 11cm. Vive em lugares lamacentos, à beira-mar, escondido em tocas que ele mesmo cava,*

em profundidades de até quatro metros. Tem como variantes fônicas **guaiamum**, **goiamum**, e **goiamu**.

Siri

A ilustração utilizada para a identificação do **siri** é considerada introdutória, uma vez que, a partir dela, os informantes foram descrevendo os diferentes tipos de siris, de acordo com o seu *habitat* – rio, mangue ou mar.

Em Siribinha, o critério utilizado para descrever os diversos tipos de siris foi a distinção entre os que vivem no rio e os que vivem no mar. Já em Bom Jesus dos Passos, por não haver rio na região, os informantes descreveram os tipos mais comuns.

Os siris de rio ou de mangue, de acordo com os informantes de Siribinha, são **siri-do-mangue**, **siri-ponta-coroa**, **siri-rompe-tripa**, **siri-anema**, **siri-viuvinha** e **siri-cachoeirinha**. Já o siri do mar não possui uma única forma lexical, e sim descrições. Apenas um informante respondeu **siri-mulher**.

Em Bom Jesus dos Passos, os tipos de siris mais comuns são: **siri-do-mangue**, **siri-regateira**, **siri-caxangá**, **siri-branco**, **siri-nema**, **siri-boia** e **siri-puá**. Este último é considerado pela maioria dos informantes como a fêmea do siri.

Soares *et al* (2009) citam os nomes vulgares **siri-regateira**, **siri-caxangá**, **siri-mulatinha**, **siri-branco** e **siri-do-mangue** como sendo da família Portunidae, comumente encontrados na Baía de Todos os Santos, todos da espécie *Callinectes*.

Siri, de acordo com os dicionários pesquisados, é a denominação comum dada a todas as espécies de *crustáceos decápodes, braquiúros, portunídeos, caracterizados por terem nadadeiras no último par de pernas. Vivem na água, mas podem sair para as praias, onde se enterram. Alimentam-se de detritos em geral.*

Siri-do-mangue, segundo Ferreira (2004) e Houaiss (2001), é o mesmo que **siriaçu**, que significa *espécie de crustáceo decápode, braquiúro, portunídeo (Callinectes exasperatus), com hábitos semelhantes aos dos caranguejos. É o maior representante da família.*

O siri-do-mangue ele fica mais em cama, e aparece mais quando essa água tá suja. Porque assim... tem a lama, aí ele, no buraco, no lugar que você pisou aí fica um buraco, aí ele vai lá e fica, faz uma cama... tipo uma casinha pra ele... e fica lá, e às vezes, quando a gente vai pescar aratu consegue pegar, porque eles não tem buraco fundo... ele fica num buraco... raso (INF. F1-S).

Siri-ponta-coroa, siri-rompe-tripa, siri-anema, siri-viuvinha, siri-cachoeirinha, e siri-mulher, todos mencionados por informantes de Siribinha, não foram encontrados nos dicionários pesquisados.

O siri do mar foi descrito pela maioria dos informantes de Siribinha, mas a única forma lexical documentada foi **siri-mulher**.

O siri do mar... tem os pintadinho, e já outros maiores no... lá fora. (chama como?) Siri mesmo, normal. (qual a diferença do siri do rio pro do mar?) Porque o do mar ele é amarelinho e... todo pintadinho o casco, e o do rio não, sempre o casco é dessa cor... (INF. F1-S).

*O do mar, o casco dele é todo pintadinho. Tem um do mar que chama **siri-mulher**. É o siri da praia (INF. M3-S).*

Siri-caxangá, de acordo com Ferreira (2004), é o mesmo que **siripuã**, e significa espécie de crustáceo decápode, braquiúro, portunídeo (*Callinectes sapidus*), distribuído desde os E.U.A. até o Uruguai, e um dos mais comuns no RJ. A coloração varia do cinzento ao verde-azulado, com tinta avermelhada nos espinhos e dedos. Tem como sinônimos *siri-azul, siri-corredor, azulão, caxangá, puã*. A descrição apresentada por Houaiss (2001) não considera o **siri-caxangá** sinônimo ou o mesmo que o **siripuã**. Aulete (1970), apesar de considerá-lo o mesmo que **siripuã**, não apresenta a entrada para esta lexia.

Siri-branco, para Ferreira (2004) e Houaiss (2001), é o mesmo que *sirimirim*, que é crustáceo decápode, braquiúro, portunídeo (*Callinectes danae*). Tem coloração vistosa, em tom variando do castanho-escuro ao verde-oliva, com áreas do amarelo-claro ao dourado e lado ventral azul-claro. Houaiss acrescenta ainda ser o *sirimirim* um pequeno siri (*Callinectes danae*), encontrado da Flórida ao Sul do Brasil, de colorido castanho-escuro, com o lado ventral azul-claro, e sinônimo de **siri-branco**.

Siri-regateira e **siri-boia** não foram encontrados nos dicionários com a mesma acepção utilizada pelos informantes. Alguns pescadores mencionaram ser o **siri-regateira** a fêmea do **siri-caxangá**.

Siri-puá, variante fonética de **siripuã**, como está apresentada nos dicionários, foi muitas vezes mencionada apenas como **puá**. O seu significado difere um pouco do sentido utilizado pelos informantes de Bom Jesus dos Passos, por considerarem a **puá** a fêmea do siri.

*A fêmea do siri-de-mangue é a **puá** (INF. M1-B).*

*Só o siri que tem diferença. (entre a fêmea do siri e do caranguejo) Chama de **puá**, né? (INF. M2-B).*

Nadadeira

Os informantes referiram-se à pata diferenciada de certos animais, como siri, em relação ao caranguejo e o gaiamum, com as denominações **patinha, dedo, dedo mindinho, nadadeira e unha.**

Dedo, patinha, dedo e dedo mindinho são formas lexicais genéricas, e não foram encontradas nos dicionários com o sentido específico de pata de mariscos como o siri, caranguejo grauçá, etc. **Dedo**, segundo os dicionários, quer dizer *cada um dos prolongamentos articulados que terminam os pés e as mãos do homem e doutros animais.* **Dedo mindinho** é o mesmo que **dedo mínimo**, que significa ser *o que é pequenino ou menor do que outro(s), e o dedo mínimo da mão.*

*Tudo chama os **dedos** do siri (INF. M6-B).*

Patinha, diminutivo de **pata**, foi descrito anteriormente.

*A gente chama as duas **patinha** de trás (INF. F6-B).*

Nadadeira, conforme visto na área semântica “Peixes”, foi a única forma lexical encontrada nos dicionários que mais se aproxima do sentido utilizado pelos informantes, embora não tenha sido mencionado o siri.

*Do siri é dedo. Como ele usa pra nadá é... **nadadeira**, né? Não, os pessoal aqui chama dedo, mesmo. Tudo dedo (INF. M2-S).*

Unha, segundo Ferreira (2003) e Aulete (1970), quer dizer *pinça ou pé de caranguejo.* Embora não haja menção ao siri, pode-se dizer que esta acepção possui o mesmo sentido empregado pelos informantes, ainda que de forma genérica.

*A gente chama de **unha**. Que é com o que eles nada (INF. F1-B).*

Fêmea do caranguejo

Para a fêmea do caranguejo, os informantes de Siribinha responderam **bacoa**. Já os de Bom Jesus dos Passos responderam **fêmea, carangueja e caranguejo fêmea.**

A forma lexical **bacoa**, considerada a fêmea do caranguejo pelos pescadores e mariqueiras de Siribinha, não foi encontrada nos dicionários consultados.

***Carangueja fêmea.** A gente chama aqui **bacoa** (INF. M5-S).*

Carangueja consiste na flexão de gênero de caranguejo, não dicionarizada com o mesmo sentido. Para Houaiss (2001), é etimologicamente a forma feminina de **caranguejo**: *Etimologia: forma de fem. de caranguejo; ver cancer(i/o)- (lat. cancer, cancri (cancèris em Lucrécio, sI a.C.), 'caranguejo, lagostim; Câncer (constelação); cancro, doença cancerosa; pinça, fórceps'; na acp. carc, pelo lat.cien. gên. Cancer; ver cancer(i/o)-; f.hist. sXIII cãcer, sXIV cancer, sXV camçere, sXV cancro). Considera também o mesmo que **caranguejeira** (agricultura: variedade de ameixa; brunho, carangueja, caranguejeiro, caranguejo, rainha-cláudia).*

Fêmea com ovas

Para a fêmea do caranguejo quando está com ovas, os informantes responderam (**tá de/ com**) **tufa**, **ova** e **ovada**. Apenas os informantes de Bom Jesus dos Passos responderam **tá de patrona**, **tá de potrona** e **tá choca**.

Tufa não foi encontrada nos dicionários, embora o verbo **tufar** signifique *aumentar o volume de; inchar; inflar*, conceitos genéricos que podem ser atribuídos ao estado do **caranguejo fêmea** quando com ovas. Daí a descrição **tá de tufa**.

Tá com ova, ou **tá ovada** podem ser consideradas descrições, uma vez que **ovada** significa, de acordo com Houaiss (2001), *quantidade de ovos*.

Um informante, porém, distingue os peixes dos mariscos:

Tá ovada. Ovada não, tá de tufa. Ovada quem fica é o peixe (INF. M1-S).

Tá de potrona pode ser uma variante fonética de **tá de poltrona**, uma expressão não dicionarizada que aponta para o estado do caranguejo fêmea quando com ovas, segundo os informantes de Bom Jesus dos Passos. **Poltrona**, de acordo com os dicionários, significa genericamente *cadeira de braços, de tamanho grande, geralmente estofada*. Porém, não se pode associar **poltrona** ao estado da fêmea dos mariscos quando com ovas, uma vez que não é possível afirmar ser a **poltrona** um utensílio comum ao universo cultural dos informantes ou das comunidades pesquisadas. O mesmo se pode dizer de **patrona**, que embora signifique, nos dicionários, *protetora, padroeira*, parece estar distante semanticamente do marisco quando com ovas. **Poltrona**, enquanto feminino de **poltrão**, *animal que, solto, engorda e se torna preguiçoso*, para Ferreira (2004), parece ser a forma lexical mais próxima a uma possível explicação da utilização dos informantes.

*Quando tá ovada, tem uns que diz que tá de **potrona**... é **potrona**, um negócio desse assim* (INF. M1-B).

Tá de **patrona**. Tá com ova. Tá cheia de filho (INF. M5-B).

Tá choca, também descrição do estado das fêmeas, condiz com o sentido de **chocar**. De acordo com Ferreira (2004), quer dizer *estar no choco*, que quer dizer *o ovo em que se está desenvolvendo o embrião*.

Tesoura

Gajé e **chama-maré** foram as formas lexicais utilizadas para descrever o marisco *Uca maracoani* pelos informantes de Siribinha. Os de Bom Jesus dos Passos utilizaram **tesoura**, única lexia em comum nas duas comunidades.

Gajé não foi encontrada nos dicionários com a mesma acepção utilizada pelos informantes. Ferreira (2004) sequer menciona esta forma lexical. Houaiss (2003) e Moraes Silva (1948) consideram **gajé** *certa elegância no porte e no andar*, o que não condiz com o sentido empregado pelos informantes.

Por outro lado, a forma lexical **chama-maré** é descrita pelos dicionários com o mesmo sentido de **gajé**, que consiste na *designação comum aos crustáceos decápodes, braquiúros, ocipodídeos, gênero Uca, pequenos caranguejos de 0,02 a 0,03m de comprimento, que têm uma das pinças muito maior que a outra*. Tem como sinônimo **tesoura**.

***Gajé**. Aí serve mais pra iscá covó, aí pega ele, machuca todo, bota den' do covó e bota no mangue o covó pra pegar amoreia. E chama também **chama-maré**.* (INF. M1-S)

Gajé**. A gente conhece ele como **gajé**, mas muita gente conhece por **chama-maré**. ... (É mais conhecido na região como?) **gajé**, **tesoura**... a gente aqui conhece por **gajé**, mas muntcha gente que vem de fora... conhece ele como **tesoura (INF. M4-S).

De acordo com os informantes, esta espécie não é comestível, e sua função é apenas servir de isca para outros mariscos, como o **aratu**.

*Esse coitado aí não tem nenhum ... tem benefício. Se Deus botô, porque tem. Aí é **gajé**. Não tem nada, isso aí, ói... nada* (INF. M5-S).

***Chama-maré**, chama **gajé**, também... só que a carne dele é muito doce... é, chegou um pessoal, aqui... o pessoal, empolgado, ali, pegaro um bocado, levaro tudo pra comê, só que não gostaro não... gastaram mais de meio quilo de sal...* (INF. M3-S).

Tesoura, largamente utilizado pelos informantes de Bom Jesus dos Passos, é sinônimo de **chama-maré** e significa, de acordo com os dicionários consultados, *espécie de crustáceo*

decápode, braquiúro, ocipodídeo, que ocorre das Antilhas até SP, e cuja carapaça tem cerca de 2cm de comprimento.

Tesoura. O pessoal tira tudo pra fazer moqueca de quarto, mas não é muito comum não (INF. F6-B).

Tesoura. Esse daqui serve de alimento pra outros (INF. F4-B).

Grauça

Grauça ou *Ocypode albicans* foi a forma lexical utilizada para descrever a ilustração referente a este marisco. Para essa acepção não foi registrada variação, uma vez que todos os informantes das duas comunidades utilizaram apenas esta forma.

Grauça. Isso dá muito na areia. O lugar que dá mais aqui é na Paramana, esses lugares de areia. Aqui não tem areia pra ele (INF. M6-B).

Ferreira (2004) apresenta **grauça** como mesmo que *cabelereiro*, que significa *crustáceo decápode comum nas praias arenosas; grauça*. Houaiss (2001) considera grauça o mesmo que **maria-farinha**, ou seja, *caranguejo da família dos ocipodídeos (Ocypode quadrata), de carapaça quadrada e coloração branco-amarelada*. Ferreira (2004) considera **maria-farinha** sinônimo de *espia-maré, espécie de crustáceo decápode, braquiúro, ocipodídeo (Ocypode albicans), distribuído no oceano Atlântico. Tem carapaça quadrada, coloração branco-amarelada*, sinônimo de *aguarauça, guaruça, guriça, maria-farinha, vazamaré*.

Outros mariscos

Os informantes das duas comunidades citaram outros tipos de mariscos, além dos descritos acima, tais como: **maçunim, ostra, unha-de-veio, salambi, lambreta, sururu e chumbinho**, em Siribinha, e **sambá-galo, peguari, tapu, sururu-de-laje, sururu-de-veio, sururu-de-coroa, ostra-de-laje, ostra-pataca, sambá-de-coroa, papa-fumo e rala-coco** em Bom Jesus dos Passos.

Maçunim, depois do **aratu**, é o marisco mais pescado pelas marisqueiras de Siribinha, e foi mencionado por todas as informantes. De acordo com os dicionários consultados, significa *variedade de molusco bivalve, comestível semelhante à amêijoia*. Houaiss (2001) acrescenta que é o mesmo que **sernambi** (*Tivela mactroides*) e o mesmo que *berbigão (Anomalocardia brasiliiana)*. É também um *molusco bivalve, comestível, da família dos*

donacídeos (Iphigenia brasiliensis), encontrado dos E.U.A. ao Uruguai, de concha triangular, branca, revestida por um perióstraco castanho-escuro; tarioba, e que vive enterrado no substrato, geralmente próximo à zona entre marés.

Ostra, muçunim, salambique, unha-de-véio (...) o muçunim ele fica na areia, só que embaixo d'água... dá pra pegá fácil (INF. M1-S).

Ostra, segundo os dicionários consultados, é um *molusco bivalve, ostreida, do gênero Ostrea. Vive em colônias, fixo nas pedras, ferro, madeira, ou mesmo uns agarrados aos outros. São conhecidas sete espécies brasileiras, e a Ostrea virginica, de formato irregular e de valva inferior côncava, é a mais comum. O comprimento médio é de 6 a 8cm, mas pode atingir até 20cm, na BA.*

Ostra-de-laje e **ostra-pataca** foram espécies de ostras descritas pelos informantes. A primeira não foi mencionada pelos dicionários, e **pataca**, dicionarizada, não possui a mesma acepção utilizada pelos informantes. Consiste, segundo Ferreira (2004) e Houaiss (2001), no mesmo que *cubiú*, ou seja, *peixe teleósteo, caraciforme, caracídeo (Tetragonopterus argenteus)*, sinônimo de *cubé* e *pataca*.

Unha-de-veio foi encontrado nos dicionários como **unha-de-velha**, *molusco bivalve, sanguinolariídeo (Tagelus plebeius), da costa atlântica, de concha alongada, delgada, com perióstraco castanho. Vive enterrado em lama ou areia, suportando bem a água de baixa salinidade. Houaiss (2001) acrescenta ser o mesmo que canivete, ou Tagelus gibbus, um molusco bivalve eurialino da família dos sanguinolariídeos, encontrado dos E.U.A. à Argentina, em fundos arenosos próximos à desembocadura de rios. Possui concha retangular, com cerca de 70 mm de comprimento e coloração castanha. Seus sinônimos são unha-de-urubu, unha-de-velha, unha-de-velho.*

Tem... essa unha-de-veio mermo tem que cavá um buraco bem fundo pra proucrá ela, é, que elas fica enterrado na areia (INF. M1-S).

Salambi não foi encontrada nos dicionários, mas está registrada a forma **sarnambi**, que de acordo com Ferreira (2004) é variante de **cernambi**, e o mesmo que **sambaqui**, e significa *designação dada a antiquíssimos depósitos, situados ora na costa, ora em lagoas ou rios do litoral, e formados de montões de conchas, restos de cozinha e de esqueletos amontoados por tribos selvagens que habitaram o litoral americano em época pré-histórica. Portanto, não possui o mesmo sentido do utilizado pelos informantes.*

Houaiss (2001) descreve o **sarnambi** como o mesmo que **amêijoa** (*Phacoides pectinatu*, *Amiantis purpurata*), que é a *designação comum a diversos moluscos bivalves, da família dos lucínídeos, cardiídeos e venerídeos, geralmente comestíveis; molusco bivalve da família dos lucínídeos (Phacoides pectinatus), encontrado no lodo de mangues, dos E.U.A. ao Sul do Brasil, de concha oval e equivalve, com cerca de 9 cm de comprimento e coloração branca opaca*. Seus sinônimos são *lambreta, sarnambi, sernambi; molusco bivalve da família dos venerídeos (Amiantis purpurata), encontrado do Sudeste do Brasil até a Argentina, de concha rosada com faixas concêntricas amareladas*. Sinônimos: *sarnambi, sernambi*; mesmo que *berbigão (Cerastoderma edule)*. **Sernambi**, ainda segundo Houaiss (2001) é um *pequeno molusco bivalve (Tivela mactroides), da família dos venerídeos, encontrado na costa brasileira; vive enterrado na areia da praia, a cerca de 20 cm de profundidade, e é usado como alimento*. Sinônimos: *maçambique, maçunim, moçambique, samanguaiá, samanguaiá, samongoiá, sapinhanguá, simanguaiá, simongoiá, simongóia*. Também é o mesmo que *berbigão (Anomalocardia brasiliana), amêijoa (Phacoides pectinatu, Amiantis purpurata) e beguaba (Donax hanleyanus)*.

Salambi tem gente que chama... **lambreta** (INF. F5-B).

Que o pessoal chama de machadinho que é o sarnambi. Aqueles que vocês chamam lambreta a gente aqui chama sarnambi (INF. F6-B).

Sururu, de acordo com as informantes, é um marisco de água salgada, não sendo muito comum na região, porém, pode eventualmente surgir no mangue de Siribinha. Segundo os dicionários, consiste num *molusco bivalve (Mytilus falcatus) mitilídeo que habita o litoral nordeste e sudeste do Brasil, e as lagoas Manguaba e Mundaú, em Alagoas, estado em que desempenha papel econômico de importância na alimentação humana. A concha tem uma camada nacarada, verde e violácea, externamente parda na frente e escura em sua maior parte*. Possui como variante *siriri*, e sinônimos *sururu-de-alagoas, alastrim*. É ainda o mesmo que *mexilhão*.

Lambreta, segundo Houaiss (2001), é o mesmo que *amêijoa (Mytilus falcatus)*. Soares *et al* (2009) apresentam outro nome científico *Lucina pectinata*, da família Lucinidae.

Salambitinga, marisco mais pescado pelas marisqueiras de Bom Jesus dos Passos, não foi encontrado nos dicionários pesquisados, porém, pode ser variante fonética de **cernambitinga**, que é sinônimo de **cernambi**.

Salambitinga, que a gente chama de sururu-de-véio, que chama sururu-de-laje (INF. F3-B).

*Salambitinga... que os outro chama de **chumbinho*** (INF. M2-S).

*Salambitinga. Tem lugar que é **bebe-fumo**, que é **chumbinho...*** (INF. F1-B).

*Salambitinga a gente conhece como **salambitinga**, mas lá o pessoal chama **papa-fumo*** (INF. F6-B).

Soares *et al* (2009) afirmam que o **papa-fumo** é também conhecido como **chumbinho**, de nome científico *Anomalocardia brasiliana*, da família Bivalvia. Habita fundos lamosos das baías e estuários, principalmente na região entremarés, atingindo 34 mm de comprimento, além de apresentar reprodução contínua, ao longo do ano.

*Chumbinho. Chama **bufuminho**, chama **maçunim**. É o mermo marisco.*
(INF. M6-S)

Sambá, segundo os dicionários, com exceção de Aulete (1970), é o mesmo que **concha**, *designação comum às valvas dos lamelibrânquios*. Ou ainda *invólucro calcário ou córneo de certos animais, esp. os moluscos, o qual tem a face interna revestida de madrepérola, utilizada no fabrico de botões, objetos de adorno, etc.* Tem como sinônimos, nesta acepção, no Brasil, *itã, sambá, tambá*. Esta descrição não condiz com a utilização dos informantes, que afirmam ser o **sambá** um tipo de molusco, e não apenas o seu envoltório.

*Já **sambá** não se encontra assim com facilidade não. é mais nas coroas daqui. Você vem Salvador, você corre a costa toda de Salvador você não encontra um **sambá**. Aonde tem é... Ilha de Maré, tem **sambá**, Madre de Deus, e aqui em Bom Jesus. Paramana... quase que não tem, né V.? Porque acho que a praia que bate muito eles não dá. Gosta mais de água morna, água parada. Todas são salgadas, mas acho que a posição das marés que é a que justamente ele nascer na coroa. Porque eles nascem na pedra. Todos não. O **sambá** nasce na pedra* (INF. F6-B).

Outras espécies de **sambás** foram mencionadas, como **sambá-galo** e **sambá-de-coroa**, porém essas formas lexicais não foram encontradas nos dicionários consultados. Soares *et al* (2009) citam ainda mais duas espécies de **sambás**, da família Arcidae, que podem ser algumas das fornecidas pelos informantes: *Arca imbricata* e *Barbatia charruana*.

Papa-fumo, para Ferreira (2004), é o mesmo que **cernambi**, que possui quatro diferentes acepções: (i) *designação comum a algumas espécies de moluscos bivalves, especialmente *Anomalocardia brasiliana*, da costa meridional do Brasil, de coloração variável — branca, castanho-escuro, negra ou rajada — e de uso na alimentação*. Tem como sinônimos *cernambitinga, papa-fumo e berbigão*; (ii) o mesmo que *amêijoa* (2); (iii) *molusco bivalve (*Mesodesma mactroides*), que vive enterrado na areia a 0,20m de profundidade, comum de Santos para o S., onde é utilizado na alimentação*. Seus sinônimos são *maçambique, moçambique, samanguaiá, sapinhanguá, simanguaiá, simongoiá*; e (iv)

molusco bivalve (Erodona mactroides), que serviu de alimento aos indígenas no passado e constitui a maior parte dos sambaquis. Já para Houaiss (2001), é o mesmo que berbigão, que consiste num molusco bivalve, cardiídeo (Anomalocardia brasiliana), da costa atlântica americana, sinônimo de sarro-de-pito.

Rala-coco, de acordo com Ferreira (2004) e Houaiss (2001), é o mesmo que *mija-mija*, que é um *molusco bivalve, da família dos cardiídeos (Trachycardium muricatum), comestível, da costa atlântica, de concha quase circular e com sulcos longitudinais que partem do ápice, irradiando-se para a periferia em forma de leque. O nome provém de lançarem jactos de água ao locomoverem-se. É sinônimo de rala-coco. De acordo com Soares et al (2009), seu nome científico é Trachycardium muricatum.*

As espécies **peguari, tapu, sururu-de-laje, sururu-de-veio e sururu-de-coroa** não foram encontradas nos dicionários consultados. Contudo, Soares et al (2009) mencionam alguns desses moluscos, como o **peguari, tapu** e o **sururu-de-coroa**.

Peguari, ou *Strombus pugilis*, segundo Soares et al (2009), da família Gastropoda, vive em fundos arenosos, atingindo 130 mm. É pescado através do mergulho, uma atividade masculina, por captura manual. Embora sua produção pesqueira seja importante, não há controle de pesca, havendo carências de informações biológicas sobre esta espécie. Alguns informantes disseram que em Madre de Deus o mesmo marisco é chamado de *pequeré*, também não-dicionarizado.

... o peguari é um molusco duro... todas ilhas (daqui) dá. Tira ele, solta a tripa, né? Ele é duro, né? Ele é muito duro. A gente corta miudinho, faz moqueca (INF. F6-B).

Sobre o **tapu**, Soares et al (2009) informam apenas os seus nomes científicos: *Turbinella laevigata*, da família Vasidae, e *Pugilina morio*, da família Melongenidae.

Tapu é tipo um peguari mermo (INF. M2-S).

O **sururu-de-coroa** é uma espécie de sururu, de nomes científicos *Mytella guyanensis* e *Turbinella laevigata*. São encontrados presos às coroas de pedra, e raspados com facas na baixa das marés. Uma informante de Bom Jesus dos Passos o considera o mesmo que **sururu-de-coroa**.

Sururu-de-coroa, que a gente chama de sururu-de-veio (INF. F1-B).

O **sururu-de-laje** pode ter essa denominação por causa do local onde vive este marisco, a **coroa-de-laje**, de acordo com descrição das marisqueiras de Bom Jesus dos Passos.

4.1.5 A Pesca – Designações para as Atividades

Para o homem ou a mulher que trabalha com a pesca no rio ou no mar, as respostas foram **pescador**, **pescadora** e **pescadeira**, para as atividades ligadas à pesca, e **mariscador**, **mariscadeira**, **marisqueiro** e **marisqueira** (forma mais recorrente nas duas comunidades) para as atividades relacionadas à captura de mariscos. Ocorreram ainda **manguezeira**, para denominar as mulheres que trabalham no mangue, e **tirador de caranguejo**, para os homens.

Pescador, de acordo com os dicionários, tem o sentido genérico de ser *aquela que pesca; relativo à pesca ou próprio para pescar, pesqueiro*.

Pescador. Os homens todos são registrados como pescador. Todos aqui na Ilha. E as mulheres como mariscadeira (INF. F6-B).

Pescadora, caso de ocorrência única em Bom Jesus dos Passos, é o feminino de **pescador**.

Ah, pescadora, aqui, com carteira, só eu mermo. Ninguém tem não, só de mulher, sou eu. Sabe por quê? Eu sei tudo do mar. Eu fiquei preocupada em aprender. Você aprendendo, você não tem tanto tempo de fazer as coisa, né? (INF. F6-B)

Pescadeira foi encontrada nos dicionários na forma masculina **pescadeiro**, no Aulete (1970), que significa *peixeiro, vendedor de pescado*, e não possui o mesmo sentido do utilizado pelos informantes.

Marisqueira. Pescadeira, as que pega peixe (INF. M4-S).

Mariscador, de acordo com os dicionários, consiste *naquela que marisca ou que sabe mariscar; marisqueiro*.

Pescador. Mariscador. Na carteira é assinado como pescador e marisqueira. (INF. M1-B)

Mariscadeira não foi encontrada nos dicionários, mas de acordo com os informantes, é o mesmo que **marisqueira**.

É a mariscadeira. Tanto no mangue quanto na coroa é mariscadeira. (...) eu sou pescadora. Já marisquei, quando eu morava aqui na Ilha, eu mariscava. Mas hoje, com a minha idade, com o problema de coluna, eu marisco muito pouco, às vezes, quando é uma maré grande assim, que eu ainda me ousa a ir lá. Agora eu pesco. Agora eu ou pescadora (INF. F6-B).

Marisqueira, feminino de **marisqueiro**, consiste em *que ou aquele que gosta de mariscar*. Para Aulete (1970) significa *mulher que anda ao marisco ou que vende marisco*.

Marisqueira. Eu acho que deve ser tudo a marisqueira, né? (INF. F3-S)

Marisqueira. Não pesca no mar. Só no rio (INF. M6-S).

Manguezeiro (a) não está dicionarizada, mas, de acordo com os informantes, consiste naquele que trabalha/ pesca no mangue.

Manguezeira. Ô! Vai pescá no mangue! É manguezeira! (INF. M5-S)

Caranguejeiro, de acordo com os dicionários, significa *indivíduo que apanha caranguejos*.

Quem tira caranguejo o povo chama de caranguejeiro (INF. F4-S).

Tirador de caranguejo pode ser considerada uma fraseologia, uma vez que não fornece uma lexia como resposta.

A gente conhece aqui... os tiradô de caranguejo. A gente conhece assim (INF. F3-S).

4.1.5.1 Instrumentos e Acessórios

Local onde se coloca o pescado

Para onde se coloca o pescado enquanto o pescador está pescando, as respostas foram **samburá** e **munzuá**, apenas em Siribinha, e **cofo**, nas duas comunidades, tendo sido essa última a resposta mais recorrente. Em Bom Jesus dos Passos, todos responderam apenas **cofo**, não apresentando variação.

Samburá, de acordo com os dicionários, é um *cesto feito de cipó ou de taquara, bojudo e de boca estreita, usado pelos pescadores para recolher peixes, camarões, etc., ou carregar seus petrechos*. É sinônimo de **cofo**.

Aí é dos que vai pesca no mar. Samburá (INF. F6-S).

Tem, também, o munzuá (mas tem outro nome também... feito com cipó?). **Samburá**. *Tem uma boca, que fecha...* (mas aqui ninguém faz mais?) *Aqui não... aquele negócio é complicado! Mais fácil é o saco!...* (INF. M3-S)

Munzuá é um *cesto comprido, afunilado, feito de taquara ou de bambu, usado para capturar peixes, lagostas etc.* Ferreira (2004) o considera *um tipo de covo feito de fasquias de taquara ou de bambu*, e Aulete (1970) acrescenta ser sinônimo de **covo**.

Soares *et al* (2009) afirmam ser o **manzuá** sinônimo de **covo** para peixes, que consiste numa armadilha de fundo, semifixa, para peixes ou lagostas, geralmente hexagonal, confeccionada com bambu e tela de arame ou material plástico, possuindo uma ou mais aberturas (sangas) em forma de funil, para a entrada de mariscos ou peixes. Ferreira (2004) define o **manzuá** como armadilha *enredada para pescar lagostas*, o que não consiste exatamente no mesmo sentido do utilizado por Soares *et al* (2009) e pelos pescadores e marisqueiras. Porém, **manzuá** pode ser considerada variação fonética de **munzuá**, uma vez que ambos são armadilhas para pescar.

Covo, de acordo com Ferreira (2004) é o mesmo que **samburá**. Houaiss (2001) e Aulete (1970) acrescentam a descrição *variedade de cesto oblongo, usado por pescadores para carregar pescado, caranguejo, etc.*

Covo. Aí é pra guardar camarão, qualquer coisa. O pescado a gente guarda den' do barco. Antigamente o pessoal usava covo grande (INF. M5-B).

Covo. É, tem muita gente que bota. Eu uso covo pra botar uma isca, pra botar aviamento de pesca... (INB. M6-B)

Aí é covo. A gente bota marisco no balde. A gente prefere aquele saco de cebola, de feira, porque a gente já traz tudo lavado (INF. F1-B).

Para a armadilha feita com palha para pegar peixes e mariscos, os informantes de Siribinha responderam apenas **covo**, não registrando variação. Em Bom Jesus, porém, foram utilizadas como resposta as formas lexicais **jequi, gaiola, caçuá e munzuá**.

Covo, para Ferreira (2004) e Aulete (1970) é uma *armadilha de pesca formada por esteiras armadas em paus e munidas de sapatas de chumbo*. Para Houaiss (2001), consiste num *cesto comprido, feito geralmente de vime e usada para pescar, e ainda armadilha de pesca, composta por rede e arco*. Também pode ser utilizado para captura de siris e caranguejos, e ainda, sinônimo de **munzuá**.

Aí é covo, pra pegá camarão. É com o que você pega siri... aí você pesca tudo aí. Você pesca o camarão, você pesca siri, você pega caranguejo... você pega o aratu... (INF. M4-S)

Pega de munzuá, e pega também de isca (INF. M3-S).

Covo. Serve pra pegar caranguejo, siri... feito de quitanda e timborana (INF. F1-S).

Jequi, de acordo com os dicionários, é o *cesto para pesca, muito oblongo, afunilado, feito de varas finas e flexíveis; cacuri*.

Gaiola, de acordo com os dicionários, é uma *pequena clausura onde se encerram aves, feita de cana, junco, verga ou arame*. Este sentido não é o mesmo do utilizado pelos informantes, o de armadilha para pegar peixes ou mariscos. De acordo com Soares *et al* (2009), a **gaiola** é uma armadilha de fundo, semifixa, para peixes ou lagostas, geralmente retangular e feita de ferro ou plástico, possuindo uma ou mais aberturas em forma de funil, para a entrada de peixes e mariscos.

Caçuá, segundo os dicionários consultados, é um *cesto grande e oblongo, feito de cipós rijos, vime ou fasquias de bambu, com aselhas, pelas quais se prende às cangalhas, e usado no transporte de gêneros em alimárias*. Aulete (1970) acrescenta *rede de pesca, de malhas largas; caçoeira*. A acepção fornecida pelos dicionários não condiz com o sentido utilizado pelos informantes.

Material de que é feito o cofo

Para o material de que é feito o cofo/ samburá/ munzuá, a resposta mais frequente entre as comunidades foi **cipó**. Em Siribinha, ocorreram ainda **quitanda** e **palhinha**, esta última considerada caso de ocorrência única. Já em Bom Jesus, além de **cipó**, os informantes responderam **bambu, cana-brava, palha, piaçava** e **samambaia/ sambambá**.

Tem cofo que é feito de bambu, tem uns que é feito de sambambá, e outros que é feito de canabrava, que é uma cana, que não é utilizada, ela só é utilizada pra isso mermo (INF. M1-B).

É feito daquela palha, o cipó. Tem a piaçava e de bambu (INF. F1-B).

Cipó, segundo os dicionários, é uma *designação comum às plantas sarmentosas ou trepadeiras que pendem das árvores e nelas se trançam*. Tem como sinônimo *icipó*. Nesta acepção, não há menção a maneiras de se utilizar o **cipó**, como sugerem os informantes.

É de quitanda, e de cipó. Pra botá os peixe, no rio (INF. F5-S).

O cofo é as palha. Palha de quitanda. E aqui (samburá) é cipó (INF. M4-S).

Aí é um cipó que eu não conheço o tipo (INF. M6-B).

Quitanda, de acordo com os dicionários, possui quatro acepções: (i) *loja ou local onde se faz comércio*; (ii) *Angol. Bras. Pequena mercearia; tenda*; (iii) *Angol. Bras. Lojinha ambulante*; e (iv) *Bras. Tabuleiro com gêneros e mercadorias dos vendedores ambulantes*.

Nenhum dos sentidos apresentados nos dicionários condiz com o utilizado pelos informantes, que afirmam ser a **quitanda** um tipo de planta, semelhante ao **cipó**.

Cipó. Também faz de quitanda. Antigamente se usava pra pescá de tarrafa, na praia, de noite. Colocava ele nas costa, e aí sai jogando a tarrafa, sozinho (INF. M2-S).

O cofo é as palha. Palha de quitanda (INF. F2-B).

Samburá é cipó (INF. F2-B).

Palhinha, segundo os dicionários, consiste num *pedaço de palha, ou numa tira fina de junto seco; trançado de palha usado em assentos e encostos de cadeiras e sofás (móveis de palhinha)*. É também considerado o mesmo que **palha**, *haste seca das gramíneas (esp. cereais), despojada dos grãos, utilizada na indústria ou para forragem de animais domésticos*. E ainda, *tira seca e flexível de junco, taquara, vime ou outra planta, com que se tecem ou armam diversos tipos de objetos*. Da mesma forma que o **cipó**, Ferreira (2004) ou Houaiss (2001) não mencionam a utilidade da **palhinha** ou **palha** para construir cestos como o **cofo**, e apenas Aulete (1970) menciona *cesto de palha* como exemplo de utensílio a ser fabricado por este material.

Bambu, segundo Ferreira (2004), é uma *gramínea bambusácea que se caracteriza pela altura excepcional do colmo, em algumas espécies; é vastamente distribuída pelas zonas tropicais e subtropicais de ambos os hemisférios*. Houaiss (2001) e Aulete (1970) acrescentam *que muitas são cultivadas por seus inúmeros usos: para ornamento, sombreira, quebra-vento, divisão de terras, produção de celulose, mobília, cestaria, fabrico de inúmeros artefatos, construção civil etc.; os brotos geralmente são comestíveis e têm vários usos medicinais*.

Acho que é bambu, né? Talisca, sei lá... (INF. M4-B).

Sambambaia, e tem uns que é de bambu, né V.? (INF. F6-B).

Cana-brava, de acordo com Ferreira (2004), consiste no mesmo que **ubá** e **urubá-de-caboclo**. **Ubá** significa *planta herbácea, empregada na confecção de balaios e cestos*, sinônimo de **cana-brava** e de **urubá-de-caboclo**, e esta última, *planta da família das marantáceas (Maranta gibba)*; sinônimo de **cana-brava**. Houaiss (2001) define **cana-brava** como *uma erva de até 3 m (Erianthus saccharoides), da família das gramíneas, nativa do Brasil, de folhas lineares, serreadas, ásperas e cortantes, e inflorescências dispostas em panículas alvas e vistosas*; tem como sinônimo *cana-do-brejo, macega-brava, penachinho*. Acrescenta que *as folhas são usadas para cobertura de casas e obras trançadas*, mas não

menciona a confecção de cestos. Aulete (1970) define a **cana-brava** como *planta marantácea*, o mesmo que *urubá-de-caboclo* e como *planta anonácea*, o mesmo que **ubá**.

Piaçava, segundo os dicionários, é uma *designação comum a várias palmeiras (como, p. ex., a *Raphia hookeri*, a *R. palma-pinus*, a *Attaleia funifera* e a *Leopoldinia piassaba*, a primeira destas duas últimas originária da Bahia, e a outra da Amazônia) que fornecem fibras úteis, como para o fabrico de vassouras, etc.; tais fibras são obtidas do pecíolo de suas folhas.*

Samambaia, segundo Ferreira (2004), é o mesmo que *gleichênia*, gênero-tipo da família das *gleicheniáceas*, que reúne fetos xerófitos, ornamentais, dotados de ráquis sucessivas e multiplicadamente dicótomas. Houaiss (2001) define **samambaia** como *designação comum a inúmeras pteridófitas, geralmente cultivadas como ornamentais; o mesmo que sambambaia e avenca-estrelada (*Cheilanthes radiata*).* Aulete (1970) afirma ser o nome dado a *várias plantas criptogâmicas, fetos e fetos arborescentes, das famílias das polipodiáceas, licopodiáceas e ciateáceas, muitas das quais têm valor ornamental.*

Sambambá pode ser considerada variante fonética de **samambaia**.

Sambambaia, e tem uns que é de bambu, né V.? (INF. F6-B).

Tipos de redes

As diversas redes de pesca foram descritas pelos informantes a partir de uma pergunta genérica: “Quais são os tipos de rede que você conhece?”, a fim, de obter o maior número de respostas, e principalmente por levar em consideração as diferenças geográficas das duas comunidades. Dessa forma, os informantes de Siribinha descreveram como principais redes de pesca a **tainheira, caçoeiro, rede de sardinha, arrastão, rede de arrasto, redinha, caceia e calão**. Em Bom Jesus dos Passos, as respostas foram **cerco, rede de abalo, rede de fundo, rede alta, rede de ressa, arraieira, paruzeira, rede cruvina/corvina e rede armada**.

Além dessas, outras redes foram mencionadas para descrever a rede grande, que precisa de cinco, seis homens pra levantar a maior rede de todas. Em Siribinha, os informantes responderam ainda **lambuda e lanço fechado**, e em Bom Jesus dos Passos, **calão e trouxa**.

Camaroeira foi outra rede descrita por um informante de Siribinha como uma rede utilizada para a pesca do camarão.

Tainheira, de acordo com Ferreira (2004) e Houaiss (2001), é uma *rede usada na pesca da tainha*. Aulete (1970) acrescenta que pode ser uma *canoa para o mesmo fim, provida de tal rede*.

Rede tainheira... serve pra tainha, rubalo, xaréu grande... rede de peixe médio (INF. F1-S).

Tem rede pra tainheira, que é a rede de abalo... hoje em dia nego só abala no meio do mar... de primeiro só abalava nas beira da praia (INF. M6-B).

Caçoeiro, nos dicionários, é apresentado no feminino, **caçoeira**, e consiste numa *rede de malhas largas, usada para pesca de arrasto em alto-mar*. Aulete (1970) acrescenta ser uma *rede utilizada para a pesca de cação e arraias*. Para Soares et al (2009), **caçoeira** é uma rede de espera de fundo fixa, de malha grande (80 a 120 m), utilizada na captura de lagostas e peixes grandes, sendo geralmente compostas por várias panagens emendadas.

Caçoeiro. É uma rede, de seda. Só pega robalão. É complicado, porque é pesada demais... (INF. M3-S).

Caçueira. Ela é uma rede de pano. É aqueles nylon mole. (...) A caçueira o chumbo dela é mais leve um pouco pra ela flutuar no mar. Pra quando a maré tiver enchendo ela vai... de acordo com a maré. Mas de dia não se pesca de caçueira não. Caçueira só é pra de noite, não se pesca de dia não. Porque de dia o peixe vê a rede. O nylon da rede. E caçueira, de noite, ela bóia, ela não vai até o chão, porque o chumbo é muito leve, pra isso mermo, pra ir de acordo com a maré. E se você tive nadando, de noite, e a caçueira pega você (INF. M4-B).

Rede de caçueira, que ela anda. Só pesca mais pra de noite. Você sai aqui cinco hora da tarde, seis, pra lá pra fora, arreja na maré de vazante, a maré vai levando ela e a rede vai mariscando, quando chega em certo lugar ele puxa. Aí tira a rede e arreja de novo. Porque a rede, se a maré tiver de vazante ela anda na maré de vazante. Se tiver de enchente, ela anda na maré de enchente. Mas só pesca de noite (INF. M6-B).

Arrastão, segundo os dicionários consultados, significa *rede de arrastar pelo fundo, que apanha todas as espécies de peixe que encontra*. Houaiss (2001) acrescenta outros sentidos, como *ação de recolher do mar a rede de pesca; a própria pesca realizada desta forma; e regionalismo de Portugal: embarcação usada para a pesca com essa rede*.

Rede de arrasto, segundo os dicionários, quer dizer *rede dotada de arrasto, utilizada na pesca fluvial ou costeira, e que é arrastada no fundo do mar ou do rio para recolher diversos tipos de peixe*.

Soares et al (2009) consideram as **redes de arrasto** como uma modalidade de rede pesca, a qual está associada outros tipos de rede, como a **rede de arrasto de praia**, as **camarãozeiras** e as **redes de agulha**. São redes de comprimento e altura variáveis,

geralmente de malha bem fina (10 mm), confeccionadas com fios de algodão ou náilon mono ou multifilamento. São tracionadas com as mãos dos pescadores, em enseadas, praias e margens de canais com fundo de lama e areia, para a pesca do camarão e de peixe miúdo.

Rede de arrasto. (...) *É, pra os barcos de pesca de... arrasto. Barco grande. Nem os homens consegue levantar, o mais que levanta mesmo é o arrastão do barco. São... dois ferros assim na popa do barco... grande, e o barco vai andando, na força do motor e ele arrastando, arrastando, arrastando...* (INF. F1-S).

Rede de arrasto. *Uso pra pegar mirim, pra iscá a groseira. Até três pessoa. Quatro pessoa, no máximo. Cada uma peça tem cem metro. Lá em casa tem dois mil metro* (INF. M4-B).

Rede de arrasto. *Puxa tudo pra beira da praia... aí fica tudo praticamente já no seco, né? Na lama. Aí vai colhendo o peixe. Eles vão puxando de fora pra terra. Aí já sabe, um vai por fora, e um vai por terra. Aí o de fora já vai... fazendo praticamente um arco, né? Até... o outro já tá praticamente em terra, praticamente* (INF. F3-B).

A **rede de arrasto**, por ser uma rede de malha menor, pode também ser utilizada para pescar vários tipos de peixes, inclusive camarão. De acordo com os informantes, é muito utilizada em alto mar, para a pesca do camarão, porém prejudicial, porque acaba por arrastar diversas espécies de peixes ainda em fase de crescimento, e ainda muitos em período de defeso.

*Rede pra pegar camarão, pra pegar lagosta... chama **arrastão**, a rede chama **arrastão*** (INF. F5-S).

*Barco grande aí, motorizado, pescando **de arrastão**, **arrastão** pra camarão, que realmente não é pra camarão, é pra todo tipo de peixe... é uma pescaria ... criminosa...* (INF. M5-S).

*O camarão pega mais com a **rede de arrasto**. **Arrasto** é o camarão* (INF. F1-B).

Redinha, de acordo com os informantes, é uma espécie de rede de malha menor para pescar camarão, e não foi encontrada nos dicionários.

Redinha. *Rede pequena, cinco metros, seis metros* (INF. F2-S).

Redinha *é a que pega camarão* (INF. F4-S).

*Pega de mão. Pega de **redinha**, bota **redinha**, duas pessoa... um pega num pau, outro pega ne outro e vai, cercano, cercando. Quando chega perto da beradinha, puxa eles, coloca de novo, pra pescá* (INF. F6-S).

Redinha *é rede pequena, cinco metro, seis metro de tamanho. É, duas pessoa. Fica uma de lado, outra de outro...* (INF. M1-S).

Caceia, de acordo com os dicionários, significa *conjunto das redes que, amarradas entre si, são lançadas no mar alto pelos barcos de pesca.*

Calão, de acordo com Ferreira (2004), é uma *rede de pesca com três lados retos e um curvo, e munida de pesos.* Segundo Houaiss (2001), é um *tipo de rede de pesca de malha larga, que tem três lados retos com uma bóia central e outras menores em volta, e um lado curvo ao qual se prendem pesos.*

Essa denominação foi utilizada também pelos informantes para descrever a maior rede de todas, que também pode ser considerada uma rede grande, que precisa de cinco, seis homens para levantar.

Calão. Um bocado de homem puxando. Calão são doze pessoas puxando.
(INF. M3-B)

Cerco, como sinônimo de rede de pesca, significa *armação de redes de pesca dispostas em círculo, que vai se estreitando para concentrar os peixes antes de colhê-los.* Houaiss (2001) acrescenta ser um *componente do aparelho de pesca de rede de tresmalho fixo, denominado salto ou parreira.*

Soares *et al* (2009) definem as **redes de cerco** como redes de emalhar que têm o objetivo de cercar os cardumes, geralmente utilizadas em pequenas embarcações.

Rede de abalo, de acordo com Ferreira (2004) e Houaiss (2001), é um regionalismo da Bahia e consiste numa *técnica de pescar em que se utiliza rede de tresmalho em forma circular, enquanto os pescadores, em barcos, fazem barulho para que os peixes, assustados, caiam na rede; essa rede.* Aulete (1970) apresenta a forma lexical **abalo**, com o mesmo significado de **rede de abalo** sugerido pelos informantes e pelos demais dicionários. Também foi mencionada para descrever a maior rede de todas.

De acordo com Soares *et al* (2009), **abalo** é uma modalidade de rede de cerco de emalhar, lançada ao mar geralmente por uma canoa, em que a rede é mantida na água por um período de tempo que varia, a depender do tempo em que os pescadores utilizam a “batida” na água para que os peixes se espantem e sejam emalhados com mais facilidade. Alguns informantes consideram a rede de abalo sinônima da rede de fundo. Outras, porém consideram-nas diferentes:

Tem rede de abalo e rede de fundo. No fundo, ela fica em pé. As bóias mantêm ela em pé. Aí pega os peixes que tão passando no fundo (INF. M4-B).

De abalo pesca até com duas pessoa. Até com uma pessoa ela pesca que fica den'da canoa, a rede, aí ele arreia a ponta, aí só é cercá. É grande. Tem umas pessoa que.. tem condições que tem uma rede grande. Tem umas que tem condição meia coisa

que tem a rede pequena. Só pra chegá ali embaixo pegá a muquequinha e trazê pra casa (INF. M2-B).

*Aí e cerco, né? Faz tipo um cerco. Essa é **de abalo**. (abalo e cerco são a mesma coisa?) é, que você vai, cerca, e vem batendo com a vara que é pra pudê o peixe corrê pra cima da rede. Bate na canoa, pra pudê eles saírem de perto da canoa e ir na direção que tá a rede. (como se estivesse...) empurrando o peixe... é, pra rede (INF. F1-B).*

*Cercar o peixe... depois vem batendo ela de volta, recolhe de novo pra poder tirá o peixe. Essa é **de abalo** (INF. F4-B).*

Rede de fundo, de acordo com os informantes, consiste numa rede que possui chumbo ao fundo, e serve para pescar peixes que ficam próximos à lama ou à areia do fundo do mar, que são geralmente os peixes considerados menos reimosos, chamados de **peixe de fundo** pelos pescadores e marisqueiras de Bom Jesus dos Passos. Para alguns informantes, é sinônima da **rede de abalo**.

***Rede de fundo** é essa merma **de abalo**. É igual, a mesma coisa. Com a **rede de abalo** você utiliza ela pra abalo, pra pescá de rede, e de fundo (INF. M1-B).*

*E de noite o peixe bóia, né? De dia não, ele tá lá no fundo, então tem que pegá com **rede de fundo**, que o chumbo é mais pesado. Então desce a rede (INF. M4-B).*

*É essa **rede de abalo** mermo, que a gente usa pra pegá peixe de fundo (INF. M2-B).*

*A rede que pega o bagre?... **Rede de fundo. Rede de fundo** são as que eles vão pescar lá fora (INF. F1-B).*

***Rede de fundo**. Eles arreia a rede, só fica... as bóia, do lado de fora. Se for na maré de vazante, deixa a rede, depois vai puxar (INF. F5-B).*

Arraieira, segundo Ferreira (2004), é uma *rede de tucum para a pesca de arraias*. Para Houaiss (2001), *rede semelhante à de tresmalho, menor e de malha mais larga, usada na pesca da arraia*. E para Aulete (1970), *rede para pescar arraias*.

*Tem uma rede que chama **arraieira**. Só que aqui ninguém pesca... com essa arte. (você já usou?) não, nunca usei, mas já vi. **Arraieira** é uma rede com a malha grande. Coloca lá aí ela... se embola (INF. M2-S).*

As demais não foram encontradas nos dicionários pesquisados. Porém, é possível descrever algumas dessas formas lexicais utilizadas para nomeá-las. **Rede de sardinha** e **rede de corvina**, por exemplo, são descrições de redes específicas para esses peixes. Não são consideradas formas lexicais.

*A **rede de sardinha** é uma malha bem miudinha. De malha bem miudinha. É pequena, malha miúda (INF. F3-B).*

Rede alta foi descrita por um pescador de Bom Jesus dos Passos como a maior rede de pesca, também considerada sinônimo de **trouxa**:

*Aqui chama **rede alta**. São duas canoa: um cerca, une as duas canoa e puxa. Mas lá pro lado da Saubara tem uma rede dessa que chama **trouxa**. Já é diferente. É uma rede com a malha maior que é pra pegar cabeçudo... que ele só pesca quando vê o peixe de cardume em cima d'água. As na base de quase dezoito homem (INF. M6-B).*

Ela fica boiando, ela não desce (rede alta). (como é que pega o peixe?) A parte do chumbo, da cortiça sobe, e o chumbo desce, no que o chumbo desce, a metade da rede desce tombém. Que os peixe começa a puxá, aí entra. É, começa a puxá a rede, batê cum a vara... aí vão puxando (INF. F2-B).

Outras informantes a descreveram como rede para pescar sardinha:

Rede alta é a que pega sardinha (INF. F1-B).

***Rede alta... rede alta** é rede de sardinha. (como é que pesca com a rede alta?) Eles vão arriando, fazendo tipo um cerco assim... vão arriando... (quantas pessoas?) assim... vão umas dez, a quinze pessoas... depende dos metro da rede. Dez metro, nove metro... (INF. F2-B).*

Rede de ressa, de acordo com Soares *et al* (2009), é uma rede de emalhar com comprimento variando entre 100 e 300 m e altura de aproximadamente 1,5 m, sendo empregada à deriva, arrastada pelas correntes, utilizada na superfície ou meia-água, a depender da transparência da água. É também conhecida como *boiadeira*, e é muito usada na pesca da sororoca, cavala, serra, bonito, etc.

*(E como é que chama essa rede de malha miúda?) Chama... **rede de ressa**. Que bota no mar, ela fica boiando. (INF. M2-B).*

Paruzeira é a rede utilizada para pescar **paru**, um tipo de peixe específico, descrito pelos informantes de Bom Jesus dos Passos, que, segundo os dicionários, consiste na *denominação comum a alguns peixes, marinhos, da família dos pomacantídeos, como o Pomacanthus paru e o P. arcuatus, encontrados nas águas tropicais e subtropicais do Atlântico, de corpo alto, chato e ovalado, de coloração negra ou marrom-acinzentada.*

***Paruzeira**, pra pegá **paru**. Já é uma rede com uma malha maior. Que o **paru** é um pouco redondo (INF. M1-B).*

*Tem rede pra... que chama **paruzeira**, que é pra **paru**, redonda, assim... (INF. M6-B)*

Rede armada não foi encontrada nos dicionários, mas foi descrita por um informante de Siribinha, e foi considerada a maior rede de todas em Bom Jesus dos Passos:

Aí é rede armada. Você coloca na maré baixa, aí você levanta bem ela. Que o peixe não tem condições de pulá. O peixe pula, mas ele não consegue... trevessá ela, porque ela fica bem... bem em pé. (...) tudo preso na rede. Aí é só chegá ir... tirando. Aqui, essa pescaria aqui, ele tá fechando o mangue. É a mesma pescaria (do curral/camboá) só que aqui ele tá fechando uma coroa (INF. M4-S).

Soares *et al* (2009) definem ainda as **redes de espera**, que compreendem as diversas rede que ficam verticalmente na coluna d'água podendo ser de deriva (arrastada pelas águas) ou fixas, e de superfície, meia-água ou de fundo. São genericamente denominadas redes de emalhar. O náilon utilizado na confecção das redes é do tipo monofilamento ou multifilamento trançado, com malhas variando de 40 a 280 mm, dependendo da espécie a ser capturada. Registra ainda os seguintes tipos de redes: **linxeira**, **paruzeira**, **rede de caçonete**, **sororoqueira** e **tainheira**.

Os informantes de Bom Jesus dos Passos descreveram o **lixeiro** como uma espécie de rede de pesca usada para pescar peixes maiores. De acordo com os dicionários consultados, significa *carregador de lixo*, o que não condiz com o sentido utilizado pelos informantes para este petrecho de pesca. Soares *et al* (2009) mencionam a **linxeira**, que é uma rede de espera fixa, de malha maior (120 a 140 mm), para peixes grandes, geralmente arraias. Esta forma lexical não foi encontrada nos dicionários consultados.

Tem a lixeira, pra pintado grande. É tipo uma arraieira, só que com náilon grosso (INF. M3-B).

Lambuda não foi encontrada nos dicionários, mas foi considerada pelos informantes de Siribinha como o mesmo que **rede de arrasto**, bem como a maior rede de todas.

Lambuda. Eu conheço por lambuda... que fica três dum lado, e sai mais três no barco passano, pra quando chegá lá começa a rastá (INF. F3-S).

Lambuda. Tem que ser seis pessoas, no máximo... A gente vai puxando, pra berada, vai puxando... (...) No rio. Dá um cerco assim, né? Aí três puxa de um lado, três puxa do outro. Aí depois levanta. Vai puxando pras berada... aí tem um copo, que é com se fosse um funil. Aí o peixe, a gente vai ... tangeno ele pra láá, tangeno ele, que o peixe vai tudo lá pro saco... (INF. M3-S).

Tem a rede de arrasto, também. Que a gente conhece por lambuda. A rede de arrasto é aquela rede que a gente lança ela, e puxa pra terra. Seis pessoa pra puxá ela (INF. M4-S).

Camareira, encontrada nos dicionários na forma masculina, **camareiro**, significa *rede para a pesca de camarões; camareiro*. Foi utilizada como resposta por apenas um informante, em Siribinha.

Tarrafa e rede. Chama camareira (INF. M3-S).

Soares *et al* (2009) descrevem a **camarãozeira** como uma rede que mede entre 6 a 40m de comprimento e é usada somente durante o dia na região estuarina, a uma profundidade média de 1,5 m, para a captura do camarão. Embora os autores tenham-na descrito como um apetrecho de uso comum na Baía de Todos os Santos, esta forma não foi mencionada pelos informantes de Bom Jesus dos Passos.

Para o instrumento de pesca que parece uma rede e é lançado ao mar pelo pescador para pegar peixes, a resposta mais frequente entre os informantes das duas comunidades foi **tarrafa**, não apresentando variação.

Tarrafa, de acordo com os dicionários, quer dizer *pequena rede de pesca, circular, com chumbo nas bordas e uma corda ao centro, pela qual o pescador a retira fechada da água, depois de havê-la arremessado aberta.*

Quem joga a tarrafa vai no bico, mas... muitas veze muda, viu? Porque... geralmente eu vou mais meu marido, eu vou na popa e depois eu venho pro bico. É mas também na hora de... de ir pra frente, porque ele vai jogar a tarrafa tem que ser na frente, né? Aí eu venho pra popa pra levar o barco (INF. F2-S).

Tarrafa é um negócio assim, tipo um mosquiteiro, mas só que tem chumbo no fundo (INF. M2-B).

A **tarrafa** também é muito utilizada para pescar camarão, de acordo com os informantes de Siribinha. Muitos, porém, disseram que a pesca do camarão não é comum na região, e que geralmente este marisco é pescado para ser utilizado com isca.

Pega de tarrafa, de arrastão... Aquela rede de barco lá de fora... e pega de redinha (o camarão) (INF. M1-S).

Armadilha para peixes

Para a armadilha para peixes que tem vários paus enfileirados, colocados dentro da água, um atrás do outro, os informantes de Siribinha responderam **camboa** e **curral**. Já os de Bom Jesus dos Passos, **gamboa**, **cercos** e **tapesteiro(a)**.

Camboa, de acordo com Ferreira (2004), é um *cercado armado em pequena depressão, junto ao mar, onde, na maré baixa, fica retido o peixe miúdo que ali penetra na preamar*. E ainda uma acepção do Brasil, Nordeste, *esteiro que enche com o fluxo do mar e fica em seco com o refluxo*. Houaiss (2001) e Aulete (1970) consideram a **camboa** *estreito por onde a água penetra, na maré alta, e que esvazia quando as águas refluem na baixa-mar*; **gamboa**. Houaiss (2001) acrescenta ser um *método ou processo de pesca em que os peixes são presos ou cercados desse modo*, e um regionalismo de Guiné-Bissau, *conjunto de estacas*

usadas na pesca fluvial para reter o peixe, quando o nível do rio baixa, ou à contracorrente. Segundo os informantes, a **camboa** é uma armadilha, conforme descreve Ferreira (2004), utilizada para pescar peixes.

***Camboa.** Aí tem que botá na maré seca, bota os pau... aí quando a maré tá cheia, bem cheia mermo... aí ele vai bota essas, essas... essas esteira. O povo, muita gente tá usando a metade de esteira e a metade de rede, como se fosse redinha... aí cê compra aquela quantidade aí fica enfiando na lama amarrado nos pau pa ela num descê... aí tampa, assim, tapa o lugá cum a lama... aí... segura, aí a maré vaza e passa na maia da rede e a rede fica enganchada na lama. Rio. No rio (INF. F4-S).*

***Camboa.** (...) é de quitanda, isso aqui, ói, ... quando a maré tá seca ele vai e estira só o chiqueiro, né? E bota dois, ou três, menor desse assim... (o chiqueiro) Ali é onde fica o peixe, que entra. E aqui é as esteira, que fecha e cerca (o peixe) ele todo. Aí fica os buraquinho dos peixe entrá, que a maré enche e eles entra (INF. F6-S).*

*Aí é **Camboa.** A gente chama aqui de camboa. (como se chama essa parte aqui – figura) lá fora tem outro nome, mas aqui a gente chama... de esteira aqui. É feita de quitanda. (como é essa pesca aqui? o pessoal faz essa pesca aqui?) Aqui faz. Aqui é colocada aqui de maré seca, faz aquele cerco de maré seca, aí bota esse. Essa... aqui a gente chama de... esse cerco aqui, essa roda aqui... a gente chama de chiqueiro. Aí coloca o chiqueiro aqui de maré seca, quando é de maré cheia, de noite, ... tem que colocá de noite. Que o peixe tá lá dentro do mangue... aí coloca de maré cheia, quando a maré seca, os peixe entra todo aqui pra dentro aqui do chiqueiro (INF. M1-S).*

*A gente chama de **camboa.** **Camboa** é um, que é feito com a folha da quitanda, e a de palha a gente chama tapage. Vamos supor, Se tiver dando muito caranguejo, a gente vai lá fazê um tapage. Com um covo encostado. Aí pronto... os caranguejo não sai mais (INF. M3-S).*

*Aqui é **Camboa.** É a palha lavrada. Fica bem leve. (...) e a **camboa**, você cerca aqui o rio, maré cheia, e... quando a maré seca você vai desmariscá. Eles fica no lado. A maré seca e ele fica aí encostado (INF. M4-S).*

***Camboa.** A **camboa** eles armam durante o... na maré cheia também. Quando a maré tá den'do mangue. Eles vai, e arma ela. Empendura elas, embaixo, no chão, e nessas estaca aí, ói? É uma pescaria mutio boa. (...) tem **camboa** de quitanda, também. Não é só de rede não (INF. M5-S).*

Curral, de acordo com os dicionários consultados, consiste numa *armadilha para apanhar peixe*, sinônimo de **caičara**. Esta última, de acordo com Houaiss (2001), consiste numa *armadilha para apanhar peixes, feita com ramos de árvores postos dentro da água e formando uma espécie de cercado*. Os informantes de Siribinha, em sua maioria, porém, distinguem a **camboa** do **curral** apenas pelo material de sua composição: enquanto a **camboa** é um petrecho de pesca feito artesanalmente com galhos de árvores, o **curral** seria o mesmo instrumento, com a diferença de utilizarem redes no lugar dos galhos.

***Curral.** Parece muito com a camboa, só que isso aí é um **curral**. Na pescaria de **curral**, a pescaria é colocada mais num braço de rio. Fechando aquele braço de rio. E é um... se usa um... uma quitanda mais grossa, porque... geralmente pega mais*

peixe grande. Aí o peixe grande entra ali, naquele braço de rio, naquele pedacinho de rio... quando vai sair se depara com o curral (INF. M2-S).

***Curral.** É a palha bruta. Do jeito que a palha tá, do mato, você pesca, pra pela pescá mais... resistente. (...) Essa pesca aqui, ela é fixa. Você coloca ela lá, e ela fica. Você só vai lá desmariscá. Ela fica direto. Você bota ela num lugá que ela seque, e você possa avijá. Você vai com um jereré... ela não fica no seco. Se voce passá um dia sem vijá, o peixe morre. Vai pegá o peixe na maré baixa* (INF. M4-S).

*Aí é **Curral**. Aí é botado no rio, na beira do rio. Nas bordas do rio. Já fiz uma vez. Uma vez só. (dá pra pegar muito peixe?) Pega! Numa treveissia boa, pega muito peixe, aí... (como é a pesca?) o curral você pode vijá (vigiar) até de três dia, quatro dia, cinco dia... (dá muito trabalho?) dá!... aí pra fazê um curral desse aí é... a sala, e um curral. Uma sala, e dois **curral**. Aí ele vai levá quase... quinze dia aí, fazendo. Tecendo a esteira em casa, depois tirá madeira pra ... porque aí vai cipó! Ele é feito com cipó. Cipó de maracujá* (INF. M5-S).

Alguns informantes de Siribinha consideram a **camboa** e **curral** sinônimos, embora descrevam o **curral** como uma espécie de **camboa** feita de rede, em vez das varinhas de quitanda.

***Camboa.** Porque tem gente que a esteira é pouca aí tem gente que intera com essa daí arma na beirada do coisa e tapa com a lama* (INF. F4-S).

*Aqui é **camboa** também, só que é de rede* (INF. F2-S).

*Essa daqui é **camboa de rede**. É a mesma pesca daqui, só que é de rede. Os pessoal tá usando dessa daqui, porque aqui é mais fácil* (INF. F5-S).

*Aí é a mesma coisa do de cá, só que é **de rede** (camboa). (...) é a mesma pescaria. Só que aqui é **de rede**. Aqui tem chiqueiro também. Aqui é diferente porque os peixes malham, também, aqui. (malhar é como?) É ficar enganchado na rede. (...) esse daqui pega todo tipo de peixe. É de redinha, com a malhinha pequena. O de cá não (camboa). O de que cá passa* (INF. M1-S).

*A **camboa** é de quitanda mais fina... tão dando agora pra fazer também **camboa com rede**. Rede de uma malhinha fina. Que o peixe não consiga passá. Aqui já pescaro muito, aqui. É no rio. Pega mais peixe grande, aí. É uma pescaria que é colocada sempre à noite. Quando a maré enche, que alaga o mangue todo, o mangue fica todo cheio, é a hora que o peixe tá lá dentro, comeno dend'do mangue. Aí eles vão e cerca, a berada do mangue toda. Aí, quando o peixe vem pra saí, tá preso* (INF. M2-S).

Uma informante de Siribinha, no entanto, não considera **curral** e **camboa** sinônimos, uma vez que apresenta diferenças entre esses instrumentos de pesca:

***Camboa e curral.** Feito de quitanda com... cipó. Aí, faz assim: bota esses pauzinho assim... bota hoje, né? Pela manhã, com a maré seca. Aí quando é de noite, que a maré tá enchendo, aí vai, tá cheia, aí vai, bota essas, esses... de quitanda. Aí quando é no outro dia, com a maré tá seca, aí vai... pegá os peixe que já tá todo ali no cerco. Isso... fica aqui den'dessa parte maior. (...) Aqui a gente chama o ... chiqueiro. Aí o chiqueiro é onde fica os peixe. (...) né muita gente que usa não... mas já usou bastante, Agora só que os pessoal antigo já morrero, né? Agora tem poucas pessoa... é um tipo de pesca mais antiga. (...) é muito cansativa. Porque todo dia que você*

colocá, você tem que tirá. Pra botá ne outro lugá. Não pode deixá, já o curral você pode deixar. Resto de dia, um mês. Já a camboa se você colocá hoje, amanhã você vai... vija, e amanhã mermo você já vai tirá daquele lugá e já vai colocá ne outro lugá. Porque se você deixá naquele lugá você não pega mais. (...) Porque o peixe não passa mais por ali. (...) ele já tá sabido. Aí quando passa uma semana ou duas, aí você pode retornar naquele lugar (INF. F5-S).

Gamboa, de acordo com os dicionários, quer dizer *esteiro (trecho de rio ou de mar) que só tem água na preamar; pequeno braço de mar ou de rio que serve como armadilha natural para prender peixes, quando do fluxo enchente da maré; covão ou lago artificial à beira-mar onde em maré cheia entra o peixe miúdo, que na vazante fica quase em seco. Também dizem combona. É também sinônimo de camboa, e pode ser considerada variante fônica.*

Cerco, de acordo com os dicionários, quer dizer *armadilha para peixes: cerca de estacas bem juntas, fincadas no leito de rios e riachos, apoiadas em varões que atravessam a corrente de um barranco a outro.*

Cerco (de rede). É assim, ó: o manguezal é daqui pra lá. Tem um caminho, à vez tem lugá que tem uma entrada, a gente bota a rede de lá pra cá, po peixe não passá... aí leva... pela beira do mangue, a rede. chega lá coloca também ne outra entrada, aí, chega lá coloca ne outra entrada, aí vai botano as vara, que é pra tainha não entrá. É porque a tainha, ela pula muito alto, aí evita mais dela... passá por cima da rede. (o nome da pesca é cerco, ou o nome da rede é cerco?). O nome da pesca é cerco o nome da rede é de abalo mermo. Que a gente utiliza pra fazê cerco (INF. M1-B).

Tem pescaria que a gente chama de cerco, né? A gente cerca, faz um cerco com uns pau pra suspender as cortiça, que é as boinha, a gente bota ali e espera a maré vazá. Quando a maré vazá a gente vai olhar, né? Aí fica um bocado de peixe ali no chão. (...) A gente faz o cerco com a rede (INF. M4-B).

Cerco. Quando a maré enche, que levanta a rede, eles faz um saco. Eles faz num lugar que fica um saco. Aqui fazia isso, mas tem mais de trinta anos... fazia até aqui no porto, isso! Aqui deixou, você não tem mais condições de fazer, por causa da quantidade de peixe e a quantidade de peixe que ocupa fazer. Não tem peixe pra isso aqui. Isso aí é a tainha, todo peixe cê panha aí (INF. M6-B).

Tapesteiro(a) não foi encontrada nos dicionários, mas, de acordo com a descrição de um pescador de Bom Jesus dos Passos, é sinônimo de **camboa** e **cerco**.

Cerco de rede. Aí chama camboa. Tapesteira... o pessoal aqui chama tapesteiro. O pessoal de São Francisco do Conde chama camboa (INF. M5-B).

Jeréré

Para o instrumento usado para pescar siri, feito com rede redonda e malha grossa, as respostas foram diversas. **Jeréré** foi a forma mais frequente em ambas, seguidas de

jererezeira e **sirizeira**. Em Siribinha, ocorreram ainda **puçá**, **covo**, **linha** e **munzuá**, sendo estas duas últimas consideradas casos de ocorrência única. Em Bom Jesus, ocorreram também **currupichel/ repichel**, **jereré de rede**, **forquilha**, **jequi** e **gaiola**, estas quatro últimas foram casos de ocorrência única.

O siri pesca de covo, de linha... Jereré (INF. F3-S).

Siri? Tem sirizeira... pega de cóvo... pega de isca também... pega cum jereré.
(INF. F4-S)

Jereré, de acordo com os dicionários, é uma *espécie de rede em formato cônico, presa a um semicírculo de madeira provido de um cabo longo, usado para a pesca de camarões, siris, pitus e peixes miúdos*. Houaiss (2001) acrescenta ainda que este instrumento é ideal para utilização em águas rasas. É sinônimo de *puçá, pequena rede de pesca, em forma de cone curto, presa a um aro circular de madeira munido de cabo, utilizada pelos índios brasileiros para pegar peixes miúdos, pitus*.

Segundo Soares *et al* (2009), o **jereré** é utilizado em águas rasas, ou a partir da borda da embarcação, e quando a pescaria é realizada à noite, usa-se um atrator luminoso na proa da embarcação para atrair os peixes e siris (facho). Essas informações condizem com a utilização de fachos de luz para capturar siris ou pescar, mencionados pelos informantes de Bom Jesus dos Passos.

Jereré. pescá de siri... a gente amarra a linha... pega um cordão... mais de um metro, aí... amarra, cum a peda... aí bota um peixe... no meio da peda. Amarra, e sacode lá, na beira do rio. Aí quando vê esticá... vai com um jererezinho... suspende a linha e pega ele... ele cai den' do jereré. A gente bota dento do vaso (INF. F6-S).

Siri é de jereré. Amarra uma tripa de peixe ou um pedaço de carne num linha, e joga lá no rio. Se tivé ele, quando vai puxá ele já tá agarrado (INF. M5-S).

Camarão é com rede. Ou com uma malha bem fina. Ou se não de jereré! De jereré... com a malha bem fininha (INF. F4-B).

Jereré. Puçá. O puçá é quadrado, e o jereré é redondo (INF. F1-S).

Jererezeira e **sirizeira** não estão dicionarizadas, mas podem ser consideradas variantes lexicais de **jereré**. No caso da **sirizeira**, é um instrumento usado apenas para a pesca do siri. **Jereré de rede** pode ser considerada especificação do tipo de **jereré**, embora não se tenha encontrado outro material para a confecção deste instrumento.

Alguns informantes, no entanto, descreveram a distinção entre eles:

A sirizeira pode ser de resto de rede... (INF. F1-S).

Jereré; jererezeira. Parece uma tarrafa, pega uma corda, amarra no centro dela, e deixa a isca. O puçá... (pra pegar siri) e o Covo tamém (INF. M2-S).

A gente chama (a rede) de **sirizeira** (INF. M3-S).

Sirizeira. Pega um arco, um arame grande... e bota a isca, no centro. Aí ce bota lá. Aí ele entra pra comê. Quando ele entra você suspende (INF. M4-S).

Jereré de rede. Pega de **jereré**, pega de **forquilha**... (INF. M5-B).

Soares *et al* (2009) apresentam a definição de **linha**, que engloba todas as pescarias, de fundo ou superfície, efetuadas manualmente com linhas de náilon monofilamento de comprimento variável, de acordo com a profundidade e as espécies a serem capturadas. Soares acrescenta que foram registradas as linhas de mão, que são utilizadas de duas a três, por pescador, e as linhas de espera, (linha com um ou mais anzóis, presa a uma cabaça ou a um pedaço de isopor, sendo que cada pescador pode dispor de várias destas linhas de espera e soltá-las em uma área de pesca).

Currupichel, de acordo com os dicionários, quer *dizer vara com uma sacola na ponta, para colher frutas sem as estragar*. Esta acepção não é a mesma utilizada pelos informantes. **Repichel**, não dicionarizada, é variante fonética de **currupichel** que, de acordo com Soares *et al* (2009), é um tipo de pesca com características manuais, ou seja, instrumentos utilizados na modalidade de pescaria que dispensam o uso de petrechos da pesca tradicional, geralmente por mulheres e crianças que, geralmente em grupos, se deslocam, a pé ou embarcadas, até os baixios lamosos e/ou arenosos na baixa-mar.

Usa mais o repichel. De jereré também. (Qual é a diferença do jereré pro repixéu?) é porque o repichel, é um ferro assim, com uma redinha. Vai com a mão. E o jerereu a gente arreia com a corda, no fundo do mar. Com a isca. Bota uma isca assim, um peixe, aí o siri vai, fica comeno, a gente puxa, na hora vem (INF. M2-B).

Siri a gente pega de jereré, de repichel... a diferença do jereré porque... a gente tem que botá a isca, tem que botá o peixe, pra pudê pegá ele. E amarrá assim na corda, e arriá botá dento d'água (INF. F2-B).

Repichel. Tem um cabo, aqui é redondo. (...) Pega de noite, fachiando, de noite... com um **repichel**... de noite eles (os siris) ficam abestalhado... (INF. F3-B).

Forquilha, segundo os dicionários, quer *dizer pequeno forçado de três pontas*. É uma definição genérica, podendo ser utilizado como instrumento de pesca. De acordo com Soares *et al* (2009), pode ser considerada uma espécie de **currupichel** ou ferramenta manual de pesca.

Jereré de rede. Pega de **jereré**, pega de **forquilha**... (INF. M5-B)

4.2 TRAÇOS GEO-SOCIOLINGUÍSTICOS

No que se refere à análise linguística, apresentam-se neste tópico as diferenças lexicais resultantes do confronto entre as comunidades. Para tal, foram selecionadas 32 perguntas, divididas de acordo com suas áreas semânticas, que permitiram a observação da variação diatópica, prioritariamente, embora sejam observadas também as variações diagenérica e diageracional.

Da área semântica *Fenômenos Geográficos*, subdividida em duas áreas, foram selecionadas duas questões referentes aos *Aspectos Climatológicos*, das quais podem ser observadas as respostas no quadro abaixo:

CONCEITOS	LOCALIDADES	
	SIRIBINHA	BOM JESUS DOS PASSOS
Movimento circular, em espiral, da superfície para o fundo nas águas de um rio ou do mar	Redemunho	Redemunho
	Enseada	Bomba d'água
	Repuxo	Furacão
Névoa densa e rasteira; nevoeiro	Neblina	Neblina
	Sereno	
	Baciado	
	Neve	

QUADRO 3: fenômenos geográficos: aspectos climatológicos

Redemunho

A resposta em comum foi **redemunho**. Esta foi a forma lexical predominante, na quase totalidade dos informantes, tendo sido utilizada nas duas comunidades. As demais formas foram mencionadas por apenas um informante. **Enseada** e **repuxo**, apenas em Siribinha, respectivamente por um informante feminino e outro masculino, da faixa etária 3 (30 a 45 anos), e **bomba d'água** e **furacão**, apenas em Bom Jesus dos Passos, também por informantes de gêneros diferentes, da faixa etária 1 (18 a 26 anos).

Neblina

Neblina foi a forma mais recorrente nas duas comunidades. Em Bom Jesus dos Passos, não houve variação. Foram registradas, apenas em Siribinha, as variantes **sereno**, **baciado** e **neve**.

Na subárea *Aspectos Costeiros*, foram selecionadas três perguntas, das quais registraram-se as seguintes formas lexicais:

CONCEITOS	LOCALIDADES	
	SIRIBINHA	BOM JESUS DOS PASSOS
O céu quando está sem lua	Noite de escuro	Noite de escuro
	No truvo (no turvo)	
O monte de terra que aparece no mar quando a maré está baixa	Banco de areia	Banco de areia
	Coroa	Coroa
	Camaleão	Coroa de pedra
	Combro	Laje
	Tombo	Cabeça de areia
	Costelinha de vaca	Cabeça de cascalho
	Duna	Duna
O movimento da água do mar	Onda	Onda
	Mareta	Suaieira
	Sião das águas	
	Mar cavado	

QUADRO 4: fenômenos geográficos: aspectos costeiros

Noite de escuro

Para *o céu quando está sem lua*, todos os informantes de Bom Jesus dos Passos responderam **noite de escuro**, e quase todos os informantes de Siribinha, com exceção de **no truvo**, única forma variante, mencionada por uma informante da faixa etária 3 (50 a 65 anos) (F6).

Coroa

Para *o monte de terra que aparece no mar quando a maré está baixa*, as formas em comum foram **banco de areia**, **coroa**, e **duna**. Em Siribinha, foram registradas também as formas **combro**, **tombo**, **camaleão** e **costelinha de vaca**. Em Bom Jesus dos Passos, ocorreram **laje**, **cabeça de areia**, **cabeça de cascalho** e **coroa de pedra**. Embora **coroa** seja a forma mais recorrente nas duas comunidades, em Bom Jesus dos Passos houve larga utilização de **banco de areia**: sete informantes a utilizaram como resposta, e desses, cinco mencionaram as duas formas concomitantemente. Com exceção de **duna**, em Siribinha, respondida por dois pescadores (M2 e M3), as demais formas lexicais foram mencionadas por apenas um informante.

Onda

Para *o movimento da água do mar*, a forma mais comum foi **onda**, utilizada por todos os informantes de Bom Jesus dos Passos e por quase todos de Siribinha. Além dessa forma lexical, em Siribinha foram registradas **mareta**, **Sião das águas** e **mar cavado**, cada uma

utilizada como resposta por um informante. Em Bom Jesus dos Passos, dois informantes (M1 e M4) utilizaram, além de **onda**, a forma **suaeira**.

Nas áreas *Embarcações e Navegação*²⁰, foram selecionadas as seguintes formas lexicais:

CONCEITOS	LOCALIDADES	
	SIRIBINHA	BOM JESUS DOS PASSOS
Frente da embarcação	Proa	Proa
	bico	Bico
		Popa
Fundo da embarcação	Popa	Popa
		Proa
Pessoa que fica à frente da embarcação	Biqueiro	proeiro
	Proeiro	
O local onde se realizou uma boa pescaria, onde foram encontrados muitos peixes	Pesqueiro	Poitada
	Ponto de pesca	
	Boa lama	
	Boa comidã de peixe	
O local onde são lançados ramos ou galhos de planta para atrair os peixes	Viveiro	Poitada de ramo
	Pesqueiro	Pesqueiro
	Igoto (engodo)	

QUADRO 5: embarcações e navegação

Proa

Para a *frente da embarcação*, a resposta mais frequente nas duas comunidades foi **proa**. Porém, em Siribinha, esta lexia, embora tenha sido bastante representativa, principalmente entre os homens, não foi predominante, uma vez que informantes fizeram maior uso da forma **bico**. Em Bom Jesus dos Passos, quase todos responderam **proa**. Apenas duas informantes utilizaram a forma **bico**, e um informante, a forma **popa**.

Popa

Para o *fundo da embarcação*, a forma recorrente em ambas as comunidades foi **popa**. Em Siribinha não foi registrada variação, e em Bom Jesus dos Passos, embora a maioria tenha respondido **popa**, três informantes mencionaram **proa**: um pescador (M3) e duas marisqueiras (F2 e F3).

²⁰Nesta área semântica foi incluído o conceito de *local onde são lançados ramos ou galhos de planta para atrair os peixes*, referentes a outra área semântica: *a pesca – instrumentos e acessórios*.

Proeiro

Para a pessoa que fica à frente da embarcação, a forma mais recorrente foi **proeiro** nas duas comunidades. Apenas em Siribinha registrou-se a variante **biqueiro**, derivação de **bico**, mencionada por um homem e uma mulher, ambos da faixa etária 1 (18 a 25 anos).

Pesqueiro/poitada

Para o local onde se realizou uma boa pescaria, onde foram encontrados muitos peixes, registrou-se principalmente **pesqueiro**, em Siribinha, e **poitada**, em Bom Jesus dos Passos. Estas formas lexicais podem ser analisadas de acordo com a perspectiva do pescador, que ora pode ter tomado como referência o lugar onde se encontra o peixe, ou seja, o **pesqueiro**, ora o lugar onde se coloca a **poita**, ou seja, a **poitada**. Foram registradas, ainda, as formas **ponto de pesca**, mencionada por um informante (M3), e **boa lama** e **boa comida de peixe**, utilizadas pelo mesmo informante (M5), em Siribinha, e podem ser consideradas descrições do local ideal para pesca.

As formas lexicais **pesqueiro** e **poitada** foram utilizadas como resposta também para o local onde são lançados ramos ou galhos de planta para atrair os peixes. Em Siribinha, além de **pesqueiro**, duas informantes (F3 e F4) mencionaram ainda **igodo**, variante fonética de **engodo**, e uma informante (F1), **viveiro**. Em Bom Jesus dos Passos, registrou-se a forma **pesqueiro**, mencionada por cinco pescadores e duas marisqueiras, e **poitada de ramo**, uma marisqueira (F4).

Da área semântica *Peixes*, subárea *Estrutura*, selecionaram-se as seguintes formas lexicais:

CONCEITOS	LOCALIDADES	
	SIRIBINHA	BOM JESUS DOS PASSOS
Conjunto de peixes	Cardume	Cardume
	Manta	
	Monte	
	Rebanho	
Tipo de peixe menos saudável para alguém que esteja doente	Peixe de couro	Peixe de couro
	Carregado	Peixe de pele
		Reimoso
		Venoso
Tipo de peixe mais saudável	Peixe de escama	Peixe de escama
	Peixe branco	Peixe de fundo
	Descarregado	

QUADRO 6: peixes – estrutura

Cardume

Para *o conjunto de peixes*, **cardume** foi considerada a forma comum entre as comunidades. Bom Jesus dos Passos não apresentou variação, porém, em Siribinha foram registradas as variantes **manta**, **monte** e **rebanho**. **Manta** foi a mais recorrente nesta comunidade, com a quase totalidade dos informantes tendo-a utilizado como resposta. **Monte**, utilizada por uma informante da faixa etária 3 (F6) e **rebanho**, por um pescador também da faixa 3 (M5), consideradas casos de ocorrência única.

Peixe de couro

Para *o tipo de peixe que não é saudável para alguém que esteja doente*, a forma comum entre as comunidades foi **peixe de couro**. Em Siribinha, esta foi a única forma registrada, não apresentando variação. Já em Bom Jesus dos Passos, embora **peixe de couro** tenha ocorrido, a forma mais recorrente foi **peixe de pele**, uma vez que a maioria dos informantes utilizou-a como resposta.

Além de **peixe de pele** e **peixe de couro**, alguns informantes mencionaram características para este tipo de peixe. **Carregado**, em Siribinha, foi mencionada por cinco das seis informantes, e por um pescador. Registraram-se também **remoso** e **venenoso**, em Bom Jesus dos Passos, ambos por duas marisqueiras e dois pescadores.

Peixe de escama

Para *o peixe considerado mais saudável*, a forma comum nas duas comunidades foi **peixe de escama**, tendo sido registradas as variantes **peixe branco**, em Siribinha, e **peixe de fundo**, em Bom Jesus dos Passos. A primeira foi a mais recorrente em Siribinha, mencionada por todos os pescadores e três marisqueiras. A segunda, a mais frequente em Bom Jesus dos Passos, mencionada por oito informantes, quatro homens e quatro mulheres.

As marisqueiras de Siribinha utilizaram como característica deste tipo de peixe a forma **descarregado**, em oposição a **carregado**, mencionado anteriormente para *o peixe menos saudável*.

Na área semântica *Peixes*, subárea *Espécies*, foram registradas dez espécies:

VARIANTES MAIS PRODUTIVAS	LOCALIDADES	
	SIRIBINHA	BOM JESUS DOS PASSOS
Cação martelo	Tubarão martelo	Tubarão
	Cação chapéu	Cação de rodela
	Cação martelo	Cação martelo
		Cação de bico
Cação	Cação	Cação
	Caçonete	Caçonete
	Cação rabo-seco	Foguetinho
	Lauê	
	Cação cabeça-lisa	
Ubarana	Ubarana	Ubarana
		Engasga-gato
Voador	(A)voador	(A)voador
	Peixe-cabra	
	Cabra	
Mero	Mero	Mero
	Canapum	
	Peixe-gato	
Xaréu	Xaréu	Xaréu (grande)
		Cabeçudo (pequeno)
Rabo-aberto	Vermelha	Canarinho
	Rabo-aberto	Rabo-aberto
	Oriocó	Dentão
	Guaiúba	
Tainha	Tainha	Tainha
	Azeiteira (peq.)	Azeiteira (grd.)
	Curimã (grd.)	Curimã (grd.)
		Saúna (peq.)
Peixe-espada	(Peixe) espada	Peixe-espada
	Catana	Sulamba
	Cinturão	Imbira
Baiacu de espinho	Baiacu (de) espinho	Baiacu de espinho
	Baiacu espeto	Baiacu bolsa

QUADRO 7: peixes – espécies

Cação martelo

A forma mais frequente em ambas as localidades foi **cação martelo**. Em Siribinha, foram registradas ainda **cação chapéu**, utilizada por cinco das seis marisqueiras e dois informantes, sendo, portanto, a segunda forma mais frequente, e **tubarão martelo**, por dois pescadores. Em Bom Jesus dos Passos, **tubarão** foi mencionado por dois homens e três mulheres; **cação de rodela**, por dois homens e uma mulher, e **cação de bico** por apenas um homem.

Cação

A forma mais frequente em ambas foi **cação**, tendo ocorrido também, nas duas comunidades, a lexia **caçonete**. Em Siribinha, foram registradas ainda **cação rabo-seco**, **cação cabeça-lisa** e **lauê**. Em Bom Jesus dos Passos, ocorreu a forma **foguetinho**, mencionada por apenas um informante (M3).

Ubarana

A forma mais comum em ambas as comunidades foi (**u**)**barana**. Em Siribinha, não houve variação. Porém, em Bom Jesus dos Passos, um informante (M5) mencionou **engasgagato**.

Voador

A forma mais comum foi (**a**)**voador**. Em Siribinha, ocorreu ainda a forma (**peixe**) **cabra**, mencionada por dois informantes (M4 e M5). Já em Bom Jesus dos Passos, não houve variação.

Mero

A forma mais frequente em ambas foi **mero**. Em Siribinha, registraram-se ainda **canapum** (M5) e **peixe-gato** (M5), casos de ocorrência única. Em Bom Jesus dos Passos, não houve variação.

Xaréu

A forma mais frequente em ambas foi **xaréu**. Em Siribinha, esta forma foi mencionada por todos os informantes, não apresentando variação. Em Bom Jesus dos Passos, no entanto, distinguiu-se a espécie enquanto ainda filhote, chamado de **cabeçudo**, e o adulto, de **xaréu**.

Rabo-aberto

A forma comum entre as comunidades foi **rabo-aberto**. Em Siribinha, ocorreram ainda as formas **vermelha**, mencionada por duas informantes (F4 e F6), e **oriocó** e **guaiúba**, por um informante, cada. Em Bom Jesus dos Passos, as formas **canarinho** e **dentão** foram também mencionadas por um informante.

Tainha

Foram registradas as formas lexicais **azeiteira**, **tainha** e **curimã**, comuns entre as comunidades, utilizadas para diferenciar os diversos tamanhos de tainhas: **azeiteira** é a espécie enquanto filhote, ou a que não cresce muito; **tainha** é a de tamanho mediano; e **curimã** é a adulta, ou a que cresce mais. Em Bom Jesus dos Passos, porém, registrou-se a forma **saúna** para a **tainha** quando filhote, por dois pescadores e quatro marisqueiras, em oposição a **azeiteira**, ao passo que esta última foi utilizada por apenas dois informantes, para a **tainha** quando adulta, ao contrário de Siribinha. Um pescador, no entanto (M6), afirmou ser a **azeiteira** a espécie menor.

Peixe-espada

A forma comum nas comunidades foi **(peixe) espada**. Em Siribinha, registraram-se as formas **catana**, mais frequente, mencionada por onze dos doze informantes, e **cinturão**, por apenas uma marisqueira (F1). Já em Bom Jesus dos Passos, a forma mais frequente foi **sulamba**, mencionada por nove, dos doze. Ocorreu ainda, nesta comunidade, a lexia **imbira**, utilizada por um pescador (M5).

Baiacu de espinho

A forma lexical mais comum e também a mais frequente foi **baiacu de espinho**. Em Siribinha, registrou-se ainda **baiacu espeto**, mencionado por duas marisqueiras (F1 e F6) e dois pescadores (M2 e M4). Em Bom Jesus dos Passos, além de **baiacu de espinho**, ocorreu ainda **baiacu bolsa**, mencionada por apenas um informante (M6).

Da área semântica *Mariscos*, foram selecionadas as seguintes formas lexicais:

CONCEITOS	LOCALIDADES	
	SIRIBINHA	BOM JESUS DOS PASSOS
Pernas grandes do caranguejo	Boca	Boca
	Bocona grande	Boca grande
	Pata	
	Puã	
	Mão	
Nadadeira do siri	Dedo mindinho	Unha
	Nadadeira	Nadadeira
	Patinha	Patinha de trás
	Dedo	Dedo
		Perninha

		Leme
Fêmea do caranguejo	Bacoa	Pata choca
	Carangueja (fêmea)	Carangueja (fêmea)
Fêmea do caranguejo/siri/gaiamum com ovas,	Tá de tufa	Pata choca
	Tá ovada	Tá ovada
		Tá desovano
		Tá de protona/ patrona
O marisco que tem uma das patas parecidas com algo cortante	Tesoura	Tesoura
	Gajé	
	Chama-maré	

QUADRO 8: designações para mariscos

Boca/boca grande

Para *as pernas grandes do caranguejo*, as respostas mais comuns em ambas foram **boca** e **boca grande**, tendo sido a primeira a mais frequente, utilizada pela quase totalidade dos informantes. Em Siribinha, foram registradas ainda as formas **pata**, mencionada por duas informantes (F3 e F4), **puã**, por dois (M1 e M3) e **mão**, por apenas um (M5).

Nadadeira

Para *nadadeira do siri*, as formas comuns entre as comunidades foram **nadadeira** e **dedo**. Em Siribinha, registraram-se ainda **dedo mindinho** e **patinha**, e em Bom Jesus dos Passos, **unha**, **leme**, **perninha** e **patinha de trás**.

Carangueja

Para *a fêmea do caranguejo*, a forma mais comum entre as comunidades foi **carangueja** (fêmea). Em Siribinha, registrou-se também **bacoa**, forma mais frequente, utilizada por duas marisqueiras e quatro pescadores. Em Bom Jesus dos Passos, além de carangueja (fêmea), **pata choca** foi mencionada por apenas um informante (M6).

Tá ovada

Para *a fêmea do caranguejo/siri/gaiamum quando está com ovas*, a forma comum entre as comunidades foi **tá ovada**. No entanto, em Siribinha, a forma mais recorrente foi **tá de tufa**, utilizada por quatro marisqueiras e três pescadores. Em Bom Jesus dos Passos, as mais frequentes foram **tá ovada**, e **tá de patrona/ potrona**, mencionada por dois informantes, cada. As demais registradas – **pata choca** e **tá desovano** – foram utilizadas por um informante, cada.

Tesoura

Para *o marisco que tem uma das patas parecidas com algo cortante*, a resposta comum nas comunidades foi **tesoura**. Em Siribinha, porém, esta forma lexical foi utilizada por apenas um informante (M3), que afirmou ser esta uma lexia utilizada somente por visitantes. A resposta mais frequente nesta comunidade foi **gajé**, utilizada por todos os entrevistados, tendo sido registrada também a forma **chama-maré**. Em Bom Jesus dos Passos não houve variação.

Na área semântica *A pesca*, subárea *Designações para Atividades* foram selecionadas as seguintes formas lexicais:

CONCEITOS	LOCALIDADES	
	SIRIBINHA	BOM JESUS DOS PASSOS
A mulher que trabalha com a pesca no rio ou no mar	Pescadeira	Pescadora
	Manguezeira	Mariscadeira
	Marisqueira	marisqueira
O homem que trabalha com a pesca no rio ou no mar	Pescador	Pescador
	Marisqueiro	Mariscador
	Caranguejeiro	
	Tirador de caranguejo	

QUADRO 9: a pesca – designações para as atividades

Marisqueira

Para *a mulher que trabalha com a pesca no rio ou no mar*, a forma mais frequente nas comunidades foi **marisqueira**, mencionada por todos os informantes de Siribinha, e quase todos os de Bom Jesus dos Passos. Em Siribinha foi utilizada **pescadeira** por duas mulheres (F4 e F6) e um homem (M4), e a forma **manguezeira**, por um informante (M5), para designar a mulher que trabalha no mangue. Em Bom Jesus dos Passos, registrou-se também **mariscadeira**, nos inquiridos de três homens e uma mulher, e **pescadora**, de apenas uma mulher (F6).

Pescador

Para *o homem que trabalha com a pesca no rio ou no mar*, a forma mais frequente em ambas foi **pescador**, utilizada por todos os informantes nas duas comunidades. Ocorreram ainda as formas **tirador de caranguejo**, **caranguejeiro** e **marisqueiro** para *o homem que trabalha com a pesca no mangue*, em Siribinha, e **mariscador**, em Bom Jesus dos Passos, sendo que tanto **marisqueiro** quanto **mariscador** foram mencionados por apenas um informante em cada comunidade.

Na área semântica *Pesca*, subárea *Instrumentos e Acessórios*, foram selecionadas as seguintes formas lexicais:

CONCEITOS	LOCALIDADES	
	SIRIBINHA	BOM JESUS DOS PASSOS
Lugar onde se coloca o pescado	Cofo	Cofo
	Samburá	
	Munzuá	
Armadilha de palha para peixes e mariscos	Covo	Caçuá
		Munzuá
		Jequi

QUADRO 10: a pesca – instrumentos e acessórios

Cofo

Para o lugar onde se coloca o pescado, a forma mais comum entre as comunidades foi **cofo**. Em Siribinha, esta foi a mais recorrente, utilizada como resposta por quase a totalidade dos informantes. Foram registradas ainda **samburá**, mencionada por dois pescadores (M3 e M4) e uma marisqueira (F6), e **munzuá**, por apenas um informante (M3). Em Bom Jesus dos Passos não foi registrada variação.

Covo/ munzuá

Para a armadilha feita com palha para pegar peixes e mariscos, não houve uma resposta comum entre as comunidades. Em Siribinha, a única forma utilizada foi **covo**, mencionada por todos, não apresentando variação. Já em Bom Jesus dos Passos, as respostas foram **caçuá** (F4), **munzuá** (M6 e F5) e **jequi** (M1 e M5).

Por fim, segue abaixo um quadro-síntese, a partir do recorte apresentado, que permite a visualização, em ordem alfabética, das lexias dicionarizadas e não-dicionarizadas – inclusive com acepções diferentes das utilizadas pelos informantes²¹:

LEXIAS REGISTRADAS		
DICIONARIZADAS	NÃO-DICIONARIZADAS	DICIONARIZADAS COM OUTRA ACEPÇÃO
(A)voador	Bacoa	Azeiteira
(Peixe) espada	Boa comida de peixe	Baciado
Baiacu bolsa	Cabeça de areia	bico
Baiacu (de) espinho	Cabeça de cascalho	Boa lama
Banco de areia	Cação cabeça-lisa	Boca

²¹ As formas descritivas ou fraseologias não foram incluídas no quadro síntese.

Baiacu espeto	Cação chapéu	boca grande
Cabeçudo	Cação de rodela	Bomba d'água
Cação	Catana	Camaleão
Cação martelo	Costelinha de vaca	Carregado
Caçonete	Engasga-gato	Cinturão
Canapum	Foguetinho	Combro
Canarinho	Gajé	Dedo
Carangueja	Manguezeiro (a)	Dedo mindinho
Caranguejeiro	Mariscadeira	Duna
Cardume	Marisqueira	Furacão
Chama-maré	Noite de escuro	Igoto (engodo)
Cofó	Peixe-cabra	Imbira
Coroa	Poitada de ramo	Leme
Covo	Suaieira	Mão
Curimã	Sulamba	Mareta
Dentão		Monte
Engodo		Neve
Guaiúba		Pata
Jequi		Pata choca
Lauê		Pescadeira
Manta		Poitada
Marisqueiro		Peixe branco
Mero		Peixe de pele
Munzuá		Rebanho
Nadadeira		Sereno
Neblina		Tombo
Onda		Unha
Oriocó/ariocó		Vermelha
Peixe de couro		
Peixe de escama		
Peixe-gato		
Pescador		
Pesqueiro		
Popa		
Proa		
Proeiro		
Puã		
Rabo-aberto		
Redemunho		
Samburá		
Tainha		
Tesoura		

Ubarana		
Viveiro		
Xaréu		

Quadro 11: síntese das lexias dicionarizadas e não-dicionarizadas

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos estudos anteriores, na revisão bibliográfica, na consulta a obras que abordam o tema e, principalmente, na pesquisa de campo em Siribinha e Bom Jesus dos Passos, podem-se tirar algumas conclusões sobre o léxico da pesca, seja sobre os aspectos geo-sociolinguísticos, seja pela identificação de peculiaridades não só na linguagem, mas também na vida e cultura dessas regiões.

No que se refere ao léxico da pesca em Siribinha, foram identificadas algumas particularidades na linguagem e na atividade desenvolvida. Muitos vocábulos, apesar de estarem dicionarizados, nem sempre apresentaram o mesmo sentido do utilizado pelos informantes, como **neve**, para neblina; **mariola**, para onda de rio, **verdete**, para borbulha, etc. Existem outros, utilizados pelos pescadores e marisqueiras, que não estão dicionarizados, como **gajé**, para o marisco que vive no mangue, também conhecido na comunidade como **chama-maré** e o **grauçá**, encontrado nos dicionários consultados com a denominação de maria-farinha; **mexicano**, para barcos de pesca que saem para alto mar.

Quanto ao léxico de Bom Jesus dos Passos, registrou-se **suaeira**, para o movimento da água do mar quando não há vento; **poitada**, para o lugar ideal para a pesca; **peixe de fundo**, para os tipos de peixes mais saudáveis; **foguettino**, para cação martelo; **engasga-gato**, para ubarana; **canarinho** e **dentão**, para vermelho rabo-aberto; **imbira** para peixe-espada, entre outros.

É importante ressaltar que as informações coletadas não correspondem à totalidade de formas utilizadas pela comunidade, já que se trata apenas de uma amostra dos dados das regiões.

É possível, sim, encontrar diferenças/semelhanças lexicais no confronto dos dados encontrados nas comunidades estudadas, comprovando, portanto, a variação linguística nas atividades pesqueiras realizadas no litoral baiano, como:

- **Pesqueiro**, em Siribinha, e **poitada**, em Bom Jesus dos Passos, para o local onde se realizou uma boa pescaria, onde foram encontrados muitos peixes;
- **Peixe de couro**, em Siribinha, e **peixe de pele**, em Bom Jesus dos Passos, para o tipo de peixe menos saudável;
- **Cação martelo**, em Siribinha, e **cação de rodela**, em Bom Jesus dos Passos;
- **Catana**, em Siribinha, e **sulamba**, em Bom Jesus dos Passos, para peixe-espada;

- **Gajé** e **chama-maré**, em Siribinha, e **tesoura**, em Bom Jesus dos Passos, para “o marisco que tem uma das patas parecidas com algo cortante”.

Há, inclusive, a possibilidade de se identificar uma linguagem profissional específica, utilizada não apenas pelos pescadores e marisqueiras, mas também pelos demais membros das comunidades, uma vez que a pesca artesanal é realizada, muitas vezes, no seio familiar. Eles demonstram vasto conhecimento sobre o universo da pesca e o compartilham com todos, por viverem no mesmo ambiente ecológico e, conseqüentemente, profissional.

Em diversos momentos, durante as entrevistas, muitos interferiram e até auxiliaram nas respostas, visto que os inquéritos foram realizados nas casas dos informantes ou na colônia de pescadores.

Muitas marisqueiras afirmaram pescar com seus companheiros, ou na companhia de irmãs, vizinhas, e até mesmo crianças, como se pode observar na fala da informante F2, de Siribinha:

Eu pesco com minhas irmã. Vai quatro, às veze cinco. Quem joga a tarrafa vai no bico, mas... muitas veze muda, viu? Porque... geralmente eu vou mais meu marido, eu vou na popa e depois eu venho pro bico (INF.F2-S).

A informante F4, de Siribinha, demonstra o conhecimento da pesca no mar, realizada pelos homens, apesar de mariscar apenas no rio e nas coroas do mangue.

Eles fala que bota uma peda e uma... uma bandeira, e bota a rede. Estira ela, e amarra nessa peda, e a peda enterra assim um poquinho, e segura a rede lá. (...) Vão, deixa de um dia pra outro, de manhã eles vão vija... aí vija. Quando é de tarde, eles vão vija de novo... pá vê se tem peixe. (...) Vai, num tem hora de maré não, pra eles ir. Agora, quando o mar tá brabo aí eles num vão. Deixa a rede lá. (...) Dois, três dias, lá (INF.F4-S).

O informante M2, de Siribinha, demonstra conhecer as técnicas de captura do aratu:

Pescaria de vara. De lata (o aratu). (...) só a pescaria de lata, mermo, com a varinha. Pega uma lata, uma varinha, pega uma linha na ponta da vara cum a isca no final, e aí sobe em cima do mangue, começa a batê na latinha, ... (tem que bater na lata? Por quê?) chamando eles. Eles gosta um pouco de zoadá. Quando eles vê o barulho, aí vem encostando, pra vê o que é. (...) a isca é um... pedacinho de peixe... uma tripa de peixe... é... aí ele morde a isca, a pessoa levanta, e coloca ele den' do vaso.

A partir da análise dos dados, comprova-se e explica-se a influência de fatores extralinguísticos na linguagem da pesca utilizada nas comunidades, tais como as diferenças de usos geracionais, que apontam, em muitos casos, para mudanças linguísticas, e de gênero, como se pode observar na comparação da atividade pesqueira desenvolvida por homens e mulheres.

Houve a possibilidade de identificação de algumas formas linguísticas mais inovadoras e mais conservadoras, a partir do registro da fala observado em tempo aparente, possível pela comparação entre as diferentes faixas etárias. Através do registro da fala dos pescadores, como da fala de qualquer indivíduo ou grupo de indivíduos, é possível perceber a modernização dos meios de produção, bem como o crescente movimento de unificação cultural. Termos que antes eram diversificadamente utilizados nas regiões, hoje foram substituídos por termos mais genéricos e abrangentes, que foram adquiridos com o uso da tecnologia, como **balde**, **sacola** e **saco**, utilizados para guardar o pescado, em vez do **cofo**, feito de palha, de cipó ou de quitanda; da linha de náilon (malha fina/ grossa), que substituiu o **ticum**, vegetal usado para tecer a rede, entre outros.

Outro aspecto relevante no estudo do léxico da pesca é a importância dada à atividade pelos mais velhos, já que os mais jovens a praticam geralmente para acompanhar os pais, ou quando não têm outra atividade, outra forma de renda, sendo algo temporário para eles. Os mais velhos admiram, respeitam, veem a atividade como algo importante, significativo, muito antigo e tradicional. Esses contrastes podem ser constatados na análise do léxico e das informações fornecidas pelos mais velhos em relação aos mais jovens. Os primeiros detêm um amplo conhecimento, inclusive de técnicas que já não são mais usadas. Os últimos muitas vezes desconhecem determinados termos e técnicas.

No confronto entre as comunidades foram identificadas particularidades e divergências. As semelhanças são muitas, visto que se trata do desenvolvimento por ambas de uma atividade comum, que utiliza muitas vezes uma linguagem própria. Quanto às diferenças, explicam-se pela forma como cada comunidade a desenvolve, além da influência da cultura e história de cada região.

Desse confronto, identificaram-se algumas dessas lexias em Siribinha, como **cama**, para o lugar onde os siris se escondem ou dormem; **caipora**, figura lendária que habita os rios e mangues, confundindo e enganando os pescadores e marisqueiras; **tá de tufa**, para o siri/caranguejo/gaiamum/aratu quando está com ovas; **covo**, para apetrecho de pesca usado para capturar peixes e mariscos; **boca da barra**, para o encontro do rio com o mar.

Em Bom Jesus dos Passos, as principais diferenças são observadas pelos usos das seguintes denominações: **catraia**, para a embarcação utilizada na pesca; **fachear**, técnica de pesca que consiste no uso de lanternas para a captura de peixes e mariscos, principalmente siri, em “noites de escuro”; **bicheiro**, para espécie de arpão, **lixero**, rede de pesca usada para peixes maiores; **groseira** linha composta de anzóis, geralmente usada para a pesca da arraia; e **puá**, para a fêmea do siri.

Foi possível constatar algumas características lexicais, tais como a identificação dos tipos de lexias, se simples ou compostas, os processos pelos quais podem ter passado o léxico – metonímico e/ou metafórico –, a constatação do emprego de formas lexicais derivadas com sentido novo, como por exemplo **redemunho**, **neblina** e **vazante**, e o emprego de formas existentes com o significado original ou com modificação de sentido, como, por exemplo, **bico**, para a frente do barco; **rebanho** e **manta** para o conjunto de peixes; **fogueteiro**, para espécie de cação; **braçola** e **pititinga**, ambas espécies de camarão; **gaiola**, para armadilha usada para a captura de peixes; **trouxa**, tipo de rede usada para pescar peixes maiores.

Das pesquisas nas comunidades de Siribinha e Bom Jesus dos Passos, destacam-se alguns exemplos de lexias simples e as respectivas lexias compostas por elas formadas. Da lexia simples **maré**, apontam-se as lexias compostas **maré de março**, **maré morta**, **maré seca**, **maré de escuro**, **maré alta**; para **mar**, **mar cavado**; para **cabeça**, **cabeça de areia** e **cabeça de cascalho**; da lexia **peixe**, têm-se **peixe de couro**, **peixe de pele**, **peixe de escama**, **peixe branco**, **peixe-gato**; entre outros.

Das lexias derivadas que apresentam um novo sentido registram-se **poitada** e **poitada de ramo**, derivadas de **poita**, com o sentido não apenas de demarcar o local onde se coloca a poita, mas um bom ponto de pesca onde se podem encontrar peixes, e **pesqueiro**, que, além de significar o lugar em que se pesca, pode também apresentar o sentido de lugar onde se reúnem peixes, em virtude do lanço de plantas aí jogadas.

Das lexias derivadas em que o lexema mantém o sentido original, destacam-se como exemplos **cabeceira do rio**; **siribeira**, derivada de **siriba**, que, segundo os informantes, é um tipo de mangue: “*É o mangue mermo que chama siriba. Que é diferente dos outros pé de mangue. A diferença é que ele é comprido...*” (INF.F5-S); **barqueiro**, derivado de **barco**, como aquele que trabalha com embarcação; **biqueiro**, derivado de **bico**, como aquele que fica no bico/frente do barco; **marisqueiro (a)**/ **mariscadeira**, derivados de **mariscar**, como aquele marisca; e **caranguejeiro**, derivado de **caranguejo**, aquele que trabalha com a pesca do caranguejo.

Embora se tenha conhecimento de que a relação entre significante e significado é aleatória, é possível identificar diversos tipos de motivação para as nomeações dos seres e objetos no universo. No que se refere à linguagem dos pescadores das comunidades pesquisadas, constata-se que a relação entre os signos é motivada frequentemente por processos metafóricos, em especial as diversas espécies de peixes e mariscos, cujos nomes estão geralmente associados a características físicas de outros animais ou partes deles,

comprovando a hipótese de Sapir-Whorf, pois é possível perceber claramente que linguagem, pensamento e cultura estão inevitável e profundamente ligados.

Alguns exemplos de nomes de peixes e mariscos e denominações a eles relacionadas em que isso se verifica, são:

- **Reimoso/ venenoso/carregado**, adjetivos atribuídos à qualidade do peixe;
- **Cação-martelo**, pela semelhança da cabeça do peixe com um martelo;
- **Agulha/ agulhinha/agulhão**, por esses apresentarem um bico semelhante a uma agulha;
- **Vermelho**, devido à cor da superfície corporal do desse peixe;
- **Rabo-aberto**, relacionada à forma da parte traseira do peixe, mais aberta que a de outros, até mesmo do vermelho;
- **Baiacu de espinho/ baiacu de espeto**, denominação atribuída à estrutura corporal desse peixe, que parece ser coberta de espinhos;
- **Baiacu-bolsa**, por causa do inchaço apresentado pelos baiacus em geral;
- **Tesoura**, também chamado de **chama-maré**, pela semelhança da pata desse marisco com uma ferramenta cortante, e pelo movimento de vai-e-vem que realiza com a pata.

Por conta das diferenças geológicas, geográficas e ambientais, houve dificuldade em confrontar os nomes das diversas espécies de mariscos e peixes, pois não se pode afirmar até que ponto essas diferenças interferem na denominação e caracterização dessas espécies, e, por esse motivo, as perguntas e as gravuras referentes a peixes, mariscos e petrechos de pesca nem sempre foram interpretados com clareza pelos informantes.

Uma dificuldade consistiu na análise nos dicionários, pois muitas entradas não apresentavam paralelismo, como a lexia **mero**, que em Ferreira (2004) é considerado sinônimo de **peixe-gato**, mas não há menção de **mero** no verbete **peixe-gato**.

Considerando-se o desenvolvimento teórico-metodológico mais recente das ciências do léxico, o presente estudo procurou trazer contribuições significativas para o conhecimento da realidade sociolinguística e cultural do falar baiano no que diz respeito à pesca.

Para a Sociolinguística, Dialetologia e Geolinguística, em particular, o registro das variantes lexicais de comunidades da pesca só tem a contribuir para que se evidenciem traços da diversidade linguística do Brasil. Assim sendo, a documentação e a descrição do léxico da pesca nas referidas comunidades permitirão não só a conservação, mas também, e conseqüentemente, o fornecimento de subsídios para o conhecimento do português do Brasil,

mais especificamente do litoral baiano, permitindo o resguardo da nossa identidade social, linguística e cultural.

Esta pesquisa, embora não tenha tido a finalidade de realizar um estudo de caráter (sócio)terminológico, oferece, através dos seus resultados, a possibilidade de elaboração de trabalhos futuros nesse campo.

Estudos que permitam a observação da realidade linguística brasileira são de grande relevância, porque permitem conhecer a língua e cultura das comunidades estudadas. Dessa forma, estudos de caráter dialetal e geo-sociolinguísticos, por envolverem conhecimentos culturais, sociais, históricos e econômicos, acabam por contribuir para o desenvolvimento de pesquisas não só na área da linguística, mas também da sociologia, antropologia, geografia e psicologia social, podendo constituir ainda fontes de pesquisa para posteriores estudos, como construção de glossários, atualização de dicionários, composição de atlas, entre outros.

REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA EM BYTES ONLINE. **Revista eletrônica:** sionismo. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/biblia/revista/edicao3/sionis.htm>>. Acesso em: Nov. 2010.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **Diversidade do Português do Brasil:** Estudos de Dialectologia rural e outros. 2. ed. Salvador: CED/UFBA, 1994.
- _____. **A Geolinguística no Brasil:** caminhos e perspectivas. Londrina: UEL, 1998.
- _____. **A Geolinguística no Brasil:** trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: UEL, 2005.
- _____. A Geolinguística no Brasil: estágio atual. **Revista da ABRALIN**, v.5, p. 215-238, dez. 2006. Disponível em: <http://www.abralin.org/revista/RV5N1_2/RV5N1_2_art10.pdf>. Acesso em jan. 2011.
- _____; FIGUEIREDO, Maria Beatriz. A composição de um questionário sobre o léxico do gado. Londrina. **Signum.** Estudos da linguagem n. 5, p. 9-50: UEL, 2002.
- ALMEIDA, Fabiana da Silva Campos. **Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro (Micro AFERJ):** uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2008. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/almeidaFSC.pdf>>. Acesso em: jan. 2011.
- AULETE, F. J. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa.** 5 ed. Rio de Janeiro: Delta, 1970. Disponível em: <<http://www.auletedigital.com.br>>.
- BAILLY, N. **Moharra rhombea (Cuvier, 1829).** In: Nicolas Bailly, 2010. FishBase. Accessed through: World Register of Marine Species at. Disponível em: <<http://www.marinespecies.org/aphia.php?p=taxdetails&id=319377> on 2010-12-01>. Acesso em jan. 2011.
- BESSA, José Roberto Fontenelli (coord.). **Atlas Linguístico do Estado do Ceará.** Vol. 1: Introdução; vol. 2: cartogramas. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará; Edições UFC, 2010.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística:** teoria lexical e linguística computacional. 2 Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

_____. As ciências do léxico. In: PIRES, Ana Maria Pinto; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2 Ed. Campo Grande, MS: UFMS, 2001b.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A Geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática. Série Princípios, 1991.

_____, Silvia Figueiredo. A história e as contribuições de um projeto na linha geolinguística. In: CUNHA, Cláudia de Souza (Org.). **Estudos Geo-Sociolinguísticos**. Rio de Janeiro: UFRJ/ Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2006, p.29-37.

CAMPOS, Rodrigo de Oliveira. **Análise quantitativa dos dados de captura e esforço de pesca das principais pescarias de pequena-escala praticadas na Baía de Todos os Santos e Baixo Sul do Estado da Bahia**, 2007. Disponível em: <http://www.pgengpesca.ufc.br/antigo/dissertacoes/2007_rodrigo%20de%20oliveira%20campos.pdf>. Acesso em: jan. 2011.

CAMPOY, Juan Manuel Hernandez; ALMEIDA, Manuel. **Metodologia de la investigacion sociolinguística**. Málaga: Comares, 2005.

CARDOSO, Suzana. A dialectologia no Brasil: perspectivas. **DELTA**, São Paulo, v. 15, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244501999000300010&lng=pt&nrm=iso>. 04 jun. 2007, número especial. Acesso em: 27 jan. 2011

_____. **O léxico rural**: glossário, comentários. Salvador: UFBA: 2000.

_____. Dialectologia: trilhas seguidas, caminhos a perseguir. **DELTA**, São Paulo, v. 17, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244502001000300003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: jun 2007, número especial. (27 jan. 2011)

_____. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. MOTA, Jacyra Andrade; (org.) **Documentos 2**: projeto atlas linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Petter. **La dialectología**. Trad. Carmen Morán Gonzalez. Madri: Visor Libros, 1994.

CLAUZET, M.; RAMIRES, M.; BARRELLA, W. **Pesca artesanal e conhecimento local de duas populações caiçaras (enseada do mar virado e barra do una) no litoral de Pão Paulo, Brasil**. 2005. Disponível em: <http://www.multiciencia.unicamp.br/artigos_04/rede_01_.pdf>. Acesso em jan. 2011.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. **Questionário ALiB**. Londrina: UEL, 2001.

COSERIU, E. **Principios de semántica estructural**. Madrid: Editorial Gredos, 1977.

COSTA NETO, Eraldo Medeiros. **A cultura pesqueira do Litoral Norte da Bahia: etnoictiologia, desenvolvimento e sustentabilidade**. Salvador: EDUFBA, Maceió: EDUFAL, 2001.

CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. **Atlas Linguístico do Amazonas**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras. Vol. I 159. p. mimeo. Vol. II: tomo 1: 110 p. mimeo; tomo 2: 260 mapas. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas, 2005.

CUBA, Marigilda Antônio; ISQUERDO, Aparecida Negri. Léxico e história social: um estudo da variante lexical neve no Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso. **Revista SIGNUM: Est. Ling.**, Londrina, v. 12, n. 1, p. 145-162, jul. 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/viewFile/4453/4599>>. Acesso em: fev. 2011.

DIAS, Cláudia Augusto. Terminologia: conceitos e aplicações. In: **Ciência da Informação**. Brasília, v. 29, n. 1, p. 90-92, jan./abr. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n1/v29n1a9>>. Acesso em: jan. 2011.

DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1978.

DULTRA, Thais. **A linguagem dos pescadores da comunidade de Siribinha: análise diatópica do léxico da pesca**. TCC (Graduação em Letras) União Metropolitana de Educação e Cultura, Lauro de Freitas, 2006, 121 f.

ELIA, Sílvio Edmundo. S.D. **As unidades lexemáticas**. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/anais/anais_003.html>. Acesso em jan. 2011.

FAULSTICH, Enilde. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 58, n. 2, jun. 2006. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em jan. 2011.

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. **Principios de sociolingüística y sociología del language**. Barcelona: editorial Ariel, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário eletrônico Aurélio** versão 5.0. Positivo Informática, 2004.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, Carlota; FREITAS, Judith; MOTA, Jacyra; ANDRADE, Nadja; CARDOSO, Suzana; ROLLEMBERG, Vera; ROSSI, Nelson. **Atlas Linguístico de Sergipe**. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

GRANDO, Raquel. O conhecimento etnoecológico de pescadores da Praia do Forte, Litoral Norte - Ba: um saber ameaçado. **Enciclopédia biosfera**, N. 02, ISSN1809-0583. Disponível em:
< <http://www.conhecer.org.br/enciclop/2006/O%20Conhecimento.pdf>>. Acesso em: jan. 2010.

GUY, Gregory R. Introdução à análise quantitativa da variação linguística. In: Guy, Gregory R; Zilles, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental e análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

HATJE, Vanessa; ANDRADE, Jailson B. de. **Baía de Todos os Santos: aspectos oceanográficos**. Salvador: EDUFBA, 2009.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Disponível em: <<http://www.houaiss.uol.com.br>>.

IBGE cidades. **Bahia**. Disponível em:<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?uf=ba>>. Acesso em junho 2009.

LABOV, Willian. **Principios del cambio lingüístico**. v. 2: factores sociales. Trad. Pedro Martín Butragueño. Madri: Gredos, 2006.

_____. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LAMB, Sydney M. Lexicologia e Semântica. In: HILL, Archibald Anderson (Org.) **Aspectos da Linguística moderna**. 2. ed. Tradução de Adair Pimentel Palácio et al. São Paulo: Cultrix, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974, p. 42-52.

LIMA, Luciana Gomes de. **Atlas Fonético do Entorno da Baía de Guanabara: AFeBG**.

Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras Vernáculas. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <www.lettras.ufrj.br/posverna/mestrado/LimaLG.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2007.

LYONS, John. **Lingua(gem) e linguística**: uma introdução. Trad. Marilda Winkler Averburg, Clarisse Sieckenius de Souza. [Reimp.] Rio de Janeiro: LTC, 2009.

MARQUES, Nilta Silva. **Denominações pesqueiras dos pescadores da praia de Buraquinho – Lauro de Freitas**. TCC (Graduação em Letras) União Metropolitana de Educação e Cultura, Lauro de Freitas, 2006, 53 f.

MARQUILHAS, Rita. (Org.) Variação lingüística: perspectiva dialetológica. In: FARIA, Isabel Hub et al. (Org.) **Introdução à Lingüística Geral e Portuguesa**. S.A. Lisboa: Caminho, 1996, p. 565-71.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **Caminhos da linguística histórica**: “ouvir o inaudível”. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATTOSO, J. Câmara Jr. **Dicionário de linguística e gramática**. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1879.

MORAIS SILVA, Antônio. **Grande dicionário da língua portuguesa**. Lisboa: Confluência, 1948.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. Tradição lexicográfica portuguesa: Bluteau, Morais e Viera. In: Ana Maria Pinto; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2 Ed. Campo Grande, MS: UFMS, 2001.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2004.

NOMURA, Hitoshi. **Dicionário dos peixes do Brasil**. Brasília: Editerra, 1984.

NOVOA, Kristal Veiga; MARTINEZ, Maria Vilasó; GONZÁLEZ, Manuel González (coord.) Dialectoxía e Xeografía Humana. In: R. Álvarez, F. Dubert, X. Souza (eds.): **Lingua e Território**. Santiago de Compostela: ILG/CCG, 2006, 309-555. ISBN 84-96530-20-5.

OLIVEIRA, João José dos Santos. **IBGE cidades**: histórico de Salvador, Bahia. Disponível em:<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/historicos_cidades/historico_conteudo.php?codmun=292740>.

Acesso em: jun 2010.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Manual de Semântica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PAGOTTO, Emilio Gozze. **Variação e (é) identidade**. Maceió: EDUFAL, 2004.

PAIVA, Maria da conceição. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

PEIXOTO, Lilian Marilac Cornélio de Freitas. **A fala do vaqueiro do sertão baiano: análise semântico-lexical**. Dissertação (mestrado) Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2007. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1485>. Acesso em: ago 2009.

QUINTELA, Ramon. **E-dicionário de termos literários: a semântica estrutural**, 2005. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/invest/edtl/verbetes/S/semantica_estrutural.htm>. Acesso em: jan. 2011.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de identidade em Linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? Tradução de A. Pisetta. In: Signorini, I. (Org.). **Língua(gem) e Identidade**. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 1998.

RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. 2. Ed. São Paulo: Loyola, 2005. Disponível em: <<http://books.google.com.br>>. Acesso em: jan. 2011.

ROSSI, Nelson; ISENSSE, Dinah; FERREIRA, Carlota. **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura; Instituto nacional do livro: 1963.
SILVA, Maria Emília Barcelos. Competência e perspectivas dos estudos de base lexical. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2 Ed. Campo Grande, MS: UFMS, 2001.

SILVA, Moisés Batista. Glossário dos termos da indústria do sal no Rio Grande do Norte. In: ARAGÃO, Maria do Socorro (org.). **Estudos em lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia**. Fortaleza: UFC/MÍDIA, 2009.

SOUZA JUNIOR, Jair Carmo. **Estudo do léxico dos pescadores da Baía de Camamu**. TCC (Graduação em Letras), Faculdades Jorge Amado, Salvador, 2005, 48 f.

TAMBA-MECZ, Irène. **A semântica**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. **Turismo e desenvolvimento na área de proteção ambiental Litoral Norte (BA)**. Salvador: SEI, 2009.

SZPILMAN, Marcelo. **Peixes marinhos do Brasil: guia prático de identificação**. Rio de Janeiro: Instituto ecológico AQUALUNG, MAUAD, 2000

VIDOS, Elemér Benedek. **Manual de linguística românica**. Trad. José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

VIEIRA, Silvia Rodrigues. **A Geolinguística no Brasil**. Caminhos e perspectivas. Londrina: UEL, 1998.

VITORINO, Gabriela. **Atlas Linguístico do Litoral Português (ALLP)**. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1987.

WEINREICH, Uriel; LABOV, Willian; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

ZANCHETT, Silvana aparecida da silva. **Trajetórias, vivências e cultura: os pescadores Profissionais e a constituição da colônia de Pesca Z-2 Rondon Pacheco, Coxim – MS (1967 a 2005)**. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Coxim, maio de 2007. Dissertação de mestrado. Disponível em: <
<http://www.cpcx.ufms.br/sites/historia/files/2010/01/Os-pescadores-profissionais-de-Coxim-MS-tcc-final.pdf>>. Acesso em: jan. 2010.

APÊNDICE A – Léxico da pesca: o questionário

I – FENÔMENOS GEOGRÁFICOS

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS

- 1 Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, na água que puxa para baixo. Como se chama isso?
- 2 Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como se chama isso?

ASPECTOS HIDROGRÁFICOS

- 3 ... o monte de terra que aparece no rio quando a maré está baixa?
- 4 ... o encontro do rio com o mar?
- 5 ... o lugar onde nasce o rio?
- 6 ... a água do rio quando está misturada com a água do mar, ou a água do mar misturada com água doce?
- 7 ... o movimento da água do rio? *Imitar o balanço das águas*

ASPECTOS COSTEIROS

A maré é sempre da mesma maneira?

- 8 Quando a maré está crescendo vocês chamam como?
- 9 E quando está ficando vazia (baixando)?
- 10 ... o céu quando está sem lua?
- 11 ... a maré quando o céu está sem lua (noite de escuro)?
- 12 Como fica a maré quando o céu está claro (noite de lua)?
- 13 ... o movimento da água mar? *Imitar o balanço das águas.*
- 14 ... o monte de terra que aparece no mar quando a maré está baixa?

VEGETAÇÃO

- 15 ... a vegetação próxima ao mar?
- 16 ... a vegetação próxima ao rio?

II – EMBARCAÇÕES E NAVEGAÇÃO

- 17 Quando se chega na praia, o que é que se faz com o barco? (Lugar aonde se guarda o barco)
- 18 ... a frente do barco?
- 19 ... o fundo do barco?
- 20 ... quem fica na frente do barco?
- 21 E quem fica no fundo do barco?
- 22 ... a embarcação de madeira que é movida por remo?
- 23 ... a embarcação movida a motor?

Há tamanhos diferentes de barcos?

- 24 Quem decide o lugar onde se vai pescar?
- 25 ... esse lugar?

O que é que se faz quando chega lá?

Como se sabe que tem peixe naquele lugar?

Como se faz pra pescar no mar?

Como se faz pra pescar no rio? Tem diferença?

III – PEIXES

ESTRUTURA/ GENERALIDADES

- 26 ... muitos peixes juntos?
- 27 ... bolhinhas de ar em cima da água, sinal de que há muitos peixes no fundo?
- 28 ... o que cobre a maioria dos peixes, como p. ex., a pescada, e que se tem de tirar?
- 29 Nesse caso, diz que tem que... (descamar)
- 30 ... o peixe que **não** tem escama?
- 31 há peixes, como p. ex. o cação, que não têm escamas, só tem...
- Nesse caso, o que é preciso fazer?**
- 32 se abre a barriga do peixe até onde? Nome que se dá àquele buraquinho que os peixes têm no fim da barriga, em baixo
- 33 ... quando se come peixe e se encontra na nossa boca uma coisa que fura?
- 34 ... aquela qualidade de peixe que é melhor para as pessoas que sofrem do estômago ou são doentes?

- 35 ...aquela qualidade de peixe que faz mal?
- 36 ... aquilo com que eles nadam e que se tem que cortar em volta? Lados? Cima?
- 37 ... aquilo com que eles nadam e que se tem que cortar atrás?
- 38 ... o que se tira de dentro da cabeça?
- 39 ...o que se tira de dentro da barriga?
- 40 ...aquilo que há nas fêmeas e nos mariscos, meio avermelhado, e que se come?
- 41 ... um peixe que já não está fresco?
- 42 ...um peixe que ficou vários dias no sol?

É costume salgar o peixe?

E antigamente?

Tem diferença de preparar o peixe salgado e o peixe fresco?

- 43 ...aquela água muito **salgada** que sai do peixe que salgou?

ESPÉCIES

- 44 (gravura 1) –CAÇÃO MARTELO
- 45 (gravura 2) – ARRAIA PINTADA
- 46 (gravura 3) – UBARANA
- 47 (gravura 4) – MOREIA
- 48 (gravura 5) – SARDINHA
(gravura 5.a) – SARDINHA
- 49 (gravura 6) – MANJUBA
- 50 (gravura 7) – BAGRE
- 51 (gravura 8) – VOADOR
- 52 (gravura 9) – AGULHA
- 53 (gravura 10) – ROBALO
(10.a) – ROBALO
- 54 (gravura 11) – MERO
- 55 (gravura 12) – BADEJO
- 56 (gravura 13) – XARÉU
(gravura 13.a) – XARÉU BRANCO
(gravura 13.b) – XARÉU PRETO
- 57 (gravura 14) – GUARICEMA
- 58 (gravura 15) – OLHO DE BOI

- 59 (gravura 16) – VERMELHO
(gravura 16.a) – RABO ABERTO
- 60 (gravura 17) –CARAPICUM
(gravura 17.a) – CARAPEBA
- 61 (gravura 18) – PESCADINHA
(gravura 18.a) – PESCADA AMARELA
(gravura 18.b) – PESCADA BRANCA
- 62 (gravura 19) – CORVINA
- 63 (gravura 20) – TAINHA
- 64 (gravura 21) – ESPADA
- 65 (gravura 22) – CAVALA
- 66 (gravura 23) – BAIACU
(gravura 23.a) –BAIACU-ESPINHO
- 67 (gravura 24) – CAÇÃO

IV – MARISCOS

- 68 ... como se chama esse marisco? (apresentar figura – camarão)
- 69 ... o camarão de água salgada?
- 70 ... o camarão de água doce?
- 71 ... o marisco que vive no mangue, dentro dos buracos? (apresentar figura - caranguejo)
... a pesca do caranguejo?
- 72 ... as pernas grandes desse marisco?
- 73 ... o marisco que se parece com o _____, só que é menor? (apresentar figura - aratu)
... a pesca do aratu?
- 74 ... o marisco que se parece com o _____ (caranguejo) e com o _____ (*aratu*),
mas vive no mato?
... a pesca do gaiamum?
- 75 E o marisco que se parece com o _____ (*caranguejo*) e vive tanto no rio como no
mar? (apresentar figura - siri)
... a pesca do siri?
- 76 Existe diferença entre a maneira de chamar o _____ (*siri*) do rio e o do mar? Qual?
- 77 Qual a diferença entre _____ (apresentar figura - *siri*) e o _____ (apresentar
figura - caranguejo)?

- 78 ... fêmea do _____ (*caranguejo*)?
- 79 ... fêmea do _____ (*caranguejo*) quando está com ovas?
- 80 ... o marisco que tem uma das patas parecidas com algo cortante? (apresentar figura – gajé/ chama-maré)
- 81 ... o marisco amarelado que anda na beira da praia e se parece com o _____ (*caranguejo*)?
- 82 Que outros mariscos que vivem no rio/ no mar você conhece?

V – A PESCA – DESIGNAÇÕES PARA AS ATIVIDADES

- 83 ... a mulher que trabalha com a pesca no mangue?
...a mulher que trabalha com a pesca no rio/ mar?
Há nessa região? o que ela pesca?
- 84 ... o homem que trabalha com a pesca no rio /mar?
... o homem que trabalha no mangue?

INSTRUMENTOS E ACESSÓRIOS

- 85 ... onde se coloca o pescado?
- 86 De que é feita a/o _____ (*sacola/ cofo*)?
Tem diferença entre a que coloca peixes da usada para colocar os mariscos? Se tiver, qual é? E antigamente, se guardava o pescado onde?
- 87 ... a pesca feita com rede?
- 88 Quais os tipos de rede que você conhece?
- 89 ... a armadilha feita com palha para pegar peixes e mariscos? (covo – mostrar figura)
- 90 ... a armadilha para peixes que tem vários paus enfileirados, colocados dentro da água, um atrás do outro? (curral – mostrar figura)
- 91 ... a armadilha feita com rede usada para cercar os peixes na maré alta, e quando a maré baixa os peixes ficam grudados nela? (camboa – mostrar figura)
- 92 ... os galhos ou ramos de planta que são lançados ao mar para atrair os peixes que vivem ali?
- 93 ... aquela rede grande, que precisa de cinco, seis homens pra levantar?/ maior rede de todas?

- 94 ... o instrumento de pesca que parece uma rede e é lançado ao mar pelo pescador para pegar peixes? (tarrafa – mostrar figura)
- 95 ... o instrumento pra pegar camarão?
- 96 ... o instrumento usado para pescar siri, feita com uma rede redonda e malha grossa? (mostrar figura)

VI – TEMA PARA DISCURSOS SEMIDIRIGIDOS

- a) Relate algum acontecimento importante na sua vida pessoal ou na comunidade;
- b) Descrever /explicar como se constrói a embarcação;
- c) Descreva algum evento ou acidente no mar;
- d) Há alguma coisa, algum tipo de invocação ou entidade que ajude a pescar?

APÊNDICE B – gravuras do questionário: peixes



Figura 1: cação martelo



Figura 2: arraia



Figura 3: ubarana



Figura 4: moreia

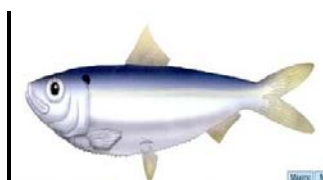


Figura 5: sardinha



Figura 5.a: sardinha



Figura 6: manjuba



Figura 7: bagre



Figura 8: voador



Figura 9: agulhinha



Figura 10: robalo



Figura 10.a: robalo



Figura 11: mero



Figura 12: badejo



Figura 13: xaréu



Figura 13.a: Xaréu branco



Figura 13.b: xaréu preto



Figura 14: guaricema



Figura 15: olho de boi



Figura 16: vermelho



Figura 16.a:
Vermelho rabo-aberto



Figura 17: carapicum



Figura 17.a: carapeba



Figura 18: pescadinha



Figura 18.a: Pescada amarela



Figura 18.b: pescada branca



Figura 19: corvina

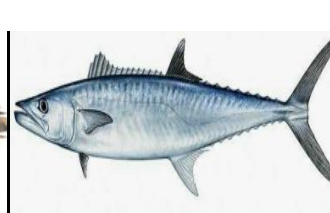


Figura 20: cavala

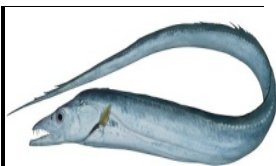


Figura 21: peixe-espada



Figura 22: tainha



Figura 23: baiacu



Figura 23.a: baiacu-espinho



Figura 24: Cação

Gravuras do questionário: mariscos



Figura a: aratu



Figura b: camarão



Figura c: caranguejo uçá

Figura e: caranguejo
gaiamum

Figura f: gajé



Figura g: grauçá



Figura d: siri (nadadeiras)

Gravuras do questionário: apetrechos de Pesca



Figura h: camboa



Figura i: curral



Figura j: jereré

Figura l: cofo



Figura m: tarrafa

APÊNDICE C – Fotos de Siribinha



Foto 1: Ponte de acesso ao rio Itapicuru



Foto 2: barco artesanal de pesca



Foto 3: vista do vilarejo



Foto 4: igreja católica



Foto 5: pescador e marisqueiras



Foto 6: informante segurando um cação

APÊNDICE C – Fotos de Bom Jesus dos Passos



Foto 7: vista da igreja



Foto 8: Ponte de chegada dos barcos de passageiros



Foto 9: pescador no mar



Foto 10: catraias atracadas



Foto 11: pescador tecendo a tarrafa



Foto 12: vista de uma das ruas da ilha

ANEXO – Modelo de ficha dos informantes